

**PREFEITURA
DE COLOMBO**

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO

**DIRETRIZ MUNICIPAL
DA EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO INFANTIL
E ENSINO FUNDAMENTAL I
DO BERÇÁRIO AO 5º ANO**

Colombo | 2012

Prefeito Municipal de Colombo

José Antonio Camargo

Secretário Municipal da Educação, Cultura e Esportes

Alcione Luiz Giaretton

Diretora do Departamento da Educação

Adenir Belo Rodrigues

Coordenação Geral

Silvana Gonçalves da Costa

Coordenação Geral dos Centros Municipais de Educação Infantil

Vânia Cristina Santos de Oliveira Spichela

Equipe Pedagógica da Educação Infantil

Ângela dos Anjos Reis Oliveira

Sueli Alves dos Santos Valkiu

Luciane Cabral de Godoy

Equipe Pedagógica do Ensino Fundamental

Adriana Mori da Silva

Edna Maria dos Santos de Oliveira

Marta Cavalli Cavassin

Percedes Fátima Matuella Trevisan

Valdinéia Pereira de Souza

**Coordenadora das Escolas Rurais Municipais
e da Modalidade da Educação de Jovens e Adultos – Fase I**

Angela Maria Chemin Cavalli

**Coordenadora do Projeto de Informática Educativa
e Língua Estrangeira Moderna - Inglês**

Joelma do Carmo Ceccon Araújo Silveira

Coordenadora dos Projetos Sócioeducativos

Luciane Dala Valle Correia de Freitas

Coordenadora do Projeto da Educação Ambiental

Dalva Simone Strapasson

Chefe da Divisão de Orientação Psicopedagógica

Eliziane Chemin

Equipe de Educação Especial

Cristiane Andreatta Ferrarini

Iza Helena Batistão Arcie

Jucelia Guimarães de Macedo Kinelski

Wildete Mariza Padilha Moura

“A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe.”

Jean Piaget

APRESENTAÇÃO

As propostas para a Educação no Município de Colombo decorrem da Diretriz Curricular, sistematizada para essa instância educativa.

Para que os objetivos deste documento sejam alcançados, é imprescindível que haja um compromisso coletivo para sua efetivação através do empenho e esforço de todos os envolvidos na sua construção e na continuidade de um trabalho que almeja o desenvolvimento biopsicossocial do ser humano.

Na perspectiva esboçada neste documento, pode-se ainda dizer que o cuidado pedagógico exige o desenvolvimento de atividades significativas, reorganização do espaço, do tempo e de responsabilidades entre os diferentes profissionais, e o conhecimento de diversas áreas.

Com estes fatores se poderá atender as demandas sejam elas de ordem física, social, intelectual, psicológica, afetiva ou de qualquer outra natureza.

Este documento foi revisado e unificado após pesquisas e reflexões realizadas no ano de 2011 pelos professores e educadores da rede municipal sob a orientação do departamento pedagógico e profissionais especializados conhecedores da educação pública.

Desenvolver as decisões elencadas neste documento traduzirá o engajamento ético dos profissionais da educação, participantes da construção e da busca de ideias inovadoras, criativas e coletivas, geradas a partir da dinâmica inerente ao trabalho pedagógico.

Cumprir, mais uma vez orientar escolas e CMEI's no sentido de assegurar o estudo e a revisão permanente desta Diretriz, possibilitando ao educador a reflexão sobre sua prática pedagógica e troca de experiências, assim como suscitando o pensar coletivo sobre estratégias viáveis para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Secretaria Municipal da Educação
Coordenação de Educação

INTRODUÇÃO

A educação no Brasil foi projetada para ser o alicerce de uma construção de base sólida e segura para o educando, visando um percurso pelo caminho do desenvolvimento de nossa sociedade, caracteriza-se, no mínimo, por uma série de ações desafiadoras e, como tal, é necessário acreditar e lutar.

Um dos grandes desafios dos profissionais da educação, na atualidade, é a transformação da prática pedagógica, em um espaço propício, para a reflexão permanente sobre a sua ação e para a construção de um conhecimento emancipador no interior da sala de aula.

Para que as instituições escolares possam enfrentar esses desafios, primeiramente precisam pensar o homem como aquele que procura entender e agir coerentemente com o seu tempo, na busca de uma nova sociedade que emerge das contradições da sociedade vigente. No entanto, para que isso aconteça, faz-se necessário que todos aqueles que estão envolvidos no processo educativo estejam engajados plenamente nas discussões que fundamentam essa nova prática social.

Com um dos focos em mente, que é a preocupação de definir como prioridade a educação, temos como meta elaborar um documento único, onde o maior investimento será a escolha correta da grade curricular e a formação e motivação dos profissionais que trabalham nesta área que arriscamos dizer, privilegiada.

Na atuação desses profissionais, devidamente capacitados e valorizados, tal compromisso almejado referente à responsabilidade na construção de um país desenvolvido e com inclusão social, começando com as crianças pequenas na educação infantil, os resultados serão, com certeza, ecoados positivamente como já e possível ouvir experiências e resultados significativos que estão contribuindo para que este sonho seja realizado.

A educação de nossas crianças é responsabilidade social, problema da sociedade como um todo e não apenas daqueles que utilizam a escola como patrimônio público, constitui-se em responsabilidade social, independente de sua forma jurídica de manutenção.

Foi esta necessidade, bem como a dedicação e o engajamento destes profissionais, que culminaram no presente Currículo – fruto de discussões e reflexões.

As reflexões aqui apresentadas tiveram como ponto de partida as realizações educacionais dos últimos anos e consideraram os desafios, as necessidades e as possibilidades existentes no âmbito escolar.

Os fundamentos teórico-metodológicos apresentados neste Currículo visam o cumprimento da função social da escola que deve valorizar não apenas a socialização da oferta de vagas para uma camada cada vez mais ampla da população, mas também priorizar um ensino de qualidade; este deve possibilitar, gradativamente, o desenvolvimento da autonomia intelectual do aluno, valorizando, assim, o saber historicamente produzido e acumulado pelos homens e o conhecimento da totalidade das relações, nas quais os homens se envolvem, tendo em vista a ampliação da consciência crítica para a análise da realidade social na qual se inserem professores e alunos.

De acordo com Saviani (2000):

“Uma pedagogia revolucionária centra-se, pois, na igualdade essencial entre os homens. Entende, porém, a igualdade em termos reais e não apenas formais. Busca, pois, converter-se em instrumento a serviço de uma sociedade igualitária. Para isso, a pedagogia revolucionária, longe de secundarizar os conhecimentos descuidando de sua transmissão, considera a difusão dos conteúdos vividos e atualizados uma das tarefas primordiais do processo educativo em geral, e da escola em particular.

Partindo dessas premissas, seguindo a orientação do Conselho Nacional de Educação (CNE), foram elaboradas, em 2008, as nossas próprias Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação Infantil e Ensino Fundamental I, sendo atualizadas e unificadas em 2011.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-FILOSÓFICOS

1.1 CONCEPÇÕES DE HOMEM, SOCIEDADE, ESCOLA, EDUCAÇÃO E ALUNO

Vive-se hoje em uma sociedade capitalista, diferenciada basicamente pelo poder aquisitivo e, em consequência, marcada pela desigualdade cultural e material.

Essas desigualdades geram diferentes e conflituosas relações, interesses e forma de participação nas atividades que caracterizam a realidade humana.

De acordo com Saviani, uma sociedade só se perpetua, enquanto sistema, ao garantir a reprodução das relações de produção, a exploração econômica e a dominação cultural.

Trabalhar com essa visão de mundo tem sido o papel da educação e da instituição de ensino. Portanto, é como a escola trabalha essa realidade que pode fazer dela mero aparelho ideológico do Estado, garantidor da ordem social capitalista ou uma instituição comprometida com a transformação social.

Segundo Saviani, na concepção histórico-crítica, a educação tem a finalidade de transformar as relações de produção (para que sejam igualitárias) e a considera com um caráter de mediação no seio da prática social global. Em consequência, a relação pedagógica tem na prática social o seu ponto de partida e de chegada, atuando como coadjuvante no movimento de transformação social, pois “a escola não muda o mundo, a escola muda as pessoas. Pessoas é que mudam o mundo” (Carlos Rodrigues Brandão).

O ensino de qualidade que a sociedade atual demanda, expressa-se aqui, como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira, que considere os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem. Cabe a educação assumir-se como espaço social de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania.

A Instituição Educacional, ao tomar para si o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscará eleger, como objeto de ensino, conteúdos que estejam em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são considerados essenciais para que os alunos possam exercer seus direitos e deveres.

O desenvolvimento de capacidades, como as de relação interpessoal, as cognitivas, as afetivas, as motoras, as éticas, as estéticas de inserção social, torna-se possível mediante processo de construção e reconstrução de conhecimentos.

Os conhecimentos que se transformam e se recriam na Educação ganham sentido quando são produtos de uma construção dinâmica que se produz na interação constante com o saber escolar e os demais saberes, entre o que o educando aprende na Instituição e o que ele traz para ela, em um processo contínuo e permanente de aquisição, no qual interferem fatores políticos, sociais, culturais e psicológicos.

Quanto ao trabalho, Philippe Perrenoud resume as condições do educador deste início de século “como aquele que decide na certeza e age na urgência”. Sugere dez novas competências para ensinar, formuladas a partir do guia referencial de Genebra, em 1996. São elas:

- Organizar e dirigir situações de aprendizagem;
- Administrar a progressão das aprendizagens;

- Conceber e fazer envolver os dispositivos de diferenciação (administrar a heterogeneidade no interior das turmas);
- Envolver os alunos em sua aprendizagem e em seu trabalho;
- Trabalhar em equipe;
- Participar da administração da Instituição;
- Informar e envolver os pais;
- Utilizar novas metodologias;
- Enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão (prevenir a violência dentro e fora da escola, lutar contra preconceitos, participar da criação de regras, desenvolver senso de responsabilidade e justiça);
- Administrar sua própria formação contínua.

O autor sugere que, de início, o educador precisa conhecer os conteúdos a serem ensinados e sua tradução em objetos de aprendizagem, explorar o interesse das crianças, favorecendo a apropriação ativa dos conhecimentos. Portanto, necessita compreender os conceitos e questões que estruturam saberes no interior de uma disciplina. O acréscimo, proposto por Perrenoud, é que essa tarefa exige que o educador se coloque no lugar do educando e procure evitar uma simples transferência de um conhecimento, em situações fora de contexto, o que exige que ele crie situações-problemas na sala de aula, onde o obstáculo gera uma aprendizagem inédita.

Perrenoud recomenda que o educador saiba administrar a adversidade de aprendizagens. Apoia-se, neste caso, na concepção de mecanismos psicológicos e formas de agir nesse mundo. O aprendizado é considerado como aspecto necessário e fundamental no processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Assim, o desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que este realiza num determinado grupo cultural a partir da interação com outros indivíduos.

As primeiras aprendizagens estão relacionadas aos aspectos afetivos, pois nesta interação o sujeito começa a criar vínculos com a mãe, a seguir, com as pessoas, com o mundo e com a cultura. Este esquema evolutivo de aprendizagem não é linear, desenvolve-se em forma de espiral.

Todas as pessoas continuam, na vida, estabelecendo vínculos, revendo valores, aprendendo assystematicamente em vários âmbitos: familiar, escolar, religioso e outros, e também, sistematicamente, ao encaminhar-se para as instituições educacionais.

Mediar a ação de aprender no âmbito escolar é a grande tarefa do educador. Segundo Vygotsky, a evolução intelectual é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de conhecimento para outro. A fim de explicar este processo, desenvolveu o conceito de “zona de desenvolvimento proximal”, que definiu como a “distância entre o nível de desenvolvimento real”, ou seja, o que a criança é capaz de fazer sozinha, por já ter um conhecimento consolidado e a “zona de desenvolvimento potencial”, que é determinada por aquilo que a criança ainda não domina, mas é capaz de realizar, com o auxílio de alguém mais experiente.

Sendo assim, a zona de desenvolvimento proximal é de extrema importância para o plano educacional, visto que, o educador é quem deverá atuar como mediador para ajudar a criança a concretizar um desenvolvimento que ela ainda não aprendeu sozinha.

Em síntese, a Educação, para exercer sua real função, precisa considerar as expectativas e as necessidades dos educandos, dos pais, dos membros da comunidade, dos educadores, enfim, dos envolvidos diretamente no processo educativo. É neste universo que o educando vivencia situações diversificadas que favorecem o aprendizado para dialogar de maneira competente, aprender a respeitar e ser respeitado a ouvir e a ser ouvido, a reivindicar

seus direitos e cumprir obrigações, a participar ativamente da vida científica, cultural, social, e política do município.

Desta forma, a atuação dos profissionais da Educação é abraçar com seriedade e responsabilidade a opção profissional que fizeram.

1.2 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA

As concepções constituem a base para o fazer cotidiano na Educação Infantil. Desse modo, não se mantêm estanques, fechadas em si. Há um dinamismo nessa fundamentação que decorre das próprias experiências práticas, assim como dos avanços do conhecimento científico.

Não há uma concepção única de infância. Há sim uma diversidade de concepções que influenciam a forma como cada sociedade, comunidade ou grupo se relaciona com as crianças, o que torna importante a busca de maior compreensão dessas concepções.

Alguns entendem a infância como a condição natural, biológica, que caracteriza as crianças como distintas dos adultos, mas as veem como iguais entre si. Percebem unidade no jeito de ser e de agir de qualquer criança, independente do tempo histórico, da localidade e das condições sociais e econômicas em que vive. Outros veem a infância como uma construção social e histórica, estando as crianças sujeitas às influências das tradições e costumes do seu grupo social, de seu pertencimento étnico, religioso e de gênero, e das condições sócio-econômicas nas quais estão inseridas. Para estes, existem diversas maneiras de ser criança, as quais dependem de suas condições concretas de existência.

Atualmente, as leis vigentes no Brasil reforçam a concepção de criança como um ser atuante e de direitos, tais como: a Constituição Brasileira, artigo 205, e a LDB, artigo 2º. Hoje, portanto, a compreensão que se tem da criança é a de um ser histórico e culturalmente contextualizado cuja diversidade, seja biológica, cultural ou cognitiva, precisa ser considerada e respeitada - um sujeito com identidade própria, em processo de desenvolvimento em todas as dimensões humanas: afetiva, social, cognitiva, psicológica, motora, lúdica ou expressiva. Ou, seja, conforme Arroyo (1994), compreender que cada idade tem a própria identidade e, para isso, exige-se uma educação específica para esse período, e não um preparo para a outra idade. Uma concepção de infância, assim assumida, requer pensar nessa criança, considerando o seu desenvolvimento integral.

Nessa visão vygotskiana, quando nasce, a criança entra imediatamente em contato com um mundo repleto de representações simbólicas. Para que possa internalizar os conteúdos sociais produzidos pela humanidade, a criança depende da mediação do adulto, da interação com o outro e da realização de experiências significativas. Nesse processo, as atividades são compartilhadas, internalizadas e ressignificadas.

Com o domínio da linguagem, a criança passa a interagir mais ativamente com aqueles que a cercam. Por meio da linguagem, as aprendizagens mais significativas acontecem, pois ocorre a associação entre o pensamento e a linguagem, essencial às atividades especificamente humanas.

A percepção e a apreensão desses significados passam a constituir a consciência que se modifica à medida que novos significados são internalizados, em novas interações. Assim, o desenvolvimento da capacidade de pensar se dá no plano externo para o interno. Conforme Vygotsky (1998, p.75):

“Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapsicológica). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos.”

No plano externo, pelo contato da criança com outro indivíduo mais experiente, os significados são partilhados por meio das mediações simbólicas (fala, gestos, desenhos). No plano interno, as informações recebidas são internalizadas e transformadas de acordo com as informações que a criança já possui e com seu contexto interativo, ou seja, com as experiências já realizadas no meio social e as estratégias usadas pelo outro: alguém experiente para interferir nesse processo de aprendizagem. Assim, pode-se concluir que a criança aprende na relação socialização-individualização.

Para que essa aprendizagem ocorra de forma satisfatória, seu tempo precisa ser respeitado: “o tempo necessário para que a criança possa realizar uma atividade ‘por inteiro’, considerando inclusive as idas e vindas, como repetir uma, duas, três vezes o mesmo movimento até conseguir o que pretende”, (LIMA, 2001, p. 15). E por outro lado, há de se considerar também o espaço que é disponibilizado.

O brincar, em especial, constitui uma rica possibilidade de expressão infantil, revelando os modos de a criança fazer-se presente no mundo, marcando sua identidade e participação na cultura.

Brincar e aprender não são atividades antagônicas, ao contrário, para as crianças não existe separação ou descontinuidade entre ambas. Brincar e aprender são processos recíprocos, que se complementam. Apesar disso, a criança não se preocupa (e nem deveria) com o que aprendeu ao realizar determinada brincadeira, tampouco a faz por obrigação. Para ela, participar de uma brincadeira é uma ação voluntária que envolvem o querer brincar.

O brincar infantil é um processo de atividade intelectual que precede o conhecimento da realidade pela criança. É um meio para conhecer o que a rodeia, uma forma de comprovar, atribuindo de modo efetivo, significado aos conhecimentos adquiridos.

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina, etc., possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil, apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças.

1.3 CONCEPÇÕES DO CUIDAR E DO EDUCAR

Ao longo do processo do ser humano, percebeu-se que o cuidar das crianças é variável, dependendo da cultura e das relações com a sociedade. Nesse sentido, não é possível dissociar o educar do cuidar, pois o desenvolvimento depende de aprendizagens realizadas através das interações estabelecidas com o outro, as quais, ao mesmo tempo, influenciam e potencializam o desenvolvimento individual e a construção de um ser cultural.

O ato de cuidar relaciona-se ao desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança. “Enquanto todo sou eu com minhas singularidades, características, tamanho, cheiro, com meus olhos ou sem meus olhos, com minha inteligência desenvolvida ou não, com minhas

pernas ou sem minhas pernas. Sou eu naquilo que eu sou, na minha identidade, enquanto todo. Ao mesmo tempo eu sou sempre parte. Autonomia nesse sentido é ser responsável como parte e como todo. Ao mesmo tempo, eu sou sempre parte. Autonomia nesse sentido é ser responsável como parte e como todo numa relação”, (Lino de Macedo). Fundamentos para uma educação inclusiva não publicados.

Assim, educar e cuidar são ações que devem ser planejadas, sistematizadas, organizadas em gestos, compartilhadas entre crianças, educadores e pais. Cada um deles portadores de diferentes culturas, portanto, com diferentes concepções do que seja o ato de cuidar e educar. Por isso, é necessário que haja constante diálogo entre as diferentes culturas que circulam no interior dos CMEIs e ESCOLAS para que o cuidar/educar seja processo complementar e indissociável, que tenha como um dos objetivos a autonomia física, intelectual e emocional dos educandos. Conceber uma instituição escolar é pensar em um espaço educativo com ambientes acolhedores, alegres, seguros, investigativos, com profissionais bem qualificados, organizando e oferecendo experiências desafiadoras.

Num sentido mais amplo, cuidar e educar envolvem a preocupação com a organização e o processo de apropriação do tempo e espaço com a escolha e utilização dos materiais e o trabalho com as famílias.

Os projetos pedagógicos devem assegurar as crianças espaços de brincadeiras, curiosidade, lúdico, acolhimento, construção da identidade, interações de crianças maiores com os menores, das crianças com os adultos e com a família.

Portanto, pensar em uma Proposta Curricular que leve em conta a importância e a especificidade da Educação obriga criar um espaço educacional que deve:

- Criar uma atmosfera de alegria e entusiasmo;
- Criar situações de mediação entre as crianças, as suas emoções e seu ambiente;
- Oferecer uma base sólida de afeto;
- Organizar coletivamente o espaço e o tempo;
- Dialogar com a família e sua realidade;
- Avaliar regularmente o Projeto Pedagógico;
- Investir na formação continuada dos profissionais que atuam com as crianças;
- Definir a inclusão como um projeto para incorporar a diversidade como um eixo

cultural.

Considerando todos esses objetivos, que mostram o educar e o cuidar como norteadores da educação, compreendendo que educar significa zelo, angelitude, atenção, bom trato e que a atitude de cuidado provoca preocupação, inquietação e sentido de responsabilidade, se passa a vivenciar uma prática pedagógica onde estas ações sejam efetivas, independentemente dos níveis e seguimentos educacionais.

1.4 SOBRE O APRENDIZ E A APRENDIZAGEM

“Se o mestre for verdadeiramente sábio, não convidará o aluno a entrar na mansão de seu saber, e sim, estimulará o aluno a encontrar o limiar da própria mente”.

(Khalil Gibran)

Aprendizagem é o processo pelo qual as competências são adquiridas ou modificadas, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação. Este processo pode ser analisado a partir de diferentes perspectivas, de forma que há diferentes teorias de aprendizagem. Aprendizagem é uma das funções mentais mais importantes em humanos, animais e sistemas artificiais.

O aprendiz, sujeito pluridimensional (dimensão racional, afetiva, relacional e interpessoal), aprende a estabelecer relações com os objetos de aprendizagem que se caracterizam por outras pessoas, natureza, construções humanas, concepções, normas de convivência, conhecimentos sistematizados historicamente, fatos e fenômenos, ou, como diz SILVA (1998), tudo aquilo que não é o sujeito na relação cognitiva, porém atuante nesta relação.

A aprendizagem humana está relacionada à educação e ao desenvolvimento pessoal. Deve ser devidamente orientada e é favorecida quando o indivíduo está motivado.

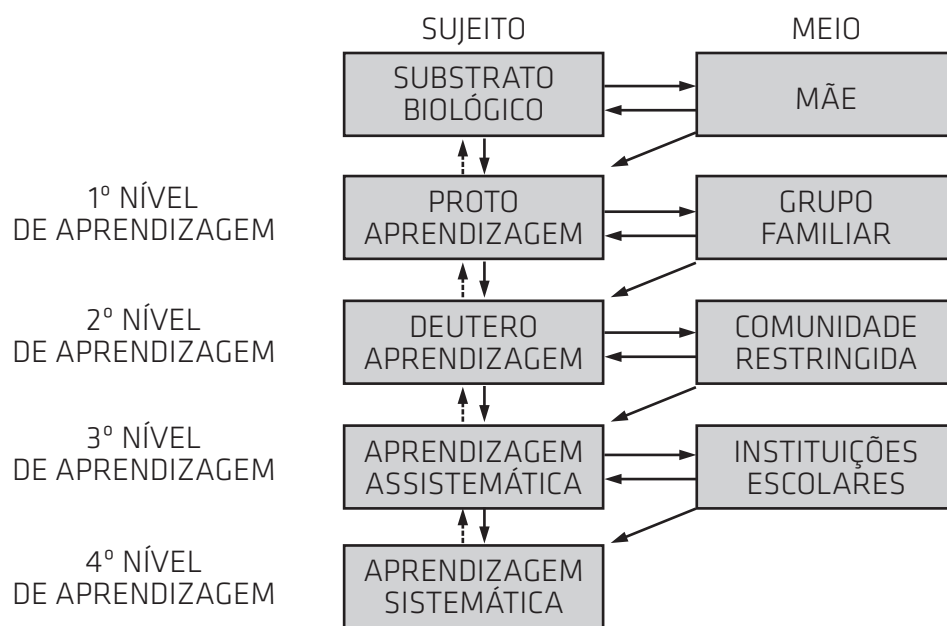
Como já se sabe, a aprendizagem não é linear; desenvolve-se, segundo VISCA (1991), em forma de espiral. Aprendemos por toda a vida em um esquema evolutivo.

Este esquema implica em quatro níveis a protoaprendizagem, a deuteroprendizagem, a aprendizagem assistemática e a aprendizagem sistemática. A protoaprendizagem resulta das interações do substrato biológico com a mãe, a qual, nesta etapa, é o objeto por excelência e, ao mesmo tempo mediatizadora das características da cultura e das famílias histórica e atuais, em função de sua personalidade. Neste momento, enquanto se constitui a primeira matriz de aprendizagem que condicionará os níveis posteriores, o grau de sensibilidade da criança para vincular-se com o mundo externo. Opera como uma placenta que delimita o campo, predominantemente, a ela e sua mãe, pelo qual dois processos complementários, um intrapsíquico e outro interpssíquico que se dão ao longo de toda a vida assumem especial importância.

O segundo nível de aprendizagem estriba-se na apreensão da cosmovisão do grupo familiar, o que se produz em função do interjogo do nível precedente e a família. Como no nível anterior, existem processos intrapsíquicos e interpssíquicos, mas a diferença substancial reside no que a criança toma como principal objeto de interação: os membros do grupo familiar e as relações dos mesmos entre si e com os objetos animados e inanimados, as quais se cumprem em função de uma escala de valores. A frequência, a intensidade e a alternância de tais interações coadjuvam no conteúdo da pauta de reação vincular construída durante protoaprendizagem, dando lugar a que esta constitua um nível que condicionem a percepção de mundo.

O terceiro nível, da aprendizagem assistemática, é produto das interações entre o sujeito e a comunidade restringida. Nesta etapa, o objeto é a sociedade restringida vertical e horizontalmente pelo nível de sensibilidade, o qual é maior do que na etapa precedente e menor do que na seguinte.

O quarto nível, da aprendizagem sistemática, resultante da interação com os objetos e situações que a sociedade veicula por intermédio das instituições educativas.



Pensando neste esquema evolutivo da aprendizagem, o professor desempenha um papel fundamental de pesquisador, mediador, orientador, estimulador de todos os processos que levam os alunos a construir seus conceitos, valores e atitudes, desempenhando uma influência verdadeiramente construtiva.

2 PRESSUPOSTO METODOLÓGICO E AVALIAÇÃO

É importante entender que a ação docente só tem valor se é capaz de auxiliar “o aluno a aprender a conhecer, a aprender a fazer, a compreender o outro e aprender a ter autonomia” (RICCI, 2002). Por isso, a atuação do professor em sala de aula deve levar em consideração fatores sociais, culturais e a história educativa do aluno, como também características pessoais de déficit sensorial, motor ou psíquico, ou de superdotação intelectual, pois aprender é uma tarefa complexa na qual se convive o tempo inteiro com o que ainda não é conhecido.

Cada aluno é sujeito do seu processo de aprendizagem, enquanto o professor é o mediador na interação dos alunos com os objetos do conhecimento. O processo de aprendizagem compreende também a interação dos alunos entre si, essencial à socialização. Neste contexto, a intervenção do professor precisa garantir que o aluno conheça o objetivo da atividade, se situe em relação às tarefas, reconheça os problemas que a situação apresenta e seja capaz de resolvê-los. É necessário que o professor proponha situações didáticas com objetivos e determinações claros para que os alunos possam tomar decisões pensadas sobre o encaminhamento de seu trabalho, além de selecionar e tratar, ajustadamente, os conteúdos.

Intervenções na criação de situações de aprendizagem também são fundamentais, pois o trabalho educacional precisa favorecer que os alunos aprendam a respeitar diferenças, a estabelecer vínculos de confiança e uma prática cooperativa e solidária.

No início da escolaridade, a intervenção do professor é mais intensa na definição de suportes materiais, intelectuais e emocionais como tempo e forma de realização das atividades, organização dos grupos, materiais a serem utilizados, resolução de conflitos, cuidados físicos e estabelecimentos de etapas para a realização das atividades. É preciso, também, considerar tanto o trabalho individual dos discentes, como o coletivo-cooperativo, pois envolve as exigências feitas pelos alunos para se responsabilizarem por suas ações, por suas ideias, por suas tarefas, pela organização pessoal e coletiva, bem como valorizarem a interação como instrumento de desenvolvimento pessoal.

São essenciais situações em que os discentes possam aprender a dialogar, a ouvir o outro e auxiliá-lo, a pedir ajuda, aproveitar críticas, explicar um ponto de vista e coordenar ações para obter sucesso em uma tarefa conjunta. Essa aprendizagem exige ousadia para se colocar problemas, buscar soluções e experimentar novos caminhos, de maneira totalmente diferente da aprendizagem mecânica e repetitiva na qual o aluno limita seu esforço apenas em memorizar ou estabelecer relações diretas e superficiais, e por meio de operações mentais que promovem significância e com as quais a criança estabelece relações, formando o conceito necessário à aprendizagem.

Dessa forma, é essencial que, no processo de construção dos conceitos pela criança, os erros sejam considerados como degraus para futuros acertos. Tais erros, na verdade, estão indicando o que ela está pensando e é nisso que o professor precisa se deter: no pensar do aluno, a fim de compreendê-lo e, assim, poder desafiá-lo a encontrar outras respostas. Como afirma Kamii: “se as crianças cometem erros é porque, geralmente, estão usando sua inteligência a seu modo. Considerando que o erro é um reflexo do pensamento da criança, a tarefa do professor não é a de corrigir mas de descobrir como foi que a criança fez o erro” (1991, p.64).

Mais uma vez surge a necessidade do professor repensar seu papel e sua

responsabilidade na aprendizagem do aluno. É função do professor fazer as intervenções necessárias, a partir da zona de desenvolvimento proximal do aluno, no sentido de promover sua “passagem” da condição atual para uma condição desejada.

“Pessoas brilhantes se tornam brilhantes, não por conhecer todas as respostas, mas por saber pensar melhor e eliminar os erros ao escolher as respostas.”

(Eric Jensen)

Assim sendo, o trabalho educativo deve perceber que não há aprendizagem sem erro. Por isso, o erro não deve ser abordado como uma atitude condenatória, mas como um importante elemento, também, mediador da aprendizagem. O professor deve buscar nos conhecimentos que o aluno já possui, em seus sistemas de significações, o que determina o erro, indagando sobre o caminho percorrido para o resultado obtido, possibilitando ao aluno tomar conhecimento de seu erro e permitindo a reconstrução de seu pensamento.

Nesta perspectiva, o método de ensino-aprendizagem favorece que o ponto de partida seja a prática social por ser comum a professores e alunos, possibilitando a problematização, onde se detecta quais são as questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social, oferecendo a instrumentalização que envolve a apropriação dos elementos teóricos e práticos necessários para a resolução dos problemas detectados na prática social e, enfim, o efetivo entendimento desta prática social na qual se espera que os discentes passem a compreender as suas contradições e possam modificá-la, entendendo a teoria como síntese do conhecimento historicamente produzido. De acordo com SAVIANI (1985, p. 73-76), se trata de enfatizar que:

A prática social (...) no ponto de partida (...) e no ponto de chegada (...) da prática pedagógica é e não é a mesma. É a mesma, uma vez que é, ela própria, (...) que constitui ao mesmo tempo o suporte e o contexto, o pressuposto e o alvo, o fundamento e a finalidade da prática pedagógica. E não é a mesma, se considerarmos que o modo de nos situarmos em seu interior se alterou qualitativamente pela mediação da ação pedagógica; e já que somos, (...) agentes sociais, [enquanto] elementos objetivamente constitutivos da prática social, é lícito concluir que a própria prática se alterou qualitativamente.

Pensando nesta prática social, que é o ponto de partida e de chegada no método ensino-aprendizagem, é necessário salientar que todas as atividades relacionadas à vida humana passam, naturalmente, por processos avaliativos. A avaliação nos fornece dados para refletirmos sobre o modo como podemos melhorar nossas ações, seja na atuação, no comportamento, ou na qualidade ou performance do que produzimos. A avaliação é necessária e indispensável para se conhecer as pessoas e os processos nos quais estão inseridos.

Avaliar é acompanhar o processo de construção do conhecimento do aluno, ou seja, contribuindo para o aprimoramento de seu saber. Não adianta trabalhar com novas metodologias enquanto o professor não acreditar que o processo avaliativo é algo permanente. E esta ação e reflexão contínua é que está a serviço do aluno e não contra ele.

(Jussara Hoffmann)

Avaliar é ver, julgar e agir, num ciclo contínuo, ou seja, não existe avaliação sem ação planejada.

(Luckesi)

A avaliação deve ser compreendida como elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino, como um conjunto de ações cujo objetivo é o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para que o aluno aprenda da melhor forma. É o conjunto de ações que busca obter informações sobre o que foi aprendido e como foi aprendido. É um elemento de reflexão contínua para o professor sobre sua prática educativa, um instrumento que possibilita ao aluno tomar consciência de seus avanços, suas dificuldades e suas possibilidades. A avaliação é a ação que ocorre durante todo o processo de ensino-aprendizagem, e não apenas em momentos específicos, caracterizados como fechamento de grandes etapas de trabalho.

Avaliar a aprendizagem é, também, avaliar o ensino oferecido, pois se não houver a aprendizagem esperada, o ensino não cumpriu sua finalidade: a de fazer aprender. A escola assume compromisso com o sucesso do aluno a partir do momento em que aceita sua matrícula. Mas os fatores determinantes do fracasso ou do sucesso na alfabetização podem ter origem no contexto escolar, familiar e social. Daí o porquê a atuação da escola não poder ficar confinada às salas de aulas. E para que a escola cumpra seu papel efetivamente, se faz necessário o envolvimento do professor regente, do professor recuperador, do professor de áreas, do coordenador e do diretor. É importante que todos se sintam responsáveis pelo aprendizado do aluno.

A avaliação acontece, sistematicamente, nas atividades realizadas durante o processo ensino-aprendizagem, portanto, é preciso que cada momento de avaliação seja definido claramente para que se possa alcançar o máximo de objetividade possível.

Neste contexto, é fundamental a utilização de diferentes códigos para avaliar como o verbal (linguagem formal), o oral (linguagem espontânea), o escrito, o numérico e o pictórico, de forma a se considerar as diferentes aptidões dos alunos. Sendo assim, devemos considerar que o professor pode realizar a avaliação por meio de:

- Observação sistemática: acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos, utilizando alguns instrumentos como registro em tabelas, listas de controle, diário de classe entre outros;
- Análise das produções dos alunos: considerar a variedade de produções realizadas pelos alunos, para que se possa ter um quadro real das aprendizagens conquistadas;
- Atividades específicas para a avaliação: nestas, os alunos devem ter objetividade ao expor sobre um tema ou ao responder um questionário;
- A autoavaliação: situação de aprendizagem em que o aluno desenvolve estratégias de análise e interpretação de suas produções e dos diferentes procedimentos para avaliar.

Quanto mais os alunos tiverem clareza dos conteúdos e do grau de expectativa da aprendizagem que se espera, mais terão condições de desenvolver com a ajuda do professor, estratégias pessoais e recursos para vencer dificuldades.

Diferentemente do que muitos professores vivenciaram como estudantes ou em seu processo de formação docente, é preciso que, em suas práticas de ensino, elaborem diferentes estratégias e oportunidades de aprendizagem e avaliem se estão sendo adequadas. Assim, não apenas o estudante é avaliado, mas o trabalho do professor e a escola. É necessário avaliar:

- Se o estudante está engajado no processo educativo e, em caso negativo, quais são os motivos para o não-engajamento;
- Se o estudante está realizando as tarefas propostas e, em caso negativo, quais são os motivos para a não-realização;
- Se o (a) professor (a) está adotando boas estratégias didáticas e, em caso negativo, quais são os motivos para a não-adoção;
- Se o (a) professor (a) utiliza recursos didáticos adequados e, em caso negativo, quais são os motivos para a não-utilização;
- Se ele (a) mantém boa relação ou não com os meninos e meninas e os motivos para a manutenção dessas relações de aprendizagem;
- Se a escola dispõe espaço adequado, se administra apropriadamente os conflitos e, em caso negativo, quais são os motivos para a sua não-administração;
- Se a família garante a frequência escolar da criança ou do jovem, se os incentiva a participar das atividades escolares e, em caso negativo, quais são os motivos para o não-incentivo;
- Se a escola garante aos estudantes e a suas famílias o direito de se informar e discutir sobre as metas de cada etapa de estudos, sobre os avanços e dificuldades reveladas no dia a dia.

Nessa perspectiva, os resultados do não-atendimento das metas escolares esperadas em determinado período do tempo são vistos como decorrentes de diferentes fatores sobre os quais é necessário refletir. A responsabilidade, então, de tomar as decisões para a melhoria do ensino, passa a ser de toda a comunidade. Ou seja, o baixo rendimento do estudante deve ser analisado e as estratégias para que ele aprenda devem ser repensadas pelo professor, juntamente com a direção da escola, a coordenação pedagógica e a família.

Os critérios de avaliação são considerados essenciais para o desenvolvimento e socialização do aluno, apontam para as experiências educativas, as quais o discente deve ter acesso. Estes critérios devem refletir, de forma equilibrada, os diferentes tipos de capacidades, as três dimensões de conteúdos (conceitual, procedimental, atitudinal) e servir para encaminhar a programação e as atividades que ocorrem durante o processo ensino-aprendizagem.

2.1 O QUE AVALIAR

CONCEITOS	PROCEDIMENTOS	ATITUDES
Acontece por meio de atividades voltadas à compreensão de definições, estabelecimento de relações, reconhecimento de hierarquias, estabelecimento de critérios para fazer classificações e também resolução de situações de aplicação envolvendo conceitos.	Como eles são construídos e utilizados.	Pode ser feita por meio da observação do professor e realização de autoavaliações.

Os critérios não expressam todos os conteúdos que foram trabalhados durante o ano letivo, mas aqueles que são fundamentais para que se possa considerar que um aluno adquiriu as capacidades previstas de modo a poder continuar aprendendo no ano seguinte sem que seu aproveitamento seja comprometido, e poder mudar a sua prática social.

Tão importante quanto o que e como avaliar, são as decisões pedagógicas decorrentes dos resultados da avaliação que não devem se restringir, somente, a reorganização da prática educativa encaminhada pelo professor no dia a dia, mas devem se referir, também, à uma série de medidas didáticas complementares que necessitem de apoio institucional, como o acompanhamento individualizado feito pelo professor, o grupo de apoio, das lições extras e outras que cada escola pode criar, ou, até mesmo, a solicitação de profissionais externos à escola para que se possam oferecer condições de desenvolvimento para os alunos que necessitam de um atendimento especializado.

A promoção ou a retenção é uma decisão pedagógica que visa garantir as melhores condições de aprendizagem para os alunos. Para tal, requer-se uma análise coletiva do corpo técnico-administrativo-pedagógico a respeito das diferentes capacidades do aluno, bem como dos critérios de avaliação, dos aspectos de sociabilidade e de ordem emocional que permitirão o aproveitamento do discente no processo ensino-aprendizagem no decorrer do ano seguinte. Desta forma, a decisão será a melhor possível, tendo em vista a continuidade da escolaridade, sem fracassos. No caso da retenção, é fundamental a discussão nos conselhos de classe, assim como a consideração apresentada no histórico familiar, pois são elementos decisórios e que podem subsidiar o professor para a tomada de decisões amadurecidas e compartilhadas pela equipe da escola.

2.2 A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na Educação Infantil, a avaliação far-se-á mediante ao acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental.

Os RCNEI (Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil), Resolução CEB nº 01/99, reafirmam o disposto na LDB (Lei das Diretrizes e Bases), estabelecendo em seu Art. 3.º, inciso V, que: “as propostas pedagógicas para a Educação Infantil devem organizar suas estratégias de avaliação através do acompanhamento e dos registros das etapas alcançadas nos cuidados e na educação para crianças de 0 a 6 anos, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao Ensino Fundamental.” Também se encontra no Parecer do CEB (Conselho de Educação Básica) nº 22/98, sobre os RCNEI, alguns itens acerca do tema que ampliam a noção

do processo avaliativo para além da aprendizagem e desenvolvimento das crianças. O item 5 indica que “a responsabilidade dos educadores ao avaliar as crianças, a si próprios e a Proposta Pedagógica, permitirá constante aperfeiçoamento das estratégias educacionais e maior apoio e colaboração com o trabalho das famílias”.

A Deliberação 02/2005 do CEE/PR (Conselho Estadual de Educação) segue, portanto, a Legislação Nacional ao estabelecer que a instituição deve explicitar em sua Proposta Pedagógica “a avaliação do desenvolvimento integral da criança” (Art. 11, inciso IX), e ao indicar que “a avaliação na Educação Infantil deverá ter dimensão formadora, com o acompanhamento do processo contínuo de desenvolvimento da criança e da apropriação do conhecimento, tornando-se o suporte para a ação educativa” (Art. 12).

Ao detalhar o Art. 12, essa Deliberação faz referência às finalidades do processo avaliativo para os professores e para a instituição, quais sejam: fornecer subsídios constantes para a organização ou reorganização das ações pedagógicas junto às crianças; acompanhar seu cotidiano escolar através da observação, refletindo e dialogando a respeito; gerar registros, pareceres sobre o desenvolvimento e a aprendizagem da criança, de forma contínua; indicar a necessidade de intervenção pedagógica.

Ao observar diariamente a criança, os educadores podem conhecer seu desenvolvimento, historicizando suas conquistas e avanços na aprendizagem. O que foi observado precisa ser registrado, pois o registro materializa as observações que fazem e legitima suas tomadas de decisão acerca das intervenções necessárias. Ao mesmo tempo, o registro é uma forma de documentar, sendo, desse modo, constitutivo da ação educativa.

De acordo com o Art. 12, 3.º, da Deliberação 02/05, “os registros descritivos elaborados durante o processo educativo, deverão conter pareceres sobre os diferentes aspectos do desenvolvimento e da aprendizagem da criança”, contudo, não especifica qual ou quais formas de registros devem ser utilizados, ou seja, não há nenhuma restrição.

Na prática, percebe-se a coexistência de diferentes formas de registro. Vê-se que as dimensões da avaliação são interdependentes: enquanto o professor avalia a criança, ele também está avaliando o processo educativo que realiza com o grupo.

Protocolos de avaliação ou fichas constituem-se outros instrumentos muito utilizados para avaliar a criança por serem uma forma mais objetiva e previamente sistematizada.

Outros instrumentos de registros pedagógicos podem ser bastante enriquecedores, como, por exemplo, as coletâneas de trabalhos e de outras realizações das crianças (por meio de fotos, recortes de jornais), que apresentam a trajetória de cada uma durante um determinado período (mais conhecidas entre os educadores como portfólios); a confecção do livro da vida pode ser outra forma de registro, diferente das anteriores, pois se refere à trajetória do grupo.

O fundamental, em qualquer maneira de registro que o educador venha a escolher, é que a mesma permita captar a singularidade, vivida pelas crianças, com suas peculiaridades e aspectos inusitados, bem como conseguir revelar os seus processos de aprendizagem e desenvolvimento.

A avaliação deve permitir que as próprias crianças acompanhem suas conquistas, dificuldades e possibilidades ao longo de seu processo de desenvolvimento e construção do conhecimento. Deve proporcionar, também, interlocução com as famílias. Afinal, os pais têm o direito e o dever de acompanhar o que está acontecendo com seus filhos e de compreender as práticas desenvolvidas na instituição.

2.3 A AVALIAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL I

É preciso não perder tempo, não deixar para os anos seguintes o que devemos assegurar desde a entrada das crianças, aos seis anos, na escola.

A avaliação da aprendizagem no Ensino Fundamental I assume princípio processual, diagnóstico, participativo e formativo com o objetivo de redimensionar a ação pedagógica; elaborar instrumentos e procedimentos de avaliação, de registro e de reflexão constante, do processo ensino-aprendizagem, bem como romper com a prática tradicional de avaliação limitada a resultados finais traduzidos em notas com o caráter meramente classificatório. Além disso, a avaliação deverá ser um processo contínuo e cumulativo do desempenho do aluno, com prevalência dos qualitativos.

O primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental formam o bloco de alfabetização. Sendo este um processo contínuo, é dever da escola garantir que o mesmo professor acompanhe o aluno durante o bloco de alfabetização. Tendo em vista o desenvolvimento integral da criança e sua maturação, a retenção acontecerá somente no segundo, terceiro, quarto e quinto anos do Ensino Fundamental, desde que se siga a concepção e os critérios expostos no pressuposto teórico-metodológico desta Diretriz.

A retenção do aluno deve ser compreendida como uma ação educativa para que o discente se aproprie dos conhecimentos garantindo seu sucesso na aprendizagem.

O primeiro ano do Ensino Fundamental I é um ano em que se abrem possibilidades para qualificar o ensino e a aprendizagem, de forma lúdica, dos conteúdos de alfabetização e do letramento. Para isso, é importante que o trabalho pedagógico implementado possibilite ao aluno o desenvolvimento das diversas expressões e o acesso ao conhecimento em suas diversas áreas.

Para fins de controle oficial de aproveitamento, estabeleceu-se no ano de 2008 uma série de instrumentos para registro e documentação da avaliação e criou-se documentos oficiais de aproveitamento. Assim, define-se que:

- O primeiro ano do Ensino Fundamental I deverá considerar avaliações por meio de registro descritivo a cada bimestre, devendo este ser transformado em nota que não poderá ser inferior a 60 (sessenta), e repassado aos responsáveis, bem como à equipe técnico-administrativo-pedagógico da escola;
- O segundo, terceiro, quarto e quinto anos do Ensino Fundamental I deverão considerar avaliações por meio de registro descritivo de cada bimestre, devendo apresentá-lo na forma de notas, considerando possíveis retenções ao final do ano letivo, desde que a criança não atinja os critérios necessários à promoção para o ano seguinte.

3 PROPOSTAS CURRICULARES:

PROPOSTA CURRICULAR

BERÇÁRIO - INFANTIL I (4 meses a 2 anos)

3.1 BERÇÁRIO

No primeiro ano de vida do bebê, este se encontra em uma fase totalmente egocêntrica, sentindo-se o centro do mundo.

Trabalhar sua identidade em relação ao seu mundo novo (família, escola e rotina), é o que contribui para um processo de percepção e experiências nos primeiros meses da infância, caracterizadas pela satisfação que produzem as vivências táteis, visuais e auditivas.

Os estímulos apresentados deverão ser regulares e gradativos, isto é, oferecidos em quantidade e qualidade na oportunidade certa, de forma simples e natural, ou seja, “brincar de ações”.

A experiência do mundo nesta fase é essencialmente sensorial e motora, uma experiência do momento do próprio corpo e do manuseio de objetos. Neste contexto, deve-se oportunizar um aprendizado que abranja todos os sentidos e que integre essas experiências na própria atividade.

Aproveita-se a curiosidade, o interesse e a necessidade de experimentar novas experiências, permitindo que a criança vivencie o novo mundo a sua volta de forma organizada, fazendo com que desfrute das atividades que são direcionadas exclusivamente para ela e assim, sutilmente, introduzir a rotina que da-lhe-á segurança e diminuir sua ansiedade.

A questão família, escola e rotina é vista como fator determinante nesse momento, pois na adaptação a integração e a socialização garantem uma infância “feliz e segura”.

3.1.1 Adaptação

É importante que a os pais participem do período de adaptação do seu filho. Pode-se combinar com o CMEI, um horário de entrada e saída especial, permitindo que o bebê se familiarize com as educadoras e com o novo ambiente, quando isso se fizer necessário.

Para auxiliar na adaptação do bebê, pode-se levar os brinquedos preferidos dele.

Para as mães que amamentam deve-se combinar com o CMEI os horários que poderão amamentar a criança. Deve informar os pais como acontece o momento da alimentação, do sono e do brincar de seu filho.

Durante esse período, é importante que haja flexibilidade entre a instituição e os pais, para que o bebê possa manter a mesma rotina que tem em casa e, gradativamente, participem da rotina do CMEI.

A partir do sexto mês, os bebês começam a reconhecer os pais e, por volta do oitavo mês, podem estranhar outras pessoas. O ideal é que a adaptação seja feita antes do sexto mês ou depois do nono mês.

Conta-se com um serviço de apoio aos pais quando iniciam a fase de adaptação, disponibilizando psicólogos através da Secretaria da Educação, que os auxiliam neste momento tão difícil da separação, quando há necessidade.

3.1.2 Proposta de Estimulação para o Berçário

3.1.2.1 Quatro meses

Desenvolvimento

Até então, o bebê só era capaz de segurar aquilo que era posto em sua mão. Com quatro meses, oito em cada dez bebês já pegam o que querem. Neste período, ele não pode mais ficar sozinho em lugares altos. Mesmo estando de bruços, levanta as pernas e pode virar de um lado para outro. Por isso, não se deve deixá-lo sozinho sobre camas, sofás e outros locais que o exponha a risco.

Características

O bebê chora quando é deixado sozinho por alguns instantes. Para os cientistas, esse é o primeiro sinal do desenvolvimento da sociabilidade.

Quando ouve a voz da mãe, vira a cabeça e os olhos procurando por ela.

Por volta do quarto mês de vida, ele não precisa se alimentar com tanta frequência, somente quatro ou cinco vezes por dia. Alimentá-lo agora pode ser um pouco mais difícil, pois ele se distrai com facilidade encantado com qualquer movimento à sua volta.

Nessa idade é normal o bebê babar muito, pois começa a receber os primeiros sinais de dentição, embora só apareçam no quinto ou no sexto mês.

Sugestões de atividades:

- Brincar de “Serra, serra, serrador”, frente a frente com educador;
- A partir da posição lateral, favorecer o rolar, fazendo a criança seguir um objeto;
- Favorecer o “nadar a seco”, de barriga para baixo;
- Sentar no bebê conforto, dar brinquedos para manipular;
- Segurar o chocalho com a mão, para balançar e produzir sons;
- Dar mordedor e brinquedos apropriados para que a criança possa levar até a boca;
- Facilitar brincadeiras para usar os dedos das mãos e manipular os objetos;
- Conversar com o bebê frente a frente, dar um tempo para ele retribuir com alguma reação;
- Brincar de esconde-esconde.

3.1.2.2 Cinco meses

Desenvolvimento

O bebê leva à boca tudo que estiver ao seu alcance. Quando vira de bruços já pode rolar pela cama. Mais uma vez, não se pode deixá-lo sozinho sobre camas, trocador, sofás e outros locais mais altos.

Características

Ele está aprimorando sua percepção do mundo. Já pode discernir uma voz amável de outra brava e reage de maneira diferente a cada uma delas. Ele pode abrir um sorriso bem grande para um rosto familiar, assim, como pode se mostrar arredio na presença de estranhos.

Nesta fase, inicia-se o processo de identificação. Quase todos os bebês reconhecem e

gostam de ver sua imagem refletida no espelho. Brinquedos que tenham espelhos inquebráveis fazem muito sucesso nessa idade, assim como os mordedores e objetos macios para pôr na boca. Deve-se retirar de circulação todos os objetos pequenos que possam ser engolidos pelos bebês. Pode-se, também, colocá-lo para brincar de bruços com frequência porque, enquanto ele levanta o pescoço e ombros, estará fortalecendo os músculos do pescoço e obtendo controle dos movimentos de sua cabeça. Estes exercícios também poderão ajudá-lo a se manter sentado.

O bebê agora vê objetos pequenos e pode segui-los em movimento.

Sugestões de atividades:

- Sentar em volta de almofadas, dentro de uma boia, manter a coluna do bebê reta;
- Segurá-lo pelas axilas e colocá-lo em pé;
- Dar brinquedos para que ele possa segurar com a mão;
- Brincar com as mãos, com cubos e caixinhas;
- Rolar usando a toalha como auxílio;
- Dar mordedor;
- Dar uma colher na mão para a criança segurá-la, enquanto é alimentada;
- Estimulá-lo a bater palmas;
- Cantar para o bebê e conversar muito com ele.

3.1.2.3 Seis meses

Desenvolvimento

O bebê já vira totalmente a cabeça para localizar a origem de um barulho ou procurar um objeto que caiu de suas mãos. Também já estica os bracinhos para ganhar colo e segura a mamadeira com as duas mãos, embora ainda não consiga levá-la à boca. Ele começa a fazer isso quando associa a habilidade motora à capacidade de acompanhar com os olhos os movimentos que vê as pessoas fazerem com as mãos.

Nesta fase, os bebês tendem a chamar a atenção das pessoas. Alguns bebês podem estranhar um pouco, mas eles aprendem que seu comportamento chama a atenção do adulto.

Se ele não está recebendo atenção, vai fazer qualquer coisa para obtê-la. Agora seu repertório começa a variar mais, ele não chama atenção apenas chorando, mas jogando objetos no chão, rolando, gritando e cada vez mais de forma diferente.

Características

O bebê percebe que tem mais autonomia e passa a não colaborar no momento da troca da fralda. Deixa de mamar apenas o leite materno e começam as primeiras papinhas. Nesta fase, o bebê vê e ouve quase igual a você. Enxerga como um adulto, em visão tridimensional. Pode balbuciar mama e papa, mas sem associar significado a eles. Sua habilidade de comunicação também está se expandindo rapidamente e sua linguagem de bebê está ficando cada vez melhor.

Quando ele estiver com vontade de falar, simplesmente deve-se parar e dar atenção como se você estivesse entendendo o que ele está querendo dizer. O bebê também entende as tonalidades de voz e pode reconhecer quando está brava.

Sugestões de atividades

- Esticar os cotovelos com o bebê de bruços;
- Colocar o bebê sentado com leve apoio;
- Dar um brinquedo para que o bebê passe de uma mão para a outra;
- Oferecer brinquedo para o bebê, quando já estiver segurando um, e verificar se ele soltará e pegará o outro brinquedo;
- Esconder brinquedos embaixo de um pano para que ele o procure;
- Colocar uma fralda na cabeça ou se esconder para que o bebê o encontre;
- Colocar o bebê frente ao espelho e o fazer desaparecer;
- Sentar e brincar de “serra-serra”;
- Fazer com que o bebê busque brinquedos arrastando-se.

3.1.2.4 Sete meses

Desenvolvimento

O bebê começa a entender o significado de algumas palavras como o “não”. Senta-se com certo equilíbrio e mostra determinação, querendo brinquedos que estão fora de seu alcance, tentando agarrá-los com as mãos.

Provavelmente, o bebê já mostra sinais de dentição.

Bater palmas também pode ser um novo talento. Ele vai adorar tomar água em um copo apropriado para a sua idade (com sua ajuda).

Nesta fase, nota-se que o barulho à volta do bebê vai aumentar significativamente. Não só porque ele gosta de conversar, mas porque está explorando o mundo e se diverte com os sons que cada objeto produz ao cair, ao ser arrastado ou esfregado no chão.

Características

Quase todos os bebês gostam de observar figuras em livros, carros na rua, pessoas em fotos. Gostam de identificar sons familiares e localizá-los (chocalhos, móveis, cornetas, outros).

Aparecem os primeiros dentes, em geral os incisivos centrais e inferiores como resultado o bebê pode ficar com as bochechas vermelhas, gengivas inchadas, babar e, às vezes, ficar irritado.

Mordedores com líquido devem ser evitados depois que os primeiros dentinhos nascem.

Sugestões de atividades:

- Brincar de dentro e fora em uma caixa de papelão (entrar e sair, sentar, jogar brinquedos dentro e fora, etc.);
- Fazer caretas para o bebê imitar;
- Dar dois brinquedos para a bebê bater um no outro;
- Segurar o bebê em pé, estimular o pula-pula;
- Dar biscoito, frutas para comer com a mão.

3.1.2.5 Oito meses

Desenvolvimento

O brinquedo é o mundo do bebê. Brinca de soltá-los no chão, esperando que o educador os pegue de volta. Procura o brinquedo sumido atrás dos móveis. Diverte-se ao conseguir atirá-los longe. Está desenvolvendo a noção de espaço.

Características

Nesta fase, o bebê emite uma série de sons, presta atenção, tenta imitar os adultos e reconhece o próprio nome quando chamado.

Ao ver alguém chorando pode começar a chorar também. E, se ensinado, começa a abraçar e mandar beijos.

Sugestões de atividades:

- Colocar o bebê sentado para brincar;
- Colocar o bebê deitado de lado, de forma a facilitar passar para a posição sentado sozinho;
- Colocar brinquedos à sua frente a fim de motivá-lo a alcançar os mesmos;
- Brincar com caixas grandes de brinquedos;
- Mostrar para o bebê um brinquedo grande, em seguida esconder atrás das costas e pedir a ele que o procure;
- Oferecer uma xícara de plástico e uma colher em sua mão para brincar;
- Dar argolas grandes para passar em um cordão;
- Beijar o bebê e dar o seu rosto para ele beijar.

3.1.2.6 Nove meses

Desenvolvimento

Juntando o polegar ao indicador, os dedos do bebê funcionam como pinça para pegar pequenos objetos. É uma evolução tão importante quanto a primeira palavra ou o primeiro passo. Provavelmente, ele já consegue engatinhar subindo escadas, anda com dificuldade segurando em móveis com a ajuda de alguém.

Características

Nesta fase, o bebê bate palmas e dá tchau, balbucia constantemente para ouvir a própria voz e se diverte quando imita sons como tossir, por exemplo.

Nesta fase, o bebê adora pôr objetos menores dentro de potes e faz isso sempre que tem oportunidades. Também gosta de brinquedos com partes móveis como portas que abrem e fecham, rodas de carrinhos e pequenos volantes.

O bebê ouve de tudo desde que nasce, mas só neste momento é que as palavras começam a fazer sentido. Pode entender vários comandos, porém, compreende o que o adulto está dizendo mais pelo seu tom de voz do que pelas palavras que usa. Só mais alguns meses e ele já estará falando, por isso, quanto mais o adulto falar com ele, mais aprenderá o valor da comunicação, entende plenamente o significado da palavra não, mas não obedece.

Sugestões de atividades:

- Estimular o bebê a engatinhar jogando uma bola para ir buscá-la;
- Dar um brinquedo com cordinha, para que puxe e levante;
- Esconder um brinquedo na mão para que o procure;
- Oferecer brinquedos com furos para colocar objetos menores;
- Oferecer biscoitos para que tente comer sozinho;
- Oferecer potinhos para colocar a tampa.

3.1.2.7 Dez meses

Desenvolvimento

O bebê está aprendendo a se expressar e para tal, usa o dedo indicador mostrando o que deseja. Começa a entender os conceitos: aqui, lá, dentro, fora, para cima e para baixo. Para ser atendido, recorre a palavra “dá”. Os dedinhos se tornam cada vez mais ágeis, tudo o que passa na sua frente, procura pegar levando à boca. Deve-se ficar atento para ele não engolir o que não deve.

Características

Sente ciúme das pessoas que gosta e pode chorar se outra criança ficar em seu colo. Também entende quando os adultos desaprovam seu comportamento.

Deve-se ter muita paciência porque, nesta fase, ele começa a testar os próprios limites. Pode ser muito sociável, sorrindo para todas as pessoas que conhece e também para estranhos, ou sendo mais retraído, escondendo o rosto por timidez se algum estranho tentar fazer contato.

Sugestões de atividades:

- Deixar o bebê engatinhar livremente;
- Estimular o bebê a falar frente ao espelho;
- Pedir “dá o brinquedo”, estender a mão e esperar a criança entregá-lo;
- Perguntar: “Onde está o brinquedo?” “Onde está o bebê?”.
- Dar caixas e potes para o bebê encher e tirar objetos.

3.1.2.8 Onze meses

Desenvolvimento

O bebê se prepara para andar. Tenta ficar em pé, encostando-se às paredes e anda, desde que apoiado em móveis ou arrastando cadeiras. Hora de proteger as quinas e remover os objetos mais leves ou perigosos.

Características

Nesta fase, seu senso de humor se revela. Adora gracejos, mas reage com irritação quando contrariado. Se tiver irmãos, vai querer ficar junto a eles, no entanto, isso não quer dizer que vá dividir os brinquedos.

Ao trocar de roupa, ele já ajuda esticando o bracinho, dobrando ou esticando a perninha. Na hora das refeições, vai querer comer sozinho. Primeiro, usando as mãos e, logo mais, com a colherinha. Deve-se oferecer a ele uma colher para que possa se familiarizar com o uso de talheres.

Sugestões de atividades:

- Colocar objetos em cima da cadeira para o bebê alcançar;
- Jogar bola quando o bebê estiver sentado;
- Deixar o bebê encher e tirar de uma caixa os brinquedos, para que perceba quando está cheia ou vazia;

- Dar carrinhos para o bebê empurrar;
- Colocar potes para empilhar;
- Oferecer uma colher para o bebê segurar na hora da refeição;
- Deixar o bebê brincar na água na hora do banho (com a supervisão de um adulto).

3.1.2.9 Doze meses

Desenvolvimento

O bebê deve estar andando ou quase. No começo, anda com os braços abertos para se equilibrar melhor. Não parece demonstrar cansaço, mas tende a dormir melhor à noite depois de um dia de tanto movimento.

Conseguir empilhar objetos é um indicador fundamental do desenvolvimento motor. Depois de perceber que os objetos podem ser movimentados, o bebê aprende que eles se apóiam uns sobre os outros.

Características

A sociabilidade está aumentando. O bebê pode até dar beijinhos e odeia ficar sozinho. Precisa da presença do adulto para se sentir seguro. Seu poder de compreensão continua sendo maior do que sua capacidade de falar.

Sugestões de atividades:

- Facilitar o andar, segurando o bebê pelas mãos;
- Oferecer diversas caixas, de diversos tamanhos e pedir que encaixe uma dentro da outra;
- Pegar com os dedos das mãos bolachas picadas;
- Dar prendedores de roupas para o bebê brincar de prender;
- Deixar que brinque com revistas velhas, pedir que corte e amasse com as mãos;
- Deixar o bebê tentar comer sozinho, mesmo que derrame a comida;
- Contar histórias, mostrando figuras.

3.1.3 Orientações Didáticas

3.1.3.1 ORALIDADE

A primeira forma de comunicação do bebê acontece no momento do nascimento através do choro: sua movimentação, seus resmungos, seus gritos e seus choros serão elementos de comunicação e deverão ser interpretados pelo outro como demandas a ele dirigidas para que possam ser interpretadas e respondidas. Isto é muito importante para o desenvolvimento da criança.

Desta forma, através do som e da palavra, se estabelece uma troca entre o educador e o bebê. É através da fala que o adulto o insere no mundo simbólico da linguagem.

A aprendizagem da fala se dá de forma privilegiada por meio das interações que o bebê estabelece desde que nasce. As diversas situações cotidianas, nas quais os adultos falam com o bebê ou perto dele, configuram uma situação rica que permite-lhe conhecer e apropriar-se do universo discursivo e dos diversos contextos nos quais a linguagem oral é produzida.

As conversas com o bebê nos momentos de banho, de alimentação, de troca de fraldas

são exemplos destas situações. Nestes momentos, o significado que o adulto atribui ao seu esforço de comunicação fornece elementos para que ele possa, aos poucos, perceber a função comunicativa da fala e desenvolver sua capacidade de falar.

Os momentos de brincadeiras, as histórias contadas, ouvidas e representadas são excelentes para a oralidade e asseguram melhor o desenvolvimento emocional, social e cognitivo.

Neste contexto, os bebês estão entrando em contato com diversas situações, descobrindo o espaço ao seu redor e, conseqüentemente, construindo a sua identidade.

3.1.3.2 MOVIMENTO

Os bebês começam a desenvolver habilidades do ritmo desde muito cedo quando são expostos constantemente à música e ao movimento.

É fato dizer que os bebês estão carregados com ritmo natural, e tudo que necessita-se fazer é estimulá-los. Se o ritmo e o movimento forem constantes na vida do bebê, a habilidade de expressar-se através do movimento criativo permanecerá com ele durante toda a sua vida. Cultivar o amor pela música e pela dança desencadeará na criança o hábito da prática saudável de atividades físicas e desenvolverá o interesse pela cultura.

Trabalhar com a psicomotricidade é fundamental para o desenvolvimento dos bebês. Para cada etapa é necessário fazer um trabalho específico.

Fazem parte do planejamento dos profissionais da Educação Infantil, atividades psicomotoras realizadas nas rotinas, como por exemplo, exercícios feitos com bebês de seis meses que estimulam a força e preparam-no para engatinhar, e exercícios que trabalham o equilíbrio, para que o bebê consiga ficar em pé e desenvolva a marcha com correção, sem prejudicar joelhos e articulações, além de inúmeros outros cuidados.

O educador ainda desenvolve trabalhos lúdicos como as imitações de gato, cachorro, pato etc., que contribuem, também, para a socialização dos bebês.

Boa parte das descrições sobre o desenvolvimento infantil refere-se aos atos de pegar, engatinhar, sugar, andar, correr, saltar, girar, rolar e assim por diante, movimentos que constata-se em quase todas as crianças. O que se espera é que as crianças possam, da melhor forma possível, apresentar em cada período de vida uma boa qualidade de movimentos.

Em relação ao seu papel pedagógico, o movimento deve atuar como qualquer outra área do conhecimento e não desintegrada dela. As habilidades motoras precisam ser estimuladas, sem dúvida, mas devem estar claras quais serão as conseqüências disso do ponto de vista cognitivo, social e afetivo.

Sem se tornar uma área auxiliar da outra, as atividades com movimentos precisam garantir que, de fato, as ações físicas e as noções lógico-matemáticas que as crianças usarão nas atividades escolares, e fora dela, possam se estruturar adequadamente.

3.1.3.3 MATEMÁTICA

As crianças, desde bem pequenas, pensam sobre o mundo que as cerca e procuram compreendê-lo. O trabalho intencional com a matemática contribui para que elas elaborem e sistematizem conhecimentos. No entanto, é necessário considerar as características próprias das crianças de cada faixa etária, suas necessidades, prioridades e sua forma de conhecer o mundo.

Na prática, as crianças devem ter uma aproximação global com os conteúdos. Não se trata de trabalho matemático, mas atividades com calendários, brincadeiras, histórias, cantigas, músicas que veiculam séries numéricas e formas, permitindo que elas desenvolvam e

conservem com prazer uma curiosidade acerca da matemática, adquirindo diferentes maneiras de perceber a realidade em uma prática educativa focalizada na construção de um ambiente que atue como educador e que respeite os ritmos individuais no brincar, descobrir, interagir e produzir cultura.

Com bebês, a ocupação do espaço, estar em berços ou circular pelo chão, são noções que ajudam posteriormente a fundamentar a geometria.

A gênese do que acontece com bebês é diferente quando eles são deixados no berço, no quadrado, de quando eles podem engatinhar pelo espaço.

A experiência que o bebê tem em relação aos números também estrutura um trabalho posterior. Os bebês devem ser estimulados a estabelecer relações.

Uma proposta assim incorpora contextos do mundo real, as experiências e a linguagem natural do bebê no desenvolvimento das noções de matemática, sem esquecer que a escola deve fazer o aluno ir além do que parece saber. Deve tentar compreender como ele pensa, que conhecimentos traz de sua experiência de mundo e fazer as interferências no sentido de ampliar suas noções matemáticas.

3.1.3.4 MÚSICA

“A música é a manifestação do espírito humano, semelhante à linguagem. Seus maiores praticantes têm transmitido à humanidade coisas impossíveis de serem ditas em qualquer outra linguagem. Se não desejamos que essas coisas permaneça tesouros mortos, precisamos fazer o máximo para que o maior número possível de pessoas compreenda o seu idioma.”

(Zoltan Kodaly)

A Zanei Iras-Olvasa Moldszetana

A arte musical apresenta grandes vantagens em termos cognitivos e comportamentais, incrementam o raciocínio espaço-temporal, o pensamento lógico e a aptidão para a matemática, estimulam a criatividade e o gosto musical, cria um ambiente calmo, contribui para que a criança chore menos e seja mais calma, torna o bebê mais apto para a língua e a linguagem, experiência cativante do belo nas artes, para a escuta ecológica dos sons da natureza.

A música é um elemento essencial na aprendizagem dos bebês.

As crianças gostam de acompanhar as músicas com movimentos do corpo, tais como palmas, sapateado, dança, volteios de cabeça, entre outros. É a partir desta relação entre o gesto e o som que a criança, ouvindo, cantando, imitando, dançando, constroi seu conhecimento sobre a música. Para as crianças de 0 a 3 anos, o ambiente sonoro, em diferentes e variadas situações, inicia um processo de musicalidade de forma intuitiva.

É necessário que o adulto cante melodias curtas, cantigas de ninar, que ofereça brincadeiras cantadas com rimas, parlendas etc., pois as crianças, nesta fase, possuem um verdadeiro fascínio por tais atividades e sons.

Mas, a influência da música vai muito além de acalmar ou agitar bebês e crianças, ela tem o dom de aproximar as pessoas. A criança que vive em contato com a música aprende a conviver melhor com as outras crianças e estabelece um meio de se comunicar muito mais harmonioso.

O potencial da inteligência humana é determinado pelos genes de cada pessoa, no entanto, são necessários estímulos para colocar essa inteligência em prática, e é justamente aí que entra a música. O estímulo sonoro aumenta as conexões entre os neurônios e, de acordo com cientistas de todo o mundo, quanto mais conexões entre os neurônios, mais brilhante será o ser humano.

Os sons que estimulam os neurônios dos bebês, mesmo quando ainda estão no útero materno, são muitos, incluindo as conversas que a gestante mantém com o filho, os cantos que ela entoia quando acaricia a barriga, além de outros, incluindo a música propriamente dita. Tudo o que o bebê experimenta, desde sua concepção, contribui na construção de seu cérebro. Mas, como tudo na vida, o uso da música na educação da criança também deve ser feito com discernimento. Cabe ao educador a tarefa de usar o bom senso, fugindo dos modismos musicais, oferecendo às crianças tudo o que tem qualidade.

3.1.3.5 ARTES VISUAIS

As artes visuais são linguagens e, portanto, uma forma importante de comunicação humana, o que, por si só, justifica sua presença no contexto de educação, de um modo geral na Educação Infantil.

Neste contexto, deve-se permitir que as crianças possam expressar suas ideias e sentimentos no momento da criação, exprimir o conhecimento de um objeto, a representação mental que ela tem construído dele, formulando conceitos sobre as produções expressando o mundo através da arte.

Bons encaminhamentos para fazer a turma evoluir devem incluir: planejamento das atividades, ampla gama de materiais e um educador dedicado e observador.

Antes de completar um ano, o bebê já pode mexer com tinta. Basta que ele sente sem apoio e segure objetos com firmeza. Deve-se utilizar tintas com corantes atóxicos como beterraba, cenoura, espinafre. Nesta fase, não é interessante apresentar escova de dente como ferramenta de pintura, pois a criança primeiro precisa conhecê-la em sua função principal.

Várias modalidades artísticas são trabalhadas na Educação Infantil, mas o desenho se destaca por ter uma importância no fazer artístico e na construção de outras linguagens visuais.

A fase dos rabiscos e garatujas já se inicia ao final do 1º ano de vida da criança. A repetição e exploração desses movimentos vão proporcionando a construção do conhecimento de si próprio, do mundo e das ações gráficas. O desenho da criança evolui e passa das garatujas para formas mais ordenadas, surgindo os primeiros símbolos.

Nas atividades com desenhos ou criações artísticas, as crianças brincam, surgindo o “faz-de-conta” e verbalizam a respeito de suas criações.

Preparar cantos diversificados facilita a observação e intervenções caso seja necessário.

O educador precisa assegurar condições às crianças, desde a quantidade e qualidade dos materiais, até o tipo de proposta, mas, sobretudo, organização de tempo e espaço.

3.1.3.6 NATUREZA E SOCIEDADE

Desde pequenas, as crianças já começam a explorar o seu espaço, reconhecer vozes de pessoas, vislumbrarem possibilidades de descobertas e perceber os fenômenos naturais com curiosidade e dinamismo.

Neste início de vida, a criança tem uma necessidade natural de conhecer, descobrir e construir hipóteses novas, arriscando respostas e explicações para os fenômenos apresentados no seu cotidiano.

O contato com o mundo permite à criança construir conhecimentos práticos à sua volta, relacionados à sua capacidade de perceber a existência de objetos, seres, formas, cores, sons, odores, de movimentar-se nos espaços e manipular objetos, descobrir o seu próprio corpo, experimentando expressar e comunicar seus desejos e emoções sobre o seu mundo.

Observando com bastante atenção os bebês, vê-se que suas ações como olhar de

onde está vindo o som ou algo que se movimenta quando tenta pegar, empurrar, virar a cabeça e outras atitudes desse tipo, têm por objetivo explorar a realidade que os cerca para melhor conhecê-lo.

Pode-se afirmar que as crianças são pesquisadoras em potencial, pois estão atentas a tudo que está à sua volta e, por meio do contato com o próprio corpo, com as coisas do ambiente, com outras crianças e adultos vão desenvolvendo suas capacidades afetivas, auto-estima, sensibilidade, raciocínio, linguagem e o pensamento.

Os educadores que têm a responsabilidade de cuidar/educar crianças nesta faixa etária desempenham um papel fundamental no processo de desenvolvimento infantil, servindo de intérpretes entre a criança e o mundo ao seu redor.

Para que as crianças compreendam o meio em que vivem e as normas da cultura na qual estão inseridas, os adultos devem nomear objetos, organizar situações, expressando sentimentos, entre outros.

Nesse processo de desenvolvimento é fundamental que a criança seja aceita e se sinta querida e respeitada pelo adulto, atentando-se para a construção da sua autoestima.

O respeito vai além do aspecto emocional. Passa também pelo cognitivo, pois é preciso respeitar a espontaneidade da criança e sua lógica de interpretação própria, as hipóteses que elabora e a forma como resolve conflitos de seu cotidiano.

O educador deve ter claro que esses domínios e conhecimentos não se consolidam nessa etapa, mas que são construídos na medida em que as crianças desenvolvem atitudes de curiosidade, de refutação e de reformulação de explicações para a diversidade de fenômenos e acontecimentos do mundo social e natural.

3.1.4 SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA SEREM DESENVOLVIDAS DURANTE O ANO LETIVO

- Morto e vivo;
- Caixa surpresa com materiais de diversas texturas e ruídos;
- Manuseio de papéis nos diversos tipos, cores e tamanhos;
- Músicas de roda;
- Bandinha;
- Circuito de sensações (tapete sensorial);
- Massinha caseira;
- Tintas e pigmentos alternativos;
- Dobraduras;
- Brincadeiras frente ao espelho;
- Dramatizações de passeios ou de rotinas familiares;
- Pequenas ações de higiene e trato no corpo;
- Brincadeiras com cubos de gelo e/ou água morna;
- Fantoques;
- Dedoches;
- Hora da fantasia;
- Pintura do rosto;
- Moldes vazados;
- Confeção de livros;
- Rasgar e amassar folhas;
- Trabalhos com sucata;
- Confeção de pasta de registro escrito e fotografado;

- Brincar de casinha;
- Música com gestos nomeando as partes do corpo;
- Expressões faciais;
- Quebra-cabeça;
- Jogos de encaixe entre outras atividades.

É muito importante brincar com as crianças, mostrando como se faz e aprendendo como a criança faz, incentivando, dialogando e trocando vivências.

3.1.5 PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

É o início de toda e qualquer atividade educativa, pois define objetivos, prioridades e estratégias a serem usadas durante o processo de aprendizagem, ajudando na intervenção e dispondo critérios a serem utilizados ou analisados.

Ao planejar, tem-se em mente o público alvo, suas competências e suas diferentes necessidades conforme a faixa etária.

O planejamento, além de flexível procura contextualizar e considerar os eixos norteadores sugeridos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, adequando também a Proposta da Pedagogia de Projetos utilizados no CMEI.

O lúdico e o prazeroso são determinantes no fazer pedagógico, pois é imprescindível a elaboração de atividades para as crianças pequenas, de maneira que elas possam crescer em um ambiente estimulador, seguro, educativo e feliz.

O horário para o planejamento semanal deverá ser observado com rigor, pois dele dependerá o sucesso da elaboração e aplicação das atividades. O planejamento é um apoio estratégico do profissional da educação, pois:

- Esclarece o sentido do ensino;
- Promove o processo educativo;
- Organiza o espaço, tempo e material;
- Permite ordenar ideias e reflexões;
- Facilita o trabalho de aplicação e avaliação das atividades.

3.1.6 ESTRATÉGIAS DE TRABALHO

Os Projetos de Trabalho constitui em uma ação pedagógica específica e planejada que dá sentido social e imediato às aprendizagens dos alunos. Tem como finalidade recriar o papel da escola, levando em conta as mudanças sociais e culturais que acontecem em cada época.

Os Projetos são elaborados de acordo com acontecimentos atuais, festivos, culturais e históricos. Por meio deles, a aprendizagem acontece de forma significativa e contextualizada.

O conhecimento é visto sob uma perspectiva construtivista e sócio-interacionista, na qual se procura estudar e pesquisar, com as crianças, de forma lúdica e agradável, respeitando áreas do conhecimento envolvidas no trabalho.

O educador, além de levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos, propõe desafios em que a criança possa confrontar suas hipóteses espontâneas com os conceitos científicos, apropriando-se, gradativamente, desses. Significa, ainda, que não podem limitar suas oportunidades de descobertas e que é necessário conhecê-las verdadeiramente para proporcionar-lhes experiências de vida rica e desafiadora. Do ponto de vista construtivista, o educador não deve realizar as atividades pelas crianças, mas levá-los a encontrar meios de fazer as coisas a seu modo. Enfim, é deixá-los serem crianças.

Estes Projetos são úteis na medida em que valorizam o fazer educativo, contextualizando situações e acontecimentos importantes. São utilizadas dramatizações, músicas, danças, artes ou outras formas de expressão, para a culminância e síntese de cada bloco de estudo realizado.

3.1.7 ORGANIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS

Os conteúdos a serem trabalhados têm em vista a interação das áreas psicomotoras, com a construção de conhecimento e atitude e com as características e especificidades do universo infantil. As dimensões motoras, cognitivas, afetivo-social e a formação de hábitos, compõem os conteúdos pedagógicos básicos próprios da faixa etária das crianças do CMEI.

O modo como são organizados esses conteúdos, girando em torno de um tema ou projeto, privilegiando sempre o contexto lúdico, reconhecem as crianças como seres únicos e capazes, que aprendem a aprender, a fazer, a ser e conviver consigo mesma, com os outros e com o meio ambiente de maneira integrada e gradual.

Nesta perspectiva, as brincadeiras espontâneas ou dirigidas, o uso de materiais diversos, a música, o jogo, a dança, as diferentes formas de comunicação, de expressão, de criação e de movimento caracterizam as várias maneiras de estimular o desenvolvimento e as conquistas individuais e coletivas das crianças.

3.1.8 ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

As atividades pedagógicas são organizadas de modo a seguir uma rotina que vai desde a chegada das crianças no CMEI até o momento de saída.

O cotidiano do CMEI é composto de atividades que envolvem:

- Recepção e saída das crianças;
- Cuidados de higiene e repouso;
- Alimentação balanceada e adequada às diferentes faixas etárias e às necessidades da clientela;
- Atividades de recreação livre nas salas e no espaço externo;
- Atividades educativas dirigidas e parcialmente dirigidas, tanto nos espaços internos como externos, utilizando materiais e locais apropriados para tal fim.

Toda e qualquer atividade diferenciada na Instituição de Educação Infantil, tem sua importância para a criança. Do ponto de vista didático destacam-se:

1. Brinquedos e brincadeiras. Tem como objetivo desenvolver as habilidades de forma lúdica e prazerosa. É o aprender brincando, usando o objeto, a arte, a música, com o intuito de expressão e de socialização.

2. Atividades livres. É o momento de permitir e possibilitar que a criança manifeste o simbolismo e o imaginário, entrando no seu mundo do faz-de-conta, de descobertas e imitações. É o momento de interação direta com os outros colegas de diferentes idades, e de descobrirem afinidades e diferenças, promovendo, assim, seu aprendizado individual e social.

3. Hora do Conto. Este momento é propício para despertar nas crianças o gosto pela leitura, o prazer de folhear um livro e admirar as figuras que nele contém. Ouvir uma narração, incentivando assim o uso da linguagem e a imaginação das crianças para as lendas e histórias infantis, trazendo fascínio e deixando fluir seu imaginário e o simbólico.

4. Passeios. Ao planejar as atividades que serão desenvolvidas pelas crianças, pensar em tudo que possa ser prazeroso e ao mesmo tempo educativo e enriquecedor. O passeio faz parte destas atividades como complemento ou culminância de um determinado projeto, como por exemplo, na semana ecológica, sair com os bebês para um passeio pelo jardim do CMEI, ou quando se estuda animal de estimação ou doméstico, trazê-los na unidade e levar os bebês para conhecê-los e tocá-los. Sempre que houver oportunidades, tirar os bebês do berçário para uma área ao ar livre.

3.1.9 AVALIAÇÃO

Sugere-se o uso de um diário onde serão registrados todos os acontecimentos e avanços significativos dos bebês: suas angústias, suas dificuldades, seu progresso, seu estado emocional, sua integração no grupo entre outros, que darão subsídio para o preenchimento da ficha de avaliação feita bimestralmente e servirão também de diagnóstico para avaliar e repensar a prática pedagógica do educador.

O educador, através do que observou e registrou, irá acompanhar a progressão das aprendizagens adquiridas de cada bebê. Só desse modo conhecerá as necessidades de cada um, e a própria evolução do grupo.

Nesta fase, o educador irá partilhar o conhecimento que já tem das crianças com as respectivas famílias de cada uma. Assim, a troca de ideias e opiniões dos pais irão permitir uma melhor compreensão das crianças e do contexto em que estão inseridas.

Reunir pais e equipe de ensino toda vez que for necessário para ajustes e informações é visar qualidade na educação.

A preocupação pelo desenvolvimento salutar dos bebês significa respeitá-los e reconhecê-los como cidadãos.

PROPOSTA CURRICULAR

MATERNAL - INFANTIL II (2 anos)

3.2 MATERNAL I – INFANTIL II

Este documento tem como objetivo nortear o trabalho do educador em relação ao desenvolvimento global da criança, proporcionando condições para que ela se expresse livremente, desenvolvendo seu potencial criativo e construindo conhecimento sobre si mesma e sobre o mundo que a cerca.

A criança de dois anos costuma morder para se defender ou manifestar descontentamento, mas não compreende o ato como agressão.

Nesta fase é egocêntrica, tendo dificuldade em dividir o que é seu; é negativa não gosta de alterações em suas rotinas, o que pode causar conflitos com outras crianças e adultos. É a idade dos sentimentos de medo e das crises de birras, por isso, o brinquedo cooperativo não está presente.

Imita os colegas com quem convive, o que é comum nesta faixa etária.

Costumam falar sozinhas dando forma à imaginação. Não conseguem, ainda, distinguir o real do ilusório. Geralmente, tem um amigo imaginário.

Nossa proposta visa também oferecer ao educador orientações e um rico material complementar, facilitando, assim, o enriquecimento do seu planejamento.

As atividades são variadas e compreendem propostas dirigidas e atividades informais, onde a criança possa falar de si e de sua realidade.

Cada atividade proposta não é um fim em si mesma, mas uma etapa de um amplo trabalho que inclui conversas informais, músicas, brincadeiras e troca de experiências.

As áreas do conhecimento foram cuidadosamente divididas contendo cada uma objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação.

3.2.1 IDENTIDADE E AUTONOMIA

3.2.1.1 Objetivos:

O processo de socialização está intimamente ligado ao desenvolvimento da identidade e da autonomia. Nessas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias.

Essa Diretriz tem como principal objetivo, criar condições para as crianças conhecerem, descobrirem e vivenciarem novos sentimentos, valores, ideias, costumes e papéis inseridos em um contexto acolhedor e amoroso, em que o educador torna-se o mais importante integrante do processo, necessitando, assim, autoeducar-se continuamente diante das diversas situações.

Essas situações geram a capacidade das crianças terem confiança em si própria e o fato de sentirem-se aceitas, compreendidas, ouvidas, cuidadas e amadas, oferecendo segurança para a sua formação pessoal e social.

3.2.1.2 Conteúdos:

As diversas atividades que podem proporcionar a comunicação e expressão dos desejos, desgostos, necessidades, preferências e vontades em brincadeiras e nas atividades cotidianas em que as crianças possam estar inseridas, são atividades de suma importância para o desenvolvimento da individualidade e expressividade. Assim como atividades simples que envolvam o contexto lúdico e de dramatização que se refiram à iniciativa para pedir ajuda nas situações em que isso se fizer necessário, escolha de brinquedos e objetos para brincar, bem como o devido respeito e cuidado com a manipulação, respeito às regras simples de convívio social, brincadeiras em que meninos e meninas possam participar sem discriminação de sexo, a participação em atividades cotidianas de arrumação e limpeza do seu ambiente, procedimentos relacionados à alimentação e à higiene das mãos, cuidado e limpeza pessoal, atitudes de gratidão e respeito na hora da refeição, sempre acompanhada de versos e canções que são citados diariamente, bem como identificação de situações de risco no seu ambiente mais próximo.

3.2.1.3 Avaliação:

No que se refere à formação da identidade e do desenvolvimento progressivo da independência e autonomia, são apontadas aqui aprendizagens prioritárias para crianças até os três anos de idade: reconhecer o próprio nome, o nome de algumas crianças de seu grupo e dos adultos responsáveis por ele e valorizar algumas de suas conquistas pessoais.

Desta forma, antes de avaliar a criança deve-se haver uma reflexão criteriosa sobre as condições que são colocadas diante dela e acima de tudo, da postura do educador frente às situações de conflito onde sua maturidade e equilíbrio emocional devem estar presentes.

A observação que o educador faz, bem como seus registros pessoais, tornam-se, então, muito mais um instrumento de resgate de algumas situações com o objetivo de reestruturá-las e/ou modificar o seu próprio comportamento diante delas, do que um instrumento de avaliação da criança propriamente dita. O parâmetro para a avaliação dessa criança deve ser ela própria, observando seu comportamento diante do grupo, com os materiais e objetos que utiliza, bem como sua atitude diante de situações de conflito em que sua estrutura emocional seja exigida.

3.2.2 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

3.2.2.1 Movimento

3.2.2.1.1 Objetivos:

Considerando que o movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana e que as crianças se movimentam desde o nascimento, adquirindo cada vez maior controle sobre seu próprio corpo e se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo, chega-se à conclusão de que o movimento humano é tão simples quanto o deslocamento do corpo no espaço, constituindo-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo.

Desta forma, diferentes manifestações dessa linguagem como a dança, a dramatização, os jogos, as brincadeiras, fazem uso de diferentes gestos, posturas e expressões corporais envolvendo ou não a intencionalidade.

Este trabalho com o movimento deve propiciar um amplo desenvolvimento dos aspectos motores das crianças, tanto no que diz respeito às atividades cotidianas como nas atividades voltadas para a ampliação da atividade corporal de cada criança.

Neste sentido, a Educação Infantil deve favorecer um ambiente físico e social, onde as crianças se sintam acolhidas e ao mesmo tempo, seguras para se arriscar e vencer os desafios.

Também se torna primordial que o professor cuide de sua expressão e postura corporal ao se relacionar com as crianças, pois sendo o modelo para elas fornece-lhes todo o repertório de gestos e atitudes nas diversas atividades que desenvolvem.

3.2.2.1.2 Conteúdos:

A organização dos conteúdos para o trabalho com o movimento deverá respeitar as diferentes capacidades das crianças em cada faixa etária, bem como priorizar o desenvolvimento de suas habilidades expressivas e instrumentais.

A – Expressividade

A dimensão expressiva do movimento contempla a expressão e comunicação de ideias, sensações e sentimentos pessoais de cada criança. Por essa razão, essa característica pessoal e individual do movimento deve ser considerada e acolhida em todas as situações cotidianas, possibilitando que as crianças utilizem gestos, posturas e ritmos próprios para se comunicarem.

Brincadeiras que envolvem o canto e o movimento, e brincadeiras de cunho afetivo nas quais o contato corporal é o seu principal conteúdo, possibilitam a percepção rítmica, a identificação das partes do corpo e o contato físico e amoroso com o adulto.

Alguns materiais, em contato com o corpo da criança, podem proporcionar vivências significativas no que diz respeito à sensibilidade corporal e ao desenvolvimento dos órgãos do sentido. As características físicas de fluidez, textura, temperatura e plasticidade da terra, da areia e da água propiciam atividades sensíveis interessantes, assim como o uso de tecidos de diferentes texturas e pesos em brincadeiras prazerosas como fazer cabanas, túneis, labirintos, entre outros.

As mímicas faciais e gestos possuem um papel importante na expressão dos sentimentos, assim sendo, brincar de fazer caretas ou de imitar bichos propicia a descoberta das possibilidades expressivas de si próprio e dos outros.

Participar de brincadeiras de roda ou de danças circulares favorece o desenvolvimento da noção de ritmo individual e coletivo como, também, as brincadeiras tradicionais, nas quais cada verso corresponde a um gesto, proporcionam a oportunidade de descobrir e explorar movimentos ajustados ao ritmo, promovendo também a possibilidade de expressar emoções.

B – Equilíbrio e coordenação

As ações que compõem as brincadeiras envolvem aspectos ligados à coordenação do movimento e ao equilíbrio, por exemplo, para saltar um obstáculo, as crianças precisam coordenar habilidades motoras como velocidade, flexibilidade e força, calculando a maneira mais adequada de conseguir seu objetivo. Por essa razão, deve-se assegurar e valorizar no cotidiano das atividades desenvolvidas na Educação Infantil, brincadeiras que contemplam a progressiva coordenação dos movimentos e o equilíbrio das crianças.

A ampliação progressiva da destreza para deslocar-se no espaço por meio da possibilidade constante de arrastar-se, engatinhar, rolar, andar, correr, saltar, entre outros,

podem ser organizadas através de atividades que exijam o aperfeiçoamento dessas capacidades motoras ou que lhes tragam novos desafios, são atividades adequadas a essa faixa etária. Assim, algumas brincadeiras podem contribuir para a qualidade das experiências motoras e posturais das crianças como, por exemplo, as atividades de contenção e manutenção do tônus muscular.

C – Organização do tempo

Devemos considerar que as atividades que envolvem jogos, brincadeiras, dramatizações, danças tradicionais, fazem parte da nossa cultura histórica e dessa forma contemplam a noção e organização do tempo para a criança.

Resgata-se esta característica histórica no momento da confecção e elaboração dos materiais que serão utilizados para esse fim.

3.2.2.1.3 Atividades Curriculares Referentes aos Conteúdos Propostos

- Cirandas e Dramatizações

Nessas atividades, as crianças são dispostas numa roda e através de movimentos, versos, canções e dramatizações, desenvolvem o conteúdo proposto. Esse conteúdo acompanha o ritmo do ano com suas festas, estações e é trabalhado todos os dias da mesma forma no mesmo horário no período de 3 a 4 semanas.

O ritmo da contração e expansão rege esse momento central obedecendo a necessidade da própria época, do grupo em si e de crianças com dificuldades específicas, sempre contando com a imitação na ajuda da aquisição da coordenação motora, da noção espacial, do equilíbrio e também harmonizando tendências que as crianças trazem, tais como dispersão, agitação, falta de fantasia, movimento sincronizado entre outros.

A música tem o papel de acompanhar as imagens criadas. Por exemplo, o gigante caminha com passos pesados e longos, portanto, usa-se ritmo lento e bem pausado; já o ratinho caminha rapidamente e com passos bem curtos. Nesta fase, ainda não há mistura de diferentes ritmos, a criança estará trabalhando de forma lúdica e artística sua lateralidade, orientação espacial, destreza, coordenação motora, equilíbrio, expressividade, noção de ritmo entre outros.

- Brincar e Brincadeiras

Ao contrário do que se pensa, o brincar livre, não dirigido ou proposto, é também um estimulador para um desenvolvimento que esteja de acordo com a maturidade e as capacidades motoras e imaginativas de cada criança.

A criança procura a atividade lúdica que melhor corresponde às suas necessidades evolutivas e momentâneas, seguindo inconscientemente e instintivamente os estímulos provenientes de uma sabedoria corpórea. Faz parte da natureza da criança querer sempre superar a si mesma, tornando-se cada vez mais capaz no domínio de sua própria corporalidade e na interação com o mundo.

Desta forma, nenhuma criança brinca para passar o tempo e sim, motivada por processos internos que vêm de encontro com uma linguagem pessoal e individual que deve ser proporcionada e respeitada.

3.2.2.1.4 Avaliação

A avaliação no movimento deve ser contínua, levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças, resultado de um trabalho intencional ou não do professor. Deverá constituir-se em um instrumento de reorganização de intervenções e posturas, bem como um melhor acompanhamento e conhecimento de cada uma e do grupo em questão.

Desta forma, a observação cuidadosa sobre a criança e sobre o grupo fornece elementos que podem auxiliar na construção de uma prática que considere o corpo e o movimento.

3.2.2.2 MÚSICA

3.2.2.2.1 Objetivos

A expressão musical é caracterizada pela ênfase nos aspectos intuitivo e afetivo e pela exploração (sensório-motora) dos materiais sonoros. As crianças integram a música às demais brincadeiras e jogos: cantam enquanto brincam, acompanham com sons os movimentos de seus carrinhos, dançam e dramatizam situações sonoras diversas, conferindo “personalidade” e significados simbólicos.

A música, por ser uma atividade artística e que toca o ser humano de forma profunda, tem na educação, e na pré-escola, uma função essencial.

Música é o envolvimento ordenado do tempo e de tons no espaço ao qual a criança pequena se liga de forma integral, pois vivencia esse movimento como expressão dos processos internos, dando-lhe possibilidade de levar este impulso ao encontro de leis e formas claras de pensar, sentir e agir, sem contudo, tirá-la do ambiente lúdico e de fantasias que lhe é próprio.

O trabalho com a música desenvolve nas crianças de 2 a 3 anos as capacidades de:

- Ouvir;
- Perceber;
- Identificar diversos sons;
- Conhecer fontes sonoras e produções musicais;
- Brincar com músicas;
- Imitar, inventar e reproduzir criações musicais.

3.2.2.2.2 Conteúdo

A organização dos conteúdos para o trabalho na área de música deverá, acima de tudo, respeitar o nível de percepção e desenvolvimento (musical e global) das crianças em cada fase, bem como as diferenças sócio culturais, entre elas:

- Exploração, expressão e produção do silêncio e de sons com a voz, com o corpo, com o entorno e diversos materiais sonoros;
- Interpretação de músicas e canções;
- Participação em brincadeiras e jogos cantados e rítmicos.

3.2.2.2.3 Atividades Curriculares Referentes aos Conteúdos Propostos

A música possui uma série de qualidades correspondentes ao estado físico e psíquico da criança pequena, sendo extremamente confortável e salutar, podendo expressar-se com fluência e leveza, criando diferentes estágios de consciência.

No Maternal, a professora utiliza-se da música para chamar as crianças em diferentes

atividades: arrumação, higiene pessoal, atenção para realizar as atividades, agitação, momento de descanso e outros, sendo um instrumento de harmonização do grupo.

3.2.2.2.4 Avaliação

A avaliação na área de música deve ser contínua, levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças, resultado de um trabalho intencional do professor. Deverá constituir-se em instrumento para reorganização de objetivos, conteúdos, procedimentos, atividades e como forma de acompanhar e conhecer cada criança e grupo.

Deve basear-se na observação cuidadosa do professor. O registro de suas observações será um valioso instrumento de avaliação. O professor poderá documentar os aspectos referentes ao desenvolvimento vocal (se cantam e como), ao desenvolvimento rítmico e motor, à capacidade de imitação, de criação e de memorização musical. É recomendável que o professor atualize, sistematicamente, suas observações, documentando mudanças e conquistas. Deve-se levar em conta que, por um lado, há uma diversidade de respostas possíveis a serem apresentadas pelas crianças, por outro, essas respostas estão frequentemente sujeitas a alterações, tendo em vista não só a forma como as crianças pensam e sentem, mas a natureza do conhecimento musical.

São consideradas como experiências prioritárias para a aprendizagem musical realizadas pelas crianças de zero a três anos:

- A atenção para ouvir;
- Responder ou imitar;
- A capacidade de expressar-se musicalmente por meio da voz, do corpo e com os diversos materiais sonoros.

3.2.2.3 Artes Visuais

3.2.2.3.1 Objetivos

Na Educação Infantil a Arte Visual requer profunda atenção, pois os pensamentos, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança devem ser trabalhados de forma integrada, visando favorecer o desenvolvimento das suas capacidades criativas.

Embora todas as modalidades devam ser contempladas, a fim de diversificar a ação das crianças na experimentação de materiais, do espaço e do próprio corpo, destaca-se o desenvolvimento do desenho, por sua importância no fazer artístico delas e na construção das demais linguagens visuais (pintura, modelagem).

As atividades em Artes Plásticas, que envolvem diferentes tipos de materiais, indicam possibilidades de transformação, de reutilização e de construção de novos elementos.

A aprendizagem em Arte garante oportunidades da criança de 2 a 3 anos ampliar seu conhecimento de mundo, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades, possibilidade de manuseio e o contato com formas diversas de exploração artística.

3.2.2.3.2 Conteúdos

Os conteúdos estão organizados em três itens – desenho, pintura e modelagem, visando oferecer visibilidade às especificidades da aprendizagem em Artes, embora as vivenciem de forma integrada.

- Exploração e manipulação de materiais, como giz de cera, papel de diferentes texturas, tintas, água, entre outros;
- Exploração e reconhecimento de diferentes movimentos gestuais desenvolvendo todos os segmentos de coordenação.

3.2.2.3.3 Atividades Curriculares Referentes aos Conteúdos Propostos

- Desenho Infantil

O desenho é uma das manifestações semióticas, isto é, uma das formas através das quais a função de atribuição da significação se expressa e se constroi. Desenvolver-se concomitantemente às outras manifestações, entre as quais o brinquedo e a linguagem verbal (PIAGET, 1973).

Importante característica do desenho infantil é a de que representa mais o que a criança sabe de um objeto do que o que ela vê.

Na etapa, pré-operacional ou simbólica, a criança ainda não opera mentalmente sobre os objetos, o que ela só conseguirá fazer a partir de aproximadamente sete anos. O período simbólico se caracteriza pelo desenvolvimento da capacidade de representação, em suas diferentes manifestações – a imitação, o brinquedo, a imagem mental, o desenho e a linguagem verbal. Essa capacidade é fundamental para a continuidade do processo de desenvolvimento: torna possível no período operatório, a transformação exclusivamente mental do objeto; no período formal já na adolescência, possibilita a abstração.

O desenho passa a ser conceituado como tal a partir do reconhecimento pela criança de um objeto no traçado que realizou. Nessa fase inicial, predomina no desenho a assimilação, isto é, o objeto é modificado em função da significação que lhe é atribuída, de forma semelhante ao que ocorre com o brinquedo simbólico. Na continuidade do processo de desenvolvimento, o movimento de acomodação vai prevalecendo, ou seja, há cada vez mais aproximação ao real e a preocupação com a semelhança ao objeto representado, direção que pode ser vista também no jogo de regras (PIAGET, 1971; 1973).

Outras condições do desenho são destacadas por Vygotsky. Uma delas é a relativa ao domínio do ato motor. O desenho é o registro do gesto, constituindo passagem do gesto à imagem. Essa característica é referente à percepção da possibilidade de representar graficamente, configuram o desenho como precursor da escrita. A percepção do objeto, no desenho, corresponde à atribuição de sentido dada pela criança, constituindo realidade conceituada, e não material. Inicialmente o objeto representado é reconhecido após a realização do desenho, quando a criança expressa verbalmente o resultado da ação gráfica, identificada ao objeto pela sua similaridade. Momento fundamental de sua evolução se constitui na antecipação do ato gráfico, manifestada pela verbalização, indicando a intenção prévia e o planejamento da ação (VYGOTSKY, 1988).

Vygotsky comenta a existência de “certo grau de abstração” na atitude da criança que desenha, ao liberar conteúdo da sua memória. Reconhece o papel da fala nesse processo, afirmando que a linguagem verbal é a base da linguagem gráfica constituída pelo desenho. Afirma que (...) os esquemas que caracterizam os primeiros desenhos infantis lembram conceitos verbais que comunicam somente os aspectos essenciais dos objetos” (op. cit., p. 127).

Em relação ao desenvolvimento da linguagem escrita, o autor propõe “(...) que o brinquedo de faz de conta, o desenho e a escrita devem ser vistos como momentos diferentes de um processo essencialmente unificado (...)” (op. cit., p. 131), motiva para que “(...) brincar e desenhar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem escrita” (op. cit., p. 134).

Embora focalizando diferentes aspectos do desenho, as concepções dos dois autores, a saber, Piaget, focalizando o sujeito do ponto de vista epistêmico e Vygotsky, contemplando-o do ponto de vista social, se aproximam em relação à importância do desenho no processo de desenvolvimento da criança e à característica de que a criança desenha o que a interessa, representando o que sabe de um objeto.

Derdyk (1989) salienta o poder de evocação - e interpretação - da imagem visual. O desenho, forma de pensamento, propicia oportunidade de que o mundo interior se confronte com o exterior, a observação do real se depara com a imaginação e o desejo de significar. Assim, memória, imaginação e observação se encontram, passado e futuro convergindo para o registro da ação no presente.

- Aquarela:

No dia a dia, a criança tem a possibilidade de vivenciar uma infinita variedade de cores. No azul do céu, no verde das plantas, na cor viva de uma flor, nas estações do ano que transformam a paisagem, enfim, em todo ambiente que a cerca. Para ampliar essa vivência de cores, são desenvolvidas, no Maternal, atividades com a utilização da aquarela.

Neste momento é usada uma tinta produzida a partir de pigmentos orgânicos que, além de não ser tóxica, proporciona a vivência intrínseca da cor em sua forma mais pura. O pigmento é diluído em água, mantendo assim, a pintura isenta de definições e contornos. São utilizadas as cores primárias (azul, vermelho e amarelo) e pelo encontro destas, decorrerá uma maravilhosa descoberta individual da transformação das cores.

- Modelagem:

Sendo o movimento e a vontade característicos da criança do 1º setênio, no Maternal o educador traz a modelagem como instrumento de trabalho. Este processo pode ser realizado em tanque de areia, no barro, na argila, no amassar o pão e nas massinhas de modelar.

Quando a criança faz a modelagem, ela expressa sua fantasia e criatividade, além de desenvolver, de forma lúdica, todos os segmentos de sua coordenação motora grossa e fina, o tato, as variações do tônus muscular, sensações térmicas.

Trabalhando com as artes plásticas, a criança utiliza uma série de ferramentas ou objetos que inicialmente não representam nada, mas com a sua interferência se transformam em algo bonito com expressão própria e, geralmente, com uma utilidade específica. Isto é um exemplo do que ela pode construir, dentre outros benefícios, isto colabora com a sua autoconfiança e disposição de realizar.

Resumindo, tem-se em Artes Visuais:

Desenho: Observar o desenvolvimento da consciência da criança e o estado de seu amadurecimento corpóreo, não devendo aprender a desenhar de forma dirigida, incentivando o desenho livre como atividade diária, usando giz de cera ou lápis de superfície larga.

Pintura: Em aquarela, com tintas e papel de boa qualidade, as crianças devem estar completamente à vontade, vivenciar as cores é o único critério e não a reprodução de um objeto ou a coloração de um desenho pré-impresso.

Modelagem: No processo de modelagem, utiliza-se de barro, do tanque de areia, da argila, do amassar o pão, das massinhas de modelar que exigem um certo esforço dos dedos, desenvolvendo, de forma lúdica, sua coordenação motora grossa e fina entre outras.

3.2.2.3.4 Avaliação

A avaliação deve buscar entender o processo de cada criança, a significação que cada trabalho comporta, afastando julgamentos como feio ou bonito, certo ou errado, que utilizados dessa maneira em nada auxiliam o processo educativo.

A observação do grupo, além de constante, deve fazer parte de uma atitude sistemática do professor dentro do seu espaço de trabalho. O registro dessas observações e das percepções que surgem ao longo do processo, tanto em relação ao grupo quanto ao percurso individual de cada criança, fornece alguns parâmetros valiosos que podem orientar o professor na escolha dos conteúdos a serem trabalhados. Podem, também, ajudá-lo a avaliar a adequação desses conteúdos, elaborando um planejamento com as necessidades específicas dessa faixa etária.

Em Artes Visuais, a avaliação deve ser sempre processual e ter um caráter de análise e reflexão sobre as produções das crianças. Isto significa que a avaliação para a criança deve explicitar suas conquistas e as etapas do seu processo criativo; para o professor, deve fornecer informações sobre a adequação de sua prática para que possa repensá-la e estruturá-la sempre com mais segurança.

São consideradas como experiências prioritárias em Artes Visuais realizadas para as crianças de zero a três anos: a exploração de diferentes materiais e a possibilidade de expressar-se por meio deles. Para isso, é necessário que essas crianças tenham tido oportunidade de desenhar, pintar, modelar, brincar com diversos tipos de materiais.

3.2.2.4 LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

3.2.2.4.1 Objetivos

O trabalho com a linguagem é um dos eixos básicos na Educação Infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para a interação com as outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e no desenvolvimento do pensamento.

A prática pedagógica do Maternal deverá promover as seguintes oportunidades às crianças:

- Participar de variadas situações de comunicação oral, para interagir e expressar desejos e sentimentos por meio da linguagem oral, contando suas vivências;
- Interessar-se por ouvir histórias;
- Familiarizar-se com a escrita por meio da participação em situações nas quais ela se faz necessária e do contato cotidiano com os livros, jornais, cartas, registros da professora e outros.

3.2.2.4.2 Conteúdos

O domínio da linguagem surge do seu uso em múltiplas circunstâncias, nas quais as crianças podem perceber a função social que ela exerce e assim desenvolver diferentes capacidades.

É no contato com os adultos que a criança vai adquirindo e desenvolvendo a linguagem. Portanto, o educador é responsável por apresentar de forma clara e bem articulada, tudo o que é feito durante a aula e assim, a criança do 1º setênio, tem como base a imitação. Ela reproduzirá o que vivenciou na linguagem oral, despertando o interesse pela escrita através do modelo do educador, que lê e escreve de acordo com as necessidades que surgem durante o dia.

- Uso da linguagem oral para conversação, comunicar-se, relatar suas vivências e expressar desejos, vontades, necessidades e sentimentos, nas diversas situações de interação presentes no cotidiano;
- Participação em situações de relato e/ou leitura de diferentes gêneros feitas pelos adultos como contos, poemas, canções etc;
- Participação em situações cotidianas nas quais o adulto faz uso da leitura e da escrita.

3.2.2.4.3 Atividades Curriculares Referentes aos Conteúdos Propostos

- Contos de fadas e histórias

A base para a real comunicação é estabelecida a partir da linguagem oral (fala), do fortalecimento da memória e da capacidade de concentração, quando são narrados para as crianças episódios da infância ou cenas do cotidiano e das brincadeiras que se repetem.

A voz do educador não transmite apenas o conteúdo do conto, a mesma comunica ternura, desata os nós da inquietação e desaparece com os fantasmas do medo, por meio da sua modulação, do seu volume e da sua música.

As crianças também assimilam, neste contato com a língua materna, as palavras e suas formas estruturais, pois o conto representa para elas um abundante conhecimento de informação do idioma.

Somente ao repetir muitas vezes o mesmo conto é que se proporciona a relação com cada detalhe, com a sequência de imagens, com a beleza da linguagem, enfim, é como se retornasse sempre a uma mesma paisagem e que, a cada vez, fosse vivenciada mais intensa e minuciosamente.

Entre todos os contos, os contos de fadas merecem atenção especial, pois são para a criança as linguagens ricas, profundas e matizadas, através das quais ela acolhe verdades acerca da vida anímica humana.

Os contos de fadas nos falam do desenvolvimento de uma alma individual, pois os personagens apresentam aspectos fundamentais que caracterizam as diferenças encontradas nos seres humanos.

As lutas, as batalhas, as vitórias, os sofrimentos, as alegrias e as tristezas humanas têm como cenário o íntimo do ser humano. Ao enfrentá-los, a criança se fortalece para trilhar o seu próprio caminho na vida.

O que é recebido na infância forma um verdadeiro tesouro a partir do qual a criança, no decorrer de sua vida, poderá haurir força, coragem, determinação, enfim, qualidades anímicas que nortearão sua conduta.

Ao narrar estes contos, o educador promove uma relação verdadeira e íntima. Para que este contato seja atento e real, ele deve evitar a leitura direta, o livro não pode se tornar um obstáculo para os olhos atentos das crianças e a atenção dirigida a elas pelo educador.

Apesar de as crianças do 1º setênio terem como base da comunicação a linguagem oral, procura-se não antecipar o aprendizado da leitura/escrita, no entanto, a criança poderá, pouco a pouco, e de acordo com seu desenvolvimento, entrar contato com o mundo da linguagem escrita.

Materiais espalhados pela escola (livros, avisos, bilhetes, anotações da professora), assim como o interesse da criança em conhecer a linguagem escrita, podem criar um ambiente de aprendizagem natural.

- Cirandas e Dramatizações

Nas cirandas são ouvidas e reproduzidas canções, poemas e versos que, repetidos todos os dias durante uma época, desenvolvem na criança a linguagem oral em seus diversos aspectos, tais como entonação, ritmo e articulação das palavras.

O mesmo se dá nas dramatizações, pois as crianças necessitam desenvolver a capacidade de expressar-se, bem como de ouvir para participar de pequenas encenações que acontecem naturalmente em suas brincadeiras, e que, também, podem ser propostas pela professora.

As brincadeiras cantadas fendem musicalidade, dança, dramatização, mímica e jogos (dependendo do enfoque a ser priorizado em cada atividade), representando um conhecimento de grande contribuição à vida de movimento da criança. As brincadeiras cantadas integram o conjunto de cantigas próprias da criança e por ela entoadas em seus brinquedos ou ouvidas dos adultos quando pretendem fazê-la adormecer ou instruí-la, transmitidas pela tradição oral. Alguns dos objetivos visados com a aplicação dos brinquedos cantados, seriam: auxiliar no desenvolvimento da coordenação sensório-motora; educar senso rítmico; favorecer a socialização; estimular o gosto pela música e pelo movimento; perpetuar tradições folclóricas e incentivar o civismo; favorecer o contato sadio entre indivíduos de ambos os sexos; disciplinar emoções: timidez, agressividade, prepotência, incentivar a autoexpressão e a criatividade.

O trabalho com brincadeiras cantadas, seja em salas de educação física ou outros espaços de ação pedagógica, requer do profissional a disposição de participar da multiplicidade cultural do universo lúdico da criança. O ensino tradicional, tendo o professor como o centralizador dos conhecimentos e o detentor da verdade, inviabiliza as trocas culturais e a riqueza do processo de (des) construção, haja vista que impede que a alteridade aconteça. Sem a capacidade de se colocar no lugar do “outro” dificilmente se é possível chegar até ele.

- Desenho Infantil

Os desenhos infantis são considerados signos e esquemas concretos, em que a criança procura dar significado. Deste modo, a expressão artística da criança, de modo consciente ou inconsciente, é uma forma de comunicação, visto que, por vezes, transmite a mensagem da criança, ou seja, aquilo que está a pensar e que quer dizer, mas não consegue.

Assim, a linguagem, através do desenho, é uma atividade importante, por isso, todos os educadores que trabalham com crianças dos dezoito meses aos seis anos devem ser capazes de compreender aquilo que as crianças querem transmitir com o desenho.

Para a criança do 1º setênio, o desenho é uma importante forma de expressão, são manifestações de forças formativas que estão agindo no seu interior.

Através dos desenhos, o educador pode observar o desenvolvimento do amadurecimento corpóreo ainda que não disponha da linguagem escrita, o desenho traz a possibilidade de comunicar-se de outra forma, além da linguagem oral.

O manuseio do giz de cera, o contato com a folha de papel e seus limites de espaço vão preparando a coordenação motora fina necessária à futura aprendizagem da escrita.

3.2.2.4.4 Avaliação

A avaliação deverá se dar de forma sistemática e contínua ao longo de todo o processo de aprendizagem.

Será feita uma sondagem inicial para obter informações necessárias sobre a criança através da ficha social preenchida pela família.

A observação será o principal instrumento para que a professora possa avaliar o processo de construção da linguagem pelas crianças.

Os registros das observações feitas pela professora, assim como a coleta de atividades realizadas pelas crianças (desenho, aquarela etc), serão indicadores que permitirão ter visão da evolução de cada criança.

Esse material deverá ser utilizado como um instrumento com o qual a professora poderá reorganizar suas intervenções, quando necessário, não só no seu trabalho com as crianças, mas também com orientações no âmbito familiar.

3.2.2.5 Natureza e Sociedade

3.2.2.5.1 Objetivos

O mundo onde as crianças vivem se constitui em um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis, diante do qual elas se mostram curiosas e participativas. Desde muito pequenas, pela interação com o meio natural e social no qual vivem, as crianças aprendem sobre o mundo, fazendo perguntas e procurando respostas às suas indagações e questões. Como integrantes de grupos sociais singulares, vivenciam experiências e interação com diversos temas a que têm acesso na sua vida cotidiana, construindo um conjunto de conhecimentos sobre o mundo que as cerca.

Considerando a grande diversidade de temas que este trabalho oferece, é necessário estruturá-lo de forma a escolher os assuntos mais relevantes para as crianças e o seu grupo social, mostrando o meio natural e social dentro de um contexto de respeito, amor e, sobretudo, confiança no mundo que está sendo descoberto e percebido.

3.2.2.5.2 Conteúdos

Os conteúdos aqui indicados deverão ser organizados e definidos em função das diferentes realidades e necessidades, de forma que possam ser de fato significativos para as crianças.

O trabalho com essa faixa etária acontece inserido e integrado no cotidiano das crianças, onde se destaca a participação em atividades que envolvam:

- Histórias;
- Brincadeiras;
- Jogos e canções que digam respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outros grupos;
- A exploração de diferentes objetos, de suas propriedades e de relações simples de causa e efeito;
- Conhecimento do próprio corpo por meio do uso e da exploração de suas habilidades físicas, motoras e perceptivas.

3.2.2.5.3 Atividades Curriculares Referentes aos Conteúdos Propostos

Uma das características da atualidade é o alto grau de autonomia alcançado pelo ser humano frente aos ritmos naturais que outrora regiam e condicionavam sua vida e atividade, por consequência, a organização de seu tempo. Essa autonomia permitiu-lhe desenvolver uma intensa atividade que enriqueceu notavelmente sua vida, mas, por outro lado, acarretou-lhe uma torrente de problemas.

Por isso, se faz necessário levar as crianças à percepção e observação dos processos rítmicos da natureza, intensificando, por exemplo, a vivência das estações do ano nas mais diversas situações. A passagem pelas estações do ano e suas festas é marcada por experiências bem concretas e pelo intenso processo de preparação para cada evento. Cultiva-se, dessa forma, o respeito pela natureza.

Essas atividades, assim regidas pelos ritmos da natureza, transmitirão segurança à criança, trazendo-lhe saúde e possibilitando o correto desenvolvimento dos órgãos dos sentidos.

Também é de relevante importância, dentro desse trabalho, que a criança vivencie o ciclo anual de uma forma direta, pois o perfaz com todo o seu ser, como se fizesse parte da natureza. Neste contexto, as festas anuais podem ser compreendidas mais conscientemente, cada uma de acordo com as suas características. Outro grande momento de comemoração é o seu aniversário onde é abordado o seu significado.

3.2.2.5.4 Avaliação

A avaliação não se dá somente no momento final do trabalho e sim é tarefa permanente do educador, instrumento indispensável à constituição de uma prática pedagógica e educacional verdadeiramente comprometida com o desenvolvimento integral das crianças. O registro se compreende como fonte de informação sobre as crianças e em seu processo de vivência do conteúdo que lhe é proposto. Esse registro é do acervo do professor, que lhe permite recuperar a história do que foi vivido, para que possa reavaliar e estruturar novos encaminhamentos para os temas e atividades desenvolvidas.

3.2.2.6 MATEMÁTICA

3.2.2.6.1 Objetivos

As crianças estão imersas em um universo no qual os conhecimentos matemáticos são parte integrante do seu cotidiano. Elas participam de uma série de situações envolvendo números, relações entre quantidades e noções sobre espaço. Toda essa vivência, dentro e fora da escola, favorece a elaboração de conhecimentos matemáticos.

As noções matemáticas (contagem, relações quantitativas e espaciais), são construídas pelas crianças a partir das experiências proporcionadas pelas interações com o meio e pelo intercâmbio com outras pessoas que possuem interesses, conhecimentos e necessidades que podem ser compartilhados. As crianças têm várias experiências com o universo matemático e outros que lhes permitem fazer descobertas, tecer relações, organizar o pensamento, o raciocínio lógico, situar-se e localizar-se espacialmente.

Para que a escola seja um espaço onde estas noções e conhecimentos possam ser desenvolvidos, a abordagem da Matemática tem como finalidade proporcionar oportunidades para que as crianças possam:

- Estabelecer aproximações e algumas noções matemáticas presentes no seu cotidiano como contagem, relações espaciais, entre outros;
- Familiarizar-se com os números, as contagens orais e as noções espaciais como ferramentas necessárias no seu cotidiano;
- Comunicar ideias matemáticas, hipóteses utilizando a linguagem oral;

3.2.2.6.2 Conteúdos

A seleção e a organização dos conteúdos matemáticos consideram os conhecimentos prévios e as possibilidades cognitivas das crianças para ampliá-los.

- Utilização da contagem oral, de noções de quantidade, de tempo e de espaço em jogos, brincadeiras e músicas junto ao docente e nos diversos contextos, nos quais as crianças reconheçam a necessidade desta utilização necessária;
- Manipulação e exploração de objetos e brinquedos para que cada criança possa descobrir as características e propriedades principais e suas possibilidades associativas: empilhar, rolar, transvasar, encaixar entre outros.

3.2.2.6.3 Atividades Curriculares Referentes aos Conteúdos Propostos

- Brincadeiras e Cantigas

Constitui-se em um rico contexto nos quais as ideias matemáticas podem ser vivenciadas pelas crianças.

Proporcionam situações de contagem, de posicionamento no espaço e no tempo, bem como entre os demais conteúdos apresentados.

- Música

Além das letras, onde estão inseridos números e quantidades, a música proporciona a vivência do elemento rítmico, que por ser dividido em tempos (espaços de tempos) e estruturado em forma de compassos que se repetem, em muito favorecem o desenvolvimento do pensar sequencial e lógico, que é base do raciocínio matemático.

- Vivência do ritmo do dia da Semana, das Épocas e das Festas

Marcação de tempo, noção de dia e noite, ontem, hoje e amanhã, dias da semana, os meses do ano, antes, agora e depois, são noções trabalhadas naturalmente no dia a dia através das atividades rítmicas.

- Brinquedos e Outros Elementos

Blocos de madeira, sementes de variadas formas, tamanhos e quantidades, areia, pedras, folhas, massas de modelar, além dos brinquedos que estão a disposição das crianças possibilitam o conhecimento das propriedades de volumes e formas, assim como desenvolvem diversas outras capacidades matemáticas.

3.2.2.6.4 Avaliação

A aprendizagem das noções matemáticas na Educação Infantil está centrada na relação de diálogo entre adultos e crianças durante as diversas atividades do dia a dia, assim como no manuseio de materiais e na vivência corporal no espaço.

A avaliação se dá através da observação da criança feita pelo docente. As noções que a criança já traz vão somando-se às que serão adquiridas e cabe à professora compreender como está acontecendo o processo de desenvolvimento de cada uma.

As observações a respeito de cada criança deverão ser registradas a fim de servirem como subsídios para as intervenções do docente. Os registros também serão necessários como fonte de dados em reuniões do corpo docente e/ou de pais.

PROPOSTA CURRICULAR

MATERNAL II - INFANTIL III (3 anos)

3.3 MATERNAL II - INFANTIL III

As crianças, neste estágio, gostam de contos de fadas, pois expressam, em palavras, suas próprias ansiedades em torno da magia.

Gostam de aventuras e de sentirem-se independentes. É fase dos medos: escuro, bichos e pessoas com vestuário diferente. É uma época difícil para a família, pois as crianças apresentam características extremamente instáveis, produzindo também reações inseguras em seus familiares.

Segundo pesquisadores, a criança nesta idade necessita de firmeza para que aprenda a conhecer seus limites.

Este período é caracterizado pelo desequilíbrio e pela insegurança, demonstrado por choros frequentes e por birras.

É a fase de maior socialização, portanto, com maior possibilidade de adaptação escolar, pois as crianças já conseguem formar grupos com dois ou três companheiros. Porém, não faltam ordens, exigências e empurrões.

Nesta fase, a criança é extremamente autoritária, dominadora, barulhenta e briguenta.

3.3.1 Linguagem Oral e Escrita

3.3.1.1 Pressuposto Teórico

O homem é um ser de linguagem, é a linguagem que o humaniza, que o diferencia. É pela linguagem que ele se relaciona com o outro e com o mundo. É pela linguagem que dá significado e sentido ao real, aquilo que aprende e apreende. É a linguagem que o forma como sujeito.

O trabalho com a linguagem é um dos eixos fundamentais da Educação Infantil que se “constituem em um dos espaços de ampliação de capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado pelas crianças”, (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil RCNEI, v. 3, p. 117). É por meio da linguagem oral que as crianças se comunicam, interagem com as pessoas, manifestam intenções, expressam sentimentos e vontades, dão sentido ao que vivem, vêem e aprendem.

Trabalhar com a linguagem oral é possibilitar espaços de comunicação onde as palavras têm sentidos.

O desenvolvimento da linguagem oral se dá de forma espontânea. Está diretamente ligado à qualidade das interações que as crianças estabelecem com adultos, com as crianças e as diversas situações de oralidade a que estão expostas.

“A escrita é um produto da cultura humana e se insere no percurso do desenvolvimento da função simbólica. A criança, para adquiri-la, precisa efetivar uma série de realizações do domínio da função simbólica. Uma delas é ser capaz de dar significado a uma forma, capacidade que ela adquire realizando colagens, dobraduras, desenhos, brincadeiras, principalmente de faz de conta e outras que incluem especificamente a representação. (...) A escrita é uma linguagem em construção na criança pequena. Exercendo as atividades próprias do desenvolvimento da

função simbólica – o desenho, a narrativa pelo movimento e a narrativa oral –, a criança estará construindo as bases, por assim dizer, necessárias para leitura e para escrita.

É preciso ter claro que trabalhar com a leitura e a escrita na Educação Infantil é possibilitar às crianças a apropriação de uma prática que faz parte do seu meio cultural, por meio da disponibilização de um conjunto de situações de uso real da leitura e da escrita.

Ao longo desse processo, há um número significativo de conhecimentos que as crianças devem adquirir: para que serve ler e escrever; o uso da leitura e da escrita no seu cotidiano e na vida das pessoas; o que pode ser lido; o que um texto deve possuir para que possa ser lido; os elementos que compõem um texto (letras, palavras, signos, linguísticos), entre outros.

3.3.1.2 Encaminhamento Metodológico

O desenvolvimento da linguagem oral ocorre gradativamente por meio de um processo de interação que envolvem tanto a participação das crianças nas conversas cotidianas, em situações de músicas, brincadeiras, entre outros, quanto na participação de situações mais formais de linguagem como aquelas que envolvem leitura e escrita de textos diversos.

É importante que o professor propicie às crianças situações em que:

- Conversem entre si, compartilhem suas experiências, relatem suas vivências (a roda de conversa é o momento privilegiado para essas trocas);
- Transmitam recados ou informações a pessoas que não fazem parte do seu grupo (outros professores ou funcionários da instituição, pais);
- Tenham contato com as músicas, os poemas, as histórias e as brincadeiras;
- Participem de narrativas interagindo com elas, seja como personagens, narradores ou ouvintes.

Conteúdos

Oralidade

- Argumentação;
- Participação em diferentes situações de leitura: cantigas, parlendas, nomes, trava-línguas, priorizando os fonemas;
- Ampliação do vocabulário: formar frases a partir de apreciação de fotos, imagens e histórias;
- Criação de pequenos espaços temáticos de dramatização;
- Participação na realização de pequenas tarefas do cotidiano que envolvam ações, conversas e cooperação;
- Vivenciar situações em que possam transmitir recados e convites;
- Jogos verbais e pedagógicos;
- Iniciativa para resolver pequenos problemas do cotidiano pedindo ajuda se necessário.

Escrita e Leitura

- Tudo tem nome: colocar o nome em objetos pessoais e locais;
- Atividades lúdicas de identificação do próprio nome;
- Jogos de leitura do próprio nome, registro;

- Leitura de diferentes gêneros textuais;
- Identificar rótulos produtos de higiene pessoal, produtos de limpeza etc;
- Brincar com rótulos produtos de alimentação;
- Uso dos símbolos próprios da escrita: ALFABETO - identificação da letra inicial do nome;
- Rodas de biblioteca;
- Tudo pode ser escrito: uso de símbolos conhecidos e expressões;
- Construção do alfabeto concreto;
- Ouvir a leitura de contos tradicionais: produzir registro;
- Participar de jogos dramáticos: produzir fantoches e máscaras;
- Ordenação de pensamentos: recontar com apoio, contos e histórias conhecidas;
- Produção coletiva de textos orais com cartões e quebra-cabeças.

3.3.1.4 Avaliação

A avaliação é um processo formativo que deve ser contínuo permitindo a inferência do educador através de sua ação pedagógica no processo ensino-aprendizagem, revelando informações significativas sobre as dificuldades aparentes.

A criança deverá receber na instituição de Educação Infantil a oportunidade de vivenciar experiências, envolvendo a linguagem oral, utilizando-se de diferentes recursos necessários ao diálogo, ouvir histórias e que experimentem momentos de elaboração de respostas, oportunidades em que elas possam ouvir e fazer colocações.

Em relação às práticas de leitura, é possível observar se as crianças pedem que o professor leia, procuram livros de histórias, outros textos no acervo, se consideram as ilustrações para antecipar os conteúdos dos textos, e se realizam comentários sobre o que “leram” ou escutaram.

Espera-se que ao ouvir histórias, as crianças experimentem, também, escrever nas situações nas quais isso se faça necessário.

3.3.2 Matemática

3.3.2.1 Pressuposto Teórico

Aprender matemática é um processo contínuo de abstração, no qual as crianças atribuem significados e estabelecem relações com base nas observações, experiências e ações que fazem, desde cedo, sobre elementos do seu ambiente físico e sociocultural.

O trabalho com noções matemáticas na Educação Infantil atende, por um lado, as necessidades das próprias crianças de construir conhecimentos que incidam nos mais variados domínios do pensamento, por outro, corresponde a uma necessidade social de instrumentalizá-las melhor para viver, participar e compreender um mundo que exige diferentes conhecimentos e habilidades.

Deve-se considerar o rápido e intenso processo de mudança vivido pelas crianças nesta faixa etária. Elas apresentam possibilidades de estabelecer vários tipos de relação (comparação, expressão de quantidade), representações mentais, gestuais, indagações e deslocamentos no espaço.

Essas ações ocorrem fundamentalmente no convívio social e no contato das crianças com histórias, contos, músicas, jogos, brincadeiras entre outros.

3.3.2.2 Encaminhamento Metodológico

“A metodologia na matemática deve englobar todos os conteúdos propostos para esta faixa etária, permitindo que o professor valorize a ação dos educandos, abrindo espaço para exercitarem suas habilidades mentais por meio de questionamentos, pesquisas, criação e verificação de hipóteses, enfim, que possam pensar em vez de receberem todos as informações prontas, desta forma, participarem ativamente do processo de conhecimento”. (Aprender com jogos e situações-problema, Macedo, de L; Petty, A, L. S; Passos, N. C, 2000 p. 36).

A criança precisa manipular objetos concretos para entender os conceitos abstratos da matemática:

Nos jogos numéricos a criança utiliza números e suas representações, amplia a contagem e estabelece correspondências;

Nos jogos espaciais a criança observa as figuras e suas formas, identifica propriedades geométricas dos objetos e faz representações, modelando, compondo, decompondo ou desenhando.

As situações de aprendizagem no cotidiano dos CMEI's podem ser organizadas de três maneiras:

- Atividades permanentes;
- Sequências de atividades;
- Projetos.

Atividades permanentes: São situações propostas de forma sistemática e com regularidade. A utilização do calendário, assim como distribuição de material, o controle de quantidades de peças de jogos, bem como o número de alunos presentes, ou de brinquedos, no cotidiano da instituição, podem atrair o interesse das crianças e se caracterizar como atividade permanente.

As sequências de atividades: Se constituem em uma série de ações planejadas e orientadas com o objetivo de promover uma aprendizagem específica e definida. Servem para oferecer desafios com grau de diferentes complexidade. Pode-se, por exemplo, organizar com as crianças atividades envolvendo ação de colecionar pequenos objetos como pedrinhas, tampinhas de garrafas, conchas, folhas, figurinhas e outros. Semanalmente, as crianças trazem novas peças e agregam ao que já possuem, anotam, acompanham e controlam o crescimento de suas coleções em registros.

Projetos: São atividades em torno da obtenção de um produto final, visível e compartilhado com as crianças em torno do qual são organizadas as atividades. A organização do trabalho em projetos possibilita a divisão de tarefas e responsabilidades e oferece contextos, nos quais a aprendizagem ganha sentido.

Cada projeto envolve uma série de atividades que também se organiza em uma sequência.

3.3.2.3 Conteúdos

Classificação, Seriação e Ordenação

- Percepção de diferenças e semelhanças (cor, textura, tamanho, forma).

Medidas e Grandezas

- Observação e comparação (tempo, volume, peso e comprimento): grande/pequeno, largo/estrito, alto/baixo, fino/grosso, maior/menor, curto/comprido, igual/diferente, cheio/vazio, mais/menos, ontem/hoje/amanhã;
- Noção espacial;
- Percepção da diferença entre dentro/fora, cheio/vazio, largo/estrito;
- Identificação das formas geométricas conhecidas: círculo, quadrado, triângulo, comparando-as com sucatas (noção dimensional) e/ou objetos que o cercam;
- Descobrimto de outros geométricos através de material concreto diversificado: cone, cilindro, cubo, retângulo.

Função Social dos Números

- Importância dos números em nossa vida;
- Conhecer a quantidade e símbolo numérico;
- Contagem de um a um.

Pensamento Lógico

- Aquisição de noção de quantidade em situações-problema (materiais concretos);
- Ideia aditiva (mais);
- Ideia subtrativa (menos);
- Ordenação de materiais concretos sob diferentes atributos, promovendo o amadurecimento da criança;
- Cálculo mental.

Os conteúdos acima citados deverão ser desenvolvidos através de:

- Brincadeira de supermercado (montar um mini-mercado com embalagens e rótulos, compras, caixa, pagamento, troco);
- Selecionar embalagens por cor, tamanho, textura, forma;
- Situações-problema (com e sem numerais);
- Cálculo mental.

OBS: Estas são sugestões para trabalhar os conteúdos aqui abordados, podendo ser inseridas outras atividades a partir da realidade da criança.

Os conteúdos propostos proporcionarão um amplo desenvolvimento cognitivo através da matemática.

3.3.2.4 Avaliação

Os instrumentos de avaliação na área da Matemática, na Educação Infantil acontecem por meio da oralidade e da observação.

As respostas das crianças, para explicar seus pontos de vista e as condutas escolhidas por elas para resolverem seus problemas, são indícios que auxiliam a compreender como

estão pensando, o que já sabem e que significados atribuem aos conteúdos trabalhados pelo educador. As informações colhidas durante esse processo contínuo de avaliação, servem para orientar o educador a planejar sua ação educativa de uma forma que atenda às necessidades de um determinado grupo de alunos em um determinado momento.

O educador deve manter o olhar atento ao desenvolvimento individual e do grupo que está trabalhando no momento, pois as crianças percorrem caminhos parecidos, mas com interpretações e tempos diferentes, de acordo com o meio em que vivem e principalmente dos estímulos recebidos dos adultos que as cercam.

O desenvolvimento infantil não é linear, as crianças avançam, aparentemente param ou recuam, conforme seu estado emocional ou pela necessidade de rever uma hipótese para aprimorá-la. É conhecendo bem a criança que o educador saberá se determinado conteúdo é adequado ou não.

3.3.3 Natureza e Sociedade

3.3.3.1 Pressuposto Teórico

O eixo de trabalho Natureza e Sociedade deve ser voltado para a ampliação de experiências das crianças e para a construção de conhecimentos diversificados sobre o meio social e natural. Neste sentido, refere-se ao conhecimento da diversidade de forma a explicar e representar o mundo em contato com as explicações científicas e a possibilidade de pensar sobre os eventos que as cercam (RCNEI, V.3, p.1660).

Esse eixo envolve temáticas relacionadas às Ciências Sociais e Naturais, são elas:

- Organização dos grupos e seu modo de ser, de viver e de trabalhar, ou seja, o estabelecimento de relações entre o cotidiano da criança e suas características sociais, culturais e históricas;
- Os lugares e suas paisagens, com a percepção dos elementos que as compõem e a ação transformadora do homem;
- Objetos e processos de transformação produzidos pelo homem para atender diferentes necessidades, sejam utilitárias ou estéticas;
- Os seres vivos: o ser humano, os animais, as plantas e as relações de interdependência que mantêm, bem como o desenvolvimento de atitudes de preservação e respeito à vida;
- Fenômenos da natureza, sua ocorrência em diferentes lugares e os reflexos provocados na vida das pessoas.

Este pressuposto preocupa-se em propor situações em que as crianças possam ampliar suas experiências e construir conhecimentos relacionados ao meio natural. Tais conhecimentos serão construídos gradativamente na medida em que as crianças forem tomando consciência do mundo, ou seja, questionando, observando, comparando e organizando informações sobre o meio. Assim, o conhecimento sempre estará em movimento e transformação, como a história da humanidade.

3.3.3.2 Encaminhamento Metodológico

Para que a criança avance na construção de seu conhecimento é indispensável que o educador desenvolva algumas estratégias de ensino que a possibilite:

- Formular perguntas;
- Buscar soluções para resolver problemas;
- Estabelecer relações na comparação de dados;
- Confrontar ideias;
- Formular coletiva e individualmente conclusões e explicações sobre o tema em questão;
- Utilizar, com a ajuda do educador, diferentes fontes de pesquisas;
- Utilizar a observação direta e instrumentos como binóculos, lupas e microscópios para obtenção de dados e informações;
- Visitar locais que oferecem informações, como museus e bibliotecas;
- Trabalhar registros como desenhos, fotografias e maquetes;
- Registrar informações, utilizando diferentes formas: desenhos, textos orais lidos pelo educador, comunicação oral registrada em gravador;
- Acompanhamento e percepção do desenvolvimento, importância e necessidades das plantas;
- Observação de diferentes tipos de plantas, valorizando suas produções;
- Despertar o cuidado pelas plantas e aquisição de noções de preservação ambiental, através de atividades extraclasse, jardinagem, filmes;
- Diferenciação de plantas/ flores/ frutas/ verduras/ legumes, estabelecendo diferenças e importâncias.

Animais

- Conhecimento de diferentes animais, estabelecendo hábitos, moradia, alimentação, sons emitidos;
- Utilização dos animais em benefício do homem (alimentação, transportes e outros).

Diante da grande diversidade de temas que este eixo oferece, é preciso estruturar o trabalho de forma a escolher os assuntos mais relevantes para as crianças e para o seu grupo social.

As crianças devem desde pequenas, serem instigadas a observar fenômenos, relatar acontecimentos, formular hipóteses, prever resultados para experimentos, conhecer diferentes contextos históricos e sociais e tentar localizá-los no espaço e no tempo. Podem, também, trocar ideias e informações, debatê-las, confrontá-las, distingui-las, e representá-las, aprendendo, aos poucos, como se produz um conhecimento novo ou porquê as idéias mudam ou permanecem.

3.3.3.3 Conteúdos

Identidade

- Quem sou eu?;
- Grupos sociais.

A Família

- Organização do grupo familiar;
- Diferentes grupos familiares (modo de viver, ser e trabalhar no passado e no presente);
- Casa;
- Tipos de moradias.

CMEI

- Professor e os colegas;
- Outros membros do CMEI;
- O material escolar;
- O mobiliário escolar;
- Atividades desenvolvidas no CMEI;
- Hábitos sociais, de higiene e de segurança;
- O CMEI: dependências e localização;
- As tradições culturais de sua comunidade e de outras.

Corpo Humano

- Conhecer as partes do corpo;
- Órgãos do sentido;
- PALADAR: diferenciação de alimento salgado/doce/amargo/azedo;
- AUDIÇÃO: desenvolvimento da acuidade auditiva, ritmo e diferenciação das diversas tonalidades e sons;
- VISÃO: discriminação visual de objetos, cores, formas e tamanhos;
- TATO: apalpar diferentes objetos, classificando-os como mole/duro, áspero/macio, leve/pesado, frio/quente;
- OLFATO: percepção e identificação de diferentes aromas como perfume, café, achocolatado entre outros;

Elementos e Fenômenos da Natureza

- Sol;
- Estrela;
- Lua;
- Ar;
- Água;
- Chuva;
- Mudanças climáticas, identificando-as: sol/ nublado/ chuvoso/ vento;
- Estações do ano: primavera/ verão/ outono/ inverno;
- Vestuário (adequado ao clima).

Plantas

- Observação de diferentes tipos de plantas/ flores/ frutas/ verduras/ legumes.

Animais de Estimação

- Apresentar diferentes animais, estabelecendo hábitos, moradia, alimentação, sons emitidos.

3.3.3.4 Avaliação

A avaliação é um aspecto abrangente do processo ensino-aprendizagem, pois tem um caráter diagnóstico e processual ao considerar o desenvolvimento das capacidades dos alunos com relação à aprendizagem de conceitos, de procedimentos e de atitudes.

A avaliação deve ser feita continuamente e não se restringir à verificação da aquisição de conceitos pelos alunos mediante questionários pontuais, nos quais se exigem somente definições de significados.

Existem várias formas pelas quais o professor tem condições de avaliar seus educandos. Ele pode, por exemplo, valer-se de:

- Observações do desenvolvimento da criança, utilizando alguns instrumentos de registro como tabelas, listas de controle, diário de classe, relatórios, entre outros;
- Questões orais e escritas;
- Acompanhamentos de pesquisas orientadas ou tarefas de casa;
- Dramatizações em classe;
- Desenhos ou produções criativas;
- Experimentações;
- Perguntas e respostas feitas pelas crianças;
- Interpretações de determinadas situações que possibilitem ao educando realizar comparações e estabelecer relações por meio de histórias, figuras, textos, entre outros.

A avaliação deve ser utilizada pelo educador como um instrumento que lhe permita identificar as conquistas e dificuldades dos alunos. Com base na avaliação, o educador poderá questionar e reelaborar sua prática pedagógica. O importante, na avaliação, é privilegiar a qualidade do pensamento e não a quantidade de conteúdos.

Em outras palavras, a prática da avaliação, com a finalidade de acompanhar o desenvolvimento e a aprendizagem cotidiana, auxilia o educador na medida que ao intervir, tendo reelaborado sua prática, as crianças avancem na direção esperada.

3.3.4 Movimento

3.3.4.1 Pressuposto Teórico

Atualmente, é necessário que o ser humano busque qualidade de vida em consequência da agitação cotidiana. Assim, pode-se considerar o movimento, com suas atividades físicas e sociais, como a área do conhecimento fundamental no processo do desenvolvimento humano, principalmente na melhora desta qualidade de vida que se pretende.

Para a criança, as atitudes do movimento significam muito mais do que mexer as partes do corpo ou se locomover no espaço.

Nestas atividades, ela tem a possibilidade de expressar-se e de interagir com outras pessoas, satisfazendo algumas de suas necessidades e ampliando as possibilidades do uso de gestos e posturas corporais.

Fazem parte das atividades de movimento: a dança, o jogo e as brincadeiras.

A organização dessas atividades deve considerar e respeitar o desenvolvimento de cada criança, não deixando, porém, de propor desafios, pois quanto mais rico eles forem, maior será a vivência e a exploração da criança em relação ao seu corpo.

3.3.4.2 Encaminhamento Metodológico

Cada criança possui um ritmo de movimento. O educador deverá ampliar seu ritmo e respeitar suas limitações.

Trabalhando com os aspectos positivos que ela tem, dá-se interesse ao que a criança sabe fazer e não ao que não sabe. Respeita-se, portanto, a globalidade da criança, isto é, sua senso-motricidade, sua emocionalidade, sua sexualidade, tudo de uma vez.

O movimento é a linguagem que possibilita às crianças agirem sobre o ambiente e mobilizarem as pessoas. São várias as manifestações dessa linguagem como a dança, o jogo, as brincadeiras, e nelas faz-se uso de diferentes gestos, posturas e expressões corporais.

O trabalho com o movimento está presente no cotidiano da sala de aula e deve ser mais explorado em situações de jogos ou brincadeiras.

Podem-se trazer atividades em que as crianças:

- Apoiem-se nos calcanhares;
- Coloquem um pé na frente do outro;
- Andem na ponta dos pés (sem fazer barulho);
- Imitem animais ao lado da professora, acompanhando seu ritmo (lento ou rápido);
- Andem de costas;
- Andem com os braços abertos, imitando avião;
- Escutem músicas que envolvem gestos;
- Reproduzam atividades em frente ao espelho;
- Exercitem a lateralidade: direita e esquerda.

O movimento como conceito pedagógico deve ser entendido como um meio facilitador das diversas aprendizagens adquiridas pelas crianças. Por isso, dá-se a oportunidade de propor uma dinâmica de trabalho pedagógico mais aberto e significativo, o qual, por meio da brincadeira e do movimento, propicia o trabalho cooperativo, a interação com o entorno e a conquista de aprendizagens importantes para a vida das crianças.

3.3.4.3 Conteúdos

- Danças, jogos, brincadeiras, gestos, posturas, e expressões corporais;
- Equilíbrio e coordenação.

3.3.4.4 Avaliação

A avaliação do movimento deve ser contínua, levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças, resultado de um trabalho intencional do educador. Deverá constituir-se em instrumento para a reorganização de objetivos, conteúdos, procedimentos, atividades e como forma de acompanhar e conhecer cada criança e grupo.

Pode-se dizer que o educador avalia a aquisição da capacidade da criança em suas diferentes ações. Os parâmetros a ter-se em conta são:

- A qualidade e quantidade de movimentos;
- A relação com os demais e com os objetos;
- O discurso elaborado nos diferentes espaços.

Um dos objetivos operativos da avaliação é obter um diagnóstico, seja ele através de relatórios ou parecer de cada criança, para assim ir acompanhando com maior facilidade as

mudanças que as mesmas vão produzindo ao longo do desenvolvimento evolutivo individual.

A criança deve estar consciente de suas conquistas, devido à possibilidade de construir suas experiências, de diferentes modos ou simplesmente pelos comentários do educador que lhe ajuda a refletir sobre a realidade.

3.3.5 Música

3.3.5.1 Pressuposto Teórico

A criança é naturalmente musical, podendo continuar com essa musicalidade se for devidamente estimulada, pois a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio.

O fazer musical é a forma de comunicação e expressão que acontece por meio da improvisação, da composição e da interpretação.

Presente no cotidiano de modo intenso, no rádio, na TV, em gravações e outros, nas brincadeiras e nas manifestações espontâneas ou pela intervenção do educador ou familiares, além de outras situações do convívio social, a linguagem musical tem estrutura e características próprias, devendo ser considerada como produção, apreciação e reflexão.

Neste contexto, deve ser considerado o aspecto da integração do trabalho musical às outras áreas, já que, por um lado, a música mantém contato direto com demais linguagens expressivas (movimento, expressão cênica, artes visuais) e por outro torna possível à realização de projetos integrados.

A linguagem musical é um excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, do ritmo, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social.

3.3.5.2 Encaminhamento Metodológico

O educador deve proporcionar à criança diferentes meios de explorar e identificar elementos da música para se expressar, interagir com os outros e ampliar seu conhecimento do mundo, além de perceber e expressar sensações, sentimentos e pensamentos por meio de improvisações, composições e interpretações musicais.

O procedimento metodológico deve ser considerado essencial ao se pensar na aprendizagem deste eixo, pois o contato intuitivo e espontâneo com a expressão musical, desde os primeiros anos de vida, é importante ponto de partida para o processo de musicalização.

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos, entre outros, são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem às necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva.

Aprender música significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando a criança para níveis cada vez mais elaborados. Na Educação Infantil propõem-se a:

- Exploração de materiais sonoros e uso de instrumentos;
- Exploração, interpretação e participação em jogos e brincadeiras de música popular, folclore, música de outros povos;
- Escuta de obras musicais variadas;
- Organização do som e do silêncio em linguagem musical (exercício da audição).

3.3.5.3 Conteúdos

- Sons;
- Brincadeiras cantadas;
- Música (folclore, popular e infantil).

3.3.5.4 Avaliação

A avaliação na área de música deve ser contínua, levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças, resultado de um trabalho intencional do educador. Deverá constituir-se em instrumento para reorganização de objetivos, conteúdos, procedimentos, atividades, e como forma de acompanhar e conhecer cada criança e grupo.

A avaliação deve basear-se na observação cuidadosa do educador. Por isso, o registro de suas observações sobre cada criança e sobre o grupo será um valioso instrumento de avaliação.

O educador deverá documentar os aspectos referentes ao desenvolvimento vocal (se cantam e como) ao desenvolvimento rítmico e motor, a capacidade de imitação, de criação e de memorização musical.

Recomenda-se que o educador atualize, sistematicamente, suas observações, documentando mudanças e conquistas. Deve-se levar em conta que, por um lado, há uma diversidade de respostas possíveis a serem apresentadas pelas crianças, e, por outro, essas respostas estão frequentemente sujeitas a alterações, tendo em vista não só a forma que as crianças pensam e sentem, mas a natureza do conhecimento musical.

Ao avaliar a criança o educador deverá considerar sua:

- Atenção para ouvir;
- Responder ou imitar;
- Capacidade de expressar-se musicalmente por meio da voz, do corpo e com os diversos materiais sonoros.

A conquista de habilidades musicais, no uso da voz e dos instrumentos, deve ser observada, acompanhada e estimulada, tendo-se claro que não devem constituir-se em si mesmas e que pouco valem se não estiverem integradas a um contexto em que o valor da música, como forma de comunicação e representação do mundo, se faça presente.

3.3.6 Artes Visuais

3.3.6.1 Pressuposto Teórico

A Arte está presente no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão e outros), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das “artes” para expressar experiências sensíveis.

O desenvolvimento da imaginação, da expressão e da sensibilidade ocorrerá à medida que os alunos tiverem contato com produções artísticas.

Assim a Arte deve envolver três áreas:

- O fazer artístico;
- A leitura de imagem;
- A história da Arte.

A Arte deve propiciar às crianças o exercício de seu próprio princípio democrático, o acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, permitindo, assim, uma difusão das diversas culturas existentes no Brasil e no mundo.

3.3.6.2 Encaminhamento Metodológico

Os conteúdos da aprendizagem em Artes Visuais poderão ser organizados de modo a permitir que, por um lado, a criança utilize aquilo que já conhece e tem familiaridade e por outro, que possa estabelecer novas relações, ampliando seus saberes sobre os assuntos abordados.

Tendo clareza do seu projeto de trabalho, o educador dará maior qualidade à sua ação educativa ao garantir que a criança:

- Explore e manipule lápis e pincéis de diferentes texturas e espessuras, brochas, carvão, carimbos, materiais como tinta, água, areia, terra, argila e variados suportes gráficos entre eles: jornal, papel, papelão, parede, chão, caixas e madeiras;
- Crie desenhos, pinturas, colagens e modelagens, partindo de seu próprio repertório e da utilização dos elementos das artes visuais: ponto, linha, forma, cor, volume, espaço, textura;
- Explore a aprofunde as possibilidades oferecidas pelos diversos materiais, instrumentos e suportes necessários para o fazer artístico;
- Explore os espaços bidimensionais e tridimensionais na realização de seus projetos artísticos;
- Organize e cuide dos materiais no espaço físico da sala de aula;
- Respeite, cuide e valorize as produções individuais e coletivas;
- Realize a leitura de obras de arte, partindo da observação, narração, descrição e interpretação de imagens e objetos;
- Conheça a diversidade de produções artísticas como os desenhos, pinturas, esculturas, construções, fotografias, colagens, ilustrações;
- Aprecie as produções individuais e coletivas;
- Observe os elementos constituintes da linguagem visual;
- Aprecie as Artes Visuais e estabeleça a correlação com experiências pessoais.

3.3.6.3 Conteúdos

- Leitura de obras de artes;
- Desenhos;
- Fotos;
- Figuras;
- Texturas;
- Colagens;
- Pinturas.

3.3.6.4 Avaliação

A avaliação em Artes Visuais deve ser entendida como um dos elementos que permite o aprimoramento dos conteúdos e a compreensão das transformações ocorridas no processo histórico-social, possibilitando aos alunos a explicitação das relações que constituem o conhecimento em sua totalidade.

A avaliação deve dar ao educador condições de acompanhar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, retomando sua prática para permitir ao aluno a apropriação do conhecimento. Ela terá um caráter dinâmico, contínuo e cooperativo, abrangendo a prática pedagógica de todos os sujeitos envolvidos no processo.

A evolução das produções realizadas pelas crianças na sala de aula deverá ser registrada pelo professor de maneira objetiva, isto é, pela comparação do trabalho criador da criança e da proposta lançada pelo professor, verificando os resultados obtidos, como também sugerindo soluções àqueles que não alcançaram os resultados esperados.

Desta forma, a avaliação deve ser processual e ter um caráter de análise e reflexão sobre as produções das crianças. Isso significa que para a criança, ela deve explicitar suas conquistas e as etapas do seu processo criativo, para o professor, deve fornecer informações sobre a adequação de sua prática para que possa repensá-la e estruturá-la sempre com mais segurança.

PROPOSTA CURRICULAR

PRÉ-I / INFANTIL IV (4 anos)

3.4 PRÉ I – INFANTIL IV

3.4.1 Linguagem Oral e Escrita

3.4.1.1 Pressuposto Teórico

A linguagem é um processo dinâmico, histórico e social que se modifica ao longo do tempo. Reconhecer isso deve levar os educadores a compreender e respeitar as diferentes formas de falar de cada criança. Pois falar e ouvir são habilidades importantes a serem desenvolvidas na Educação Infantil.

O trabalho com a linguagem se constitui em um dos eixos básicos e relaciona-se com as quatro competências linguísticas: falar, ouvir, ler e escrever.

Aprender a falar não consiste apenas em memorizar sons e palavras. A aprendizagem da fala, pelas crianças, não se dá de forma desarticulada da reflexão, do pensamento, da explicitação de seus atos, dos sentimentos, das sensações e dos desejos, mas ocorre em um processo de aproximações sucessivas com a fala do outro, seja ela do pai, da mãe, do educador, dos amigos ou daquelas ouvidas na televisão, no rádio e outros.

A escrita é uma linguagem em construção na criança. É preciso ter claro que trabalhar com ela, na Educação Infantil, é possibilitar a apropriação de uma prática que faz parte do meio cultural, disponibilizando um conjunto de situações de real uso da leitura e escrita com acesso possível a livros infantis, jornais e revistas.

Sabe-se, também, que as hipóteses elaboradas pelas crianças em seu processo de construção de conhecimento não são idênticas em uma mesma faixa etária porque depende do grau de letramento de seu ambiente social, ou seja, da importância da escrita no meio em que vivem e das práticas sociais de leitura e escrita que podem presenciar e participar.

3.4.1.2 Encaminhamento Metodológico

A criança lê o mundo que a rodeia a partir de um aprendizado sistemático de leitura e escrita.

Ela formula hipóteses acerca do que a escrita representa, cria sistemas de representação e faz tentativas de leitura. A partir desses conhecimentos é que a prática do educador deve ser desenvolvida. O educador é o principal responsável pela organização desses conhecimentos, e estes devem ser compartilhados na construção coletiva. É importante que as crianças levem hipóteses, troquem informações e busquem soluções. Só assim a aquisição da escrita poderá ser considerada como um processo construído ao longo da vida.

É necessário oportunizar situações de uso da linguagem oral, pois sua construção se dá por aproximações sucessivas da fala do outro. Logo, sempre que possível, permitir a criança a participação em atos de linguagem como contar uma história, dar recados, justificar suas respostas, relatar fatos, descrever cenas e objetos e contar o que criou. Também é fundamental propiciar o trabalho ativo de manipulação de diversos jogos com o alfabeto móvel.

Sugere-se, ainda, a identificação das letras iniciais do nome, a contagem de números e letras, pesquisas de palavras que começam ou terminam com a letra do nome e outros.

Explorar as rimas presentes nas quadrinhas e incentivar as crianças a criarem novas rimas.

É importante dar exemplos práticos de uso da escrita para que o educando perceba sua utilidade e reforce seu desejo de aprender a ler e escrever.

Deve-se transformar a sala de aula em um ambiente que estimule as mais variadas situações de escrita. Usar as produções de textos coletivos, como estímulo para o estabelecimento de uma relação positiva com a linguagem escrita, lembrando que a oralidade deve ser muito explorada em sala de aula, possibilitando a criança expor suas ideias, construir a narrativa e reconstruir fatos ou relatar experiências.

Para que todo esse aprendizado ocorra se fazem necessários:

- Cantigas, parlendas, nome, trava-línguas, fonemas P, T, K, M, N, F, R, B, D, G;
- Ampliação do vocabulário: formar frases a partir da apreciação de fatos, imagens de histórias;
- Roda de conversa relatando suas vivências além da escola, priorizando vivências familiares inclusive às figuras materna e paterna;
- Viver situações de transmitir recados e convites;
- Jogos verbais e pedagógicos, adivinhas, trava-línguas, parlendas e rimas;
- Ordenação dos pensamentos: recontar com apoio, contos e histórias conhecidas;
- Espaços para dramatização;
- Tudo tem nome: colocar o nome próprio em objetos pessoais e locais;
- Atividades lúdicas: identificação do próprio nome;
- Jogos de leitura do próprio nome: registro;
- Leitura de diferentes gêneros textuais;
- Identificar rótulos: produtos de higiene pessoal, de limpeza, de alimentação;
- Uso dos símbolos próprios da escrita: alfabeto (identificação da letra inicial);
- Rodízios à biblioteca;
- Tudo pode ser escrito: uso de símbolos conhecidos e expressões;
- Construção do alfabeto concreto;
- Ouvir a leitura de contos tradicionais: produzir registros através do desenho;
- Participar de jogos dramáticos, produzir fantoches e máscaras;
- Produção coletiva de textos orais: com cartões e quebra-cabeça.

3.4.1.3 Conteúdos

ORALIDADE

- Cantigas;
- Parlendas;
- Nome;
- Trava-línguas;
- Fonemas P-T-K-M-N-F-B-D-G;
- Adivinhas;
- Rimadas;
- Contos;
- Histórias.

LEITURA ESCRITA

- Gêneros textuais;
- Textos orais;
- Rótulos;
- Alfabeto;
- Jogos dramáticos;
- Símbolo;
- Desenho.

3.4.1.4 Avaliação

Nenhuma proposta de organização do trabalho está completa sem expressar sua concepção sobre avaliação. Afinal, a forma como os educadores realizam suas avaliações expressam, em último grau, a sua concepção de educação.

Sendo assim, o processo de avaliação precisa estar inserido no dia a dia do educador. É imprescindível, ao educador, partilhar da análise e da reflexão das produções da criança para conhecer seus avanços.

A avaliação deve nortear a prática do professor.

Não é possível apenas preencher listas, formulários ou fichas de avaliação, pois isto tudo significaria somente comparar e medir, classificando as crianças. O registro da avaliação deve ser o registro da história vivida pela criança, no período descrito. Desta forma, podem-se utilizar relatórios descritivos e portfólios.

Durante as atividades de leitura é possível observar se as crianças pedem que o professor leia, se procuram livros de histórias ou outros textos no acervo, se consideram as ilustrações ou outros indícios para antecipar o conteúdo dos textos, se realizam comentários sobre o que leram ou escutaram e se compartilham com os outros o efeito que a leitura produziu.

Com relação à escrita, pode-se observar se as crianças tentam escrever seu nome e de outros.

3.4.2 Matemática

3.4.2.1 Pressuposto Teórico

Fazer matemática é expor ideias próprias, escutar as dos outros, formular e comunicar procedimentos da resolução de problemas, confrontar, argumentar e procurar validar seu ponto de vista, antecipar resultados de experiências não realizadas, aceitar erros, buscar dados que faltaram para resolver problemas e outras coisas.

Desta forma as crianças poderão tomar decisões, agindo como produtoras de conhecimento e não apenas executoras de instruções. Portanto, o trabalho com a Matemática pode contribuir para a formação de cidadãos autônomos, capazes de pensar por conta própria, sabendo resolver problemas.

O ensino da matemática deve possibilitar o contato com o material concreto, com textos do mundo real, com jogos e brincadeiras, com comparações diversas, partindo das experiências das crianças.

Nesse contexto o papel do educador deve ser o de fazer interferências e questionamentos para que elas ampliem suas ideias sobre a matemática.

Segundo o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil), o ensino da matemática está composto por três blocos:

- Números e sistema de numeração;
- Grandezas e medidas;
- Espaço e forma.

Embora os conhecimentos prévios não se mostrem homogêneos porque resultam das diferentes experiências vividas pelas crianças, eles são os pontos de partida para a resolução de problemas e, como tais, devem ser considerados pelos adultos. Cada atividade e situação-problema propostas devem considerar esses conhecimentos prévios e prever estratégias para ampliá-los.

Ao se trabalhar com os conhecimentos matemáticos por meio da resolução de problemas as crianças estarão, conseqüentemente, desenvolvendo sua capacidade de generalizar, analisar, sintetizar, inferir, formular hipótese, deduzir, refletir e argumentar.

3.4.2.2 Encaminhamento Metodológico

Conforme a criança se desenvolve, o significado da contagem se diversifica.

Quando ainda pequena, ela recita a sequência numérica, sem se referir a objetos externos. Essa recitação oral dos números é uma importante forma de aproximação com o sistema de numeração. Ao contar objetos, as crianças aprendem a distinguir o que já contaram do que ainda não contaram e aprendem a não repetir a contagem do mesmo objeto. Pode-se propor problemas relativos à contagem de diversas formas, pois comparar, ordenar e ler os números são procedimentos indispensáveis para a compreensão do significado da notação numérica.

Os números devem aparecer em diversos contextos, assim a criança é desafiada a aprender e desenvolver o seu próprio pensamento, produzindo conhecimentos do sistema numérico.

Os aspectos relevantes da numeração para as crianças são os que fazem parte das suas vidas cotidianas. Pesquisar os diferentes lugares em que os números se encontram, investigar como são organizados e sua função é fundamental para que possam iniciar a compreensão sobre a organização do sistema de numeração. Esta pesquisa pode ser feita com cada membro de seu grupo (idade, número do sapato, de roupas, altura, peso e outros). Com a ajuda do educador, pode-se montar uma tabela, gráficos e criar situações problemas, comparar e ordenar escritos numéricos. O educador também pode criar situações problemas através de jogos de cartas e de adivinhações para que as crianças pensem e utilizem a sequência dos números.

O cálculo é aprendido junto à noção de número e a partir de seu uso em jogos e situações-problema. Nestas situações, as crianças calculam fazendo uso dos dedos, lápis, papel e outros.

Deve-se propor situações em que tenham necessidade de resolver problemas e não contas isoladas, o que contribui nas estratégias e procedimentos próprios para a resolução.

As medidas (tamanho, peso, volume, temperatura) estão presentes em muitas atividades cotidianas das crianças. O educador deve partir dessas práticas para propor situações-problema em que a criança possa ampliar, aprofundar e construir novos sentidos para seus conhecimentos. Um bom exemplo são as atividades culinárias que envolvem várias unidades de medidas (tempo, quantidade, peso, litro e outros).

Fazer a comparação de comprimentos, pesos e capacidades, permite às crianças pensar nas características opostas das grandezas.

A geometria compreende as relações e representações espaciais que a criança desenvolve desde pequena pela exploração sensorial dos objetos, deslocamentos que realizam no meio ambiente e da resolução de problemas. Nesta faixa etária, as experiências ocorrem mais na sua relação com a estruturação do espaço e não em relação à geometria propriamente dita. Por isso que na Educação Infantil deve-se colocar desafios que dizem respeito às relações habituais das crianças com o espaço como construir, deslocar-se e desenhar. Assim, a instituição apresenta situações significativas que dinamizam a estruturação de um espaço, onde a criança possa desenvolver e adquirir um controle cada vez maior sobre suas ações e consiga resolver problemas de natureza espacial.

O desenho é uma forma privilegiada de representação, no qual as crianças podem expressar seus pensamentos e registrar informações. O educador pode propor situações que propiciem troca de ideias sobre as representações tridimensionais (construção em bloco de madeira, maquetes, painéis e outros), permitindo uma exploração mais profunda das propriedades e características dos objetos, assim como seus usos (sociais e simbólicos).

Para isso, a criança precisa explorar as propriedades reais dos materiais, podendo, gradativamente, relacioná-los e transformá-los em função dos diferentes argumentos do faz-de-conta.

Conteúdos complexos trazem implícita a ideia de que a criança vai construir seu conhecimento matemático por meio de sucessivas reorganizações ao longo da sua vida, dando-se crescente atenção à construção de conceitos e procedimentos especificamente matemáticos.

3.4.2.3 Conteúdos

- Classificação, seriação e ordenação.
- Percepção de diferenças e semelhanças (cor, textura, tamanho, forma).

Medidas e Grandezas Observação e Comparação

- Grande/pequeno;
- Fino/grosso;
- Curto/comprido;
- Cheio/vazio;
- Alto/baixo;
- Maior/menor;
- Igual/diferente;
- Mais/menos;
- Largo/estrito.

Medidas de tempo

- Ontem/hoje/amanhã;
- Dia/noite.

Noção espacial Percepção da diferença entre

- Dentro/fora;
- Largo/estrito;
- Cheio/vazio;
- Alto/baixo.

.Figuras geométricas

- Identificação das formas geométricas conhecidas (círculo, quadrado, triângulo), comparando-as com sucatas (noção dimensional) e ou objetos que os cercam;
- Descobrimto de outros geométricos através de material concreto diversificado: cone/cilindro/cubo/retângulo.

Função social dos números

- Importância dos números em nossa vida;
- Conhecer a quantidade de símbolos numéricos;
- Contagem decorrente do cotidiano, recitar a sequência, jogar e registrar;
- Contagem de um a um.

Pensamento lógico

- Aquisição de noção de quantidade com situações-problema (materiais concretos);
- Ideia aditiva (mais);
- Ideia subtrativa (menos);
- Ordenação de materiais concretos sobre diferentes atributos promovendo o amadurecimento da criança;
- Cálculo mental simples.

3.4.2.4 Avaliação

A avaliação na Matemática, dá ênfase na observação da criança por meio de jogos, das atividades e de seu entendimento sobre diferentes domínios que vão além da própria matemática.

Espera-se que a partir dessa idade, as crianças utilizem conhecimentos da contagem oral, registrem quantidades de forma convencional ou não, e comuniquem posições relativas à localização ou pessoas e objetos, ou seja, deve-se observar se as crianças sabem contar e reconhecem os números, percebem diferenças e semelhanças, possuem ideia aditiva e subtrativa e resolvam situações problemas com lógica.

A concepção desta Proposta Curricular compreende estas atividades como parte integrante e intrínseca do processo educacional, pois envolve um conjunto de atuações que têm a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica.

A avaliação subsidia o educador com elementos para uma reflexão contínua sobre a prática, por isso, ela deve ocorrer sistematicamente durante todo o processo de ensino e aprendizagem, e não somente após o fechamento das etapas do trabalho.

Sugere-se, pois, que a avaliação tenha um caráter diagnóstico e investigativo, que instrumentalizará o educador para que ele possa pôr em prática o seu planejamento de forma adequada às características de seus alunos. Como orientações para a avaliação são indicados os seguintes aspectos:

- Observação sistemática;
- Análise das produções dos alunos;
- Atividades específicas para a avaliação.

3.4.3 Natureza e Sociedade

3.4.3.1 Pressuposto Teórico

O mundo, onde as crianças vivem, se constitui em um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis diante do qual elas se mostram curiosas e investigativas.

Desde muito pequenas, pela interação com o meio natural e social em que vivem, as crianças aprendem sobre o mundo, fazendo perguntas e procurando respostas às suas indagações e questões.

Como integrantes dos grupos socioculturais singulares, as crianças vivenciam experiências e interagem em um contexto de conceitos, valores, ideias, objetivos e representações sobre os mais diversos temas que têm acesso na vida cotidiana, construindo um conjunto de conhecimentos sobre o mundo que as cerca.

Muitos são os temas pelos quais as crianças se interessam: pequenos animais, bichos de jardim, dinossauros, tempestades, tubarões, castelos, heróis, festas da cidade, programas de TV, notícias da atualidade, histórias de outros tempos, etc. As vivências sociais, as histórias, os modos de vida, os lugares e o mundo natural são para as crianças parte de um todo integrado.

O eixo de trabalho denominado Natureza e Sociedade reúne temas pertinentes ao mundo social e natural. A intenção é que o trabalho ocorra de forma integrada ao mesmo tempo em que são respeitadas as especificidades das fontes, das abordagens e dos enfoques advindos dos diferentes campos das Ciências Naturais e Sociais. Essa visão integradora é a mais adequada, pois favorece a percepção da criança em relação ao mundo e a aprendizagem.

Neste contexto, o presente pressuposto norteou-se de uma abordagem integral e global das diferentes linguagens e áreas de conhecimento, propondo questionamentos das atividades realizadas na Educação Infantil, referentes ao tratamento dos conteúdos relacionados às Ciências Naturais e Sociais, como repetição, cópia, colorir produções prévias, preleções, atividades vinculadas ao calendário nacional (comemorações), atividades voltadas para o desenvolvimento da compreensão de tempo e espaço e a transmissão de algumas noções relacionadas aos seres vivos e ao corpo humano, que podem ser substituídas por experiências que possibilitem uma aproximação ao conhecimento das diversas formas de representação e explicação do mundo social e natural.

Para as crianças, nesta faixa etária, não são estabelecidos conteúdos específicos. A Proposta Curricular indica a exploração do cotidiano, o contato com animais e plantas e o uso de objetos diversos.

Como é possível perceber, os diferentes blocos de conteúdos integram os conhecimentos das Ciências Naturais e Sociais, sendo que a base da integração é o contexto sociocultural no qual as crianças estão inseridas.

3.4.3.2 Encaminhamento Metodológico

A reflexão sobre os lugares e as paisagens acontece a partir da observação intencional de alunos e educadores. O professor pode indagar seus alunos para incentivar a reflexão conforme o contexto em que se dá o trabalho.

As crianças devem estabelecer relações entre os temas tratados e os aspectos sociais vinculados a eles. É importante a ênfase nas mudanças que ocorrem na paisagem local, conforme a variação do dia e da noite, das estações do ano, da passagem dos meses e dos anos, além da época de festas. Sendo assim, as crianças aprenderão o dinamismo do meio ambiente e suas relações como, por exemplo, as frutas e suas épocas do ano.

Na observação da paisagem, as crianças podem constatar as variações decorrentes da ação humana sempre indagando o porquê e para quê dessas transformações. Além disso, vale o resgate das experiências de vida das crianças.

O contato com representações como maquetes as plantas baixa (croquis), os mapas e globos terrestres, podem ser utilizados com a mediação do professor. Esse contato permitirá às crianças reconhecerem a função social atribuída a essas representações.

- Acompanhamento e percepção do desenvolvimento, importância e necessidades das plantas;
- Observação de diferentes tipos de plantas, valorizando suas produções;
- Despertar o cuidado pelas plantas e aquisição de noções de preservação ambiental, através de atividades extra-classe, jardinagem, filmes;
- Compreensão do processo de germinação através de experiências na horta e outros;
- Diferenciação de plantas, flores, frutas, verduras, legumes, estabelecendo diferenças e importâncias.

Objetivos e Processos de Transformação:

Para que os objetos possam ser utilizados como fonte de conhecimento, é preciso criar situações de aprendizagem nas quais seja possível observar e perceber suas características e propriedades não evidentes. O professor pode organizar uma atividade para a confecção de objetos variados: brinquedos feitos de madeira, tecido, papel e outros tipos de materiais, alguns jogos de tabuleiro e de mesa, como dama ou dominó. É interessante, também, propor alguns problemas para as crianças resolverem e poderem aplicar os conhecimentos que possuem, por exemplo, construir uma ponte de maneira que não caia.

Os Seres Vivos

O professor precisa criar situações para que as crianças percebam os animais e as plantas que compartilham o mesmo espaço que elas. Questionem a criança a respeito dos animais que ela tem em casa ou o que sabe sobre eles. Além disso, precisam de atividades que envolvam os cuidados com estes seres vivos.

Fenômenos da Natureza

Este conteúdo pode ser trabalhado por meio da observação direta quando os fenômenos ocorrem onde se situa o CMEI, por exemplo, a chuva, a seca, a presença de um arco-íris, etc, mas também pode ser trabalhado através de fotografias, filmes de vídeo, ilustrações, jornais, revistas.

As aulas-passeios são uma ótima oportunidade para observar os fenômenos da natureza e as transformações que deles decorrem.

Pode-se utilizar jogos como forma de desenvolver a percepção das crianças.

3.4.3.3 Conteúdos

Identidade

- Quem sou eu?
- Grupos sociais;
- A família: organização do grupo familiar;
- Diferentes grupos familiares (modo de viver, ser e trabalhar de grupos sociais no passado e no presente).

Casa

- Tipos de moradias.

CMEI

- Educadores e os colegas;
- Outros membros do CMEI;
- O material escolar;
- O mobiliário escolar;
- Atividades desenvolvidas no CMEI;
- Hábitos sociais, de higiene e de segurança;
- O prédio do CMEI: dependências e localização.

Corpo Humano

- Partes do corpo;
- Órgãos dos sentidos;
- Paladar: diferenciação de alimentos salgados/doces/amargo/azedo;
- Audição: acuidade auditiva, ritmo e diferenciação das diversas tonalidades musicais;
- Visão: discriminação visual de objetos, cores, formas e tamanhos;
- Tato: classificar (leve, pesado, mole, duro, áspero, macio, quente, frio, gelado);
- Olfato: percepção e identificação de diferentes aromas apresentados como perfume, café, achocolatado, frutas;
- Saúde corporal;
- Higiene.

Elementos e Fenômenos da Natureza

- Sol;
- Lua;
- Estrela;
- Ar;
- Água;
- Vento;
- Chuva;
- Estações do ano: primavera, verão, outono e inverno;
- Vestuário (adequado ao clima);
- Mudanças climáticas.

Plantas

- Diferenciação de plantas, flores, frutas, verduras, legumes;

Animais de estimação:

- Hábitos;
- Moradias;
- Alimentação;
- Sons emitidos.

3.4.3.4 Avaliação

A concepção de avaliação desta proposta é vista como parte integrante e intrínseca ao processo educacional.

A avaliação subsidia o educador com elementos para uma reflexão contínua sobre a prática, por isso, ela deve ocorrer sistematicamente durante todo o processo de ensino e aprendizagem, não somente após o fechamento das etapas do trabalho.

Sugere-se, também, a avaliação diagnóstica ou investigativa inicial, que instrumentalizará o educador para que ele coloque em prática o seu planejamento de forma adequada às características de seus educandos.

Nesta etapa, espera-se que as crianças conheçam e valorizem as manifestações culturais de sua comunidade e manifestem suas opiniões, hipóteses e ideias sobre os diversos assuntos colocados.

Para isso, é indispensável que o educador desenvolva práticas relacionadas às festas, brincadeiras, músicas e danças na tradição cultural da comunidade, incluindo-as na rotina e nos projetos que desenvolve junto às crianças. Desta forma, as crianças podem conhecer e valorizar sua cultura, o seu entorno, compreender os fenômenos da natureza e sua importância para a sobrevivência dos seres vivos.

3.4.4 Movimento

3.4.4.1 Pressuposto Teórico

Considerando que o movimento é uma importante dimensão do desenvolvimento e da cultura humana e que, as crianças se movimentam desde que nascem, adquirindo maior controle sobre seu próprio corpo, se apropriando cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo, chega-se à conclusão de que o movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço, constituindo-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo.

Assim sendo, diferentes manifestações dessa linguagem como a dança, a dramatização, o jogo, as brincadeiras e outros, fazem uso de diversos gestos, posturas e expressões corporais, envolvendo ou não a intencionalidade.

Esse trabalho com movimento deve propiciar um amplo desenvolvimento do aspecto motor das crianças, tanto no que diz respeito às atividades cotidianas, como nas voltadas para a ampliação das atividades corporais, em particular.

Neste sentido, a Educação Infantil deve favorecer um ambiente físico e social, onde as crianças se sintam protegidas, acolhidas e, ao mesmo tempo, seguras para se arriscar e vencer os desafios que lhe são proporcionados. Porém, não é um excesso de estímulos que possibilitará uma organização sensorial capaz de perceber as sutilezas do mundo, justamente àquelas que enriquecem a vida interior dessas crianças, e sim, a possibilidade de criar vínculos com os objetos que devem ter seu devido valor e lugar no ambiente de convívio.

Também se torna primordial que o educador cuide de sua expressão e posturas corporais ao se relacionar com as crianças, pois sendo o modelo para elas, fornece-lhes todo o repertório de gestos e atitudes nas diversas atividades que desenvolve.

3.4.4.2 Encaminhamento Metodológico

As brincadeiras que compõem o repertório infantil e que variam conforme a cultura regional apresentam-se como oportunidades privilegiadas para desenvolver habilidades infantis no plano motor, no cognitivo, no afetivo e no emocional, ampliando o vocabulário e contribuindo para a construção do pensamento lógico-matemático.

Assim, o educador deverá possibilitar diferentes movimentos que aparecem em

atividades como lutar, dançar, subir e descer em árvores ou obstáculos, jogar bola e outros, pois são importantes e devem ser oferecidas com o cuidado de não classificar as crianças em modelos de comportamento estabelecidos, associados ao gênero masculino e feminino e sim promover habilidades que serão desenvolvidas em todas, porém, com intensidades diferentes, deixando que todos joguem futebol, rodem bambolê, brinquem de casinha entre outros.

Os jogos com regras são importantes para o desenvolvimento das capacidades corporal, de equilíbrio e de coordenação, mas, também proporcionam situações cooperativas, onde suas habilidades poderão ser valorizadas. A presença do educador é indispensável para que em situações de conflitos, esteja ajudando o desenvolvimento de atitude de competição, de forma saudável. É ele quem ajudará as crianças a combinar e cumprir as regras, alcançando os objetivos propostos: atitudes de respeito e cooperação, descoberta e a exploração das capacidades físicas, a expressão de emoções e afetos, além da alegria e do prazer.

A dimensão subjetiva do movimento deve ser contemplada e acolhida em todas as situações do dia a dia na instituição de Educação Infantil, possibilitando que as crianças utilizem gestos, posturas e ritmos para se expressar e se comunicar. Além disso, é possível criar, intencionalmente, oportunidades para que as crianças se apropriem dos significados expressivos do movimento.

A dimensão expressiva do movimento engloba tanto as expressões e comunicação de ideias, sensações e sentimentos pessoais como as manifestações corporais que estão relacionadas com a cultura. A dança é uma das manifestações da cultura corporal dos diferentes grupos sociais que está intimamente associada ao desenvolvimento das capacidades expressivas das crianças. A aprendizagem da dança pelas crianças, porém, não pode estar determinada pela marcação e definição de coreografias determinadas pelos adultos.

As ações que compõem as brincadeiras envolvem aspectos ligados à coordenação do movimento e ao equilíbrio. Por exemplo, para saltar um obstáculo, as crianças precisam coordenar habilidades motoras como velocidade, flexibilidade e força, calculando a maneira mais adequada de conseguir seu objetivo.

Para empinar uma pipa, precisam coordenar a força e a flexibilidade dos movimentos do braço com a percepção espacial e, se for preciso correr, a velocidade, entre outros.

As instituições devem assegurar e valorizar, em seu cotidiano, jogos motores e brincadeiras que contemplem a progressiva coordenação dos movimentos e o equilíbrio das crianças. Os jogos motores de regras trazem também a oportunidade de aprendizagens sociais, pois ao jogar, as crianças aprendem a competir, a colaborar umas com as outras, a combinar e a respeitar regras

3.4.4.3 Conteúdos

- Expressividade;
- Equilíbrio;
- Música;
- Dança;
- Brincadeiras;
- Jogos motores;
- Jogos com regras;
- Coordenação.

3.4.4.4 Avaliação

A avaliação do movimento deve ser contínua, levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças, resultado de um trabalho intencional do educador. Deverá constituir-se em um instrumento de reorganização de intervenções e posturas, bem como um melhor acompanhamento e conhecimento de cada criança individualmente e do grupo, auxiliando na construção de uma prática que considere o corpo e o movimento das crianças.

É importante informar sempre à criança acerca de suas competências. Desde pequena, a valorização de seu esforço e comentários a respeito de como está construindo e se apropriando desse conhecimento, são atitudes que a encoraja e situa com relação à própria aprendizagem.

É sempre bom lembrar que seu empenho e suas conquistas devem ser valorizados em função de seu progresso e do próprio esforço, evitando colocá-la em situações de comparação. No decorrer desta fase, a criança deve ser capaz de:

- Controlar gradualmente o próprio movimento, aperfeiçoando seus recursos de deslocamento e ajustando suas habilidades motoras para utilização em jogos, brincadeiras, danças e demais situações;
- Apropriar-se progressivamente da imagem global de seu corpo, conhecendo e identificando seus segmentos e elementos, desenvolvendo cada vez mais uma atitude de interesse e cuidado com o próprio corpo;
- Participar de diferentes atividades corporais, procurando adotar uma atitude cooperativa e solidária, sem discriminar os colegas pelo desempenho ou por razões sociais, físicas, sexuais ou culturais;
- Conhecer certas possibilidades e limitações corporais pessoais, de forma a poder estabelecer algumas metas pessoais, qualitativas e quantitativas;
- Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar algumas das diferentes manifestações de cultura corporal, presentes no cotidiano;
- Organizar autonomamente alguns jogos, brincadeiras ou outras atividades corporais simples.

3.4.5 Música

3.4.5.1 Pressuposto Teórico

A expressão musical das crianças é caracterizada pela ênfase nos aspectos intuitivos, afetivos e sensoriais pela exploração dos materiais sonoros. As crianças integram a música às demais brincadeiras e jogos, cantam enquanto brincam, acompanham com sons os movimentos de seus carrinhos, dançam e dramatizam situações sonoras diversas, construindo personalidade e significados simbólicos.

Na Educação Infantil, a música tem sido muito utilizada com a finalidade de formação de hábitos e atitudes, memorização de conteúdos, e acalmar as crianças, isto é, como técnica de relaxamento e recurso disciplinar, porém, a música não deve restringir-se apenas como recurso didático, mas desenvolver o gosto pelos diferentes ritmos e melodias.

A orientação indicada nesta Proposta Curricular enfatiza uma perspectiva de trabalho com a música entendendo-a como linguagem e forma de conhecimento. Isso significa garantir a criança a possibilidade de vivenciar e refletir sobre questões musicais, em um exercício sensível e expressivo, levando-a ao desenvolvimento de habilidade, de formulação de hipóteses e de elaboração de conceitos.

Música é linguagem, e assim deve-se seguir em relação à música, o mesmo processo de desenvolvimento que se adota quanto à linguagem falada, ou seja, deve-se expor a criança à linguagem musical e dialogar com ela sobre e por meio da música.

É interessante observar a grande influência que a música exerce sobre a criança. É por isso que os jogos ritmados, próprios dos primeiros anos de vida, devem ser trabalhados e incentivados no CMEI. Ao adulto caberá compreender em que medida a música constitui uma possibilidade expressiva privilegiada para a criança, uma vez que atinge diretamente sua sensibilidade afetiva e sensorial.

3.4.5.2 Encaminhamento Metodológico

Integrar a música à Educação Infantil implica que o professor deva assumir uma postura de disponibilidade em relação a essa linguagem e recorrer a diferentes recursos para auxiliar.

O professor pode utilizar-se da música para chamar as crianças em diferentes atividades: arrumação, higiene pessoal, indicando o término da aula, em momentos de agitação e conflitos entre as crianças, sendo um instrumento de harmonização do grupo.

Desenvolver nas crianças o gosto pela música, atitudes de respeito e cuidado com os materiais musicais, de valorização das diferentes vozes humanas e do corpo como material expressivo. O educador, antes de transmitir sua própria cultura musical, deve pesquisar o universo musical ao qual a criança pertence, e encorajar atividades relacionadas com a descoberta e com a criação de novas formas de expressão através da música.

Os conteúdos devem priorizar a possibilidade de desenvolver a comunicação e a expressão.

Serão trabalhados os conceitos em construção, organizados num processo contínuo e integrado que deve abranger:

- A exploração de materiais e a escuta de obras musicais para propiciar o contato e experiências com a matéria-prima da linguagem musical: o som e o silêncio;
- A vivência da organização dos sons e silêncio em linguagem musical pelo fazer e pelo contato com obras diversas;
- A reflexão sobre a música como produto cultural do ser humano é importante forma de conhecer e representar o mundo;
- O fazer musical é uma forma de comunicação e expressão que acontece por meio da improvisação (criar).

Compor – É criar a partir de estruturas fixas e determinadas.

Interpretar – É executar uma composição contando com a participação expressiva do intérprete.

Os jogos de improvisação são ações intencionais que possibilitam o exercício criativo de situações musicais e desenvolvimento na comunicação por meio dessa linguagem.

Imitar – É a base do trabalho de interpretação. Imitando sons vocais, corporais, ou produzidos por instrumentos musicais.

Nesta fase, ampliam-se os trabalhos iniciados com as crianças de zero a três anos.

Reconhecimento e utilização expressiva em contextos musicais das diferentes características geradas pelo silêncio e pelos sons:

- Altura (grave ou agudo);
- Duração (curto e longo);
- Intensidade (fraco ou forte);
- Timbre (característica que distingue e personaliza cada som);

- Reconhecimento e utilização de velocidade e densidade na organização e realização de algumas produções musicais;
- Participação em jogos e brincadeiras que envolvam a dança ou improvisação musical;
- Repertório de canções para desenvolver a memória musical.

O fazer musical requer atitudes de concentração. Implica em organizar e relacionar sons e silêncio, questão a ser trabalhada desde o começo. Deve-se distinguir entre o barulho que é transferência desorganizada que incomoda, e a música que é a interferência intencional que organiza som e silêncio e comunica. O silêncio valoriza o som, cria expectativa e é também música. Trabalho com diferentes alturas. Ouvir e classificar os sons quanto à altura, valendo-se dos sons de animais, objetos e máquinas, estabelecendo relações com os instrumentos.

A simples discriminação auditiva de sons graves ou agudos, curtos e longos fracos e fortes, em situações descontextualizadas do ponto de vista musical pouco se acrescenta à experiência das crianças.

O educador deverá promover o crescimento e a transformação do trabalho a partir do que as crianças podem realizar com os instrumentos.

O gesto e o movimento corporal estão intimamente ligados ao trabalho musical. Os movimentos de flexão, balanceio, torção e os de locomoção como andar, saltar, correr, saltitar e galopar, poderão ser explorados através de história, jogos, entre outros. Também com materiais variados, construir instrumentos musicais com as crianças. Os jogos de improvisação que estimulem a memória auditiva e musical, assim como a percepção da direção do som no espaço são de grande valia. Estimular a criação de pequenas canções, rimas e livros de histórias só com imagens, funcionarão como uma partitura musical (contos de fadas). Enfim, a diversidade de sons presentes na realidade e no imaginário das crianças é atividade que envolve e desperta a atenção, a percepção e a discriminação auditiva.

3.4.5.3 Conteúdos

- **O fazer musical:** Forma de comunicação e expressão que acontece por meio da improvisação, da composição e da interpretação. Sobressaem aqui, as práticas diversificadas de canto e expressão musical, tanto o ouvir música como o cantar.
- **A apreciação musical:** Refere-se à audição e interação com músicas diversas. É incentivando a escuta musical desde a mais tenra idade abrangendo diversos gêneros, estilos, épocas e culturas. Deve-se trabalhar, ainda, o reconhecimento de elementos musicais básicos: frases, partes, elementos que repetem (forma) e outros.

O trabalho na área de Música na Educação Infantil deve, acima de tudo respeitar o nível de percepção e desenvolvimento musical e global das crianças em cada fase bem como as diferenças socioculturais entre os grupos de crianças das muitas regiões do País.

3.4.5.4 Avaliação

A avaliação na área de música deve ser contínua, levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças, resultados de um trabalho intencional do educador. Deverá constituir-se em instrumentos para a reorganização de objetos, conteúdos, procedimentos, atividades, e como forma de acompanhar e conhecer cada criança e grupo.

Para que o envolvimento com as atividades, o prazer e a alegria em expressar-se musicalmente ocorram, e para ter curiosidade sobre os elementos que envolvem esta linguagem, é preciso que as crianças participem de situações nas quais sejam utilizadas a exploração e produção de sons vocais e com diferentes materiais, e a observação do ambiente sonoro.

Uma vez que tenham tido muitas oportunidades de vivenciar experiências envolvendo a música, pode-se esperar que as crianças reconheçam e utilizem-na como linguagem expressiva, consciente de seu valor como forma de comunicação e expressão por meio da voz do corpo, de instrumentos musicais e objetos sonoros com os quais deverão interpretar, improvisar e compor, estando interessadas, também, pela escuta de diferentes gêneros e estilos musicais e pela confecção de materiais sonoros.

Uma maneira interessante de propiciar a autoavaliação das crianças nesta faixa-etária é o uso da gravação de suas produções. Ouvindo, as crianças podem perceber detalhes: se cantaram gritando ou não, se o volume dos instrumentos ou objetos sonoros estavam adequados, se a história sonorizada ficou interessante, se os sons utilizados aproximaram-se do real.

3.4.6 Artes Visuais

3.4.6.1 Pressuposto Teórico

A Arte infantil revela autonomia e espontaneidade da criança uma vez que auxilia o desenvolvimento da sua expressão e da comunicação humana.

As Artes Visuais possibilitam exprimir emoções, sentimentos e pensamentos por meio do desenho, da pintura, da modelagem, da escultura e da colagem.

Segundo o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil), a aprendizagem em Arte acontece com a articulação dos seguintes aspectos: fazer artístico, apreciação e reflexão.

A produção artística da criança revela seu grau de desenvolvimento intelectual, social, emocional e perceptivo. Isso porque a arte representa a visão de mundo da criança e de si mesma. É o retrato das experiências vivenciadas com o objeto.

O desenho é muito importante no fazer artístico e na construção das demais linguagens visuais. O desenvolvimento progressivo do desenho implica mudanças significativas no processo de aprendizagem. É por meio dele que surgem os primeiros símbolos e registros que exprimem as capacidades imaginativas da criança, ampliando sua forma de sentir e pensar sobre a realidade em que está inserida.

A Arte é um importante indicador do desenvolvimento social da criança, que representa em suas produções as pessoas com quem convive (família e situações do seu cotidiano). Quanto mais evoluída estiver sua convivência social, maior será a frequência de aparecimentos dos elementos sociais na Arte.

3.4.6.2 Encaminhamento Metodológico

O desenvolvimento da imaginação, da expressão e da sensibilidade ocorrerá à medida que as crianças tiverem contato com produções artísticas.

É importante que as crianças tenham contato com o uso e a exploração de materiais como massinhas, texturas, caixas, latinhas, diferentes papéis, papelões, copos plásticos, embalagens de produtos, pedaços de pano e outros. Pode-se incluir materiais típicos de cada região, pois, além de acessíveis, exploram a região onde moram.

É relevante que a criança possa desenhar livremente sem intervenção direta, explorando vários materiais: lápis preto, de cor, de cera, canetas, carvão, giz, penas, gravetos e outros, usando diferentes tamanhos e texturas.

O trabalho poderá sofrer intervenções quando estas contribuírem para o desenvolvimento do desenho da criança, possibilitando, assim, que o aluno reflita sobre o seu próprio desenho e organize de maneira diferente os pontos, as linhas e o traçado no espaço do papel.

Para que a criança amplie seu repertório artístico é necessário que o professor propicie:

- Explorar e manipular materiais (lápis e pincéis de diferentes texturas, brochas, carvão, carimbos), meios (tinta, água, areia, terra, argila) e variados suportes gráficos (jornal, papel, papelão, parede, chão, caixas, madeiras);
- Criar desenhos, pinturas, colagens e modelagens partindo de seu próprio repertório e da utilização dos elementos das Artes Visuais: ponto, linha, forma, cor, volume, espaço, textura;
- Explorar e aprofundar as possibilidades oferecidas pelos diversos materiais, instrumentos e suportes necessários para o fazer artístico;
- Explorar os espaços bidimensionais e tridimensionais na realização de seus projetos artísticos;
- Organizar e cuidar dos materiais no espaço físico da sala;
- Respeitar, cuidar e valorizar as produções individuais e coletivas;
- Realizar a leitura de obras de arte, partindo da observação, da narração, da descrição e da interpretação de imagens e objetos;
- Conhecer a diversidade de produções artísticas como desenhos, pinturas, esculturas, fotografias, colagens, ilustrações, cinema;
- Apreciar as produções individuais e coletivas;
- Observar os elementos constituintes da linguagem visual;
- Apreciar as Artes Visuais e estabelecer correlação com experiências pessoais.

Além disso, saber guardar os materiais utilizados, organizar a sala, e organizar documentos (suas próprias produções), são ações que podem ajudar cada criança na percepção de seu processo evolutivo e do “avanço” das etapas do trabalho.

3.4.6.3 Conteúdos

- Desenhos;
- Obras de artes;
- Colagens;
- Fotografias, imagens e outros;
- Pinturas;
- Modelagens.

3.4.6.4 Avaliação

A avaliação deve buscar entender o processo de cada criança, a significação que cada trabalho comporta, afastando julgamentos como feio ou bonito, certo ou errado, que utilizados dessa maneira em nada auxiliam no processo educativo.

A observação do grupo, além de constante, deve fazer parte de uma atitude sistemática do educador dentro do seu espaço de trabalho. O registro dessas observações

e das percepções que surgem ao longo do processo, tanto em relação ao grupo quanto ao percurso individual de cada criança, fornece alguns parâmetros valiosos que podem orientar o educador na escolha dos conteúdos a serem trabalhados. Podem também ajudá-lo a avaliar a adequação desses conteúdos, colaborando para um planejamento mais afinado com as necessidades do grupo de crianças.

No decorrer desta fase, a criança deve ser capaz de:

- Interessar-se pelas próprias produções, pelas de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais ou internacionais), ampliando seu conhecimento de mundo e da cultura;
- Produzir trabalhos de arte, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação;
- Expressar-se e saber comunicar-se em Artes, mantendo atitude de busca pessoal e/ou coletiva, articulando a percepção, a imaginação, a emoção, a sensibilidade, e a reflexão ao realizar e fruir produções artísticas;
- Interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados em Artes (artes visuais, dança, música, teatro), experimentando-os e conhecendo-os de modo a utilizá-los nos trabalhos pessoais;
- Edificar relação de autoconfiança com a produção artística pessoal e o conhecimento estético, respeitando a própria produção e a dos colegas, no percurso de criação que abriga multiplicidade de procedimentos e soluções.

PROPOSTA CURRICULAR

PRÉ-II / INFANTIL V (5 anos)

3.5 Pré II - INFANTIL V

Nesta idade a criança ganha novas condições de pensamentos. Ela já pode, por exemplo, antes de iniciar a montagem de um quebra-cabeça, examinar as peças e fazer previsões sobre a posição que estas irão ocupar, ou seja, ela já tem condições de pensar a ação que vai realizar.

Esse conjunto de ações que a criança já domina no nível do pensamento amplia qualitativamente as suas relações com a realidade física e social; permite, por exemplo, que a criança coordene aspectos aparentemente contraditórios de um mesmo objeto, aprendendo que esse objeto pode ser, ao mesmo tempo, semelhante e diferente de outros.

A criança de seis anos já tem condições para a aprendizagem de regras, já pode escutar o que seus colegas têm a dizer e aceitar que estes tenham opiniões diferentes das suas sobre um mesmo fato, pode também participar de atividades coletivas onde cada participante contribua com a produção de uma parte para o produto final.

3.5.1 Linguagem Oral e Escrita

3.5.1.1 Pressuposto Teórico

A linguagem oral possibilita comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas, influenciar o outro e estabelecer relações.

É por meio do diálogo que a comunicação acontece. São os sujeitos em interações singulares que atribuem sentido único às falas.

Quanto mais as crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderá desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa.

O processo de letramento está associado tanto à construção do discurso oral como do discurso escrito, sabe-se que, para aprender a ler e escrever, a criança terá que lidar com dois processos de aprendizagem paralelos: o da natureza do sistema de escrita da língua – o que a escrita apresenta e como – e o das características da linguagem que se usa para escrever.

A aprendizagem da linguagem escrita está intrinsecamente associada a seus diferentes portadores de textos como livros, jornais, embalagens, cartazes, placas, símbolos e outros. Isso permite compreender porque crianças que vêm de famílias nas quais os atos de ler e escrever tem uma presença marcante, apresentam mais desenvoltura para lidar com as questões da linguagem escrita do que aquelas provenientes de famílias em que esta prática não é intensa.

3.5.1.2 Encaminhamento Metodológico

No processo da construção do conhecimento, as crianças utilizam as mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar.

Nesta perspectiva, as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que estão inseridas. Portanto, deve-se utilizar diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar ideias, sentimentos, necessidades, desejos e avançar no processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais a capacidade expressiva.

Para realizar práticas de leitura e escrita, é necessário criar um ambiente agradável e convidativo, oferecendo à criança a oportunidade de presenciar e participar de diversos atos de leitura e escrita, podendo elas, desde cedo, pensar sobre a língua e seus usos, construindo ideias sobre como se lê e como se escreve.

Quando o educador lê a história, as crianças escutam, observam as gravuras e, frequentemente, depois de algumas leituras, já conseguem recontar a história, saber o que é para ler, utilizar algumas expressões e palavras ouvidas na voz do educador.

3.5.1.3 Conteúdos

- Oralidade;
- Escrita;
- Argumentação;
- Experiências;
- Identidade;
- História (do cotidiano, contos, fábulas, clássicos, entre outros);
- Gêneros textuais (símbolos, imagens, poemas, quadrinhos, parlendas, charges, textos informativos, publicitários, narrativos, nomes em geral, letras de músicas, fábulas e tiras);
- Jogos orais (trava-línguas, parlendas, poemas, adivinhas, quadrinhas e canções);
- Conhecimento das regras de convivência;
- Identificação e análise de palavras;
- Ilustrações;
- Alfabeto;
- Junções (vogais e silábicas).

3.5.1.4 Avaliação

No que se refere às crianças, a avaliação deve permitir que as mesmas acompanhem suas conquistas, suas dificuldades e suas possibilidades ao longo do processo de aprendizagem. Para que isso ocorra, o professor deve compartilhar com elas as observações que sinalizam seus avanços e suas possibilidades de superação das dificuldades.

Neste contexto, a avaliação tem como finalidade básica a observação da evolução e do progresso da criança e o planejamento de intervenções ou modificações de determinadas situações ou atividades da aula. Assim, a avaliação é feita através do acompanhamento diário e do registro do desenvolvimento da criança no decorrer do processo, através de dados cumulativos que representam a evolução da criança em relação à construção do seu conhecimento, sem o objetivo de promoção ou retenção para o acesso ao Ensino Fundamental.

3.5.2 Matemática

3.5.2.1 Pressuposto Teórico

No processo de ensino e aprendizagem das noções matemáticas, o aluno é frequentemente convidado a transferir os conceitos, para a própria realidade, analisando o ambiente que o cerca e identificando nele, elementos que se conectam ao conteúdo estudado, mesclando fantasia e realidade no interessante universo da matemática.

Dessa forma, sugere-se que os alunos utilizem instrumentos que os rodeiam, o qual exigem a participação de cidadãos atuantes, detentores de diferentes conhecimentos e habilidades.

A proposta da Matemática, para a Educação Infantil, busca encorajar a criança a apresentar suas ideias, não só relacionadas aos números, mas também relativas às medidas, à geometria e às noções de estatísticas (estimativas e gráficos), despertando nela o gosto por este eixo.

Deste modo, as crianças conseguem formular questões mais elaboradas, aprendem a trabalhar diante de um problema, desenvolvem estratégias, criam ou mudam regras de jogos, revisando o que fizeram e discutindo entre as diferentes propostas.

3.5.2.2 Encaminhamento Metodológico

Desde o nascimento, as crianças participam de uma série de situações envolvendo os números, quantidades e noções de espaço.

Utilizando recursos próprios, elas recorrem a contagem e operações para resolver problemas cotidianos como conferir figurinhas, marcar e controlar pontos de um jogo, repartir balas, apontar com os dedos a idade, manipular e operar dinheiro dentre outros recursos, tornando o universo matemático parte do seu dia a dia.

Essa vivência inicial favorece a elaboração de conhecimentos matemáticos, levando a criança a expor ideias próprias, escutar a dos outros, formular e comunicar procedimentos de resolução de problemas, confrontar, argumentar, procurar validar seu ponto de vista, antecipar resultados de experiências não realizadas, aceitar erros, buscar dados que faltam para resolver problemas, entre outras coisas. Assim, as crianças poderão tomar decisões, agindo como produtores de conhecimentos e não apenas executores de instruções.

Para elas, os aspectos relevantes da numeração são os que fazem parte do seu cotidiano. Pesquisar os diferentes lugares em que os números se encontram e investigar como são organizados e para que servem, são tarefas fundamentais para iniciar a compreensão sobre a organização do sistema de numeração.

É imprescindível propor às crianças situações em que tenham que resolver problemas aritméticos e não operações isoladas, contribuindo para que possam descobrir estratégias e procedimentos próprios e originais. As soluções encontradas podem ser comunicadas pela linguagem infantil ou por desenhos. Comparar seus resultados com o dos outros, descobrir o melhor método para cada caso e reformular o que for necessário, permite que as crianças tenham maior confiança em suas próprias capacidades.

As crianças aprendem sobre medidas, medindo. A ação de medir inclui a observação e a comparação sensorial e perceptiva entre objetos, o reconhecimento da utilização de objetos intermediários como fita métrica, balanças, régua, etc., que servem para quantificar grandeza e também efetuar a comparação entre dois ou mais objetos.

O tempo é uma grandeza mensurável que requer mais que comparação entre dois objetos e exige relações de outras naturezas. Presente, passado, futuro, antes, agora e depois,

são noções que auxiliam a estruturação do pensamento da criança em relação ao tempo.

A Educação Infantil coloca a tarefa de apresentar situações significativas que dinamizem a estruturação do espaço para que as crianças adquiram um controle cada vez maior sobre suas ações, possam resolver problemas de natureza espacial e potencializar o desenvolvimento de seu pensamento geométrico.

Neste aspecto, a contribuição do adulto às interações entre as crianças, os jogos e as brincadeiras, podem proporcionar a exploração espacial entre três perspectivas: as relações espaciais contidas nos objetos, as relações espaciais entre os objetos e as relações espaciais nos deslocamentos.

3.5.2.3 Conteúdos

- Contagem oral;
- Construção do número;
- Cálculo mental simples;
- Número/quantidade;
- Diferentes escritas numéricas;
- Grandezas e medidas;
- Figuras geométricas;
- Situações-problema que envolva adição e subtração simples;
- Jogos;
- Noção do tempo (idade, aniversário);
- Função dos números na sociedade (valor/preço);
- Noções topológicas (maior que, menor que, na frente de, atrás de, embaixo de, em cima de, faz limite com, é vizinho de direita e esquerda);
- Sequência numérica.

3.5.2.4 Avaliação

A verificação de rendimentos da criança compreenderá a avaliação do aproveitamento, que deverá incidir sobre o desempenho do mesmo nas diferentes experiências de aprendizagem, considerando o resultado global da criança durante todo o período letivo, onde os aspectos qualitativos da aprendizagem devem prevalecer sobre os quantitativos, aplicando-se a todos os componentes curriculares, independentes do respectivo tratamento metodológico e de sua consideração para fins de promoção.

Toda avaliação feita incide sobre os progressos apresentados pela criança e cabe ao professor os registros desta aprendizagem. As experiências prioritárias nesta faixa etária são os contatos com os números e a exploração do espaço.

3.5.3 Natureza e Sociedade

3.5.3.1 Pressuposto Teórico

O mundo, onde as crianças vivem, se constitui em um conjunto de fenômenos naturais e sociais indissociáveis diante do qual elas se mostram curiosas e investigativas. Desde muito pequenas, pela interação com o meio natural e social no qual vivem, as crianças aprendem sobre o mundo, fazendo perguntas e procurando respostas às suas indagações e questões.

O tema Natureza e Sociedade na Educação Infantil busca reunir temas pertinentes ao mundo social e natural. Muitos são os assuntos pelos quais as crianças se interessam.

Elas surgem da relação com o mundo e com os ambientes, sendo esse contexto de troca, agente de fomento que possibilita descobertas, explorações do mundo e questionamentos.

É papel do educador incentivar a observação sobre os fatos da natureza, os animais, as plantas, os objetos da cultura, proporcionando experiências e aproveitando diferentes oportunidades.

A organização do ambiente deve conter diversos materiais, dispostos de tal forma que estejam acessíveis às crianças e com os quais elas possam encontrar coisas interessantes para fazer, investigar, dialogar e descobrir.

É importante que a criança tenha acesso às informações fundamentais para a construção de conhecimentos sobre a história da cultura humana, ou seja, a vida cotidiana dos homens em sociedade. O trabalho com a criança deve propiciar a ampliação das experiências e dos conhecimentos diversificados sobre o meio social e natural.

3.5.3.2 Encaminhamento Metodológico

O trabalho com os conteúdos do eixo Natureza e Sociedade deve incluir o respeito às diferenças existentes entre os costumes, valores e hábitos das diversas famílias e grupos, bem como o reconhecimento de semelhanças.

É importante que as crianças aprendam a indagar e a reconhecer as relações de mudanças e permanências nos costumes. Para isso, as vivências de seus pais, avós, parentes, professores e amigos podem ser de grande ajuda.

O educador poderá ensinar às crianças jogos e brincadeiras de outras épocas, propondo pesquisas junto aos familiares e outras pessoas da comunidade e/ou em livros, revistas e internet. Para a criança é interessante conhecer as regras das brincadeiras de outros tempos, observar o que mudou em relação as regras atuais, saber do que eram feitos os brinquedos.

Pode-se também desenvolver um projeto sobre o modo de ser, viver e trabalhar das pessoas de épocas passadas, realizando entrevistas com os pais e avós em relação as brincadeiras que as crianças faziam, sobre a alimentação, ou ainda uma pesquisa sobre a vida das crianças de uma determinada cultura específica.

Para que a criança avance na construção de novos conhecimentos, é importante também que o educador a questione acerca do que já domina sobre o assunto com base nos seus aspectos práticos do dia a dia, relacionados ao modo de vida de seu grupo social.

Em relação a observação das paisagens e a preservação dos espaços, é fundamental observar as mudanças e as permanências que ocorrem no lugar onde as crianças vivem, pois é uma estratégia interessante para que elas percebam o dinamismo da paisagem.

O educador poderá utilizar como suporte fotografias, cartões postais e outros tipos de imagens que retratem as paisagens variadas. Poderá também utilizar textos variados e filmes que façam referências a outras paisagens.

A conversa com pessoas da comunidade é outro recurso que poderá ser utilizado, principalmente, com aquelas que testemunharam as transformações ocorridas na paisagem do lugar onde vivem.

Os jogos de regras são valiosos para o desenvolvimento da capacidade mental de equilíbrio e de coordenação, trazem a oportunidade para as crianças desenvolverem habilidades que poderão ser valorizadas de acordo com o objetivo do que está sendo realizado.

É importante que o educador esteja atento aos conflitos que possam surgir nessas situações, ajudando as crianças a desenvolverem uma atitude competitiva, de forma saudável.

Nesta faixa etária, é o educador quem ajudará as crianças a combinar e cumprir e reformular regras, desenvolvendo atitudes de respeito e cooperação tão necessária no desenvolvimento social.

3.5.3.3 Conteúdos

- As tradições culturais de sua comunidade e de outras;
- O modo de viver, ser e trabalhar de grupos sociais no passado e no presente;
- Os papéis sociais;
- Patrimônio cultural;
- Paisagens, suas mudanças e transformações;
- A preservação dos espaços;
- As produções de diferentes grupos sociais: os objetos, seu uso, características e cuidados;
- Os seres vivos, suas relações, seus cuidados;
- Cuidados com o corpo;
- Saúde;
- Fenômenos da natureza;
- Valores (amor, amizade, às diferenças individuais, ao trabalho em grupo, a integração e à cooperação);
- Higiene pessoal e em locais públicos;
- Regras de convivência;
- Família;
- Produção de brinquedos e brincadeiras;
- Receita;
- Alimentação saudável;
- Animais de estimação e cuidados;
- Características físicas das pessoas;
- Consciência ecológica e todos os processos que envolvem a busca de meio ambiente apropriado à vida saudável;
- Reciclagem.

3.5.3.4 Avaliação

Na avaliação deste eixo deve ser levado em consideração o processo vivenciado pela criança, resultado de um trabalho intencional do educador. Ela não se dá somente no momento final do trabalho e sim, é tarefa permanente do educador e instrumento indispensável à constituição de uma prática pedagógica e educacional verdadeiramente comprometida com o desenvolvimento sadio das crianças.

O registro compreende uma fonte de informação sobre a criança, em seu processo de vivência do conteúdo que lhe é proposto. Esse registro é de acervo do professor e lhe permite recuperar a história do que foi vivida, para que possa reavaliar e estruturar novos encaminhamentos para alguns temas e atividades.

Assim, caberá ao professor investigar a adequação dos conteúdos escolhidos, sobre a adequação das propostas lançadas, sobre o tempo e ritmo impostos ao trabalho, tanto quanto caberá investigar sobre as aquisições das crianças, em vista de todo o processo vivido na sua relação com os objetivos propostos.

3.5.4 Movimento

3.5.4.1 Pressuposto Teórico

As crianças se movimentam desde a vida intrauterina, exploram o ambiente e adquirem, cada vez mais, o domínio de seu próprio mundo. Elas vão, gradativamente aumentando as

possibilidades de amplitude de seu corpo em interação com o mundo à sua volta.

O movimento humano é muito mais que o deslocamento do corpo no espaço. Constitui-se em uma linguagem que permite à criança crescer nessa interação – meio físico e social – ao brincar, jogar e dançar, criar e imitar ritmos, a criança está se apropriando da cultura da sociedade que se encontra inserida.

A criança se expressa e se comunica com o mundo, primeiramente, por meio do seu próprio corpo. É por meio da imitação, da mímica, da interação e expressão do seu corpo em movimento que ela interage com o outro.

Para a motricidade da criança, a aquisição da capacidade de andar propicia grande independência, pois ela passa a explorar e pesquisar o mundo a sua volta com mais liberdade e amplitude.

As brincadeiras que se encontram presentes no universo infantil e que variam de uma cultura para a outra se apresentam como oportunidades privilegiadas para desenvolver habilidades no plano motor como pular amarelinha, soltar pipa, jogar bola, atirar com estilingue e outros.

3.5.4.2 Encaminhamento Metodológico

É importante possibilitar diferentes movimentos que aparecem em atividades como correr, dançar, subir e descer de árvores, de obstáculos, jogar bola, rodar bambolê e outros. Essas experiências devem ser oferecidas sempre com o cuidado de evitar enquadrar as crianças em modos de comportamento estereotipados, associados ao gênero masculino e feminino como, por exemplo, não deixar que as meninas joguem futebol ou não deixar que os meninos rodem bambolê.

Os jogos de regras são valiosos para o desenvolvimento de capacidades corporais, de equilíbrio e de coordenação, mas trazem, também, a oportunidade para as crianças das primeiras situações competitivas, em que suas habilidades poderão ser valorizadas de acordo com o objetivo do jogo. É muito importante que o educador esteja atento aos conflitos que possam surgir nessas situações, ajudando as crianças a desenvolver uma atitude de competição de forma saudável. Nesta faixa etária será o professor quem ajudará as crianças a combinarem e cumprirem regras, desenvolvendo atitudes de respeito e cooperação tão necessárias, mais tarde, no desenvolvimento das habilidades desportivas.

As diferentes atividades que ocorrem nas instituições, requerem das crianças, posturas corporais distintas. Cabe ao professor organizar o ambiente de tal forma a garantir a postura mais adequada para cada atividade.

O movimento é uma prática educativa que deve ampliar-se e organizar-se de forma que as crianças desenvolvam as seguintes capacidades:

- Familiarizar-se com a imagem do próprio corpo;
- Explorar as possibilidades de gestos e ritmos corporais para expressarem-se nas brincadeiras e nas demais situações de interação;
- Deslocar-se com destreza progressiva no espaço ao andar, correr, pular, entre outros, desenvolvendo atitude de confiança nas próprias capacidades motoras;
- Explorar e utilizar os movimentos de preensão, encaixe e lançamento no uso de objetos diversos.

3.5.4.3 Conteúdos

- Movimento;
- Brincadeiras;
- Recursos de deslocamento e das seguintes qualidades: flexibilidade e resistência;
- Expressividade;
- Equilíbrio;
- Coordenação;
- Jogos;
- Música;
- Dança;
- Brincadeiras;
- Jogos motores;
- Jogos com regras.

3.5.4.4 Avaliação

A avaliação do movimento deve ser contínua levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças, sendo resultado de um trabalho intencional do professor. Deverá constituir-se em um instrumento de reorganização de intervenções de posturas, diante das crianças, bem como um melhor, acompanhamento e conhecimento individual e em grupo.

Dessa forma, a observação cuidadosa sobre cada criança e sobre o grupo, fornece elementos que podem auxiliar na construção de uma prática que considere essenciais, o corpo e o movimento das crianças.

É recomendável que o educador atualize sistematicamente, suas observações, documentando mudanças e conquistas.

Para que isso ocorra, é necessário que sejam oferecidas condições para que as crianças explorem suas capacidades expressivas, aceitando com confiança desafios corporais. Pode-se esperar que crianças desta faixa etária reconheçam e utilizem como linguagem expressiva o movimento e participem de jogos e brincadeiras, envolvendo habilidades motoras diversas.

É sempre bom lembrar que o empenho das crianças e suas conquistas devem ser valorizadas em função de seus progressos e do próprio esforço, evitando colocá-las em situações de comparação.

3.5.5 Música

3.5.5.1 Pressuposto Teórico

A expressão musical das crianças é caracterizada pela ênfase nos aspectos intuitivo, afetivo e sensorial dos materiais sonoros.

As crianças interagem à música, às demais brincadeiras e jogos: cantam enquanto brincam, acompanham com sons os movimentos de seus carrinhos, dançam e dramatizam situações sonoras diversas, conferindo “personalidade” e significados simbólicos.

A música, por ser uma atividade artística extremamente necessária, e que sensibiliza o ser humano de forma profunda, tem na educação uma função essencial.

Música é o envolvimento ordenado do tempo e dos tons no espaço ao qual a criança pequena se liga de forma integral, pois vivencia esse movimento como expressão de processos internos, dando-lhes possibilidade de levar este impulso ao encontro de leis e formas claras de pensar, sentir e agir, sem, contudo, tirá-las do ambiente lúdico e de fantasias que lhe é próprio.

O trabalho com música desenvolve nas crianças as capacidades de ouvir, perceber, discriminar eventos sonoros e produções musicais, brincar com músicas, imitar, inventar e reproduzir criações musicais.

3.5.5.2 Encaminhamento Metodológico

Faz-se necessária envolver a criança em um contexto musical oferecendo situações de contato com instrumentos musicais confeccionado por elas ou não.

É interessante cantar músicas para a chegada das crianças na instituição, música para as refeições, higiene, para iniciar histórias, brincadeiras, música de despedida. É importante ter um repertório de canções para desenvolver a memória musical, apresentá-las em diferentes ritmos (lentos, rápidos, graves, agudos, curtos, longos, fracos, fortes).

Podem-se incorporar gestos, pois o movimento corporal está intimamente ligado à música, movimentos de flexão, balanceio, ou movimentos de locomoção como andar, saltar, correr e saltitar, estão diretamente ligados ao instinto musical.

Todo trabalho com música deve se organizar de forma que as crianças desenvolvam capacidades de ouvir, perceber, discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais.

O professor precisa ir se aprofundando e ampliando as atividades para que a criança seja capaz de perceber, expressar sensações, sentimentos e pensamentos por meio de improvisações, composições e interpretações musicais. Essas atividades devem reunir toda e qualquer fonte sonora, brinquedos, objetos do cotidiano, instrumentos musicais e outros, lembrando que a voz é o primeiro instrumento e o corpo humano é fonte de produção sonora.

Cabe ao professor organizar momentos de:

- Organização do som e silêncio em linguagem musical (exercício da audição);
- Exploração e identificação de elementos da música para se expressar, interagir com os outros indivíduos e exploração de materiais sonoros;
- Exploração, interpretação e participação em jogos e brincadeiras de músicas e canções diversas;
- Ampliação de conhecimento do mundo;
- Percepção e expressão sensações, sentimentos e pensamentos por meio de improvisações, composições e interpretações musicais;
- Participação em musicais destinadas às atividades de rotina (entrada, hora do lanche, hora do descanso, hora de brincar, entre outros.);
- Audição de obras musicais de diversos gêneros, estilos, épocas e culturas da produção musical brasileira e da produção de outros povos;
- Conhecimento de músicas do folclore nacional;
- Reconhecimento de músicas ouvidas pelo rádio e pela televisão.

3.5.5.3 Conteúdos

- Som e silêncio na linguagem musical;
- Materiais sonoros;
- Jogos e brincadeiras de músicas e canções diversas;
- Interpretações musicais;
- Obras musicais de diversos gêneros, estilos, épocas e culturas;
- Folclore nacional;

3.5.5.4 Avaliação

A avaliação no aspecto referente ao desenvolvimento rítmico e motor, à imitação, à criação e à memorização musical deve ser diária, de observação e documentada pelo educador.

Pode-se esperar em crianças, nesta faixa etária, que reconheçam e utilizem a música como linguagem expressiva, conscientes do seu valor como meio de comunicação e expressão.

Por meio da voz, do corpo, de instrumentos musicais e objetos sonoros, deverão interpretar, improvisar e compor, interessadas, também pela escuta de diferentes gêneros e estilos musicais e pela confecção de materiais sonoros.

Também se deve utilizar a autoavaliação das crianças através do uso da gravação de suas produções, pois ao ouvirem a si mesmas poderão perceber sua atuação e poderão identificar o ritmo e o volume dos instrumentos sonoros.

3.5.6 Artes

3.5.6.1 Pressuposto Teórico

Na Educação Infantil, a Arte Visual requer profunda atenção pois o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança devem ser trabalhados de forma integrada, visando favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças.

Embora todas as modalidades devam ser contempladas a fim de diversificar a ação das crianças na experimentação de materiais, do espaço e do próprio corpo, destaca-se o desenvolvimento do desenho por sua importância no fazer artístico delas e na construção das demais linguagens visuais (pintura, modelagem, entre outros).

As atividades em Artes Plásticas, que envolvem diferentes tipos de materiais, indicam às crianças possibilidades de transformação, de reutilização e de construção de novos elementos.

A aprendizagem em Arte garante oportunidade da criança ampliar seu conhecimento de mundo, manipulando diferentes objetos e materiais, explorando suas características, propriedades, possibilidade de manuseio e entrar em contato com formas diversas de exploração artística.

Nesta faixa etária, as crianças deverão aprofundar e ampliar o conhecimento de mundo e da cultura, produzindo trabalhos utilizando-se da linguagem do desenho, da pintura, da modelagem, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação.

Segundo PILLAR (1996, p. 51), ao desenhar, a criança está inter-relacionando seu conhecimento objetivo e seu conhecimento imaginário e simultaneamente está aprimorando este sistema de representação gráfica.

3.5.6.2 Encaminhamento Metodológico

Para que possa desenhar, é importante que a criança explore diversos materiais como lápis preto, lápis de cor, giz de cera, canetas, carvão, e utilize suportes de diferentes tamanhos e texturas como papéis, cartolinas, lixas, chão, areia e terra. Assim, também, deve acontecer em outras produções. É preciso oferecer oportunidades diversas para que a criança explore outros materiais; diferentes tintas e pincéis na pintura; diferentes massas na modelagem; diversas caixas e latas na representação tridimensional; e diferentes papéis, pedaços de tecido e elementos da natureza na colagem.

Ao trabalhar com leitura de imagens, é importante elaborar perguntas que instiguem a observação, a descoberta e o interesse das crianças. Levantar questionamentos como: “O que você está vendo? Que cores o artista usou?” Esse é um bom momento para investigar o conhecimento de mundo da criança e o que é significativo para ela.

É necessário que o educador escolha um determinado contexto para que a imagem possa ser apresentada, permitindo inclusive que os trabalhos de Artes Visuais aconteçam em atividades interdisciplinares.

Outra questão importante é realizar leitura das imagens feitas pelas crianças e expor suas produções nas dependências do CMEI.

Deve o professor organizar momentos de:

- Exploração e manipulação de materiais expressivos;
- Produção de desenhos, colagens, modelagens de forma contextualizada, abordando os elementos caracterizados dessa linguagem;
- Valorização de suas próprias produções, das de outras crianças e da produção da arte em geral, ampliando seu conhecimento cultural e do mundo;
- Exploração de espaços dimensionais e tridimensionais na realização de seus projetos artísticos;
- Observação dos elementos caracterizados da linguagem visual: ponto, linha cor, volume, textura, luz contrastes etc;
- Leitura de obras de arte;
- Desenvolver o gosto e o respeito pelo processo de produção e criação;
- Criação de desenhos, pinturas, colagens e modelagens a partir de seu próprio repertório e da utilização dos elementos da linguagem da Arte: ponto, linha, forma, cor, volume, espaço, textura e outros;
- Realização de pintura com aquarela;
- Mistura de cores primárias: vermelho, amarelo e azul;
- Confeção de objetos e brinquedos com sucata e outros materiais, como massa de modelar e papel.

3.5.6.3 Conteúdos

- Desenhos, colagens, modelagens e pintura;
- Espaços dimensionais e tridimensionais;
- Linguagem visual (ponto, linha cor, volume, textura, luz contrastes);
- Leitura de obras de arte;
- Cores primárias.

3.5.6.4 Avaliação

Nesse nível de aprendizagem, a avaliação em Arte deve ser contínua, levando em consideração os processos vivenciados pelas crianças e poderá construir-se em instrumento para a reorganização de objetivos, conteúdos, procedimentos, atividades e como forma de acompanhar e conhecer cada criança e grupo.

A avaliação deve basear-se na observação cuidadosa do educador e no registro contínuo dessas observações, levando-se em consideração as conquistas de aprendizagens por parte das crianças e os objetivos de ensino estabelecidos para as diversas linguagens artísticas trabalhadas.

Em Artes Visuais, o professor deve observar como as crianças desenvolvem a capacidade de:

- Criar formas artísticas nos espaços bi e tridimensionais, desenvolvendo um percurso de criação que pode ser individual ou coletivo;
- Buscar aperfeiçoar seus conhecimentos apesar de suas possíveis dificuldades;
- Estabelecer relações com o trabalho da Arte produzido por si e por outras crianças, sem discriminações estéticas, artísticas, étnicas e de gênero;
- Identificar os elementos da linguagem visual que se encontra em múltiplas realidades;
- Reconhecer e apreciar vários trabalhos e objetos de arte por meio das próprias emoções, reflexões e conhecimentos.
- Valorizar as fontes de documentação, preservação e acervo da produção artística disponíveis no seu contexto de vida e em outros aos quais venha a ter acesso.

PROPOSTA CURRICULAR

Ensino Fundamental I

3.6 LÍNGUA PORTUGUESA

3.6.1 Pressuposto Teórico

Ao ensinar Língua Portuguesa na escola, precisa-se ter consciência que o processo ensino aprendizagem desta área é resultante da articulação de três variáveis: o aluno, a língua e o ensino.

Neste contexto, o aluno é o sujeito que age sobre o objeto do conhecimento. A língua é o objeto do conhecimento (Língua Portuguesa). O ensino é a prática educacional onde ocorre a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Esta mediação ocorre quando o professor planeja, implementa e dirige as atividades didáticas com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno.

O aluno chega à escola com uma linguagem cultural já desenvolvida; esta deve ser respeitada e aceita pela escola, ao mesmo tempo que o professor irá fazendo um trabalho de apresentação de outras formas de linguagem, principalmente conscientizando seus alunos de que todas são válidas, não havendo formas erradas, mas, sim, adequadas e convenientes. Todavia, a escola precisa propiciar ao aluno o acesso às diversas formas de usar a língua, conhecendo e praticando a variedade de maior prestígio que é a padrão e formal.

Nesse sentido, entende-se que a finalidade do ensino da língua é o letramento entendido como o domínio das práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 1998), ou seja, não basta apenas propiciar aos alunos a aquisição do código gráfico, da mecânica da leitura e da escrita (essa é uma condição necessária, porém, não suficiente para responder às demandas da sociedade letrada em que vivemos). É preciso ensinar os alunos a ler e interpretar um rótulo, uma notícia de jornal, uma tabela de preços, as regras de um jogo, uma conta de luz ou água, as informações de um documento, etc. É necessário saber escrever desde uma lista de compras ou um bilhete, até uma carta, um telegrama, um formulário de emprego, um anúncio classificado.

Esses são apenas alguns exemplos para mostrar que as diversas situações de interação social se efetivam por meio de textos orais ou escritos. É nos textos que se materializam as práticas discursivas, ou seja, os textos são manifestações das ideias de uma pessoa ou grupo, produzidos com um objetivo determinado, em um dado contexto, tendo em vista um interlocutor também determinado. Todos esses elementos constituem as condições de produção de texto, sem as quais ele perde sua significação.

Na sociedade, circulam textos com intenções diversas: informar, divertir, opinar, convencer, anunciar, entre outros. Cada uma dessas finalidades determina uma forma diferente de organização, de estrutura e de estilo do texto, bem como um suporte textual específico; tudo isso define um gênero textual.

É nessa perspectiva que o texto é tomado como unidade básica de ensino da língua. O texto é o ponto de partida de trabalho em sala de aula. Ele é a base para o desenvolvimento das atividades de leitura, produção (oral e escrita) e análise linguística. É pelo trabalho de análise e reflexão sobre a língua que os conteúdos de Língua Portuguesa são sistematizados. O texto é também ponto de chegada, o que significa possibilitar ao aluno condições de produzir textos orais e escritos cada vez mais elaborados. É isso que quer dizer trabalhar com a língua com base no eixo USO-REFLEXÃO-USO.

Assim, esse trabalho, em sala de aula, deve estar centrado na oralidade, na leitura e escrita, na reflexão sobre a língua com base no diagnóstico da linguagem do aluno. O professor, parceiro, mais experiente, é o mediador desse processo, realizando as intervenções necessárias para o desenvolvimento das habilidades do aluno de falar, ouvir, ler e escrever.

Portanto, espera-se que por meio do ensino da Língua Portuguesa, os alunos, progressivamente, adquiram uma competência em relação à linguagem que lhes possibilite resolver problemas da vida cotidiana, ter acesso aos bens culturais e alcançar a participação plena no mundo letrado. Para que esta aquisição ocorra, as práticas educativas precisam garantir que o aluno, gradativamente, seja capaz de:

- Compreender o sentido nas mensagens orais e escritas;
- Ler com autonomia textos de diferentes gêneros;
- Utilizar a linguagem oral com eficácia, adequando-a a intenções e situações comunicativas, expressando sentimentos, experiências e ideias;
- Participar de diferentes situações de comunicação oral;
- Produzir textos escritos coesos e coerentes;
- Escrever textos de diferentes gêneros;
- Considerar a necessidade das várias versões que a produção do texto escrito requer;
- Escrever textos com domínio da separação em palavras, estabilidade de palavras de ortografia regular e de irregular mais frequentes na escrita;
- Utilizar recursos do sistema de pontuação para dividir o texto em frases;
- Revisar seus próprios textos a partir de uma primeira versão e, com auxílio do professor, redigir as versões necessárias até considerá-lo suficientemente bem escrito para o momento.

Na presente Diretriz Curricular, o ensino da Língua Portuguesa está organizado em torno de eixos básicos: oralidade e escrita, bem como a análise e a reflexão sobre a língua que permeia tanto a linguagem oral quanto a escrita.

3.6.2 Encaminhamento Metodológico

No que se refere aos conteúdos de Língua Portuguesa, de modo geral, são os mesmos para todas as séries, mudando o grau de complexidade à medida que o aluno vai avançando.

Neste contexto, faz-se necessário um trabalho contínuo com a oralidade, com a leitura e a escrita, bem como com a análise e reflexão da língua.

Oralidade

É preciso ensinar o nosso aluno a produzir textos orais, de forma cada vez mais competente, habilitando-o a expressar-se com clareza e objetividade nas diversas situações em que isso se faz necessário no cotidiano:

- Relatar fatos ocorridos;
- Recontar histórias lidas ou ouvidas; interpretar oralmente textos trabalhados em sala de aula;
- Dramatizar histórias ou peças de teatro;
- Participar de debates, dando sua opinião e argumentando adequadamente;
- Realizar uma apresentação na escola ou fora dela;
- Declamar textos poéticos e outros.

É necessário considerar as diferentes variedades linguísticas existentes na sociedade, conforme a região ou o meio social em que as pessoas vivem. Ao chegar à escola, o aluno já domina uma variedade que pode não ser aquela que mesmo conhece e valoriza. É preciso respeitar esses diferentes modos de falar, considerando que todos servem como processo de comunicação. Porém, gradativamente, é preciso ensinar ao aluno como adequar a linguagem oral às diferentes situações comunicativas, considerando os interlocutores, o contexto (mais formal ou mais informal) e o objetivo.

O trabalho com a oralidade implica ensinar os alunos a saber ouvir, a respeitar as opiniões diferentes da sua, esperar sua vez para falar e argumentar. Mais do que isso, implica ensinar o respeito à diversidade - fundamental para a convivência numa sociedade que se quer democrática.

Leitura

O ato de ler é um processo cognitivo abrangente e complexo que envolve, fundamentalmente, a atribuição de sentido ao texto. É uma forma de interagir com o outro pela mediação da palavra. Ler é compreender o texto, mas é também completá-lo, descobrir o que está nas entrelinhas, decifrar as pistas usadas pelo autor, relacionar o lido com outras leituras feitas ou com experiências vividas.

Nessa perspectiva, fica claro que a leitura vai além da decifração de letras, palavras e frases; o leitor não é apenas um decodificador, é quem dialoga com o texto, usando seus conhecimentos prévios, fazendo inferências, refazendo o percurso do autor; é, enfim, um elemento ativo no processo de compreensão do texto.

À escola cabe a tarefa de formar esse leitor, que dê conta de ler e compreender aquilo que lê. Assim, a leitura deve ser prioridade em sala de aula, considerando-se que é por meio dela que o aluno tem acesso aos conhecimentos escolares e, principalmente, ao que acontece no mundo ao seu redor. Ela é instrumento de participação social, condição para o exercício pleno da cidadania.

Assim, o professor deve possibilitar ao aluno o acesso aos diversos gêneros textuais que circulam na sociedade (notícias, contos, cartas, poemas, receitas, propagandas, etc.). É preciso considerar também a leitura de textos em linguagem não-verbal (ilustrações, gestos, sons, expressões faciais, reproduções de obras de arte), que podem se constituir elementos isolados ou parte integrante de um texto escrito (verbal).

Ao trabalhar a leitura, é fundamental explicitar suas diferentes funções: lemos por prazer; lemos para aprender; lemos para resolver um problema; lemos para buscar informações de caráter geral ou específico. O aluno deve ser levado a perceber que, de acordo com essas finalidades, há um modo de ler também específico: não se lê da mesma forma um poema, uma notícia, uma receita ou uma piada. Há textos que basta uma leitura; outros exigem leitura exaustiva, repetidas vezes, com maior atenção. Em alguns textos, é necessário lê-los integralmente; em outros, é suficiente localizar a informação desejada.

Além disso, é preciso considerar que a compreensão de um texto se inicia antes mesmo de sua leitura oral ou silenciosa. O professor deve propor atividades que possibilitem identificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto do texto, sobre o que conhece a respeito daquele gênero textual, sobre o vocabulário utilizado. Devem ser organizadas situações em que os alunos possam antecipar o conteúdo ou levantar hipóteses com base em elementos como as ilustrações, o título, o autor ou o gênero textual que está sendo explorado, por exemplo.

Ao solicitar a leitura individual ou realizar uma leitura em voz alta para a turma, os alunos terão oportunidade de checar as hipóteses que foram levantadas, bem como de fazer novas inferências (como compreender uma palavra pelo contexto ou descobrir uma

informação não explícita no texto). Há necessidade também de realizar atividades em que os alunos tenham oportunidade de fazer comparações, reconhecer os recursos usados pelo autor, tirar conclusões e estabelecer relações do que está sendo lido com outras leituras ou outras vivências. As atividades orais ou escritas realizadas antes, durante e após a leitura do texto têm por finalidade explorar essas estratégias fundamentais para a sua compreensão.

Isso só se efetiva se for possibilitado aos alunos que participem de situações de leitura nas quais possam ver essas estratégias em ação, aprender a utilizá-las com a mediação do professor, até que se tornem capazes de utilizá-las autonomamente.

Escrita

Para que o aluno tenha condições de produzir bons textos, é necessário propiciar subsídios para tal, o que se realiza por meio de leituras e discussões relacionadas ao tema/ assunto em pauta. São essas atividades que possibilitam ao aluno produzir textos com conteúdo. A forma é definida de acordo com a intenção e o objetivo do texto.

Além disso, é preciso que o aluno compreenda que o bom texto não nasce “pronto”, ou seja, requer planejamento e, na maioria dos casos, diversas reescritas, buscando-se sempre a clareza e a objetividade necessárias para ser entendido pelo leitor. Esse é um processo que deve ser sempre mediado pelo professor.

A reescrita dos textos produzidos pelos alunos deve ser realizada após ser feita a análise linguística. Ao observar determinados aspectos que precisam ser trabalhados, o professor poderá eleger alguns desses para proceder a reescrita do texto. Não é possível explorar todos os problemas que o texto pode apresentar, pois, além de ser um processo demorado, os alunos poderão se desmotivar.

Esse processo pode ser realizado individual ou coletivamente, dependendo do objetivo que o professor quer atingir. A reescrita coletiva pode ser usada para trabalhar determinados conteúdos ou aspectos que a maioria dos alunos ainda não esteja dominando. Nesse caso, o texto pode ser transcrito no quadro para posterior discussão e reescrita.

Dependendo do ano, é possível propor alguns códigos que o professor pode lançar mão para registrar aspectos que devem ser revistos no texto dos alunos como parágrafo, letra maiúscula, pontuação, acentuação, questões ortográficas. É importante que esses códigos estejam relacionados a aspectos que os alunos já tenham condições de rever e adequar à escrita padrão. Desse modo, os próprios alunos podem reescrever seus textos, aperfeiçoando-os sob esses aspectos.

Nas duas situações, o importante é que os alunos percebam que a reescrita é parte do processo de produção textual e deve ser efetivada até que o texto seja considerado claro, coerente, atendendo às finalidades a que se propõe. Além disso, é importante evitar julgamentos e comparações: os alunos devem perceber que, no processo de reescrita, serão discutidas as ideias do texto, a melhor forma de organizá-las, sem a preocupação de avaliar o(s) aluno(s).

Análise Linguística

A análise linguística é o processo pelo qual é possibilitada aos alunos a reflexão sobre o funcionamento da língua em situações de uso efetivo, ou seja, em situações de interpretação e produção de textos. **É nesse processo que são sistematizados os conteúdos fundamentais da Língua Portuguesa, sem necessariamente fazer o aluno decorar uma série de regras gramaticais ou nomenclaturas específicas.** É preciso cuidar para que o texto não se torne um mero pretexto para o trabalho com questões ortográficas e gramaticais completamente

desvinculadas da situação de uso. Assim, a pergunta que deve nortear o trabalho do professor ao realizar qualquer atividade de análise linguística é: Em que isso pode auxiliar meu aluno a produzir melhores textos?

As atividades de análise linguística podem ser desenvolvidas nos textos impressos e nos textos produzidos pelos alunos. No texto impresso, a finalidade é que o aluno compreenda como o autor usou os recursos da língua para dar forma e conteúdo. Nos textos dos alunos, o objetivo é diagnosticar os conteúdos já dominados por eles e fazer um levantamento dos aspectos que ainda precisam ser trabalhados, tendo em vista o aprimoramento das habilidades linguísticas nas próximas produções textuais. Essa atividade é a base para o planejamento do trabalho a ser desenvolvido em sala de aula, bem como para as atividades de reestruturação de textos dos alunos.

No trabalho de análise linguística, deve-se priorizar os conteúdos que conferem clareza, coesão e coerência ao texto. Assim, as atividades precisam se organizar sob dois aspectos: análise das relações no interior do texto e análise no interior da palavra.

Ao realizar a análise das relações no interior do texto, é necessário que se proponham atividades que objetivem a compreensão das ideias básicas, bem como dos conteúdos relacionados aos aspectos macro-textuais: unidade temática, paragrafação, pontuação, elementos coesivos, uso de discurso direto e de discurso indireto, entre outros. Torna-se imprescindível que se realize a análise de elementos gramaticais de forma significativa e contextualizada.

3.6.3 Língua Portuguesa e Alfabetização

A área da Língua Portuguesa, em especial a alfabetização, vem sendo objeto de muitos estudos e discussões. Os estudos relacionados à forma como a criança aprende a ler e escrever, ao papel da consciência fonológica, às pesquisas sobre o letramento, entre outros, mudaram substancialmente a forma de conceber a alfabetização atualmente.

Sob essa perspectiva, ser alfabetizado supõe compreender para que serve a escrita, além de compreender como a escrita é construída, quais são as regras que organizam seu funcionamento. É um complexo processo conceitual, de reflexão sobre a escrita e sua organização, e não apenas perceptivo.

Para isso, é preciso que, desde o ingresso na escola, a criança seja inserida em um ambiente de letramento, ou seja, em um ambiente onde a leitura e a escrita sejam usadas com sentido e com base na sua função na sociedade. Assim, em contato com a língua escrita, refletindo sobre sua forma de organização, o aluno vai se apropriando gradativamente da escrita alfabética, sem que se reduza o trabalho com a linguagem escrita a uma linguagem escolar: aquela que serve apenas para trabalhar na escola, mas não tem nenhuma relação com a leitura e a escrita que usa no cotidiano.

Porém, não se deve esquecer que a criança aprende utilizando as diversas linguagens: a corporal, a música, a dança, a pintura, o teatro, o desenho, a oralidade. Assim, ela deve ser incentivada a brincar, desenhar, pintar, ouvir e contar muitas histórias, dramatizar e outros.

A brincadeira é considerada atividade essencial da criança, pois, ao brincar, ela desenvolve imaginação e criatividade; constroi relações sociais; cria e recria regras de organização, aprendendo a respeitá-las; aprende a planejar e antecipar ações, tomar decisões e encontrar soluções para problemas. É na brincadeira que a criança manifesta diferentes linguagens, ao mesmo tempo em que as constitui, aprendendo a interpretar e representar o real.

Todas essas realizações constituem as bases para a aquisição da leitura, da escrita e de mais conhecimentos, e não podem, sob nenhuma hipótese, ser substituídas por atividades

que signifiquem a antecipação de aquisições que a criança ainda não tem condições de realizar ou compreender.

O professor é elemento fundamental nesse processo, realizando as interferências necessárias e adequadas para que a criança avance no seu processo de aprendizagem. Cabe a ele, também, propor atividades significativas que levem o aluno a pensar sobre a escrita para que se escreve, como se escreve –, até que as crianças tenham condições de escrever e ler autonomamente.

Nesse processo, algumas questões são essenciais:

- **Ideia de representação:** É preciso que o aluno compreenda que existem diferentes formas de representar ideias: por meio de gestos, símbolos, desenhos, logotipos. Porém, essas diferentes linguagens representam simbolismo de 1ª ordem, ou seja, representam diretamente o objeto ou a ideia que se quer transmitir. Já a escrita é um simbolismo de 2ª ordem, ou seja, ela não representa diretamente a ideia ou o objeto, ela representa a fala, o “nome” do objeto. Essa compreensão de que as letras do alfabeto são símbolos que foram convencionados (combinados) para representar os sons da fala, é fundamental para a alfabetização.
- **Função social da escrita:** Na sociedade, a leitura e a escrita são usadas para diferentes funções: informar, localizar, identificar, orientar, instruir, divertir e outros. Essas e outras funções devem ser trabalhadas em sala de aula, ou seja, deve-se propor atividades em que as crianças leiam ou escrevam tendo claro porquê e para quê aquela leitura ou produção de texto está sendo realizada.

É preciso compreender que as crianças podem ler, escrever e produzir desde o primeiro dia de aula, embora não o faça convencionalmente. Quando o professor lê um texto para os alunos, esses são tão leitores quanto o professor (entendendo que ler é extrair o significado do texto e não apenas decifrar). No início, o professor poderá ser o escriba dos alunos que poderão ditar o texto para que ele vá escrevendo. Isso porque se entende que produzir um texto é bem diferente de copiar, de transcrever algo sem que se tenha pensado sobre o que isso representa.

É preciso, também, permitir às crianças que tentem escrever por si mesmas, colocando no papel suas ideias da forma como pensam. O professor deve observar se o aluno está utilizando grafismos (garatujas), números, que letras está usando, se usa essas letras de forma aleatória ou se já percebe a relação letra-som. As diversas tentativas de escrita realizadas servem como diagnóstico para o professor, pois, com base nessas tentativas, ele tem melhores condições de planejar as futuras intervenções a serem efetivadas em sala de aula.

Nível Pré-silábico

O nível pré-silábico é o primeiro dos quatro níveis. Existem duas etapas nesse nível:

Pré-silábico 1 – a criança acredita que escreve com desenhos;

Pré-silábico 2 – descobre que desenhar não é escrever. Diz que não sabe escrever, mas sabe que o desenho não é escrita e passa a escrever apenas com sinais gráficos.

Nível Silábico

Nesta, fase a criança começa a perceber que tudo se diz escreve, cada palavra é sempre escrita com as mesmas letras.

Descobre que pode escrever uma letra para cada sílaba para cada palavra. À medida que vai escrevendo, ela mesma vai percebendo que sua hipótese não é completa, que é impossível ler o que escreve, nem ela própria consegue ler o que escreveu porque descobre que faltam elementos discriminativos na sílaba. A hipótese silábica é um passo muito importante no processo de aquisição da escrita, pois, pela primeira vez, a criança trabalha com a hipótese de que a escrita representa partes sonoras da fala, porém, com uma particularidade: cada letra vale por uma sílaba. Neste estágio, a criança precisa escrever bastante.

Nível Silábico-alfabético

As crianças silábico-alfabéticas aumentam, de duas formas o número de letras em suas escritas : ou voltam a escrever com muitas letras, abandonando a escrita silábica, ou continuam escrevendo silabicamente, acrescentando no final da palavra que escreveram mais letras aleatoriamente conservando em parte a hipótese do nível silábico.

Nível Alfabético

Trata-se do chamado “estalo” da alfabetização. O aluno começa a escrever algumas sílabas e, para a escrita de outras, permanece silábico.

O nível alfabético se caracteriza pelo reconhecimento do som da letra. Mas, geralmente, as crianças ainda não conseguem a solução de todos os problemas no que se refere à leitura e escrita. Descobrem que algumas letras podem ter som de outras letras, por exemplo, X com som de CH, S com som de Z e outros.

- **Sistematização para o domínio do código escrito:** Alfabetizar, na perspectiva exposta não significa que as atividades envolvendo letras, sílabas e palavras estarão ausentes da sala de aula. O ponto de partida do trabalho é o texto, entendido como um ato de enunciação, falado ou escrito, com alguma intenção ou finalidade, dirigido ao outro (interlocutor). A definição de texto não depende de sua extensão, e sim de que se constitua um todo significativo que permita veicular uma ideia independente de ser curto ou longo.

Assim, o trabalho em sala de aula poderá ser organizado, considerando a possibilidade de trabalhar com diferentes gêneros textuais em diferentes suportes: o nome dos alunos, placas de trânsito, rótulos de produtos, logomarcas, bandeira, símbolos diversos, e outros textos selecionados de acordo com o grau de complexidade e de adequação à faixa etária:

quadrinhas, adivinhas, contos, histórias em quadrinhos, poesias, receitas, entre outros.

No encaminhamento do trabalho com o texto, deve-se considerar os dois aspectos citados anteriormente: relações no interior do texto e relações no interior da palavra (análise linguística). O início do trabalho deve sempre contemplar atividades que visem à compreensão das ideias básicas do texto (análise das relações no interior do texto). A sistematização, para o domínio do código, será realizada após o professor perceber que os alunos compreenderam o texto como um todo: aí poder-se-á destacar uma ou mais palavras significativas (porque são contextualizadas) para a sistematização das unidades menores da escrita.

Nessas atividades, prioriza-se o uso da letra caixa alta (ou de forma maiúscula), pois, além de ser de traçado mais fácil para a criança, possibilita a discriminação das letras durante as atividades de sistematização. Tem-se que lembrar, também, que a grande maioria dos materiais escritos utiliza letras de forma maiúscula ou minúscula. O alfabeto pode e deve ser apresentado com a letra de forma e a manuscrita, maiúscula e minúscula, porém, o aluno é solicitado a escrever com a letra manuscrita somente depois de alfabetizado, visto que o objetivo é a compreensão do sistema da escrita e não a prática de exercícios motores.

As atividades de sistematização devem abordar a reflexão sobre as letras, os sons que elas representam e os padrões silábicos que compõem as palavras que estão sendo trabalhadas. As atividades de sistematização vão sendo gradativamente ampliadas nos primeiros anos do Ensino Fundamental de forma que a criança possa construir, gradativamente, o conhecimento sobre as normas que organizam o código escrito (convenção ortográfica). Não é, portanto, um trabalho que se esgota na fase inicial de alfabetização.

A sistematização, para o domínio do código, deve ser organizada em torno das atividades que envolvam trocas, inversões, acréscimos e supressões de letras e padrões silábicos. Nessas atividades, os alunos devem perceber que diferentes combinações de letras ou sílabas resultam em diferentes palavras com diferentes significados. Outras atividades também podem auxiliar nessa compreensão: rimas, cruzadinhas, segmentação das palavras e frases, composição de palavras com letras ou sílabas de outras; descobrir palavras dentro de outras; jogos com o alfabeto; entre outras com o objetivo de explorar as unidades que compõem as palavras.

Essas atividades devem ser sempre realizadas oralmente, com o alfabeto móvel e registro, permitindo, assim, que a criança perceba a relação entre o que está sendo dito e como isso é representado no papel, auxiliando no desenvolvimento da consciência fonológica. A consciência fonológica envolve diferentes habilidades como a identificação de rimas, alterações nas palavras, a percepção das palavras que compõem uma frase, das sílabas que compõem as palavras e dos fonemas que fazem parte das sílabas e palavras. O desenvolvimento dessas habilidades, por meio de atividades lúdicas e significativas, auxilia o processo de apropriação da escrita pelas crianças.

Todo o processo de alfabetização deve ser criativo, responsável, livre e transformador a ponto de modificar não somente o aluno, mas o professor. A meta de qualquer educador é fazer com que todos aprendam. Mas cada aluno se expressa de um jeito próprio, revela características únicas, comporta-se de forma independente, tem um ritmo de aprendizagem que não é igual ao de nenhum outro. Se não houver condições de compreensão dessas particularidades, haverá sérios riscos de fracasso escolar. Assim, sugere-se a introdução da letra cursiva apenas no 2º bimestre do 2º ano, sabendo que no 1º bimestre ocorre a revisão de conteúdos ainda com a letra caixa alta.

Ensinar a criança a ler e escrever pressupõe um trabalho de interação entre os alunos e professores no qual a língua escrita, enquanto objeto de conhecimento, deve ser explorada em toda a sua riqueza e significado; em que a qualidade das intervenções pedagógicas constitui o eixo que sustenta esse aprendizado.

Para os professores que trabalham com a alfabetização, Magda Soares recomenda: “Alfabetize letrando sem descuidar da especificidade do processo de alfabetização.” Especificidade é ensinar a criança e ela aprender. O aluno precisa entender a tecnologia da

alfabetização. Há convenções que precisam ser ensinadas e aprendidas, trata-se de um sistema de convenções com bastante complexidade. O estudante (além de decodificar letras e palavras) precisa aprender toda uma tecnologia muito complicada: como segurar o lápis, escrever de cima pra baixo e da esquerda para a direita; escrever em uma linha horizontal, sem subir ou descer. São convenções que os adultos letrados acham óbvias, mas que são difíceis para as crianças. E no caso dos professores dos anos mais avançados do ensino fundamental, é importante cuidar do letramento em cada área específica.

3.6.4 Literatura infantil

A literatura é a possibilidade de ouvir, sentir e ver com os olhos da imaginação; é viajar sem sair do lugar; conhecer outros mundos e poder sonhar. É emoção, é fantasia, é prazer.

Assim deve ter um lugar todo especial na sala de aula, um lugar que deve ser ponto de partida para o encantamento, a magia, o desconhecido que se desvela em cada encontro com as palavras. Isso requer o envolvimento do professor, sem o qual essa “viagem” não se realiza.

Em casa, pode ser que a criança já tenha tido contato com as histórias infantis clássicas, pela voz da mãe, do avô, de um irmão. Mas é o professor quem tem em suas mãos a possibilidade de ampliar essas leituras, trazendo outras opções para a sala de aula: poesias, lendas, parlendas, adivinhas, cantigas de roda, acalantos, contos, trava-línguas, histórias sem texto.

Trazer o texto literário para o cotidiano da sala de aula não significa, porém, desenvolver atividades em que esse seja usado como pretexto para ensinar valores, hábitos de higiene, direitos e deveres, conteúdos gramaticais ou de outras áreas do conhecimento. Se o livro serve para isso, não é literatura. A literatura não tem essa função utilitária, **literatura é arte e prazer.**

Assim, há necessidade de selecionar obras literárias de qualidade, ou seja, trazer para a sala de aula bons autores, diversos gêneros e estilos. No trabalho com a literatura, a base é a leitura, a discussão e a reflexão sobre a obra lida. Tão importante como entender o que o texto diz é perceber como isso se efetivou pelas mãos das diversas pessoas que colaboraram para a construção do livro: autor, ilustrador, diagramador, revisor, entre outros.

Assim, pode-se analisar a capa do livro e os dados que ela fornece (autor, ilustrador, editora), seu formato, tamanho das letras, o que tem na contracapa.

Pode-se e deve-se observar as ilustrações: como foram feitas, de que material, se são coloridas ou não, se as cores são suaves ou fortes, se são apenas decorativas ou se complementam o que o texto diz. Há também ilustrações que contam coisas que o texto não disse.

O tema também pode ser objeto de análise: se é interessante, divertido, monótono, triste, que tipo de emoção despertou no leitor, se é um texto ilustrado, tem apenas textos (longos ou curtos) ou é uma história sem texto. No trabalho com a literatura, o livro inteiro (e não apenas o texto) é objeto de discussão; o livro deve ser analisado como uma obra de arte.

Somos o que lemos. Só se pode ensinar os alunos a serem leitores competentes, lendo muito com eles e para eles. Se a escola conseguir ensinar os alunos a lerem (não apenas decifrar) e a gostar de ler, pode-se dizer que conseguiu cumprir uma das suas tarefas mais importantes.

3.6.5 Conteúdos

1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

ORALIDADE	LEITURA E ESCRITA	ANÁLISE LINGÜÍSTICA
<p>Contar e recontar histórias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Articulação correta das palavras; - Fluência e entonação adequada; - Sequência lógica das ideias; - Expressões de cortesia; - Audição de narrativas lidas ou contadas pelo professor e outros alunos; - Contato com acontecimentos narrados; - Ampliação do vocabulário; - Diferentes significados de palavras e expressões. <p>Relação oralidade-escrita.</p> <p>Diferentes formas de expressão e interpretação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenho; - Escrita; - Recorte e colagem; - Gestos e mímicas; - Dramatização; - Sons. 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura com o auxílio do professor; - Leitura de diferentes linguagens-imagens, desenhos e outros; - Observância à pontuação, ritmo e entonação; - Levantamento de hipóteses e previsões sobre o texto e seu conteúdo; - Compreensão das ideias do texto; - Relações intertextuais; - Reflexão e compreensão das ideias em diferentes tipos de textos; - Práticas de escrita: individual e coletiva. <p>Relação oralidade-escrita.</p> <p>Diferentes formas de expressão e registro</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenho; - Escrita; - Recorte e colagem; - Gestos e mímicas; - Dramatização; - Sons. 	<ul style="list-style-type: none"> - Função social da escrita, conjunto de símbolos próprios da escrita; - Alfabeto; - Consoantes; - Vogais; - Identificação, localização, orientação; - Alfabeto: ordem alfabética; - Som das letras; - Vogais; - Consoantes; - Reconhecer as letras que formam o próprio nome e sequenciá-las; - Nomes dos colegas; - Direção da escrita; - Relação desenho/palavra; (GRAFEMA-FONEMA); - Sílabas simples, apresentação e reconhecimento, complexas (padrões silábicos); - Espaçamento entre as palavras; - Hipótese de escrita e confronto com o modelo correto; - Segmentação do texto em palavras; - Apresentação e reconhecimento com ênfase na caixa alta dos 4 tipos de letra; - Rima; - Ordenação de versos; - Unidade temática; - Escrita de palavras do mesmo universo semântico (sinônimos e antônimos); - Pontuação: ponto final, exclamação e interrogação.
<p>GÊNEROS TEXTUAIS: Músicas, adivinhas, trava-línguas, parlendas, poemas, crônicas, biografias, imagens, contos, mitos, lendas populares, relatos, receitas, listas, encartes, classificados, histórias em quadrinho, provérbios, cantigas, textos de instrução, narrativos, textos informativos, rótulos, acrósticos e piadas.</p>		

2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

ORALIDADE	LEITURA E ESCRITA	ANÁLISE LINGÜÍSTICA
<p>Contar e recontar histórias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sequência lógica das ideias; - Articulação correta das palavras; - Fluência e entonação adequada; - Expressões de cortesia; - Audição de narrativas lidas ou contadas pelo professor e outros alunos; - Contato com acontecimentos narrados; - Ampliação do vocabulário; - Diferentes significados de palavras e expressões. <p>Relação oralidade-escrita.</p> <p>Diferentes formas de expressão e interpretação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenho; - Escrita; - Recorte e colagem; - Gestos e mímicas; - Dramatização; - Sons. 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura com o auxílio do professor; - Leitura de diferentes linguagens-imagens, desenhos e outros; - Observância à pontuação, ritmo e entonação; - Levantamento de hipóteses e previsões sobre o texto e seu conteúdo; - Compreensão das ideias do texto; - Relações intertextuais; - Reflexão e compreensão das ideias em diferentes tipos de textos. - Práticas de escrita: individual e coletiva; <p>Relação oralidade-escrita.</p> <p>Diferentes formas de expressão e registro:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenho; - Escrita; - Recorte e colagem; - Gestos e mímicas; - Dramatização; - Sons, música. 	<ul style="list-style-type: none"> - Função social da escrita; conjunto de símbolos próprios da escrita; - Alfabeto; - Consoantes; - Vogais; - Identificação, localização, orientação; - Alfabeto: ordem alfabética; - Som das letras; - Vogais; - Consoantes; - Reconhecer as letras que formam o próprio nome e sequenciá-las; - Nomes dos colegas; - Direção da escrita; - Relação desenho/palavra; - Sílabas simples e complexas (padrões silábicos); - Espaçamento entre as palavras; - Hipótese de escrita e confronto com o modelo correto; - Segmentação do texto em palavras; - Uso dos 4 tipos de letra; - Rima; - Ordenação de versos; - Unidade temática; - Escrita de palavras do mesmo universo semântico (sinônimos e antônimos); - Pontuação: ponto final, exclamação e interrogação (sinais gráficos).
<p>GÊNEROS TEXTUAIS: músicas, adivinhas, trava-línguas, parlendas, poemas, crônicas, biografias, imagens, contos, mitos, lendas populares, relatos, receitas, listas, encartes, classificados, histórias em quadrinho, provérbios, cantigas, textos de instrução, narrativos, textos informativos, rótulos, acrósticos e piadas.</p>		

3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

ORALIDADE	LEITURA E ESCRITA	ANÁLISE LINGÜÍSTICA
<p>Contar e recontar histórias:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Regras da comunicação; - Sequência lógica das idéias; - Objetividade; - Articulação correta das palavras; - Concisão e clareza na pronúncia das palavras; - Consistência argumentativa; - Fluência; - Entonação adequada; - Organização das idéias; - Ampliação do vocabulário. <p>Participação em situações que requeiram:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ouvir com atenção; - Intervir sem sair do assunto tratado; - Formular e responder perguntas; - Explicar e ouvir explicações; - Manifestar e acolher opiniões, experiências e sentimentos de forma clara e ordenada; - Narrar fatos considerando temporalidade e causalidade; - Narrar histórias buscando relação com o texto fonte; - Descrever personagens, cenários e objetos; - Expor oralmente com ajuda do professor usando suporte crítico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apreensão das ideias do texto; - Interpretação de pequenos textos; - Ritmo e entonação; - Escuta de textos lidos pelo professor; - Atribuição de sentido, coordenando texto e contexto (c/ ajuda); - Utilização de indicadores para fazer antecipações ou conclusões em relação ao conteúdo e emprego dos dados obtidos para confirmação das suposições feitas; - Busca de informações e consulta a diferentes fontes de diferentes tipos (jornal, revista, enciclopédia, internet, etc.) com ajuda; - Socialização das experiências de leitura; - Práticas de escrita de diferentes gêneros textuais individuais e coletivas, considerando o destinatário e a finalidade do texto; - Utilização de estratégias de escrita: planejar o texto, redigir rascunho, revisar e cuidar da apresentação, com orientação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação oralidade-escrita; - Função social da escrita; - Ordem alfabética (função social); - Padrões silábicos; - Divisão silábica (classificação quanto ao número de sílabas); - Estabelecimento das regularidades ortográficas. <p>Produção de textos considerando:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Espaçamento entre as palavras; - Letras: maiúsculas e minúsculas; - Uso e traçado dos quatro tipos de letra; - Unidade temática; - Sequência lógica; - Paragrafação; • <i>Elementos coesivos</i>: pronomes pessoais, preposição e conjunções; • <i>Concordâncias nominais</i>: substantivos: comum, próprio, coletivo; número do substantivo (singular e plural); gênero do substantivo (masculino e feminino); grau do substantivo (aumentativo e diminutivo); artigos; adjetivos (número e gênero do adjetivo – masculino, feminino, singular e plural); adjetivos pátrios e verbal; verbo (presente, passado e futuro do modo indicativo); discursos: direto (diálogo) e indireto mediante a utilização de dois pontos, travessão e aspas; • <i>Elementos de apresentação</i>: título, margem, uso das linhas (cadernos e folhas) e outros; Legibilidade na escrita; • <i>Sinais de pontuação</i>: travessão, interrogação, vírgula, ponto final, ponto de exclamação, dois pontos e parênteses; Acentuação: agudo e circunflexo; • <i>Sinal gráfico</i>: til, aspas, cedilha; - Sinônimos e antônimos (uso do dicionário); - Reestruturação das produções realizadas pelos alunos individuais e/ou coletivas.
<p>GÊNEROS TEXTUAIS: músicas, adivinhas, trava-línguas, parlendas, poemas, crônicas, biografias, imagens, contos, mitos, lendas populares, relatos, receitas, listas, encartes, classificados, histórias em quadrinho, provérbios, cantigas, textos de instrução, narrativos, textos informativos, rótulos, acrósticos e piadas.</p>		

4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

ORALIDADE	LEITURA E ESCRITA	ANÁLISE LINGÜÍSTICA
<ul style="list-style-type: none"> - Sequência lógica das ideias; - Objetividade; - Articulação correta das palavras; - Concisão e clareza na pronúncia das palavras; - Uso de procedimento de negociação e acordo; - Fluência; - Entonação adequada; - Organização das ideias; - Ampliação do vocabulário. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apreensão das ideias do texto; - Leitura e compreensão de textos de variados gêneros, inclusive os de linguagem não verbal; - Ritmo; - Entonação; - Fluência; - Escuta de textos lidos pelo professor; - Atribuição de sentido e coordenando texto e contexto (c/ ajuda); - Utilização de indicadores para fazer antecipações ou conclusões em relação ao conteúdo e emprego dos dados obtidos para confirmação das suposições feitas; - Busca de informações e consulta a diferentes fontes de diferentes tipos (jornal, revista, enciclopédia, internet, etc.) com ajuda; - Socialização das experiências de leitura; - Práticas de escrita de diferentes gêneros textuais individuais e coletivas, considerando o destinatário e a finalidade do texto; - Utilização de estratégias de escrita: planejar o texto, redigir rascunho, revisar e cuidar da apresentação, com orientação; - Diferentes modalidades de leitura (revisão, informação rápida, etc.); - Contato com obras de diferentes escritores/ autores; - Fazer resumos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Função social da escrita; - Produção de textos coerentes e coesivos relacionando: - Espaçamento entre as palavras; - Letras: maiúsculas e minúsculas; - Unidade temática; - Sequência lógica; - Paragrafação; - Concordância nominal: - Substantivos: comum, próprio, coletivo, primitivo, derivado, simples e composto; número do substantivo (singular e plural); - Gênero do substantivo (masculino e feminino); - Grau do substantivo (aumentativo e diminutivo); - Uso do travessão para indicar as falas; - Elementos de apresentação: título, margem, uso das linhas (cadernos e folhas) e outros; - Reestruturação das produções realizadas pelos alunos; - Legibilidade na escrita; - Sinais de pontuação: travessão, Interrogação, vírgula, ponto final, ponto de exclamação, dois pontos, parênteses e reticências; - Regras de acentuação (sílabas tônicas); - Sinal gráfico: til, aspas, cedilha e hífen; - Sinônimos e antônimos (uso do dicionário); - Uso e traçado dos quatro tipos de letras; - Classificação das palavras quanto ao número de sílabas; - Encontro vocálico; - Encontro consonantal; - Dígrafos; - Sujeito e predicado;
<p>GÊNEROS TEXTUAIS: músicas, adivinhas, trava-línguas, parlendas, poemas, crônicas, biografias, imagens, contos, mitos, lendas populares, relatos, receitas, listas, encartes, classificados, histórias em quadrinho, provérbios, cantigas, textos de instrução, narrativos, textos informativos, rótulos, acrósticos e piadas.</p>		

5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

ORALIDADE	LEITURA E ESCRITA	ANÁLISE LINGÜÍSTICA
<ul style="list-style-type: none"> - Formas e importância da comunicação; - Comunicar-se e interagir individualmente e coletivamente; - Sequência lógica das ideias; - Objetividade; - Articulação correta das palavras; - Concisão e clareza na pronúncia das palavras; - Consistência argumentativa; - Fluência; - Entonação adequada; - Ampliação do vocabulário; - Capacidade de compreender e atuar em seu entorno social; - Capacidade de localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada; - Capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo; - Réplicas e tréplicas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apreensão das ideias do texto; - Leitura e compreensão de textos de variados gêneros, inclusive os de linguagem não verbal; - Ampliação do vocabulário; - Ritmo; - Entonação; - Fluência; - Escuta de textos lidos pelo professor; - Atribuição de sentido, coordenando texto e contexto (c/ajuda); - Utilização de indicadores para fazer antecipações ou conclusões em relação ao conteúdo e emprego dos dados obtidos para confirmação das suposições feitas; - Busca de informações e consulta a diferentes fontes de diferentes tipos (jornal, revista, enciclopédia, etc.) com ajuda; - Socialização das experiências de leitura; - Práticas de escrita de diferentes gêneros textuais individuais e coletivas, considerando o destinatário e a finalidade do texto; - Utilização de estratégias de escrita: planejar o texto, redigir rascunho, revisar e cuidar da apresentação, com orientação; - Práticas de escrita de diferentes gêneros textuais: individual e coletiva. 	<ul style="list-style-type: none"> - Função social da escrita; - Alfabeto: vogal / semi-vogal; - Fonemas e letras; - Direção da escrita; • <i>Produção de textos coerentes e coesivos relacionando:</i> <ul style="list-style-type: none"> - Espaçamento entre as palavras; - Letras: maiúsculas e minúsculas; - Uso e traçado dos quatro tipos de letras; - Unidade temática; - Sequência lógica ao escrever textos; - Paragrafação; - Elementos coesivos: <ul style="list-style-type: none"> • <i>Pronomes pessoais:</i> de tratamento, possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos e interrogativos; preposição / crase; conjunções; • <i>Advérbios</i> – tempo, lugar, modo, afirmação, negação, dúvida e intensidade; Concordância nominal; • <i>Substantivos:</i> comum, próprio, coletivo, primitivo, derivado, simples, composto, concreto e abstrato; número do substantivo (singular e plural); gênero do substantivo (masculino, feminino, epiceno, sobrecomum e comum-de-dois-gêneros); grau do substantivo (aumentativo e diminutivo); • <i>Artigos:</i> definido e indefinido; sinônimos e antônimos (uso do dicionário); • <i>Homônimos e parônimos;</i> • <i>Adjetivos</i> (número, gênero e grau do adjetivo); adjetivos pátrios; • <i>Locução adjetiva e verbal:</i> verbo (conjugação, tempo, modo indicativo e subjuntivo); verbos auxiliares; verbos regulares; verbos irregulares; • <i>Sinais de pontuação:</i> travessão, interrogação, vírgula, ponto final, ponto de exclamação, dois pontos, parênteses e reticências; - Discursos: direto e indireto; - Objeto direto e objeto indireto; - Elementos de apresentação: título, margem, uso das linhas (cadernos e folhas), etc.; - Legibilidade na escrita.

		<ul style="list-style-type: none"> - Reestruturação das produções realizadas pelos alunos; • <i>Classificação das palavras quanto ao número de sílabas;</i> - Monossílabo átono; - Monossílabo tônico; - Classificação das palavras quanto à tonicidade; - Encontro vocálico: ditongo crescente, ditongo decrescente, ditongo oral, ditongo nasal, tritongo e hiato; - Encontro consonantal; - Dígrafos; - Regras de acentuação (sílabas tônicas); - Sinal gráfico: til, aspas, cedilha, hífen e apóstrofo; - Interjeições; - Sujeito e predicado; - Uso dos porquês; - Estabelecimento das regularidades ortográficas.
<p>GÊNEROS TEXTUAIS: músicas, adivinhas, trava-línguas, parlendas, poemas, crônicas, biografias, imagens, contos, mitos, lendas populares, relatos, receitas, listas, encartes, classificados, histórias em quadrinho, provérbios, cantigas, textos de instrução, narrativos, textos informativos, rótulos, acrósticos e piadas.</p>		

3.6.6 Avaliação

O processo de avaliação precisa estar inserido no dia a dia, para que o professor possa sempre intervir no processo ensino-aprendizagem.

Na busca de sermos justos e eficientes como educadores precisamos garantir a coerência entre as metas que planejamos, o que ensinamos e o que avaliamos. A clareza sobre o que vamos ensinar permitirá, em cada etapa do nível de ensino, delimitar as expectativas de aprendizagem, das quais dependem tanto dos novos critérios de avaliação quanto do nível de exigências.

Nesse contexto, a avaliação é um meio que permite ao aluno perceber seus avanços e suas dificuldades. Ela apresenta uma função permanente de diagnóstico e de acompanhamento do processo. No entanto, é preciso que o professor se utilize de diversos instrumentos, considerando a estreita relação que existe entre o conteúdo e a metodologia, tendo em vista a sua finalidade e as relações que se deseja que o aluno estabeleça. Assim sendo, a avaliação passa a ser concebida como um processo eficaz.

O trabalho com a linguagem oral e escrita precisa ser planejado de maneira a garantir a continuidade do que foi aprendido e a superação de dificuldades que eventualmente se tenham acumulado no período. Para tanto, é necessário que o professor investigue quais conhecimentos o aluno já construiu sobre a linguagem verbal para poder organizar a sua intervenção de maneira adequada. Essa prática precisa ser garantida não somente nos anos iniciais, mas durante todo o processo de ensino-aprendizagem que não é, portanto, esporádico.

É fundamental que o professor acompanhe diariamente seus alunos e registre, frequentemente, o resultado das suas produções.

A avaliação precisa da oralidade, da leitura, da escrita e da análise linguística. Alguns critérios devem ser observados, no entanto, estes critérios constituem-se em norteadores para a avaliação do mínimo necessário. Portanto, caberá aos professores estabelecerem outros critérios que julgarem necessários para atender aos objetivos e níveis de aprofundamento com que trabalhou cada conteúdo.

CRITÉRIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

1º ano:

*** Oralidade:**

- Relatar acontecimentos e experiências do cotidiano, mantendo a sequência lógica dos fatos mesmo com a mediação do professor;
- Recontar histórias ouvidas e/ou lidas, explicitando seus elementos principais;
- Procurar adequar a linguagem oral ao interlocutor e à situação.

*** Leitura e escrita:**

- Reconhecer a função social da leitura e da escrita;
- Demonstrar compreensão de textos lidos ou ouvidos, identificando suas ideias básicas e intencionalidade, considerando os diferentes gêneros previstos para o ano;
- Ler em voz alta com apropriação gradativa dos mecanismos da leitura de acordo com os conteúdos propostos para o ano (ritmo, fluência e entonação);
- Produzir frases simples respeitando a direção da escrita, utilizando o sistema gráfico da língua preocupando-se com a convenção ortográfica e a segmentação das palavras, com intervenção do professor.

*** Análise linguística:**

- Perceber a relação entre os sons e as letras;
- Identificar os diferentes tipos de letras no alfabeto;
- Criar palavras novas através de troca, inversão, acréscimo e supressão de letras;
- Utilizar o espaçamento entre as palavras, ainda que arbitrariamente;
- Distinguir letras maiúsculas das minúsculas;
- Tentar grafar corretamente as palavras em suas produções escritas;
- Perceber a função dos sinais de acentuação;
- Utilizar, mesmo que com a ajuda do professor, alguns elementos linguísticos necessários à organização da frase: elementos de apresentação, pontuação, recursos coesivos, entre outros, procurando estruturar frases com clareza e coerência;
- Reconhecer a necessidade de revisar e reescrever as frases produzidas, com o auxílio do professor e colegas.

2º ano:

*** Oralidade:**

- Nas práticas orais, tentar ser claro e preciso e usar volume de voz adequado;
- Reconhecer palavras repetidas em um texto;
- Realizar escuta ativa de textos observando, inclusive, a linguagem corporal;
- Como ouvinte, respeitar a fala do outro, formular e responder questões, explicar e ouvir explicações e atender as solicitações orais;
- Reproduzir e discutir assuntos de textos lidos, filmes, programas de TV e outros;
- Criar histórias a partir de imagens, contar anedotas, charadas e adivinhas e descrever personagens, cenários e objetos em narrações e exposições;
- Dramatizar fatos ou histórias;
- Narrar experiências pessoais, brincadeiras, acontecimentos, eventos, histórias e filmes de forma clara e coerente.

*** Leitura e escrita:**

- Reconhecer a utilização de diferentes formas de linguagem (fala, gesto, desenho, símbolo e escrita) em nossa sociedade para representar ideias, bem como representar as suas ideias através dessas linguagens, mesmo com auxílio do professor;
- Reconhecer e utilizar na escrita e na leitura os quatro tipos de letras;
- Relacionar palavras aos seus respectivos desenhos;
- Identificar o tema de textos lidos, bem como o começo, meio e fim de uma história;
- Criar histórias para livros sem texto verbal;
- Reproduzir histórias ouvidas com mediação do professor, e ilustrar pequenos textos lidos;
- Ler textos de diferentes gêneros previstos para o ano;
- Rer o texto, com orientação do professor, para esclarecer dúvidas;
- Perceber o texto como forma de interação entre o autor e leitor;
- Empregar dados obtidos por meio da leitura para confirmação ou retificação das suposições de sentido feitas previamente, com o auxílio do professor;
- Utilizar recursos para resolver dúvidas na compreensão (consultar ao professor ou colegas)
- Demonstrar compreensão do sentido global de textos lidos e discutidos coletivamente;
- Utilizar a língua escrita para registrar ideias e opiniões reconhecendo as diferentes funções que ela tenha na sociedade: orientar, informar, divertir, emocionar, instruir, registrar e outras;
- Utilizar e combinar adequadamente as letras do alfabeto;
- Produzir textos com unidade temática e estrutural;
- Ordenar histórias com gravuras, considerando a sequência lógica;
- Utilizar várias formas de representações para veicular suas ideias: desenho, mímica, gestos, modelagem, dramatização e outros;
- Reconhecer, com auxílio do professor, as características próprias do gênero no momento da escrita de diferentes textos;
- Organizar suas ideias em parágrafos nas produções escritas;
- Utilizar os elementos necessários à apresentação de seu texto: título, margens, espaços para parágrafos, data e identificação;
- Compreender que o dicionário é um auxílio.

*** Análise linguística:**

- Perceber que os gêneros (listas, poesias, adivinhas, trava-línguas, rótulos, sinais de trânsito e bilhetes) apresentam características próprias;
- Utilizar adequadamente o espaçamento do texto na folha de papel em suas produções e observar a direção da escrita;
- Estabelecer comparação entre desenho e escrita;
- Tentar separar as palavras na mudança de linha, quando necessário, respeitando a convenção;
- Ampliar textos acrescentando informações complementares à sua estrutura básica;
- Procurar utilizar a paragrafação, quando da estruturação de um texto;
- Empregar nos casos mais usuais os sinais de pontuação;
- Utilizar sinais gráficos nas palavras do seu texto;
- Perceber a diferença entre a linguagem oral e a escrita, no que se refere à concordância nominal;
- Fazer uso dos recursos coesivos mais usuais na escrita;
- Empregar o discurso direto em textos produzidos com o auxílio do professor;
- Realizar, em suas revisões textuais, algumas alterações, ainda que com o auxílio do professor.

3º ano:

*** Oralidade:**

- Narrar experiências pessoais, brincadeiras, acontecimentos, eventos, histórias e filmes de forma clara e coerente;
- Nas práticas orais, procurar adequar postura e volume de voz;
- Como ouvinte, respeitar a fala do outro, formular e responder questões, explicar e ouvir explicações, defender seus pontos de vista com propriedade e atender a solicitações;
- Descrever personagens, cenários e objetos em narrações e exposições;
- Expor informações pesquisadas com o auxílio do professor, utilizando-se da criticidade quando necessário;
- Ter participação ativa em jogos dramáticos como mímica e dramatização.

*** Leitura e escrita:**

- Reconhecer a utilização de diferentes formas de linguagens (fala, gestos, desenhos, símbolos e escrita) em nossa sociedade para representar ideias, bem como, representar as suas por meio dessas linguagens;
- Reconhecer e utilizar na escrita e na leitura os quatro tipos de letras (inclusive o traçado correto);
- Identificar ideias relevantes apresentadas nos textos lidos, bem como começo, meio e fim de uma história lida;
- Analisar efeitos de sentido obtidos pelo uso da pontuação;
- Compreender a importância de encontrar elementos linguísticos que confirmem (ou não) se a compreensão a que se chegou é coerente;
- Ler o texto para esclarecer dúvidas com orientação do professor. Compreender que o dicionário é um auxílio para pesquisar palavras (grafia e sentidos);
- Utilizar recursos para resolver dúvidas na compreensão (consulta ao professor ou colegas, entre outras).

- Buscar informações em fontes de diferentes tipos com o auxílio do professor;
- Demonstrar compreensão do sentido global de textos lidos e discutidos coletivamente;
- Nas situações em que realiza leitura oral, demonstrar fluência;
- Fazer uso da língua escrita para registrar ideias e opiniões, reconhecendo as diferentes funções que ela tem na sociedade: orientar, informar, divertir, emocionar, instruir, registrar e outras;
- Produzir textos escritos com unidade temática e estrutural, com intervenção do professor;
- Ao produzir seus textos, utilizar a linguagem e as estruturas adequadas ao gênero, ainda que com o auxílio do professor;
- Organizar suas ideias em parágrafos;
- Utilizar todos os elementos necessários à apresentação do seu texto: título, margens, espaço para indicar parágrafos, data e identificação;
- Recriar histórias;
- Produzir notícias, cartazes, slogans, cartas, cartões, instruções e outros.

*** Análise linguística:**

- Utilizar adequadamente o espaçamento na folha de papel nas suas produções escritas;
- Utilizar adequadamente o espaçamento entre as palavras;
- Traçar as letras seguindo o padrão escolhido e/ou estabelecido (evitando misturar alfabetos), diferenciando maiúsculas e minúsculas;
- Identificar algumas características próprias de textos informativos, narrativos, poéticos, lúdicos, publicitários e de instrução;
- Fazer uso dos recursos coesivos mais usuais em suas produções;
- Empregar em suas produções textuais os sinais de pontuação básica: ponto de interrogação, ponto final e vírgula, para separar elementos da mesma espécie nas enumerações;
- Utilizar sinais gráficos nas palavras de seus textos;
- Acentuar as palavras mais usuais;
- Procurar respeitar a concordância verbal em suas produções textuais e utilizar os tempos e pessoas verbais adequados, ainda que com o auxílio do professor;
- Procurar respeitar a concordância nominal em suas produções textuais, ainda que com o auxílio do professor;
- Utilizar em suas narrativas o discurso direto mesmo que o faça de acordo com a convenção;
- Utilizar letras maiúsculas adequadas no início de períodos e em nomes próprios;
- Em suas produções, escrever de acordo com a convenção as palavras que contêm relações biunívocas e cruzadas, com o auxílio do professor e dicionário;
- Procurar utilizar o dicionário para pesquisar palavras cujos significados ou grafia desconhece;
- Separar adequadamente as sílabas comuns e as formadas por letras dobradas (RR, SS), quando da mudança de linha;
- Revisar seus textos procurando aprimorá-los;
- Utilizar o parágrafo nas produções escritas.

4º ano:

*** Oralidade:**

- Narrar experiências pessoais, brincadeiras, acontecimentos, eventos, histórias e filmes de forma clara e coerente;
- Nas práticas orais, ater-se ao tema, ser claro e coerente, procurar adequação de linguagem e utilizar expressão corporal;
- Realizar escuta ativa de textos observados, inclusive, a linguagem corporal;
- Como ouvinte, respeitar a fala do outro formular e responder questões explicar e ouvir explicações defender seus pontos de vista com propriedade e polidez e atender a solicitações;
- Resumir e debater assuntos de textos lidos, livros, filmes, programas de TV e outros;
- Contar histórias, piadas, charadas e adivinhas e descrever cenários, personagens e objetos em narrações e exposições;
- Realizar imitações de personagens diversos e expôr oralmente assuntos preparados usando suporte escrito quando necessário;
- Utilizar conhecimentos adquiridos em sala de aula e do senso comum para defender suas ideias.

*** Leitura e escrita:**

- Demonstrar compreensão do sentido global de textos lidos;
- Buscar leituras como fonte de prazer e informação;
- Identificar e parafrasear as ideias relevantes dos textos lidos ou ouvidos e reconhecer o começo, o meio e o fim da história lida;
- Buscar informações em fontes de diferentes tipos, com o auxílio do professor;
- Utilizar diferentes recursos para resolver dúvidas;
- Analisar efeitos de sentidos obtidos pelo uso da pontuação;
- Ler em voz alta com fluência, volume e velocidade adequados aos diferentes textos e propósitos;
- Realizar inferências com base nas pistas fornecidas pelo autor, buscando sentido nos textos lidos, levantar hipóteses a cerca do assunto do texto e identificar palavras-chave no texto, com ajuda do professor;
- Estabelecer relações com outros textos lidos e substituir termos por sinônimos mais comuns com ou sem consulta ao dicionário;
- Ler diferentes gêneros textuais para apreensão de suas características específicas;
- Rer o texto para esclarecer dúvidas;
- Compreender a importância de encontrar elementos linguísticos que confirmem (ou não) se a compreensão a que chegou é coerente;
- Empregar dados obtidos por meio da leitura para confirmação ou retificação das hipóteses levantadas previamente;
- Produzir textos escritos com unidade temática e estrutural;
- Ao produzir seus textos utilizar a linguagem e as estruturas adequadas a cada gênero trabalhado durante o ano letivo;
- Organizar suas ideias em parágrafos;
- Utilizar todos os elementos necessários à apresentação de seu texto: título, margens, espaço para indicar parágrafos, data, identificação e outros;
- Procurar utilizar em suas produções um nível adequado de vocabulário, inclusive palavras

em sentido figurado e substituição de palavras comuns por outras mais formais, com o auxílio do dicionário;

- Retextualizar textos de um gênero em outro.

***Análise linguística:**

- Utilizar adequadamente o espaçamento do texto na folha de papel, considerando o gênero textual;

- Perceber as características próprias dos classificados, histórias em quadrinhos, instruções, narrativas ficcionais, gráficos e outros;

- Traçar com legibilidade os quatro tipos de letras;

- Fazer uso dos recursos coesivos adequados em suas produções, com o auxílio do professor;

- Empregar os sinais de pontuação em diferentes funções;

- Utilizar adequadamente a divisão silábica na mudança de linha;

- Em suas revisões de texto, fazer alterações visando conferir-lhes melhor qualidade;

- Utilizar em suas produções os discursos direto e indireto;

- Produzir textos respeitando a concordância verbal e utilizar os tempos e pessoas dos verbos regulares adequadamente com o auxílio do professor;

- Empregar adequadamente as preposições nas construções das frases;

- Produzir textos respeitando a concordância nominal;

- Escrever de acordo com a convenção palavras, em suas produções, que contêm relações biunívocas, cruzadas e as arbitrárias (neste caso, as palavras usuais);

- Separar adequadamente as sílabas formadas por letras dobradas, quando da mudança de linha.

5º ano:

*** Oralidade**

- Nas práticas orais, ater-se ao tema, ser claro e coerente, procurar adequação de linguagem e utilizar expressão corporal;

- Como ouvinte, formular e responder questões, explicar e ouvir explicações; defender seus pontos de vista com propriedade e polidez, atender a solicitações;

- Reproduzir e debater assuntos de textos lidos, livros, filmes, programas de TV e outros;

- Contar histórias, piadas, charadas, adivinhas criadas ou ouvidas e comentar histórias, entrevistas e notícias;

- Expor informações reunidas em apontamentos sobre assuntos relacionados às áreas de conhecimento, com o auxílio do professor;

- Analisar as características dos textos ouvidos em situações de comunicação direta ou por rádio e telefone;

- Narrar experiências pessoais, brincadeiras, acontecimento, eventos, histórias e filmes de forma clara e ordenada;

- Realizar entrevistas planejadas coletivamente com pessoas convidadas para tal, em sala de aula;

- Comparar e compreender os diferentes tipos de linguagens (jogo transmitido pelo rádio com o transmitido pela TV; um programa sertanejo com o noticiário) e perceber a finalidade de cada um;

***Leitura e escrita**

- Ler com compreensão textos ficcionais e não-ficcionais;
- Parafrasear textos ou partes dele oralmente ou por escrito;
- Analisar e utilizar efeitos de sentido obtidos pelo uso da pontuação;
- Realizar inferências para buscar sentido, bem como a intenção ou finalidade dos textos lidos e levantar hipóteses acerca do assunto do texto e identificar suas palavras-chave;
- Estabelecer relações com outros textos lidos e substituir termos por sinônimos mais comuns, com ou sem consulta do dicionário;
- Buscar leituras como fonte de prazer e informação;
- Rer o texto para esclarecer dúvidas;
- Analisar os recursos empregados pelo autor para confirmar se houve coerência na compreensão;
- Empregar dados obtidos por meio da leitura para confirmação ou retificação das suposições de sentido feitas previamente;
- Utilizar diferentes recursos para resolver dúvidas na compreensão;
- Buscar informações consultando fontes de diferentes tipos;
- Demonstrar compreensão do sentido global de textos lidos;
- Recriar diferentes gêneros textuais;
- Retextualizar textos de um gênero em outro;
- Ao produzir seus textos, utilizar a linguagem e as estruturas adequadas ao gênero;
- Organizar suas ideias em parágrafos;
- Utilizar todos os elementos necessários à apresentação de seu texto: título, margens, espaço para indicar parágrafos, fonte, data, identificação e outros;
- Procurar utilizar em suas produções, o nível adequado de vocabulário, inclusive palavras em sentido figurado, e substituir palavras comuns por outras mais formais, com o auxílio do dicionário.

***Análise linguística**

- Produzir textos escritos com unidade temática e estrutural;
- Identificar as características dos gêneros textuais mais usuais: informativos, publicitários, de instrução, poéticos, histórias, humorístico e outros;
- Dispor graficamente o texto na folha de papel correspondendo ao gênero produzido;
- Fazer uso dos recursos coesivos adequados em suas produções;
- Empregar em suas produções textuais os sinais de pontuação;
- Empregar os discursos direto e indireto respeitando as convenções;
- Em suas revisões de textos, fazer alterações visando conferir-lhes melhor qualidade;
- Produzir textos, respeitando a concordância verbal e utilizar os tempos, as pessoas e os verbos usuais;
- Produzir textos respeitando a concordância nominal;
- Escrever corretamente as palavras que contêm relações biunívocas, cruzadas e arbitrárias (nesses casos apenas palavras usuais);
- Segmentar adequadamente as palavras na mudança de linha;
- Acentuar as palavras de seu texto utilizando as regras mais comuns.

PROPOSTA CURRICULAR

Ensino Fundamental I

3.7 MATEMÁTICA

3.7.1 Pressuposto Teórico

As necessidades cotidianas fazem com que os alunos desenvolvam uma ampla capacidade para lidar com a atividade matemática, permitindo aos mesmos reconhecer problemas, buscar e selecionar informações e tomar decisões. Quando esta capacidade é potencializada pela escola, a aprendizagem apresenta melhor resultado.

O aluno, ao relacionar ideias matemáticas, pode reconhecer princípios gerais, como proporcionalidade, igualdade, composição e inclusão, e perceber que processos como o estabelecimento de analogias, indução e dedução, estão presentes tanto no trabalho com números e operações, como em espaço, forma e medidas. Estas relações são importantes na exploração dos conteúdos matemáticos, afinal, abordados de forma isolada, os conteúdos podem acabar representando pouco para a formação do aluno.

Neste contexto, o conhecimento matemático formalizado precisa se tornar passível de ser ensinado e aprendido. Este processo de transformação do saber científico em saber escolar não passa apenas por mudanças de natureza epistemológica, mas é influenciado por condições de ordem social e cultural que resultam na elaboração de saberes intermediários como aproximações provisórias, necessárias e intelectualmente formadoras. Isto é o que se pode chamar de contextualização do saber. Desta maneira, seria possível mudar “A visão estreita de que a matemática é apenas uma ferramenta para resolver problemas, para uma visão mais ampla de que a matemática é um caminho de pensar e um organizador de experiências” (ONUChic, 1999, P.208). Trata-se de uma percepção que entende a compreensão como um processo de aprendizagem, gerada pelo aluno a partir de seu engajamento de construir relações entre as várias ideias matemáticas contidas em um problema e uma variedade de contexto. Desta maneira, é preciso que o professor entenda que esta perspectiva de Resolução de Problemas “Corresponde a um modo de organizar o ensino o qual envolvem mais que aspectos puramente metodológicos, incluindo uma postura diferente frente ao que é ensinar e, consequentemente, do significa aprender” (DINIZ, 2001, P.89). Em outras palavras, tal ideia significa que o professor deve selecionar e/ou elaborar e propor os problemas matemáticos que agucem o interesse dos alunos em querer resolvê-los. Para a solução dos problemas matemáticos, não basta as respostas finais, mas, primeiramente, explorar os processos de resolução desenvolvidos pelos alunos, os quais podem revelar as combinações entre o conhecimento prévio e as estratégias criadas por ele a fim de encontrar a solução.

Também é um instrumental importante para as diferentes áreas do conhecimento, por ser utilizada em estudos tanto ligados às ciências da natureza como às ciências sociais e por estar presente na composição musical, na coreografia, na arte e nos esportes.

Para tanto, é importante que a Matemática desempenhe, equilibrada e indissociavelmente, seu papel na formação de capacidades intelectuais, na estruturação do pensamento, na agilização do raciocínio dedutivo do aluno, na sua aplicação a problemas, situações da vida cotidiana e atividades do mundo do trabalho e no apoio à construção de conhecimentos em outras áreas curriculares.

3.7.2 Encaminhamento Metodológico

Sabe-se que o ensinar e o aprender não podem se resumir somente à transmissão e à recepção de conhecimentos. É necessário que a aprendizagem se realize com significado, com compreensão e envolvimento dos alunos neste processo. Dentre estes aspectos, destaca-se a importância do conhecimento prévio do aluno como ponto de partida para a aprendizagem, do trabalho com diferentes hipóteses e representações que as crianças produzem, da relação a ser estabelecida entre a linguagem matemática e recursos didáticos como suporte à ação reflexiva do aluno.

Os conhecimentos a respeito dos números naturais são construídos num processo em que eles aparecem como instrumento útil para resolver determinados problemas. A criança vem para a escola com conhecimento de números, deste modo, as atividades de leitura, escrita, comparação e ordenação devem permear todo o início do trabalho. Este trabalho pode ser feito por meio de atividades que o professor elabore um repertório de situações em que se utilizem os números.

É importante que o professor oportunize aos alunos momentos em que possam expor suas hipóteses sobre números e a respectiva escrita.

Recursos didáticos como jogos, livros, vídeos, calculadoras, computadores e outros materiais têm um papel importante no processo de ensino-aprendizagem. Com tudo, eles precisam estar integrados às situações que elevem ao exercício da análise e da reflexão, em última instância, a base da atividade matemática.

As operações matemáticas devem ser apresentadas ao aluno por meio de situações problema e expressões numéricas, sendo necessário discutí-las, analisá-las e entendê-las para depois utilizar a simbologia matemática. Primeiro, o aluno vivencia e observa a situação e depois percebe a ação, podendo ser representada por uma sentença matemática. Trabalhando desta maneira, o aluno identifica as operações nas situações matemáticas.

As ideias de comparação de quanto tem e quanto falta desenvolvem-se de maneira simples e indireta estes conceitos. Atividades com material concreto e com jogos ajudam o aluno a visualizar e verificar os resultados. Os jogos desenvolvem a habilidade dos alunos para encontrar soluções em diferentes situações. Representam uma conquista cognitiva, emocional, moral e social da criança.

O cálculo escrito, para ser compreendido, apoia-se no cálculo mental e nas estimativas e aproximações. O objetivo do trabalho com cálculo consiste em fazer que os alunos construam e selecionem procedimentos adequados à situação problema. Assim, é recomendável que a organização do estudo privilegie um trabalho que explore procedimentos de cálculo mental e escrito, exato e aproximado, de forma que o aluno possa perceber, gradativamente, as relações entre eles e, com isso, aperfeiçoar suas tentativas de acertos e erros. Entretanto, faz-se necessário que as aulas de Matemática possibilitem o exercício de capacidades mentais como memória, interpretação, dedução, análise, síntese, composição e decomposição e igualdade e desigualdade. Esses exercícios mentais levam a criança ao controle do cálculo escrito.

O ensino da geometria é feito por meio da observação das formas dos objetos, da representação dos contornos, da planificação e da construção de modelos sólidos, por meio de utilização de diferentes materiais como tangram, material alternativo, bem como recorte, colagem e outros.

O trabalho com números, medidas, grandezas e a geometria pode ser feito juntamente com a linguagem gráfica nos estudos referentes à noção de estatísticas, leitura e interpretação de gráficos e tabelas, com registro de dados de uma forma organizada e elaboração de diferentes tipos de gráficos.

O uso de situações-problema, neste aspecto, é fundamental, pois quando se fala em situações-problema na área do conhecimento da matemática, fala-se em situações que envolvem números e operações, raciocínio lógico, análise de dados, desafios, sequência lógica, geometria e cálculo.

3.7.3 Conteúdos

1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

NÚMEROS NATURAIS E SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL	OPERAÇÕES COM NÚMEROS NATURAIS	FORMA E ESPAÇO	GRANDEZAS E MEDIDAS
<ul style="list-style-type: none"> - Identificação dos números em diferentes contextos: ordinais e naturais; - Função social dos números; - Contagem/cálculo mental; - Representação de quantidade: comparação, ordenação, classificação, inclusão, seriação e sequência de números; - Simbolização de numerais; - Noção de conjunto: agrupamento de elementos, percepção, identificação, construção e comparação conforme os critérios de: tamanho, cores, formas, relação biunívoca, quantidade, inclusão e intersecção; - Contagem de 1 em 1, 2 em 2 a partir de qualquer número dado (jogos); - Ordem das unidades e ordem das dezenas; - Construção do algarismo até 50 (leitura e escrita); - Valor posicional e ordens crescente e decrescentes até 50; - Antecessor e sucessor; - Números pares e ímpares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização de sinais convencionais (+, - e =) na escrita das operações; - Adição e subtração com total até 50; - Cálculo mental: estimativa e probabilidade; - Ideia de adição (juntar, acrescentar e comparar); - Ideia de subtração (tirar e comparar); - Noção de multiplicação e divisão (agrupamento e distribuição) por meio de desenho e material concreto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Noções de geometria: forma geométrica e figura geométrica - Observação de formas (naturais e produzidas) e suas características (arredondadas ou não e simétricas ou não) relacionando-as com: quadrado, retângulo, círculo e triângulo; - Percepção de elementos geométricos nas produções artísticas; - Localização: pessoas e objetos em diferentes pontos de vista e descrição da localização usando terminologia própria (orientação espacial); - Formas geométricas: triângulo, círculo, quadrado e retângulo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Noções de tempo (ontem, hoje e amanhã) - Medidas de tempo: construção do calendário (ano, mês e dia) e noção de hora; - Identificação e utilização das medidas de massa, comprimento e capacidade, nos diferentes contextos; - Interpretação e construção de listas, tabelas simples e gráficos; - Sistema monetário brasileiro: identificação e utilização de cédulas e moedas.

Situações-problema: Análise, interpretação, formulação e resolução de situações-problema, envolvendo os conteúdos da disciplina (com o auxílio do professor).

Conceitos básicos: **Espaço** – No alto, base, atravessar, afastado, perto, longe, embaixo, ao lado, em frente, ao meio, o mais afastado, em volta, acima, entre, o mais perto, segundo, ponta, atrás, em fila, antes, depois, centro, lado, começar, terminar, nem o primeiro, nem o último, debaixo, lado direito, frente, sobre, separadas, à esquerda, em ordem, terceiro, para a frente, grande, pequeno, ao redor, para cima, para baixo, alto, baixo, longo, curto, largo, estreito, magro, gordo, redondo, quadrado, plano, reto, oval, linha, seguir, juntar, mover, parado, raso, profundo, fora, dentro, grosso, fino, maior e menor. **Quantidade** – Grande, pequeno, longo, curto, largo, estreito, leve, pesado, algum, cada, nenhum, bastante, muitos, poucos, alguns, não muitos, mais, menos, inteiro, metade, vários, quase, tanto quanto, tamanho médio, zero, cada par, o mesmo, terceiro, igual, o resto, todo, partes, reais e centavos. **Tempo** – Longo, curto, tarde, rápido, lento, agora, passado, manhã, dia, noite, cedo, iniciar, terminar, entre, o mais, depois, nunca, tarde, começar, parar, perto, segundos, horas, minutos, dias, meses, semanas, ano e estações do ano. **Mistura** – Diferente, igual, outro, semelhante, pular, seguir, mudar, aberto, fechado, macio, áspero, fácil, difícil, escuro, claro, outro, silencioso, leve, pesado, com, sem, cheio e vazio.

2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

NÚMEROS NATURAIS E SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL	OPERAÇÕES COM NÚMEROS NATURAIS	FORMA E ESPAÇO	GRANDEZAS E MEDIDAS
<ul style="list-style-type: none"> - Função social dos números (naturais, ordinais e romanos); - Conjuntos: agrupamentos de elementos, percepção, identificação, construção e comparação; - Representação, comparação, ordenação, classificação (maior que e menor que), inclusão, seriação (mais 1, mais 2, dobro e metade) e sequência de números; - Antecessor e sucessor; - Igual e diferente; - Ordem crescente e decrescente; - Pares e ímpares; - Dúzia e meia dúzia - Números até 100 (no mínimo); - Ordem das unidades, dezenas e centenas: valor posicional; - Números ordinais até 20 (leitura e escrita); - Números romanos até 12 (leitura e escrita). 	<ul style="list-style-type: none"> - Adição com reserva; - Subtração com recurso; - Construção da multiplicação com ideia de agrupamento e registro da tabuada (2); - Construção da divisão com ideia de repartir; - Utilização de sinais convencionais (+, -, x, : e =) na escrita das operações; - Cálculo mental (probabilidade, estimativa e arredondamento); - Possibilidades de uso da calculadora. 	<p>Noções de geometria: forma geométrica;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comparações entre objetos sem uso obrigatório da nomenclatura; - Objetos: esféricos, cilíndricos, cônicos, cúbicos, piramidais, prismáticos e planificação; - Localização: movimentação de pessoas ou objetos no espaço com base em diferentes pontos de referência e alguma indicação de direção e sentido (orientação espacial). 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação das medidas no contexto diário; - Medidas de tempo: calendário, dias da semana e meses do ano; - Hora e meia-hora; - Medidas de comprimento: metro e centímetro; - Medidas de massa: quilo e grama; - Medidas de capacidade: litro e mililitro; - Interpretação e produção de gráficos e tabelas; - Sistema monetário brasileiro.

Situações-problema: Análise, interpretação, formulação e resolução de situações-problema, envolvendo os conteúdos da disciplina

Conceitos básicos: Espaço – No alto, base, atravessar, afastado, perto, longe, embaixo, ao lado, em frente, ao meio, o mais afastado, em volta, acima, entre, o mais perto, segundo, ponta, atrás, em fila, antes, depois, centro, lado, começar, terminar, nem o primeiro, nem o último, debaixo, lado direito, frente, sobre, separadas, à esquerda, em ordem, terceiro, para a frente, grande, pequeno, ao redor, para cima, para baixo, alto, baixo, longo, curto, largo, estreito, magro, gordo, redondo, quadrado, plano, reto, oval, linha, seguir, juntar, mover, parado, raso, profundo, fora, dentro, grosso, fino, maior e menor. **Quantidade** – Grande, pequeno, longo, curto, largo, estreito, leve, pesado, algum, cada, nenhum, bastante, muitos, poucos, alguns, não muitos, mais, menos, inteiro, metade, vários, quase, tanto quanto, tamanho médio, zero, cada par, o mesmo, terceiro, igual, o resto, todo, partes, reais e centavos. **Tempo** – Longo, curto, rápido, lento, agora, passado, manhã, tarde, dia, noite, cedo, iniciar, terminar, entre, o mais, depois, nunca, tarde, começar, parar, perto, segundos, horas, minutos, dias, meses, semanas, ano e estações do ano. **Mistura** – Diferente, igual, outro, semelhante, pular, seguir, mudar, aberto, fechado, macio, áspero, fácil, difícil, escuro, claro, sonoro, silencioso, leve, pesado, com, sem, cheio e vazio.

3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

NÚMEROS NATURAIS E SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL	OPERAÇÕES COM NÚMEROS NATURAIS	FORMA E ESPAÇO	GRANDEZAS E MEDIDAS
<ul style="list-style-type: none"> - Função social dos números (naturais, ordinais e romanos); - Conjuntos: agrupamento de elementos, percepção, identificação, construção e comparação; - Representação, comparação, ordenação, classificação (maior que, menor que), inclusão, seriação (mais 1, mais 2, dobro, triplo e metade), sequência de números; - Números até milhar (leitura e escrita); - Ordem das unidades, dezenas, centenas e unidade de milhar; - Noção de classes; - Valor absoluto e relativo Igual e diferente; - Antecessor e sucessor Ordem crescente e decrescente; - Pares e ímpares; - Números ordinais até 50 (leitura e escrita); - Números romanos até 50 (leitura e escrita); - Noção de frações: * Metade ou meio (noção de equivalência) * Outras partes do inteiro. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização de sinais convencionais (+, -, x, : e =) na escrita das operações; - Adição com e sem agrupamento; - Subtração com recurso e sem recurso; - Multiplicação por um algarismo; - Divisão por um algarismo: exata e inexata; - Construção da tabuada até 10; - Cálculo mental – estimativa, probabilidade e arredondamento; - Terminologia das operações; - Operações inversas (valor do termo desconhecido). 	<ul style="list-style-type: none"> - Forma geométrica; - Planificação de figuras - Percepção (semelhanças e diferenças) entre: cubos, quadrados, paralelepípedo, retângulo, pirâmides, triângulos, esferas e círculos; - Construção e representação de sólidos geométricos; - Localização: os espaços e suas dimensões percebendo relação de forma e tamanho (proporção), interpretação e representação de posição e movimentação no espaço (itinerários, maquetes, croquis, planta baixa, etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação e utilização de grandezas mensuráveis no contexto diário: comprimento, massa e capacidade; - Medidas de tempo: hora e minuto, horas a partir do meio-dia, meses do ano e dias da semana; - Relação entre as unidades de tempo (dias, semanas, meses, bimestre e ano); - Medidas de comprimento: metro e centímetro; - Medidas de massa: grama e quilograma; - Medidas de capacidade: litro e mililitro; - Interpretação e elaboração de listas, tabelas e gráficos; - Sistema monetário – unidade monetária: o real, cédulas e moedas.

Situações-problema: Análise, interpretação, formulação e resolução de situações-problema, envolvendo os conteúdos da disciplina.

Utilização do **processo longo e curto** nas operações matemáticas (divisão).

Utilização de **estimativas** para avaliar a adequação de um resultado e o uso de calculadora para o desenvolvimento de estratégias de verificação e controle de cálculos.

Conceitos básicos: **Espaço** – No alto, base, atravessar, afastado, perto, longe, embaixo, ao lado, em frente, ao meio, o mais afastado, em volta, acima, entre, o mais perto, segundo, ponta, atrás, em fila, antes, depois, centro, lado, começar, terminar, nem o primeiro, nem o último, debaixo, lado direito, frente, sobre, separadas, à esquerda, em ordem, terceiro, para a frente, grande, pequeno, ao redor, para cima, para baixo, alto, baixo, longo, curto, largo, estreito, magro, gordo, redondo, quadrado, plano, reto, oval, linha, seguir, juntar, mover, parado, raso, profundo, fora, dentro, grosso, fino, maior e menor. **Quantidade** – Grande, pequeno, longo, curto, largo, estreito, leve, pesado, algum, cada, nenhum, bastante, muitos, poucos, alguns, não muitos, mais, menos, inteiro, metade, vários, quase, tanto quanto, tamanho médio, zero, cada par, o mesmo, terceiro, igual, o resto, todo, partes, reais e centavos. **Tempo** – Longo, curto, rápido, lento, agora, passado, manhã, tarde, dia, noite, cedo, iniciar, terminar, entre, o mais, depois, nunca, tarde, começar, parar, perto, segundos, horas, minutos, dias, meses, semanas, ano e estações do ano. **Mistura** – Diferente, igual, outro, semelhante, pular, seguir, mudar, aberto, fechado, macio, áspero, fácil, difícil, escuro, claro, sonoro, silencioso, leve, pesado, com, sem, cheio e vazio.

4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

NÚMEROS NATURAIS E SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL	OPERAÇÕES COM NÚMEROS NATURAIS	FORMA E ESPAÇO	GRANDEZAS E MEDIDAS
<ul style="list-style-type: none"> - Leitura e escrita de números até dezena de milhar; - Ordens e classes; - Sucessor e antecessor; - Composição e decomposição; - Valor relativo e absoluto; - Ordem crescente e ordem decrescente; - Pares e ímpares; - Números ordinais até 100 (leitura e escrita); - Números romanos até 100 (leitura e escrita); - Tipos de fração; - Números mistos; - Comparações de frações; - Frações equivalentes; - Operações de frações (adição e subtração); - Fração de quantidades; - Números racionais (representação decimal, leitura, escrita, compreensão e comparação); - Noção de décimo, centésimo e milésimo; - Operações com números decimais; - Relação entre os números decimais e fracionários. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização de sinais convencionais (+, -, x, : e =) na escrita das operações; - As quatro operações; - Multiplicação e divisão por um e dois algarismos; - Expressões numéricas com uso de parênteses; - Multiplicação por 10, 100 e 1.000; - Divisão por 10, 100 e 1.000; - Múltiplos de um número natural; - Divisores de um número natural; - Cálculo mental: probabilidade, estimativa e arredondamento; - Valor do número desconhecido por meio de operação inversa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Forma geométrica Percepção (semelhanças e diferenças) entre objetos: - Redondos - Esfera, cone, cilindro, etc.; - Poliedros - Prisma, pirâmide, etc.; - Identificação de elementos como vértice, face e aresta; - Identificação da simetria em formas tridimensionais; - Representação de figuras geométricas; - Representação - Perspectiva; - Ponto de vista (espaço): pessoas e objetos; - Redução e ampliação; - Localização: descrição - representação de pessoa - objeto no espaço - construção de itinerários. 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação e utilização de grandezas mensuráveis no contexto diário; - Medidas de tempo - unidade fundamental: hora, minuto e segundo; - Outras medidas de tempo: quinzena, bimestre, trimestre e semestre; - Realização de conversões simples de medidas de tempo; - Medidas de comprimento: <ul style="list-style-type: none"> • Km, m, cm e mm; - Perímetro; - Medidas de massa: <ul style="list-style-type: none"> • Kg, g e mg; - Tonelada; - Medidas de capacidade: <ul style="list-style-type: none"> • L, ml; - Leitura, interpretação e produção de tabelas e gráficos; - Sistema monetário: <ul style="list-style-type: none"> • Unidade monetária: o real; • Cédulas e moedas.
<p>Situações-problema: Análise, interpretação, formulação e resolução de situações-problema, envolvendo os conteúdos da disciplina.</p>			
<p>Utilização dos processos longo e curto nas operações matemáticas (divisão).</p>			
<p>Utilização de estimativas, para avaliar a adequação de um resultado e o uso de calculadora para o desenvolvimento de estratégias de verificação e controle de cálculos.</p>			
<p>Conceitos básicos: Espaço - No alto, base, atravessar, afastado, perto, longe, embaixo, ao lado, em frente, ao meio, o mais afastado, em volta, acima, entre, o mais perto, segundo, ponta, atrás, em fila, antes, depois, centro, lado, começar, terminar, nem o primeiro, nem o último, debaixo, lado direito, frente, sobre, separadas, à esquerda, em ordem, terceiro, para a frente, grande, pequeno, ao redor, para cima, para baixo, alto, baixo, longo, curto, largo, estreito, magro, gordo, redondo, quadrado, plano, reto, oval, linha, seguir, juntar, mover, parado, raso, profundo, fora, dentro, grosso, fino, maior e menor. Quantidade - Grande, pequeno, longo, curto, largo, estreito, leve, pesado, algum, cada, nenhum, bastante, muitos, poucos, alguns, não muitos, mais, menos, inteiro, metade, vários, quase, tanto quanto, tamanho médio, zero, cada par, o mesmo, terceiro, igual, o resto, todo, partes, reais e centavos. Tempo - Longo, curto, rápido, lento, agora, passado, manhã, tarde, dia, noite, cedo, iniciar, terminar, entre, o mais, depois, nunca, começar, parar, perto, segundos, horas, minutos, dias, meses, semanas, ano e estações do ano. Mistura - Diferente, igual, outro, semelhante, pular, seguir, mudar, aberto, fechado, macio, áspero, fácil, difícil, escuro, claro, sonoro, outro, silencioso, leve, pesado, com, sem, cheio e vazio.</p>			

5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

NÚMEROS NATURAIS E SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL	OPERAÇÕES COM NÚMEROS NATURAIS	FORMA E ESPAÇO	GRANDEZAS E MEDIDAS
<ul style="list-style-type: none"> - Leitura e escrita de números até centena de milhar; - Milhão, bilhão – Leitura e representação (apresentação e reconhecimento); - Ordens e classes; - Sucessor e antecessor; - Composição e decomposição; - Valor relativo e absoluto; - Ordem crescente e ordem decrescente; - Pares e ímpares; - Fração de quantidades; - Operações com frações (adição, subtração, multiplicação e divisão); Números racionais: (comparação, leitura, escrita e representação decimal); décimos, centésimos e milésimos - Comparação de números decimais - Operações com números decimais (unidades fundamentais); - Relação entre os números fracionários e decimais; - Uso da porcentagem no contexto diário. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização de sinais convencionais (+, -, x, : e =) na escrita das operações; - As quatro operações; - Mínimo múltiplo comum; - Máximo divisor comum; - Critérios da divisibilidade; - Cálculo de porcentagem; - Cálculo mental – probabilidade, estimativa e arredondamento; - Propriedade (comutativa a associativa) da multiplicação e adição; - Expressões numéricas, parênteses, colchetes e chaves; - Valor do número desconhecido por meio de operação inversa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Forma geométrica; - Planificação de algumas formas tridimensionais; - Composição e decomposição de formas; - Percepção de que qualquer polígono pode ser formado a partir de figuras triangulares (composição e decomposição); - Identificação de polígonos a partir do número de ângulos: eixos, simetria, etc.; - Exploração de características de algumas figuras planas: rigidez triangular, paralelismo, perpendicularismo de lados, e outros; - Representação: representação do espaço por meio de diferentes construções tridimensionais, ampliação e redução de figura (malhas). 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação e utilização de grandezas mensuráveis no contexto diário (superfície e volume); - Leitura, interpretação e produção de tabelas, gráficos e listas; - Medidas de superfície: área e perímetro; - Unidade fundamental: metro quadrado áreas de figuras planas Medidas de volume; - Unidade fundamental: metro cúbico; - Volume de sólidos geométricos; - Sistema monetário brasileiro: cédulas e moedas; - Medidas de massa: quilograma e grama; - Medidas de capacidade: litro e mililitro; - Interpretação e elaboração de listas, tabelas e gráficos; - Sistema monetário: unidade monetária – o real, cédulas e moedas.

Situações-problema: Análise, interpretação, formulação e resolução de situações-problema, envolvendo os conteúdos da disciplina.

Utilização dos **processos longo e curto** nas operações matemáticas (divisão).

Utilização de **estimativas**, para avaliar a adequação de um resultado e o uso de calculadora para o desenvolvimento de estratégias de verificação e controle de cálculos.

Conceitos básicos: **Espaço** – No alto, base, atravessar, afastado, perto, longe, embaixo, ao lado, em frente, ao meio, o mais afastado, em volta, acima, entre, o mais perto, segundo, ponta, atrás, em fila, antes, depois, centro, lado, começar, terminar, nem o primeiro, nem o último, debaixo, lado direito, frente, sobre, separadas, à esquerda, em ordem, terceiro, para a frente, grande, pequeno, ao redor, para cima, para baixo, alto, baixo, longo, curto, largo, estreito, magro, gordo, redondo, quadrado, plano, reto, oval, linha, seguir, juntar, mover, parado, raso, profundo, fora, dentro, grosso, fino, maior e menor. **Quantidade** – Grande, pequeno, longo, curto, largo, estreito, leve, pesado, algum, cada, nenhum, bastante, muitos, poucos, alguns, não muitos, mais, menos, inteiro, metade, vários, quase, tanto quanto, tamanho médio, zero, cada par, o mesmo, terceiro, igual, o resto, todo, partes, reais e centavos. **Tempo** – Longo, curto, rápido, lento, agora, passado, manhã, tarde, dia, noite, cedo, iniciar, terminar, entre, o mais, depois, nunca, começar, parar, perto, segundos, horas, minutos, dias, meses, semanas, ano e estações do ano. **Mistura** – Diferente, igual, outro, semelhante, pular, seguir, mudar, aberto, fechado, macio, áspero, fácil, difícil, escuro, claro, sonoro, outro, silencioso, leve, pesado, com, sem, cheio e vazio.

3.7.4 Avaliação

Se considerarmos que todo conhecimento matemático é construído pelo indivíduo num contexto social, a integração entre o aluno e o professor age como fonte geradora de ideias, pensamentos, significados e conceitos. Assim, na aprendizagem escolar, o erro é inevitável em muitas situações e precisa ser interpretado como tentativa de acerto. Cabe ao professor identificar, por meio de observações e diálogo, como seu aluno está pensando e construindo sua própria lógica, para planejar novas situações de aprendizagem.

São nas atividades avaliativas que o professor transmite o que ele prioriza e valoriza na Matemática, por isso, é fundamental no trabalho da elaboração e correção ter bem claro o que se pretende que os alunos aprendam (conteúdos), o que se pretende que eles façam (objetivos) e sua finalidade.

A finalidade da avaliação é verificar se os alunos adquiriram conhecimentos matemáticos e se são capazes de questionar, argumentar, formular hipóteses e apresentar diferentes soluções para as situações apresentadas.

Outro ponto fundamental a ser observado é o uso de atitudes favoráveis pelo aluno para a aprendizagem matemática: resolver problemas utilizando estratégias pessoais, justificar suas respostas, comunicando-se com clareza e interagir com seus colegas e professor.

Para avaliação do ensino de Matemática, alguns critérios são fundamentais. Para tanto, espera-se que os alunos no Ensino Fundamental I, gradativamente:

- Resolvam situações-problema que envolvam contagem, medidas e os significados das operações, utilizando estratégias pessoais de resolução e selecionando procedimentos de cálculo.
- Leiam e escrevam números naturais e racionais na forma decimal pela interpretação do valor posicional de cada uma das ordens;
- Comparem e ordenem quantidades que expressem grandezas familiares, interpretando os resultados da comparação e ordenação;
- Realizem cálculos, mental e por escrito, envolvendo números naturais e racionais comprovando os resultados, por meio de estratégias de verificação;
- Meçam e façam estimativas sobre medidas, utilizando unidades e instrumentos mais usuais que melhor se ajustem à natureza da medição realizada;
- Interpretem e construam representações espaciais (croquis, itinerários e maquetes), utilizando-se de elementos de referência e estabelecendo relações entre eles;
- Localizem a posição de uma pessoa ou um objeto no espaço e identifiquem características nas formas dos objetos;
- Reconheçam e descrevam formas geométricas tridimensionais e bidimensionais;
- Recolham dados sobre fatos e fenômenos do cotidiano utilizando procedimentos de organização e expressem o resultado utilizando tabelas e gráficos;
- Seleccionem, organizem e produzam informações relevantes para interpretá-las e avaliá-las criticamente;
- Estabeleça conexões entre temas matemáticos de diferentes campos e conhecimentos de outras áreas.

PROPOSTA CURRICULAR

Ensino Fundamental I

3.8 CIÊNCIAS

3.8.1 Pressuposto Teórico

Quando se convive numa sociedade onde há supervalorização do conhecimento científico e uma crescente intervenção da tecnologia no dia a dia não é possível pensar na formação de um cidadão à margem do saber científico, portanto, há necessidade de uma proposta pedagógica capaz de estabelecer relações entre ciência, tecnologia, ser humano e ambiente.

A aquisição do conhecimento científico deve contribuir para que o aluno questione o que vê e ouve, para assim, ampliar as explicações sobre os fenômenos naturais, para compreender os modos de intervir e utilizar os recursos da natureza e para refletir sobre questões éticas existentes nas relações: ciência, sociedade, tecnologia, ambiente e ser humano.

Também é essencial considerar o corpo humano não como uma máquina, mas como um todo dinâmico que interage com o meio e é nesse sentido que o ensino da ciência pode contribuir para formação da integridade pessoal e da auto-estima, para postura de respeito ao próprio corpo e ao dos outros, para o entendimento da saúde como um valor pessoal e social para compreensão da sexualidade humana sem preconceitos.

A formação de um cidadão crítico exige sua inserção numa sociedade em que o conhecimento científico e tecnológico é cada vez mais valorizado.

Neste contexto, o papel das Ciências Naturais é o de colaborar para a compreensão do mundo e suas transformações, situando o homem como indivíduo participativo e parte integrante do Universo.

Os conceitos e procedimentos desta área contribuem para a ampliação das explicações sobre os fenômenos da natureza, para o entendimento e o questionamento dos diferentes modos de nela intervir e, ainda, para a compreensão das mais variadas formas de utilizar os recursos naturais.

Portanto, o ensino de Ciências Naturais não deve ser visto apenas como uma simples imparcial difusão dos conhecimentos científico-tecnológicos ou como um espaço para enaltecer as conquistas da Ciência e sua supremacia sobre as demais formas de atividade humana. Pelo contrário, deve mostrar a Ciência como conhecimento que colabora para a compreensão do mundo e suas transformações e para reconhecer o ser humano com parte do universo e como indivíduo numa relação de interdependência.

É essencial considerar o corpo humano como um todo dinâmico que interage com o meio e é nesse sentido que o ensino da Ciência pode contribuir para a formação da integridade pessoal e da auto estima, para a postura de respeito ao próprio corpo e aos dos outros, para o entendimento da saúde como um valor pessoal e social para a compreensão da sexualidade humana sem preconceitos.

O ensino da Ciência também contribui para a formação consciente do aluno referente à sustentabilidade visando o desenvolvimento econômico e a conservação ambiental, suprimindo as necessidades da geração atual e garantindo a capacidade de atender às necessidades das futuras gerações.

3.8.2 Encaminhamento Metodológico

O ensino de Ciências é um processo científico que permite ao aluno estabelecer novas relações como os fenômenos naturais e socioculturais por meio de uma leitura e uma interpretação cada vez mais elaborada da natureza e da sociedade.

Pela abrangência do objeto de estudo das ciências, é possível desenvolver essa área, de forma dinâmica, orientando o trabalho escolar para o conhecimento dos fenômenos da natureza, incluindo o ser humano e as tecnologias.

Portanto, são procedimentos fundamentais aqueles que permitem que o aluno realize comparações entre fenômenos, elementos, objetos e estabeleça sequências de fatos, observando, descrevendo, narrando, desenhando, elaborando listas, tabelas, gráficos e pequenos textos, como forma de organizar informações sobre os conteúdos trabalhados.

Para que isso ocorra é fundamental que a dinâmica da sala de aula favoreça à problematização, à busca de informações e à sistematização do conhecimento.

Problematização: os conteúdos trabalhados precisam ser vistos como um problema a ser resolvido e os modelos trazidos pelos alunos devem ser construídos com a intervenção do professor. O mesmo deve ser o mediador desse processo, orientando o caminho do aluno, criando situações interessantes e significativas que estabeleçam os conflitos necessários para a aprendizagem.

Busca de informações: este é um procedimento imprescindível para o ensino e aprendizagem de ciências, pois, além de permitir que o aluno obtenha informações para elaborar suas ideias e atitudes, contribui para o desenvolvimento da autonomia com relação a obtenção do conhecimento. É nesse processo dinâmico de busca de informações e de confronto de ideias que o conhecimento científico é construído por meio de observação, experimentação, pesquisa, leitura de textos, entre outros.

Observação: observar não significa apenas ver, mas procurar ver melhor, encontrar detalhes, buscar aquilo que se pretende encontrar. A observação é um procedimento que deve ser previamente planejado pelo professor para que motive os alunos a buscar detalhes. Este recurso pode ser direto, quando é feito por meio de estudos do ambiente, de animais, plantas e de outros objetos próximos do aluno. Como também pode ser indireto, quando é realizado por meio de fotos, slides, filmes, microscópio, etc.

Experimentação: é um momento importante para que o aluno vivencie o processo de investigação científica, manipule materiais, seres vivos e objetos, compreenda e construa conceitos básicos. Os experimentos podem ser realizados pelo professor para demonstrar alguns fenômenos ou pelos próprios alunos, individualmente ou em grupo. A participação dos alunos é de extrema importância, desde a interpretação do roteiro, passando pela organização e a manipulação dos materiais, o registro e a discussão dos resultados. Quando os resultados diferem do esperado, o professor precisa incentivar os alunos a buscarem variáveis, aspectos ou fatores que possam interferir neste processo. É enriquecedor deixar que os alunos, com a orientação do professor, criem outros roteiros ou materiais alternativos para adaptar às situações à realidade local.

Pesquisa: este procedimento motiva os alunos a descobrirem novos dados sobre o assunto que está sendo trabalhado. Pode ser feita em fontes variadas, como enciclopédias,

livros didáticos e paradidáticos, entrevistas, Internet, CD-Rom, entre outros. Para orientar o processo, o professor deve explicitar os componentes que devem estar presentes: assunto, formas, apresentação dos resultados e fontes pesquisadas.

Sistematização do conhecimento: é necessário que, para cada conteúdo trabalhado, o professor organize a sistematização dos conhecimentos, de modo que o aluno produza uma síntese final das novas aquisições. No Ensino Fundamental I, uma conversa com a turma, no laboratório de Informática Educativa, ou feira do conhecimento, podem representar o fechamento dos trabalhos sobre o assunto. Além disso, pode-se propor um registro final sobre os conhecimentos adquiridos na forma de desenhos coletivos ou individuais, ou então, a produção de pequenos textos, dramatizações, etc. Os fechamentos ainda podem ser organizados em forma de textos sintéticos, maquetes e relatórios que contenham dados e informações.

3.8.3 Conteúdos

1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

RELAÇÕES: SER HUMANO/ UNIVERSO	TRANSFORMAÇÃO E INTERAÇÃO MATÉRIA E ENERGIA	SAÚDE: MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA	DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
<p>SOL: fonte de luz e calor para os seres vivos;</p> <p>PLANETA TERRA: lugar onde vivemos;</p> <p>DIA E NOITE: características e astros.</p>	<p>SERES VIVOS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Seres vivos e não-vivos; - Ciclo vital; - Animais e vegetais; - Condições para sobrevivência; - Solo; - Ar; - Água; - Luz; - Calor. 	<p>SER HUMANO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ciclo vital; - Semelhanças e diferenças entre os seres humanos: características dos diversos povos e respeito à diversidade; - Principais partes do corpo humano; - Os 5 sentidos; - Cuidados com o corpo: higiene corporal e higiene bucal; - Saúde: alimentação, higiene ambiental; vestuário, noções de saneamento básico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Situação socioambiental do município: comunidade/ Bairro; - Arborização; - Saneamento básico; - Coleta de resíduos: recicláveis e não recicláveis; - Rede de esgoto; - Coleta seletiva; - Importância da reciclagem; - Cidadania ambiental e sustentabilidade.
Os conteúdos do eixo “Desenvolvimento Tecnológico e Educação Ambiental” deverão perpassar os demais eixos, bem como as questões ambientais da comunidade deverão ser exploradas e abordadas de forma global em todos os aspectos discutidos.			

2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

RELAÇÕES: SER HUMANO/ UNIVERSO	TRANSFORMAÇÃO E INTERAÇÃO MATÉRIA E ENERGIA	SAÚDE: MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA	DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
Relações de Interdependência entre os Sistemas Biótico e Abióticos – Biosfera – Ecossistema			
<p>SOL: Estrela geradora de luz e calor; Aquecimento da terra; Influência na vida dos seres vivos.</p> <p>PLANETA TERRA: Dias e noites; Estações do ano.</p> <p>FENÔMENOS DA NATUREZA: Relâmpago; Trovão; Chuva; Arco-íris; Vento; Ciclone e outros.</p> <p>LUA: Noções dos aspectos durante o mês: Cheia; Minguante; Nova; Crescente.</p>	<p>ÁGUA: Onde e como é encontrada; Ciclo das águas na natureza; Importância, utilização, conservação e vapor da água;</p> <p>AR: Propriedades do ar; Respiração dos seres vivos (vegetais e animais); Composição: gás oxigênio, gás carbônico e outros; Poluentes.</p> <p>SOLO: Recursos Naturais; Importância, utilização e conservação.</p> <p>SERES VIVOS: Animais e vegetais; Características e habitat; Biodiversidade; Ciclo de vida.</p>	<p>SOL E A SAÚDE DO SER HUMANO. NOÇÕES GERAIS: Desenvolvimento e crescimento do ser humano: fases da vida e características do corpo humano durante as fases da vida.</p> <p>ÓRGÃOS DOS SENTIDOS E SUAS FUNÇÕES: Percepção do meio.</p> <p>SAÚDE DO SER HUMANO: Higiene corporal; Higiene bucal; Higiene ambiental (arejamento); Vacinas; Alimentação; Medicamentos; Moradia; Saneamento básico; Vestuário; Lazer e outros. Prevenção de acidentes.</p>	<p>SITUAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO MUNICÍPIO: COMUNIDADE E BAIRRO.</p> <p>LIXO: Acondicionamento; Separação; Destino; Coleta seletiva; Poluição e contaminação do ar, água e solo; Importância da reciclagem; Cidadania ambiental e Sustentabilidade. Saneamento Básico; Coleta de resíduos; recicláveis e não recicláveis; Rede de esgoto.</p> <p>LEIS DE CRIMES AMBIENTAIS: Noções gerais; Órgãos responsáveis pela fiscalização ambiental; SEMMA (Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Colombo); Arborização.</p>
Os conteúdos do eixo “Desenvolvimento Tecnológico e Educação Ambiental” deverão perpassar os demais eixos, bem como as questões ambientais da comunidade deverão ser exploradas e abordadas de forma global em todos os aspectos discutidos.			

3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

RELAÇÕES: SER HUMANO/ UNIVERSO	TRANSFORMAÇÃO E INTERAÇÃO MATÉRIA E ENERGIA	SAÚDE: MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA	DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
Relações de Interdependência entre os Sistemas Biótico e Abióticos – Biosfera - Ecossistema			
<p>SOL: Estrela geradora de luz e calor; Calor e temperatura; Influência na vida dos seres vivos; Luz e calor (arco-íris); Luz e sombra.</p> <p>PLANETA TERRA: Movimentos: - Rotação (dias e noites); - Translação (estações do ano); - Influências sobre a biosfera (vida).</p> <p>LUA: Satélite natural da Terra: - Cheia; - Minguante; - Nova; - Crescente.</p>	<p>ÁGUA: Características físicas e químicas: - Sólido; - Líquido e gasoso. - Ciclo hidrológico; - Chuva; - Benefícios; - Prejuízos. Meio hídrico: - Teia alimentar.</p> <p>AR: Atmosfera; Composição; Aquecimento, resfriamento e vento; Nuvens; Chuva; Umidade; Respiração e transpiração dos seres vivos; Fotossíntese.</p> <p>SOLO: Formação do solo e rochas; Importância do solo; Solo como recurso natural; Uso do solo: - Habitação; - Cultivo. Meio terrestre: - Teia alimentar.</p> <p>SERES VIVOS: Animais e vegetais: - Biodiversidade; - Características. Noções de classificação dos animais e vegetais. Ciclo vital: - Condições para crescimento e desenvolvimento; - Influência da luz; - Calor; - Água; - Ar; - Solo; - Hábitos alimentares dos seres vivos; Habitat.</p>	<p>SOL E A SAÚDE: Benefícios e malefícios: doenças veiculadas pelo ar, água e solo: - Formas de contágio; - Prevenção; - Tratamento.</p> <p>ANIMAIS VETORES DE DOENÇAS: Ratos, mosquitos, baratas e outros; Medidas preventivas.</p> <p>SAÚDE DO SER HUMANO: Higiene corporal; Higiene bucal; Higiene ambiental (arejamento); Alimentação; Medicamentos; Moradia; Saneamento básico (urbano, rural); Vestuário; Lazer.</p> <p>PREVENÇÃO: Acidentes; Automedicação; Doenças infectocontagiosas.</p> <p>PRIMEIROS SOCORROS: Noções básicas.</p>	<p>SITUAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO MUNICÍPIO: COMUNIDADES E BAIRROS: Conservação; Preservação; Mata ciliar.</p> <p>SANEAMENTO SANITÁRIO E AMBIENTAL DA COLETA DE RESÍDUOS: Destino do lixo; Saneamento básico.</p> <p>POLUIÇÃO E CONTAMINAÇÃO: Ar; Água; Solo.</p> <p>AGRICULTURA ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE COLOMBO: Orgânica; Convencional; Hidropônica; Diferenças entre elas.</p> <p>ALIMENTOS: Naturais; Industrializados.</p> <p>LEI DE CRIMES AMBIENTAIS: Noções gerais; Órgãos responsáveis pela fiscalização ambiental: - IAP (Instituto Ambiental do Paraná); - SEMA (Secretaria Estadual do Meio Ambiente); - SEMMA (Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Colombo);</p> <p>DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E A INTERAÇÃO COM A NATUREZA.</p> <p>NOÇÕES GERAIS DE CIDADANIA AMBIENTAL.</p>
Os conteúdos do eixo “Desenvolvimento Tecnológico e Educação Ambiental” deverão perpassar os demais eixos, bem como as questões ambientais da comunidade deverão ser exploradas e abordadas de forma global em todos os aspectos discutidos.			

4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

RELAÇÕES: SER HUMANO/ UNIVERSO	TRANSFORMAÇÃO E INTERAÇÃO MATÉRIA E ENERGIA	SAÚDE: MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA	DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
Relações de Interdependência entre os Sistemas Biótico e Abióticos – Biosfera - Ecossistema			
<p>HISTÓRIA DA ASTRONOMIA: Noções gerais.</p> <p>SISTEMA SOLAR: Planetas; Sol; Satélites; Asteróides; Cometas; Meteoros; Estrelas; Movimentos dos astros: - Sol; - Terra; - Lua e influências nos ecossistemas.</p> <p>PLANETA TERRA: Forma e camadas internas; Força de gravidade; Satélites artificiais.</p>	<p>ÁGUA: Ciclo vital do planeta.</p> <p>AMBIENTE DO MEIO HÍDRICO: Água doce; Água salgada. Características físicas e químicas da água: - Condensação; - Sublimação; - Evaporação e outros. Solvente universal; Conservação; Porcentagem nos seres vivos.</p> <p>AR: Atmosfera: - Camada protetora da terra; - Composição; - Importância para a biosfera. Fotossíntese: - Luz; - Ar; - Água; - Sais minerais.</p> <p>SOLO Tipos de solo; Permeabilidade (relação entre água e solo); Importância do solo; Composição e tipos de solo; Relações de interdependência no meio terrestre; Transformação física e química do solo.</p> <p>SERES VIVOS: Constituição dos seres vivos; Conceitos básicos.</p> <p>CLASSIFICAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DOS ANIMAIS: Relações com o meio e com o ser humano;</p>	<p>RADIAÇÃO SOLAR E OS EFEITOS SOBRE A BIOSFERA (ECOSSISTEMAS): Causas e consequências; Camada de ozônio.</p> <p>ZOONOSE: Microorganismos vetores de doenças: - Mosquito, mosca, barata, rato, cachorro, gato, pomba e outros. Organismos causadores de doenças: - Bactérias; - Fungos; - Vírus; - Protozoários. Parasitas: - Endoparasitas; - Hectoparasitas.</p> <p>ANIMAIS PEÇONHENTOS: Cobra, aranha e escorpião.</p> <p>INFLUÊNCIA DOS VEGETAIS NA SAÚDE: Plantas medicinais e tóxicas; Plantas na alimentação; Plantas ornamentais e outros.</p> <p>FUNGOS: Parasitas; Venenosos; Medicinais; Comestíveis.</p> <p>PREVENÇÃO AO USO DE: Fumo, álcool e drogas ilícitas.</p>	<p>SITUAÇÃO SOCIOAMBIENTAL DO ESTADO: COMUNIDADE, BAIRRO E MUNICÍPIO. SANEAMENTO SANITÁRIO E AMBIENTAL: Consumismo; Consumo da água; Cuidados com as nascentes; Destino do lixo (resíduo sólido e líquido); Saneamento básico.</p> <p>FONTES GERADORAS DE RESÍDUOS: Domicílio; Indústria; Comércio; Hospital e similares; Construção civil; Indústria química e nuclear.</p> <p>FONTES DE ENERGIA: Renovável; Não-renovável.</p> <p>ASSORIAMENTO DE RIOS/MATA CILIAR: Impermeabilização do solo; Enchentes.</p> <p>LEI DE CRIMES AMBIENTAIS: Noções gerais; Órgãos responsáveis pela fiscalização ambiental: - IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis); - IAP (Instituto Ambiental do Paraná); - SEMA (Secretaria Estadual do Meio Ambiente); - SEMMA (Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Colombo).</p>

	<p>CLASSIFICAÇÃO E CARACTERÍSTICAS DOS VEGETAIS: Relações com o meio e com o ser humano.</p> <p>TEIAS ALIMENTARES TERRESTRES E AQUÁTICAS: Produtores (autótrofos); Consumidores (heterótrofos); Decompositores (microorganismos).</p> <p>RELAÇÕES ENTRE OS SERES VIVOS: Harmônica e desarmônica.</p>		
<p>Os conteúdos do eixo “Desenvolvimento Tecnológico e Educação Ambiental” deverão perpassar os demais eixos, bem como, as questões ambientais da comunidade deverão ser exploradas e abordadas de forma global em todos os aspectos discutidos.</p>			

5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

RELAÇÕES: SER HUMANO/ UNIVERSO	TRANSFORMAÇÃO E INTERAÇÃO MATÉRIA E ENERGIA	SAÚDE: MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA	DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL
Relações de Interdependência entre os Sistemas Biótico e Abióticos – Biosfera – Ecossistema			
<p>VIA LÁCTEA: Sistema solar: Posição da Terra e demais planetas em relação ao sol; Movimentos da Terra: Rotação e translação; Atração entre os corpos: força de gravidade.</p> <p>LUA: Satélite natural da Terra; Fases da lua; Influências sobre a biosfera (marés); Eclipse lunar.</p> <p>SOL: Ação dos raios solares sobre a Terra; Manutenção da vida no Planeta; Camada de ozônio; Infravermelho; Ultravioleta; Eclipse solar.</p>	<p>NOÇÕES BÁSICAS SOBRE: Organização do corpo humano: - Células - Tecidos; - Órgãos; - Sistemas; - Organismo.</p> <p>CORPO HUMANO: Integração entre estrutura e o funcionamento dos sistemas.</p> <p>ÓRGÃOS DOS SENTIDOS: Estrutura e funcionamento.</p> <p>SISTEMA DIGESTÓRIO: Estrutura e funcionamento; Transformação e aproveitamento dos alimentos.</p> <p>SISTEMA RESPIRATÓRIO: Estrutura e funcionamento; Inspiração e expiração; Vias respiratórias; Trocas gasosas: - Pulmões - Sangue; - Papel do oxigênio no corpo humano; - Transformação energética dos alimentos.</p> <p>SISTEMA CIRCULATÓRIO: Estrutura e funcionamento; Transporte e distribuição de materiais pelo corpo (transporte do sangue); Coração e a sua função no sistema circulatório.</p> <p>SISTEMA EXCRETOR: Estrutura e funcionamento para eliminação de resíduos.</p>	<p>SOL: Produção da Vitamina D.</p> <p>CONDIÇÕES BÁSICAS DE VIDA: Alimentos e água: - Nutrientes; - Energia solar. Alimentos sem agrotóxicos (orgânico); Propriedades dos alimentos Hábitos alimentares saudáveis: - Conservação; - Preparo; - Higiene; - Consumo; - Data de validade.</p> <p>QUALIDADE DE VIDA: Higiene pessoal; Higiene ambiental. Inserção social; Lazer; Repouso; Prática de exercícios físicos; Alimentação saudável; Ingestão de água.</p> <p>AR, ÁGUA E SOLO: Influência na saúde.</p> <p>PREVENÇÃO ÀS DOENÇAS INFECTO-CONTÁGIOSAS. Vacinas, soros, antídotos, medicamentos e outros.</p> <p>SAÚDE DO SISTEMA REPRODUTOR: Higiene dos órgãos genitais; Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST e AIDS); Métodos anticoncepcionais.</p> <p>PREVENÇÃO AO USO: de fumo, de álcool e drogas ilícitas;</p>	<p>SITUAÇÃO SOCIOAMBIENTAL: COMUNIDADE, BAIRRO, MUNICÍPIO, ESTADO E PAÍS</p> <p>POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA: Camada de ozônio – o3 Efeito estufa; Chuva ácida; Queimadas; Desmatamento / mata ciliar; Erosão / assoreamento dos rios.</p> <p>DESENVOLVIMENTO BIOTECNOLÓGICO: Noções gerais; Transgênicos; Clonagem; Terapia genética; Projeto genoma humano.</p> <p>LEI DE CRIMES AMBIENTAIS: Noções gerais; Órgãos responsáveis pela fiscalização ambiental: - IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis); - IAP (Instituto Ambiental do Paraná); - SEMA (Secretaria Estadual do Meio Ambiente); - SEMMA (Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Colombo);</p> <p>DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E A INTERAÇÃO COM A NATUREZA: Noções gerais; Alimentação (industrialização); Noções de cidadania ambiental e sustentabilidade.</p>

	<p>SISTEMA REPRODUTOR: Feminino e masculino: - Estrutura e funcionamento; - Função e perpetuação da espécie.</p> <p>SISTEMA LOCOMOTOR: Sustentação e locomoção: - Esqueleto e músculos. - Estrutura e funcionamento.</p> <p>SISTEMA IMUNOLÓGICO: Defesa natural do organismo: - Leucócitos; - Eritrócitos. Medicina (doação de órgãos e tecidos, implantes, exames, medicamentos, etc);</p> <p>SISTEMA NERVOSO: Estrutura e funcionamento.</p>		
<p>Os conteúdos do eixo “Desenvolvimento Tecnológico e Educação Ambiental” deverão perpassar os demais eixos, bem como, as questões ambientais da comunidade deverão ser exploradas e abordadas de forma global em todos os aspectos discutidos.</p>			

3.8.4 AVALIAÇÃO

A avaliação precisa ser contínua, pois possibilita ao professor colocar em prática seu planejamento de forma adequada às características de seus alunos.

É fundamental utilizar diferentes instrumentos de avaliação para respeitar as diferentes aptidões dos alunos, podendo ser por meio de interpretação e de produção de textos, trabalhos em grupo, elaboração de cartazes ou murais, relatórios de resultados, experimentos ou pesquisas, apresentações, entre outros.

Portanto, alguns critérios de avaliação indicam as aprendizagens básicas para o Ensino Fundamental I. É importante verificar se o aluno:

- Identifica os componentes comuns e diferentes em ambientes diversos, a partir de observações diretas e indiretas;
- Observa, descreve e compara animais e vegetais de diferentes ambientes e relaciona suas características ao ambiente onde o aluno vive;
- Busca informações mediante observações e experimentações e registra trabalhando em grupo ou individualmente;
- Identifica algumas características do corpo humano, a localização de órgãos e suas funções;
- Relaciona as condições de alimentação e de higiene pessoal e ambiental com a preservação da saúde humana;
- Compara diferentes tipos de solo, identificando componentes semelhantes e diferentes;
- Relaciona as mudanças de estados da água, identificando a amplitude de sua presença na natureza;
- Estabelece relação alimentar entre os seres vivos de um mesmo ambiente;

- Aplica seus conhecimentos sobre as relações água, solo e seres vivos para identificar algumas consequências das intervenções humanas no ambiente construído;
- Identifica e descreve as condições de saneamento básico com relação à água e ao resíduo de sua região, relacionando-as à preservação da saúde;
- Compreende a natureza como um todo dinâmico e o ser humano como parte integrante deste ambiente e agente de transformações;
- Compreenda a saúde como bem individual e coletivo que deve ser promovido por todos os setores da sociedade;
- Formule questões, diagnostique e proponha soluções para problemas reais a partir de elementos das Ciências Naturais, colocando em prática conceitos, procedimentos e atitudes desenvolvidos no aprendizado escolar;
- Compreenda a tecnologia como meio para suprir as necessidades humanas, distinguindo usos corretos daqueles prejudiciais ao equilíbrio da natureza e do ser humano;
- Saiba utilizar conceitos científicos básicos associados à energia, à matéria, à transformação, ao espaço, ao tempo, ao sistema, ao equilíbrio e à vida;
- Valorize o trabalho em grupo, sendo capaz de agir de forma crítica e cooperativa para a construção coletiva do conhecimento;
- Saiba combinar leituras, observações, experimentações, registros, etc. Para coleta, organização, comunicação e discussão de fatos e informações.

PROPOSTA CURRICULAR

Ensino Fundamental I

“A história não é uma disciplina a parte; é uma maneira de pensar todos os problemas humanos”. (Vitorino Magalhães Godinho)

3.9 HISTÓRIA

3.9.1 Pressuposto Teórico

A História é estudada por meio da participação de grupos e classes sociais presentes na configuração da antropologia passada e futura. A contribuição da Antropologia nesse aspecto é significativa, pois fornece dados sobre a multiplicidade de povos e culturas em tempos e espaços diferentes, a especialidade de linguagens, representações de mundo, valores, relação e criações cotidianas, nos grupos e nas classes sociais. Esse conhecimento rompe a ideia de um tempo único, contínuo e evolutivo para toda a humanidade. O ensino da História favorece que a realidade seja moldada por descontinuidades políticas e pela permanência de costumes ou valores. O que se pretende é o acesso à produção historiográfica, considerando que o “olhar para o passado” e o seu registro dependem muito de “quem faz” e “para que se faz” e que a subjetividade sempre esteve presente no discurso do historiador, no seu tempo, na sua formação e na sua situação de classe. Dessa forma, o passado terá sempre muitas leituras e todas as vezes que se buscarem referências no passado, novos caminhos serão abertos, ampliando o conhecimento vivido pelos alunos.

Por ser uma construção coletiva, a História possibilita mudanças na sala de aula, pois trabalha com o passado para que o aluno entenda a origem dos conflitos que existem na sociedade onde vive. É indispensável despertar no aluno o interesse de conhecer grupos com os quais convive em sua comunidade, épocas e locais.

Nesse contexto, o ensino da História tem a intenção de tornar os conhecimentos históricos significativos para os alunos, como o saber escolar e social, e que esses ensinamentos possam contribuir para que haja uma reflexão sobre a vivência e as produções humanas materializadas no espaço de convívio direto e nas organizações das sociedades, de tempos e espaços diferentes e as reconheçam como decorrentes da contradição e de regularidades históricas.

O ensino da História faz uso de diferentes linguagens por meio de fotografias, filmes, textos variados, objetos, poesias, literatura, música e outros para compreender o processo de construção da realidade e dos documentos históricos. Essa utilização possibilita a compreensão das múltiplas visões da realidade; daí a importância de se considerar as diferentes formas de expressá-las.

Para trabalhar os conteúdos desta disciplina e valorizar o conhecimento que o aluno tem, o professor deve trocar informações, estimular a reflexão e formar opiniões que possam enriquecer o conhecimento do aluno. Deve fazer isso por meio de novos questionamentos, pesquisas, investigações e da seleção de fontes de informações. Deve propor também que todo estudo realizado se transforme em material auxiliar, como confecção de diversos materiais, maquetes, quadros cronológicos, mapas, murais, exposições, dramatizações, entre outros.

Além disso, o professor precisa construir um novo olhar sobre a história nacional

e regional/local e ressaltar a contribuição dos africanos, afro-descendentes e indígenas na constituição da nação brasileira.

Algumas visões equivocadas sobre o indígena e negro e o continente africano devem ser desmitificadas. Eis algumas questões que precisam ser analisadas e perpassar todos os eixos da disciplina de História:

A do negro visto como escravo: não se pode naturalizar a situação do negro como escravo. Os negros não eram escravos, foram escravizados. A África não é uma terra de escravos. Os povos africanos eram portadores de história, de saberes e conhecimentos, que na maioria das vezes eram transmitidos pela oralidade.

A da África como um continente primitivo: A imagem de que o continente africano é povoado por tribos primitivas em imensas florestas está presente no imaginário da maioria das pessoas. Trata-se de imagem construída pelos meios de comunicação e pelos próprios livros didáticos. Na África tivemos grandes reinos (por exemplo, o Egito antigo). Muito das tecnologias utilizadas no Brasil, no cultivo da cana-de-açúcar e na mineração, foram trazidos pelos negros oriundos da África.

A de que o negro foi escravizado porque era mais dócil e menos rebelde que os indígenas: Esta ideia está presente em muitos livros didáticos. Omite-se que a história dos africanos escravizados está inserida num contexto de acumulação de bens de capital, ocorrida entre os séculos XVI e XIX, envolvendo África, Europa e Américas. No Brasil há uma história de organização e resistência, desde as vindas nos navios negreiros, as fugas individuais e coletivas para os quilombos, a organização em irmandades, a resistência da cultura nas manifestações religiosas dos batuques e terreiros, até as formas de negociação para a conquista da liberdade.

A da democracia racial: Tendência que se forjou na sociedade brasileira mascarando o tratamento desigual destinado aos afro-descendentes.

O índio genérico: A maioria das pessoas imaginam que os índios têm uma única cultura e que compartilham das mesmas crenças e língua. Esse pensamento não é verdadeiro. Se fosse, os índios TUCANO, DESANA, MUNDURUKU e WAIMIRI-ATROARI, deixariam de ser eles mesmos para se transformarem no ÍNDIO genérico. Cada povo tem língua, religião, arte e ciência própria.

Hoje, vivem no Brasil mais de 200 etnias, que falam mais de 180 línguas e com grau de comunicação variável.

Culturas atrasadas: Quem considera as culturas indígenas como atrasadas e primitivas esquece que os índios produziram saberes, literatura, poesia, religião e outras. As línguas indígenas foram consideradas pelos colonizadores como inferiores. Ora, todo linguista afirma que qualquer língua é capaz de transmitir qualquer ideia e sentimento. Isso significa dizer que não existe língua melhor que a outra.

As religiões eram consideradas apenas conjuntos de superstições. Basta entrar em contato com a cultura indígena para saber que esta opinião é preconceituosa e etnocêntrica, ou seja, que leva em consideração e se baseia apenas na cultura e nos valores de quem esta observando os ritos religiosos.

As ciências indígenas também já foram tratadas de maneira preconceituosa. Os conhecimentos dos índios já foram desprezados como se fossem a negação da ciência. O antropólogo Darrel Posey explicou que existem índios especializados em solo, plantas, remédios, rituais e outros.

A literatura também foi menosprezada. Os diferentes povos produziram uma literatura sofisticada, que foi menosprezada porque as línguas eram ágrafas, ou seja, sem escrita.

Culturas congeladas: A maioria dos brasileiros criou a imagem de como deveria ser o índio: nu ou de tanga no meio da floresta, de arco e flecha. Aquele que foi descrito por Pero Vaz de Caminha. Essa imagem foi congelada até os dias de hoje.

Quando o índio não se enquadra nessa imagem a reação das pessoas é dizer “Ah, ele não é mais índio!”. Com isso, cria-se uma nova categoria, a dos ex-índios. Aquele que usa calça jeans e fala português.

Índios fazem parte do passado: eles veem a tradição viva como primitiva porque segue o paradigma ocidental. Tudo aquilo que no âmbito do ocidente é considerado do passado, desenvolvendo uma noção equivocada em relação aos povos tradicionais sobre seu espaço na história.

Os índios estão encravados no nosso passado, mas podem interagir bem com o Brasil moderno. O país sem a riqueza da cultural indígena ficaria pobre.

O brasileiro não é índio: o grande equivoco do brasileiro é não considerar a existência do índio na formação da sua identidade. O povo brasileiro foi formado nos últimos cinco séculos com a contribuição das matrizes:

- *Europeias:* representadas pelos portugueses, espanhóis, franceses, italianos, alemães, poloneses e outros.
- *Africanas:* representadas pelos sudaneses, yorubas, nagôs, gegês, ewes, haussá, bantos e outros.
- *Indígenas:* representadas pelas famílias linguísticas como o tupi o karib, o aruak, o jê e outros.

O índio permanece vivo em cada um de nós, mesmo que não saibamos disso. É uma questão cultural. Ao fazer opções de culinária, música, dança e poesia, quais são os seus critérios de seleção? É aí que afloram as heranças culturais.

Entre os objetos do ensino de História está a constituição da noção de identidade para que se possa trabalhar as relações entre as identidades individuais, sociais e coletivas. O Brasil é um país onde a migração produziu uma diversidade cultural que levou a variações da identidade nacional. É no ensino de História que o aluno refletirá sobre as relações pessoais com os grupos de convívio, sua afetividade e participação no coletivo social.

Os enfoques devem partir do particular para o geral, podendo ser o indivíduo, da sua ação e de seu papel na localidade e na cultura, ou das relações entre a localidade, a sociedade nacional e o mundo. Decorrem desse trabalho a construção das noções de diferenças e semelhanças, continuidade e permanência.

3.9.2 Encaminhamento Metodológico

Na proposta para a área de história no PCN um dos objetivos mais relevantes é a constituição da “Identidade social do estudante” (BRASIL, 1997^a, p.32). Três aspectos são fundamentais para que os estudos históricos levem o aluno a atingir este objetivo: “A relação entre o particular e o geral”, a “Construção das nações de diferenças e semelhanças” e a “Construção de nações de continuidade e de permanência” (BRASIL, 1997, p.32-33). Três conceitos são apontados como fundamentais no saber histórico escolar em relação ao saber histórico: o de fato histórico, de sujeito histórico e de tempo histórico. Considerando esses conceitos, o ensino de história objetiva desenvolver o senso de observação do aluno por meio de estudos das fontes, mas alerta que não se pretende transformar o aluno num pequeno historiador, mas “Num observador atento das realidades de seu entorno, capaz de estabelecer relações, comparações e relativizando sua atuação no tempo e no espaço” (BRASIL, 1997, p.39).

O trabalho com documentos é fundamental como fonte de informações a serem interpretadas, analisadas e comparadas, afinal, os documentos históricos são obras humanas produzidas em diferentes contextos sociais e com objetivos variados: obras de arte, textos de

jornal, utensílios, ferramentas de trabalho, textos literários, diários, relatos de viagem, leis, mapas, vestimentas, edificações e outras.

O reconhecimento e a valorização dos registros como documentos históricos faz com que a sociedade se preocupe em armazená-los e preservá-los como patrimônio histórico e cultural, além disso, o trabalho com os documentos propicia reflexões sobre a relação presente/passado e permite a adoção do procedimento de como interrogar obras humanas do presente e de outras épocas.

Questões didáticas para o trabalho com documentos:

- A partir da problematização, estudar o documento e estabelecer as relações possíveis para contextualizá-lo. Os métodos mais adequados são os que permitem extrair deles informações de suas formas (mensagens, sentidos e significados);
- Para que os documentos utilizados cumpram com as suas funções didáticas, é necessário que sejam escolhidos, levando em conta a faixa etária para a qual são indicados e se são capazes de motivar o interesse dos alunos;
- No trabalho com documentos o professor poderá solicitar as primeiras impressões dos alunos sobre eles, instigá-los a questionarem e confrontarem informações obtidas durante a análise do documento.

O trabalho com a leitura e interpretação de fontes bibliográficas é indispensável. Deve haver seleção de textos em diferentes estilos, formas ou conteúdos, mas com a mesma temática. O professor deve ensinar seus alunos a questionarem uma obra, a lê-la criticamente e compará-la com outras obras que se distinguem por abordagens diferenciadas.

O tempo é percebido diferentemente pelos seres humanos de acordo com a cultura dos grupos sociais e não é necessário trabalhar uma concepção de tempo, tratando-o como um elemento que permite organizar os conhecimentos históricos. Trabalhar com diferentes calendários e medições de tempo, relacionando-os com mudanças e permanências nos hábitos das sociedades e identificar ritmos de ordenação temporal das atividades são algumas das práticas indicadas.

É importante que as atividades realizadas nas aulas levem os alunos a reflexão e a questionamentos. O diálogo tem papel fundamental no trabalho com os conteúdos de História e o aluno deve ser incentivado a relatar suas observações, vivências cotidianas, opiniões e pesquisas, sendo respeitada sua forma de expressão e debatidas questões referentes às suas colocações.

Entre as formas de trabalho com os alunos é importante realizar atividades em grupo. Os debates podem ser ótimos para o trabalho com História, mas é necessário organizá-los para que todos participem, dêem sugestões, rejeitem ou aceitem argumentos e procurem outras alternativas.

Utilizar em sua prática pedagógica filmes de ficção (suspense, drama e romance), adaptações literárias, filmes históricos, desenhos animados e documentários selecionados a partir dos conteúdos a serem trabalhados, é uma atividade enriquecedora no processo ensino-aprendizagem, no entanto, alguns cuidados são necessários:

- Ao utilizar um filme em sala de aula, procure despertar e desenvolver nos alunos o entendimento da linguagem das imagens em movimento;
- Escolha filmes adequados às necessidades da turma, as quais você já tenha assistido e conheça bem para poder estabelecer as relações entre o filme e o conteúdo a ser explorado;
- Estabeleça um roteiro para que os alunos observem aspectos que servirão para a análise do filme e a comparação com o conteúdo desenvolvido, estabelecendo relações entre ambos.

Os fatos históricos podem ser entendidos como ações humanas significativas, escolhidas por professores e alunos para análise de determinados momentos históricos; podem ser eventos que pertençam ao passado mais próximo ou distante, destacando mudanças ou permanências ocorridas na vida coletiva. Assim, por exemplo, dependendo das escolhas didáticas, podem se constituir em fatos históricos as ações realizadas pelos homens e pela coletividade que envolve diferentes níveis da vida em sociedade: criações artísticas, ritos religiosos, técnicas de produção, formas de desenho, atos de governantes, comportamentos de crianças ou mulheres, independência política de povos, etc.

O sujeito histórico (indivíduos, grupos ou classes sociais) pode ser entendido como sendo o agente da ação social que se torna significativo para estudos históricos, escolhido com fins didáticos. Pode ser, assim, todos aqueles que, localizados em contextos históricos, exprimem suas especificidades e características, sendo líderes de lutas para transformações (ou permanências) mais amplas ou de situações mais cotidianas, que atuam em grupo ou isoladamente e produzem para si ou para uma coletividade.

Nos componentes da prática educativa voltada para uma educação anti-racista, algumas características são fundamentais:

- A construção de ambiente escolar que favoreça a formação sistemática da comunidade sobre a diversidade étnico-racial a partir da própria comunidade, considerando a contribuição que esta pode dar ao currículo escolar;
- O estabelecimento de canais de comunicação com trocas de experiências com os movimentos negros e indígenas e com os grupos sociais e culturais da comunidade, possibilitando diálogos efetivos.

Inaugurar um tempo novo, pautado por uma lógica de valorização da diversidade e repúdio à intolerância é assumir compromisso efetivo com uma educação multiracial e interétnica.

Contemplar os povos africanos, afro-descendentes e indígenas, neste propósito, impõe mudar a realidade escolar atual por meio de uma intervenção competente e séria. Inovações temáticas e teórico-metodológicas poderão ser implementadas no cotidiano escolar de forma coletiva, gradativa e teoricamente fundamentada.

3.9.3 CONTEÚDOS

1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

HISTÓRIA LOCAL E DO COTIDIANO	HISTÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES POPULACIONAIS
<p>Criança Meus primeiros documentos (certidão de nascimento, identidade entre outros); Minha família; Árvore genealógica. Contando a história de sua família.</p> <p>Escola A sala de aula e sua turma; A história de cada um; Conhecendo a escola.</p> <p>Moradia Onde moro, meus vizinhos, comunidade e diferentes formas.</p> <p>As ruas têm história Tempo; Organização do tempo; Horário da escola.</p> <p>Alimentação e vestimenta O que comemos; Roupas especiais; A história das comidas e das vestimentas ontem e hoje – cultura afro e indígena.</p> <p>Trabalho e lazer Onde meus familiares trabalham; O que vou ser, Minhas brincadeiras.</p>	<p>Criança nas ruas Vivendo em família: ontem e hoje.</p> <p>Escola Crianças fora da escola; Outros povos, outras culturas.</p> <p>Moradia As diferentes formas de construir moradias; As moradias e as cidades.</p> <p>Tempo O tempo para a cultura; Aprendendo a contar o tempo.</p> <p>Alimentação e vestimentas: Os homens transformam seus alimentos; Os alimentos e a fome; As roupas têm história.</p> <p>Trabalho e Lazer A importância do trabalho e do lazer para a nossa sobrevivência; Reconhecimento, valorização e participação dos diferentes povos na construção da cultura local.</p>
<p>Observação: na perspectiva de reconhecer e valorizar a participação do povo afro-indígena na construção da cultura nacional, se faz necessário no decorrer do ano letivo um diálogo com a questão racial que envolva:</p> <ul style="list-style-type: none">- A identidade racial em relação à origem étnica da família do(a) aluno(a);- O termo afro-brasileiro, buscando a ancestralidade africana da família;- A identificação de tradições familiares e semelhantes àquelas que se relacionavam às tradições africanas reinventadas no Brasil, valorizando-as;- A auto-estima dos(as) alunos(as), afirmando-a positivamente entre as diferenças individuais e de grupos a partir da valorização da história familiar dos(as) alunos(as), das pessoas de sua escola, bairro e comunidade e suas diferenças culturais;- As famílias pelo mundo através dos tempos e espaços;- As relações e cuidados com o corpo em diferentes famílias e culturas;- O resgate de jogos e brincadeiras em tempos e espaços diferenciados;- Formas de comunicação de diferentes culturas ao longo dos tempos.	

2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

HISTÓRIA LOCAL E DO COTIDIANO	HISTÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES POPULACIONAIS
<p>Você Tem Uma História</p> <p>Passagem do tempo; Contagem do tempo; Outras formas de medir o tempo.</p> <p>Relações Familiares</p> <p>A família em outras culturas; As famílias mudam de lugar; Diferentes maneiras de morar. Tipos de escolas (rurais, urbanas, particulares e privadas).</p>	<p>Lugares e Paisagens Diferentes</p> <p>Campo e cidade; O tempo e os homens modificam os lugares e as paisagens.</p> <p>Organização e divisão do trabalho</p> <p>O trabalho ontem e hoje.</p> <p>Declaração Universal dos Direitos da Criança</p> <p>Direitos e deveres da criança e da comunidade; Participação da criança em outros grupos sociais; Trabalho infantil; Reconhecimento, valorização e participação dos diferentes povos na construção da cultura social.</p>
<p>Observação: na perspectiva de reconhecer e valorizar a participação do povo afro-indígena na construção da cultura nacional se faz necessário, no decorrer do ano letivo um diálogo com a questão racial que envolva:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A identidade racial em relação à origem étnica da família do(a) aluno(a); - O termo afro-brasileiro, buscando a ancestralidade africana da família; - A identificação de tradições familiares e semelhantes àquelas que se relacionavam às tradições africanas reinventadas no Brasil, valorizando-as; - A auto-estima dos(as) alunos(as), afirmando-a positivamente entre as diferenças individuais e de grupos a partir da valorização da história familiar dos(as) alunos(as), das pessoas de sua escola, bairro e comunidade e suas diferenças culturais; - As famílias pelo mundo através dos tempos e espaços; - As relações e cuidados com o corpo em diferentes famílias e culturas; - O resgate de jogos e brincadeiras em tempos e espaços diferenciados; - Formas de comunicação de diferentes culturas ao longo dos tempos. 	

3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

HISTÓRIA LOCAL E DO COTIDIANO	HISTÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES POPULACIONAIS
<p>A História de cada um nas cidades (as relações de interdependências)</p> <p>Viver nas cidades: o ritmo urbano (paisagem, trabalho, cultura e lazer);</p> <p>O modo de vida das pessoas nas cidades;</p> <p>Viver no campo: o ritmo rural (paisagem, trabalho, cultura e lazer);</p> <p>O modo de vida das pessoas na zona rural.</p> <p>Vivenciando a formação da sociedade colombense</p> <p>Ser cidadão;</p> <p>Competência da administração municipal;</p> <p>Indústria, comércio, serviços públicos e seus trabalhadores;</p> <p>Direitos e deveres dos trabalhadores.</p>	<p>História da ocupação de um espaço</p> <p>Primeiras atividades econômicas e a participação do povo afro-indígena;</p> <p>História da criação e transformação do meio urbano;</p> <p>As cidades mais recentes.</p> <p>Vivenciando a tecnologia</p> <p>Meios de transportes;</p> <p>Transportes em outros tempos;</p> <p>Meios de comunicação: ontem e hoje;</p> <p>Invenções do homem ao longo do tempo.</p>

4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

HISTÓRIA LOCAL E DO COTIDIANO	HISTÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES POPULACIONAIS
<p>Pessoas que vivem de maneiras diferentes nas diversas regiões do Paraná</p> <p>Localização influenciando o modo de vida;</p> <p>Vivendo na grande cidade X vivendo na pequena cidade;</p> <p>Início da ocupação do 1º, 2º e 3º Planalto;</p> <p>1º Planalto – Curitiba, a capital do Paraná: características, população, história e preocupação ambiental;</p> <p>2º Planalto – cidades, povo e cultura;</p> <p>3º Planalto – cidades, povo e cultura.</p> <p>Migrações internas</p> <p>População do Paraná (conhecendo nossa gente): tradições, usos e costumes.</p>	<p>O Paraná</p> <p>A influência afro-indígena.</p> <p>Tropeirismo do Paraná e no Brasil (o ciclo do tropeirismo)</p> <p>Como eram esses povos?;</p> <p>O Paraná do garimpo;</p> <p>A formação de nossas cidades (Paraná);</p> <p>Os caminhos do Paraná – início da ocupação.</p> <p>O Paraná ervateiro;</p> <p>O Paraná madeireiro e cafeeiro;</p> <p>O Paraná atual – modernização;</p> <p>O Paraná sendo parte do Brasil;</p> <p>A indústria paranaense;</p> <p>Espaço rural e urbano;</p>

5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

HISTÓRIA LOCAL E DO COTIDIANO	HISTÓRIA DAS ORGANIZAÇÕES POPULACIONAIS
<p>O homem e sua relação com a terra:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Canaviais: funcionamento dos engenhos e divisão social; - Trabalho escravo; - Cotidiano dos escravos e resistência negra; - Influência dos negros na cultura brasileira; - Libertação dos escravos. 	<p>Índios: os primeiros habitantes das terras brasileiras;</p> <p>Portugueses e indígenas: diferenças culturais;</p> <p>Colonização;</p> <p>Brasil Colônia;</p> <p>Influência indígena nas culturas brasileiras;</p> <p>Idéias anti-coloniais e movimentos separatistas;</p> <p>Brasil Império;</p> <p>Brasil República;</p> <p>Atualidades.</p> <p>As Navegações</p> <p>Europa no século XV: as necessidades dos espanhóis e portugueses;</p> <p>Encontrando um novo mundo (contato entre Colombo, nativos e Cabral);</p> <p>Antes da colonização: extrativismo de pau-brasil;</p> <p>Colonizar e povoar: divisão do território brasileiro: capitanias hereditárias.</p>

3.9.4 Avaliação

A avaliação é parte integrante e fundamental do processo educativo. Por meio dela, o professor fica sabendo como está a aprendizagem dos alunos e obtém indícios para refletir e melhorar a sua própria prática pedagógica. Um bom processo de ensino-aprendizagem na escola inclui uma avaliação inicial para o planejamento do professor e uma avaliação ao final de uma etapa de trabalho (seja ela um tópico da matéria, um bimestre ou um ciclo).

Quando pensamos em avaliação, estamos falando de algo muito mais completo que uma prova. A avaliação deve ser um processo, ou seja, deve acontecer durante todo o ano, em vários momentos e utilizando-se de diferentes instrumentos: resenhas, debates, relatórios, construção de linha do tempo, avaliações escritas, entre outros.

Devemos avaliar a disciplina de História como uma disciplina viva, alegre e prazerosa, que o aluno a observa, conhece o que o cerca e não tem vergonha de expor suas ideias e opiniões; tem a compreensão de como os homens, coletivamente, constroem as sociedades.

Espera-se que, ao longo do Ensino Fundamental I, os alunos, gradativamente, possam ler e compreender sua realidade, posicionar-se, fazer escolhas e agir curiosamente. Nesse sentido, é necessário que os alunos:

- Identifiquem o próprio grupo de convívio e as relações que estabelecem com outros tempos e espaços;
- Organizem alguns repertórios histórico-culturais que lhes permitam localizar acontecimentos numa multiplicidade de tempo, de modo a formular explicações para algumas questões do presente e do passado;
- Conheçam e respeitem o modo de vida de diferentes grupos sociais em diversos tempos e espaços, suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles;
- Reconheçam mudanças e permanências nas vivências humanas presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço;
- Questionem sua realidade, identificando alguns de seus problemas, refletindo sobre possíveis soluções, reconhecendo formas de atuar na política institucional e nas organizações coletivas da sociedade civil;
- Utilizem métodos de pesquisa e de produção de textos de conteúdos históricos, aprendendo a ler diferentes registros escritos, iconográficos e sonoros;
- Valorizem o patrimônio sociocultural e respeitem a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e como um elemento de fortalecimento da democracia.
- Reconheçam-se como sujeito do processo educacional que vive e convive em situação de igualdade com pessoas de todas as etnias, vendo a história do seu povo resgatada e respeitada.

PROPOSTA CURRICULAR

Ensino Fundamental I

3.10 GEOGRAFIA

3.10.1 Pressuposto Teórico

Durante o processo de ensino-aprendizagem da Geografia, é necessário que o aluno perceba que faz parte de uma família e de uma sociedade, individualmente ou coletivamente, ou seja, compreender o espaço geográfico como resultado da interação entre todos os elementos políticos, sociais e econômicos, e sentir-se como membro participante, efetivamente ligado, responsável e comprometido historicamente.

A Geografia, antes objeto apenas de descrição da Terra, modificou-se e ampliou seus propósitos. De simples descrição, transformou-se em estudo explicativo das diversas paisagens do mundo, marcando duas dimensões intimamente ligadas: a sociedade e a natureza.

Assim, como as demais disciplinas que compõem o currículo do Ensino Fundamental, a Geografia deve desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente, a realidade, tendo em vista a compreensão e transformação das sociedades humanas e a sua relação com o espaço geográfico, desenvolvendo as noções básicas de paisagem, território, lugar e sociedade.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, “O estudo da Geografia possibilita, aos alunos, a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm consequências – tanto para si como para a sociedade. Permite que adquiram conhecimentos para compreender as diferentes relações que são estabelecidas na construção do espaço geográfico no qual se encontram inseridos, tanto em nível local como mundial, e perceber a importância de uma atitude de solidariedade e de comprometimento com o destino das futuras gerações. Além disso, seus objetos de estudo e métodos possibilitam que compreendam os avanços na tecnologia, nas ciências e nas artes como resultantes de trabalho e experiência coletivas da humanidade, de erros e acertos nos âmbitos da política e da ciência, por vezes permeados de uma visão utilitarista e imediatista do uso da natureza e dos bens econômicos”.

Desde as primeiras etapas da escolaridade, o ensino da Geografia pode e deve ter como objetivo mostrar ao aluno que cidadania é também o sentimento de pertencer a uma realidade na qual as relações entre a sociedade e a natureza formam um todo integrado, constantemente em transformação, do qual ele faz parte e, portanto, precisa conhecer e sentir-se como membro participante, afetivamente ligado, responsável e comprometido historicamente.

Neste contexto, o professor deverá possibilitar que o conhecimento seja construído gradativamente e perpassa por todos os conteúdos que sejam necessárias para que leve a criança a perceber-se como interdependente do meio, auxiliando-a na constituição de sua corresponsabilidade.

3.10.2 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

O trabalho com a Geografia - Natureza e Sociedade - deve incluir o respeito às diferenças existentes entre os costumes, valores e hábitos das diversas famílias e grupos, bem como o reconhecimento de semelhanças.

Para que a criança avance na construção de novos conhecimentos é importante também que o educador a questione acerca do que já domina sobre o assunto com base nos seus aspectos práticos do dia a dia, relacionados ao modo de vida de seu grupo social.

“Ao partir da vivência concreta, busca-se a ampliação do espaço da criança com a aprendizagem da leitura desses espaços e, como recurso, desenvolve-se a capacidade de aprender a pensar o espaço, desenvolvendo raciocínios geográficos, incorporando habilidades e construindo conceitos (CALLAI, 2005, p.236)”.

As noções de sociedade, cultura, trabalho e natureza são fundamentais e podem ser abordadas por meio de temas nos quais as dinâmicas e determinações existentes entre a sociedade e a natureza sejam estudadas de forma conjunta. Porém, para além de uma abordagem descritiva da manifestação das forças materiais, é possível também propor estudos que envolvam o simbólico e as representações subjetivas, pois a força do imaginário social participa significativamente na construção do espaço geográfico e da paisagem.

Para a construção desse espaço geográfico como linguagem, cartográfica, a escola poderá propor situações nas quais os alunos têm de colorir mapas, copia-los, escrever os nomes de rios ou cidades e memorizar as informações neles representadas. Mas esse tratamento não garante que eles construam os conhecimentos necessários, tanto para ler mapas como para representar o espaço geográfico. Para isso, é preciso partir da ideia de que a linguagem cartográfica é um sistema de símbolos que envolve proporcionalmente uso de signos ordenados e técnicas de projeção. E também é uma forma de atender as diversas necessidades, das mais cotidianas, como chegar a um lugar que não se conhece e entender o trajeto dos mananciais, por exemplo.

Portanto, é fundamental nesta metodologia o trabalho com o Globo terrestre e mapas nos mais diversos aspectos, geográficos, políticos, culturais, econômicos, ambientais e sociais; o trabalho de campo, planta baixa e maquete, do caminho da casa até a escola, ao entorno da escola, no bairro ou locais que estabeleçam relações com elementos em estudo, visando auxiliar os alunos a desenvolverem as noções de espaço, orientação, localização e movimentação, percebendo assim o espaço como resultado da interação entre os diversos elementos.

O estudo da sociedade e da natureza deve ser realizado de forma conjunta. No ensino, professores e alunos deverão procurar entender que ambas – sociedade e natureza – constituem a base material ou física sobre a qual o espaço geográfico é construído.

A Geografia trabalha com imagens e recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos. A escola deve criar oportunidades para que os alunos construam conhecimentos sobre esta linguagem nos dois sentidos: como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas por ela.

Esta nova perspectiva considera que não basta explicar o mundo e seu espaço, é preciso transformá-lo.

Assim, a Geografia ganha conteúdos que são significativos na formação do cidadão.

3.10.3 Conteúdos

1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
Sociedade e espaço	Noção do “eu corporal” Como eu me localizo no espaço; -Localização da casa – relações de vizinhança; -A casa – lugar de vivência, conceito de lugar afetivo. Relação social. -A rua (o que existe nas ruas que eu conheço? Pontos de referência) -O caminho de casa até a escola – trânsito/meios de transporte; A escola -Grupo social da escola - relações sociais: inter e intra-pessoal; -Formas de comunicação e socialização; -Meus colegas de classe – localização espacial; O espaço onde vivo -Elementos naturais: clima, vegetação, hidrografia, relevo e tempo.
Os aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e ambientais devem permear e estabelecer relações entre todos os conteúdos trabalhados no decorrer do ano.	

2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
Sociedade e espaço	A vida urbana e rural e a interdependência entre ambas A escola - As escolas são diferentes; - As dependências da escola; - A sala de aula; A casa - Os cômodos da casa; - Planta baixa; A rua e o bairro - O caminho até a escola; - O trânsito - Sinais de trânsito; - Semáforo para veículos; - Semáforo para pedestres; - Faixa de segurança; - Placas de sinalização; - Guardas de trânsito; - Segurança no trânsito. A paisagem - Elementos formadores – naturais e culturais; - A paisagem e as pessoas; - A paisagem e suas modificações – positivas e negativas; - Elementos naturais: clima, vegetação, hidrografia, relevo e tempo. O trabalho - Importância das profissões nos diferentes espaços (urbano e rural); Meios de transporte - a importância e utilização - Aéreos; - Marítimos; - Terrestres. Meios de comunicação - Quais são eles e sua importância neste contexto.
Os aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e ambientais devem permear e estabelecer relações entre todos os conteúdos trabalhados no decorrer do ano.	

3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
Sociedade e espaço	<p>A origem do município</p> <p>O município - localização e orientação (pontos cardeais)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Área urbana; - Área rural; - A interdependência de ambas nos aspectos: - Físicos: <ul style="list-style-type: none"> - Relevo; - Rios; - Aquífero Karst; - Clima; - Vegetação; - Divisão política. - Econômicos: <ul style="list-style-type: none"> - Trabalho; - Indústria; - Comércio; - Turismo. - Políticos: <ul style="list-style-type: none"> - Quem governa o município (poder executivo, poder legislativo e poder judiciário); - Os serviços públicos. <p>Os aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e ambientais devem permear e estabelecer relações entre todos os conteúdos trabalhados no decorrer do ano.</p>

4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
Sociedade e espaço	<p>Estudando o Estado do Paraná</p> <p>Localização e orientação (pontos cardeais e colaterais)</p> <p>Localização:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Localizando o Paraná no Brasil; - Mapa político do Paraná; - Localizando o município no Paraná; - Localização das comunidades indígenas, africanas e quilombolas no Paraná. <p>Aspectos físicos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Relevo; - 1º Planalto; - 2º Planalto; - 3º Planalto; - Planície litorânea; - Hidrografia – rios; - Bacias; - Hidrelétricas; - Clima; - Vegetação; - Paisagem natural e paisagem modificada; - População. <p>Atividades econômicas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Agricultura; - Pecuária; - Pesca; - Mineração; - Indústria; - Comércio; - Turismo; <p>Os aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e ambientais devem permear e estabelecer relações entre todos os conteúdos trabalhados no decorrer do ano.</p>

5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
Sociedade e espaço	<p>O Brasil</p> <p>Localização - Localizando o Brasil no planeta Terra;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Paralelos; - Meridianos (fusos horários); - Localizando o Brasil no continente americano; - Pontos extremos; - Mapa político e dividido por regiões. <p>As regiões brasileiras</p> <p>A população brasileira</p> <ul style="list-style-type: none"> - Formação do povo brasileiro; - Costumes e tradições do povo brasileiro; - Diversidade cultural; - Distribuição espacial da população afro-descendente e indígena no Brasil; - A contribuição do negro e do indígena na construção da nação brasileira. <p>Aspectos naturais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Relevo; - Hidrografia - litoral; - Rios; - Bacias. <p>Aspectos físicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Clima. <p>A vegetação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Floresta Amazônica; - Mata Atlântica; - Floresta de Araucárias ou Mata dos Pinhais; - Mata dos cocais; - Caatinga; - Cerrado; - Campos ou Pampas; - Vegetação Litorânea. <p>Atividades econômicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Agricultura; - Pecuária; - Extrativismo; - Indústria; - Comércio; - Prestação de serviço; - Turismo.
Os aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e ambientais devem permear e estabelecer relações entre todos os conteúdos trabalhados no decorrer do ano.	

3.10.4 AVALIAÇÃO

Como educadores sabemos que avaliar não é tarefa simples, pois devemos considerar dois processos: o de ensino e o de aprendizagem. Dessa forma, a avaliação acaba sendo também um importante instrumento para orientar o trabalho do professor.

A avaliação vai muito além do controle daquilo que o aluno sabe ou não sabe ou de suas notas finais. Ela se dá durante todo o processo pedagógico, desde o conhecimento das hipóteses iniciais do aluno da nossa expectativa de aprendizagem até o fechamento das etapas do trabalho; portanto, é um processo.

A avaliação, apesar de ser responsabilidade do professor, não deve ser considerada função exclusiva dele. Delegá-la aos alunos, em determinados momentos, é uma condição didática necessária para que construam instrumento de auto-regulação para as diferentes aprendizagem. A auto-avaliação é uma situação de aprendizagem em que o aluno desenvolve estratégias de análise e interpretação de suas produções e de diferentes procedimentos para se avaliar. Além desse aprendizado ser importante, porque é central para a construção da autonomia dos alunos, cumpre o papel de contribuir com a objetividade desejada na avaliação, uma vez que esta só poderá ser construída com a coordenação dos diferentes pontos de vista, tanto do aluno quanto do professor.

A Geografia que propomos parte do concreto para o abstrato e do espaço vivido para o espaço concebido. Assim sendo, é necessário que se faça uma análise profunda do que se quer que o aluno adquira de forma gradativa e para isso é necessário estabelecer alguns critérios.

Espera-se que o aluno:

- Reconheça algumas das manifestações da relação entre sociedade e natureza presentes na sua vida cotidiana e na paisagem local;
- Reconheça e localize as características da paisagem local e compare-as com as outras paisagens;
- Leia, interprete e represente o espaço por meio de mapas, maquetes e outros;
- Reconheça o papel das tecnologias, da informação, da comunicação e dos transportes na configuração de paisagens urbanas e rurais e na estruturação da vida em sociedade;
- Compreenda o conceito de lugar como espaço de laço afetivo e identidade que une as pessoas aos seus espaços de vivência, ligado por uma série de aspectos econômicos, políticos e sociais;
- Compreenda o conceito de paisagem como tudo aquilo que os sentidos captam e percebem, compreendendo as razões que levaram a paisagem a ser o que é;
- Compreenda o conceito de espaço geográfico como resultados das maneiras como os grupos humanos se apropriam da natureza;
- Entenda as localizações e o que significa saber situar-se no espaço, seja por meio de mapas ou usando referenciais da paisagem ou do lugar;
- Adquira conhecimentos básicos da superfície terrestre e das sociedades humanas.

PROPOSTA CURRICULAR

Ensino Fundamental I

3.11 ARTES

3.11.1 Pressuposto Teórico

A arte é um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, um patrimônio da humanidade e é de direito o acesso a todo ser humano. Entender Arte como conhecimento é ponto fundamental para sua produção e apreciação. Perceber arte como produção de significações que se transformam no tempo e no espaço permite contextualizar a época em que se vive na sua relação com as demais. Estabelece um ponto comum de encontro entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos que sempre procuram formas de tornar presente o inexplicável.

Na educação, a arte passou por várias concepções que nortearam o seu processo de ensino aprendizagem, mas somente com a revisão da LDB, Lei 9394/96, a Arte passa a ser parte integrante, obrigatória, do Currículo escolar, sob o nome de Educação Artística, nome este que não traduz a Arte em uma visão plena que tem por premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação da obra artística e seu contexto histórico.

No que diz respeito à leitura de imagens, deve-se eleger materiais que contemplem a maior diversidade possível e que sejam significativos para a criança. É por meio da apreciação que as crianças estabelecem relações com seu universo. Sendo assim, é fundamental que as crianças realizem uma observação livre das imagens e possam expressar sua opinião, sendo o professor um provocador da apreciação e da leitura da imagem.

Ensinar arte tem por objetivo desenvolver o pensamento artístico, a percepção estética, a sensibilidade e a imaginação para que o aluno reconheça objetos, formas e cores, buscando formar, no discente, uma visão crítica da cultura e da dimensão social das manifestações artísticas para que o aluno sensibilize-se, reflita, aprecie e use sua imaginação ao se deparar com o que foi produzido artisticamente em diferentes épocas e culturas.

O que se pretende nas aulas de arte, nesta perspectiva, é a interação da criança com o campo da arte e o seu contato direto com ela. Esta interação envolve:

- A experiência de fazer formas artísticas e tudo que entra em seu jogo nesta ação criadora: recursos pessoais, habilidades, pesquisa de materiais e técnicas e a relação entre perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte;
- A experiência de fluir formas artísticas, utilizando informações e qualidades perspectivas e imaginativas para estabelecer contato, pois formas significam coisas diferentes para cada pessoa;
- A experiência de refletir sobre a arte como objeto de conhecimento em que são analisados dados sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística, tanto de artistas quanto dos próprios alunos.

LINGUAGEM MUSICAL

A linguagem musical tem como matéria-prima o som e o silêncio articulado em pensamento musical. Assim, compor implica imaginar, relacionar e organizar sons, ouvindo-os internamente. Para desenvolver-se na linguagem musical é necessário que o aluno envolva-se com:

- A prática do pensamento musical, imaginando, relacionando e organizando, intencional e expressivamente, sons e silêncio, no contínuo espaço-tempo. Para isso irá utilizar os elementos caracterizadores da música, a improvisação, a composição e a interpretação;
- A estrutura da linguagem musical e seus elementos constitutivos (sinais e signos sonoros, melodia, ritmo, etc.) lendo e produzindo formas sonoras;
- Os modos de notação e registro musical, integrando a criação de notações ao sistema de leituras e escrita tradicional;
- Linguagem verbal e não-verbal;
- A prática da escuta musical, entrando em contato com as diferentes formas, gêneros e estilos musicais, analisando e reconhecendo seus modos de estruturação e organização.

LINGUAGEM CÊNICA

Tornar os signos teatrais sensíveis à criança; é utilizar-se de contextos significativos sobre conceitos e fatos históricos. A chave de entrada da linguagem teatral é o jogo que se utiliza de recursos no tempo e espaço, convidando-as à ação e à criação. Envolver a criança neste jogo exige seu amadurecimento estético na linguagem teatral. Sendo assim, se faz necessário proporcionar um contexto significativo em que seja possível:

- Praticar a imaginação por meio da representação;
- Aprender a estrutura da linguagem cênica e seus elementos constitutivos;
- Atuar na ação improvisada, utilizando-se de diferentes recursos, como máscaras, figurinos, maquiagem, iluminação, sons, objetos, etc. E textos de diferentes gêneros, como dramáticos, narrativos, poéticos, jornalísticos, etc.;
- Linguagem verbal e não-verbal;
- Ressignificar o mundo por meio do imaginário dramático.

LINGUAGEM VISUAL

A criança brinca com linhas, formas e cores na linguagem visual e em produções idealizadas que buscam a liberdade e a ousadia. Para que a criança possa poetizar, fluir e conhecer a linguagem visual é necessário que o professor possibilite:

- A prática do pensamento visual através da forma e da matéria;
- A articulação dos elementos constitutivos da linguagem visual;
- A experimentação nos diferentes modos da linguagem visual: pintura, desenho, gravura, escultura, modelagem, caricatura, histórias em quadrinhos, colagem, fotografia, cinema, instalação, vídeo, TV, informática, etc.;
- O contato com a linguagem verbal e não-verbal;
- O manuseio e a seleção de materiais e instrumentos, suportes e técnicas e suas especificidades como recursos expressivos.

LINGUAGEM CORPORAL

A linguagem corporal é o pensamento transformado em ato sinestésico. Esta aprendizagem do movimento exige que a criança possa:

- Praticar o pensamento sinestésico por meio da ação corporal poetizado pela criação de movimentos expressivos;
- Aprender a estrutura e o funcionamento corporal por meio de diferentes formas de locomoção, deslocamento e orientação no espaço;
- Criar, improvisando movimentos expressivos e respeitando as mudanças de tempo e o ritmo;
- Registrar a sequência de movimentos expressivos criados em coreografias simples.

Ao desvelar a linguagem da arte, o aluno apropria-se, lendo ou produzindo, do modo de pensamento da própria arte, transformando-o em competências simbólicas, instigando assim o aluno a descobrir seu modo singular de perceber, sentir, pensar, imaginar, expressar e ampliar sua possibilidade, sua produção e leitura do mundo, da natureza e da cultura e ampliando também seu modo de atuação sobre ele.

A arte é o canal de entrada do sentimento, são sensações que provocam estados emocionais únicos, nos levando a um diálogo com nosso eu interior que é e refletido em nossas ações diárias.

3.11.2 Encaminhamento Metodológico

O procedimento metodológico deve estar embasado na proposta triangular, tendo como premissa três eixos caracterizadores: leitura de imagem, história da arte e produção artística. Os conteúdos relacionados devem explorar a triangularidade proposta para que o aluno possa contextualizar, produzir e refletir sobre a arte.

As linguagens artísticas subdividem-se em quatro eixos: linguagem visual, linguagem cênica, linguagem corporal e linguagem musical.

A organização do tempo nas atividades artísticas pode ser segmentada em três âmbitos: atividades permanentes: acontecem com regularidade semanal; atividades sequenciais: atividades em uma série planejada e orientada por tarefas e os projetos: formas que envolvem diferentes conteúdos e que se organizam em torno de um produto final. Estas aulas poderão ser ministradas pelo menos uma vez na semana e possuírem duração mínima de uma hora e duração máxima de uma hora e trinta minutos, podendo ser reorganizada de acordo com as necessidades específicas de cada estabelecimento de ensino.

Os códigos visuais são os mais complexos, exigindo um melhor preparo do professor no que se refere à pesquisa tanto de técnicas e materiais quanto dos próprios conteúdos que devem focar a experimentação e estimulação de sensações, pois é por meio do corpo que a criança aprende.

ARTES VISUAIS

Detalhamento dos Conteúdos de Educação Artística

Os conteúdos de Educação Artística são apenas o ponto de partida para o trabalho em sala de aula, pois a atividade artística visa à formação dos sentidos e de uma visão mais exigente e ativa em relação ao mundo e à maneira como se vive.

Ao se detalhar um pouco dos conteúdos desta área, busca-se auxiliar os docentes na sistematização de algumas informações e no conhecimento próprio das diferentes linguagens

apresentadas nesta disciplina. Estes conhecimentos poderão ser retomados nas discussões, oficinas e reuniões de planejamento das escolas.

É fundamental que os professores conheçam e saibam como trabalhar com esses conceitos e, além disso, procurem relacionar às obras de arte com o cotidiano da escola ou da comunidade, fazendo com que os discentes entendam o sentido de cada quadro, música e encenação e sempre questionem estes significados.

Quanto mais aguçada a curiosidade dos alunos, mais condições terão de entender a função da arte em suas vidas, por isso, é essencial que os professores façam das aulas de Educação Artística momentos de reflexão, de questionamentos e de diálogo, proporcionando aos professores e alunos a descoberta de que:

“Arte é contemplação. É o prazer da mente que penetra na Natureza e descobre o espírito que a anima. É a alegria da inteligência que vê o universo com clareza e o recria, dotando-o de consciência. A arte é a missão mais sublime do homem, já que é exercício do pensamento tentando compreender o mundo e torná-lo compreensível.”
(Augusto Rodin)

Os conteúdos em artes visuais devem seguir os seguintes sub-eixos: forma, ponto, linha, plano e cor, sendo que para cada série, o grau de dificuldade deverá ser inserido gradativamente.

Forma: A forma pode apresentar-se em duas dimensões: bidimensional - Possui duas dimensões: altura e largura, podendo apresentar-se sob a forma de: desenho, pintura, colagem, fotografia, histórias em quadrinhos e diversas técnicas de impressão, como, serigrafia, monotipia, gravura, papel gravura, xilogravura, carimbos, entre outros. E a forma tridimensional - Possui três dimensões: altura, largura e profundidade, podendo apresentar-se sob a forma de modelagem, escultura, dobradura, maquete, entre outras.

O primeiro ano iniciará o conteúdo FORMA em nível de reconhecimento de figuras geométricas em seu contexto e também sua nomenclatura, devendo, o professor, situar a criança no espaço-tempo, por meio de artistas que se utilizem deste conceito, podendo relacionar com a cestaria, cerâmica e pintura corporal indígena que faz uso destas formas em sua arte. Enquanto que sob a forma tridimensional, estas formas geométricas poderão ser utilizadas sob a forma de escultura, dobradura e modelagem. A proporção delimitar-se-á às noções espaciais propriamente ditas.

No ano seguinte, se tratará as figuras geométricas enquanto composição, ou seja, as formas deverão ser organizadas em um conjunto, apresentando-se sob uso de qualquer técnica, suporte ou dimensão e a proporção deverá seguir os mesmos critérios anteriores.

Os alunos do terceiro ano iniciarão o conteúdo utilizando-se dos sólidos geométricos, observando a utilização dos mesmos no cotidiano, pois toda a construção se dá a partir das formas geométricas. A proporção será vista como organização das formas estudadas em um suporte plano de qualquer origem, utilizando-se dos elementos luz e sombra para dar a noção de profundidade, das malhas quadriculadas para ampliação e redução de desenhos, e representação gráfica para dar noção de perspectiva.

O quarto ano terá como ponto de partida a percepção visual com o conteúdo figura e fundo. Neste contexto, o professor deverá trabalhar os sistemas estruturais do olho humano a fim de explicar como este pode criar ilusão das formas. No plano bidimensional, o foco será a resolução de profundidade (volume) no desenho, pintura, etc. Por meio da luz e sombra, utilizando-se da proporção para dar noção de planos. O mesmo enfoque será utilizado nas obras tridimensionais.

Os alunos do quinto ano tratarão a forma enquanto estudo geométrico (ângulo, vértice e aresta), bem como a planificação de sólidos geométricos, ou seja, o rebatimento das faces deste sólido. O movimento e o contraste, além de outros elementos, serão utilizados de forma mais aprofundada nas construções tridimensionais.

Ponto e linha: O ponto é o menor elemento da linguagem visual e dele dependem todos os outros elementos constituintes.

No primeiro ano, este conteúdo será trabalhado enquanto elemento isolado da composição e início da construção das linhas que estarão apresentadas enquanto forma e nomenclatura.

O segundo ano tratará o ponto enquanto composição sob a forma de rarefação (pontos compostos isoladamente) e condensação (pontos compostos em grupo). Quanto à linha, serão apresentados mais componentes para estudo - a linha mista e linha quebrada.

No terceiro ano o ponto será estudado enquanto vibração, ou seja, o efeito vibratório produzido pelo olhar quando se depara com pontos coloridos extremamente juntos (pontilhismo). As linhas serão enfocadas enquanto sua posição, podendo o professor solicitar ao aluno composições com o tema.

O movimento, contorno e o equilíbrio serão objetos de estudo do quinto ano.

O quinto ano tratará estes conteúdos estritamente sob a forma de composição, pois o aluno já poderá apresentar subsídios para realizar uma composição com movimento, equilíbrio e contraste.

Plano: Este conteúdo será trabalhado gradativamente enquanto tratamento de superfície (liso, áspero, gelado, quente, rugoso, etc.), utilizando-se da textura visual e tátil para representá-la.

Cor: As cores serão inseridas gradativamente no processo da aprendizagem.

O primeiro ano estudará as cores primárias, o preto e branco e cores secundárias.

As cores quentes e frias serão objeto de estudo do segundo ano.

O ano seguinte estudará as cores terciárias, mistura de neutras e complementares.

O quarto ano estudará a escala de cores (partindo de uma cor e misturando gradativamente outra cor, até que esta segunda prevaleça), bem como os tons de claro e escuro, a monocromia (pintura com apenas uma cor variando tons) e a policromia (variação de tons de várias cores).

O quinto ano analisará a cor na forma de luz e a cor na forma de pigmento.

DANÇA

Os conteúdos selecionados fazem parte dos elementos constitutivos da dança: força, espaço, tempo, fluência e também seu tempo histórico e apreciação.

A criança utiliza-se do movimento corporal em função do prazer de exploração e liberdade que este proporciona. A escola tem por função desenvolver a compreensão de sua capacidade de movimento mediante um maior entendimento de seu corpo (reconhecimento de diferentes tecidos da pele, músculo, ossos e suas funções - movimento, proteção e estrutura).

O professor deverá introduzir estes elementos em suas aulas, variando sua complexidade gradualmente com atividades individuais e coletivas, considerando o desenvolvimento motor da criança. As atividades devem proporcionar momentos de criação de sequências de movimentos (pesquisa, experimentação e criação de pequenas coreografias), exploração do espaço e reconhecimentos de ritmos corporais, utilizando a improvisação individual em dupla ou coletiva e possibilitando à criança a experimentação de sua elasticidade corporal e potencialidades motoras.

O trabalho deverá ser contextualizado para que apresente significação para a criança. Ela precisa saber o tempo em que determinado artista viveu e produziu sua obra, qual era o contexto histórico vivenciado por ele, informações sobre sua vida, etc.

Salientamos aqui que a criança não possui uma noção temporal complexa; devido a isso, o professor deverá utilizar expressões como muito tempo atrás, no tempo de reis e rainhas, quando minha avó era menina, para que ela possa situar-se no tempo e no espaço. Artistas (pintores, escultores, desenhistas, etc.) que utilizaram esta temática em suas obras são excelentes fontes de pesquisa, bem como músicos da época estudada.

As brincadeiras de roda, cirandas e manifestações populares são excelentes fontes de atividades para serem exploradas.

MÚSICA

A proposta de ensino na área musical deve considerar a diversidade existente, permitindo ao aluno trazer a música para dentro da sala de aula, contextualizando-a e oferecendo obras significativas para seu desenvolvimento pessoal em atividades de produção e apreciação.

A composição musical é uma combinação de sons, voz, meio ambiente, instrumentos, materiais sonoros ou obtidos eletronicamente, organizados - Considerando os limites que cada um estabelece. Uma obra musical toma forma a partir da interpretação, do contrário só existiria na mente de quem a produziu (partitura e projeto). A improvisação permite liberdade de criação em alguns momentos da composição e interpretação.

Na sala de aula, é importante compreender claramente a diferença entre composição e interpretação. Numa canção, elementos como a melodia ou letra fazem parte da composição, mas esta só existe mediante a interpretação. O professor poderá trabalhar com interpretações musicais (músicos como agentes sociais - vida - época - produções) existentes vivenciando a produção individual ou grupal, experimentando, selecionando e utilizando instrumentos e materiais sonoros em composições e improvisações; percepção e identificação dos elementos da linguagem musical em atividades de produção por meio da voz, do corpo, de instrumentos sonoros e utilização e criação de letras de canções.

A apreciação musical se dá por meio da percepção e identificação dos elementos da linguagem musical (forma, estilo, gêneros, motivos) explicitados por meio da voz, do corpo e de materiais sonoros disponíveis de representações diversas, bem como por meio da reflexão sobre as produções musicais: regional, nacional e internacional, considerando o ponto de vista de cada um.

TEATRO

O teatro tem como fundamento a experiência de vida: ideias, conhecimentos e sentimentos. O ato de dramatizar está contido em cada um como uma necessidade de compreender e representar uma realidade. A dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea.

A proposta educacional deve compreender a atividade teatral como uma combinação de atividade para o desenvolvimento global do indivíduo. A escola deve viabilizar o acesso do aluno à literatura, vídeos e atividades teatrais. O professor deverá levar em conta as fases do desenvolvimento apresentado em cada ano. Entre 6/7 anos, a criança encontra-se na fase do faz-de-conta em que a realidade é retratada da maneira que é entendida e vivenciada, não é capaz de refletir sobre temas distantes de seu cotidiano. Já aos 8/9 anos retrata os fatos de forma realista.

Os jogos dramáticos têm caráter de improvisação, pois o que conta é o prazer do jogo. Gradualmente a compreensão da atividade teatral irá tomar forma: cenário, objetos, roupas, organização e sequência da história. O professor deverá organizar as aulas em sequência, oferecendo estímulos por meio de jogos preparatórios – atenção – observação – concentração. É fundamental o desenvolvimento da criança e não a transmissão da técnica. Levar textos dramáticos, fatos da evolução do teatro, situam o aluno no contexto histórico.

Para que as aulas de artes não se tornem “oficinas” com temas isolados, é fundamental que o professor, sempre que possível, organize suas aulas de forma que os quatro eixos do ensino da arte possam ser contemplados, por exemplo: ao observar a tela “Aula de Dança de Degas”, o professor poderá, enquanto explora o quadro, envolver a criança por meio de seus sentidos ao colocar “O Lago dos Cisnes” de Tchaikovsky como fundo musical. Em seguida, ele pode observar esta peça cênica em vídeo/DVD para que o aluno possa interiorizar e experimentar o conteúdo ao realizar uma pequena coreografia com passos do ballet. Este exemplo mostra que é possível realizar essa intersecção sem perder a especificidade de cada um dos eixos e mostra também que o modo mais fácil de se obter resultados é realizando e organizando o trabalho sob a forma de projetos educativos.

3.11.3 Detalhamento dos Conteúdos de Artes

3.11.3.1 Elementos da Linguagem Visual

Forma e a estrutura: A forma se constitui no aspecto exterior das coisas e se define visualmente por seus limites que são estruturados por linhas (contornos) e superfícies, configurando em alguns casos um volume por meio da técnica do claro-escuro. O formato da composição define e dá ideia da estrutura do campo visual, por exemplo: um elemento colocado bem no centro da composição sugere um efeito de equilíbrio, estabilidade e repouso, mas quando colocada no alto, abaixo, à direita ou à esquerda sugere maior dinamismo e ideia de movimento.

Representação das formas: As imagens podem ser mais ou menos reais, isso nos leva a destacar a representação figurativa e abstrata. Podemos considerar a deformação como outro recurso para a representação das formas e a estilização que requer uma simplificação, uma redução de detalhes visuais.

Figura e fundo: Quando uma parte é considerada mais importante recebe certo destaque, portanto, esta parte constitui a figura. As outras partes da imagem que possuem importância menor se constituem no fundo da composição.

Simetria: É a justa proporção ou correspondência entre partes situadas em lados opostos de uma linha, plano médio ou, ainda, que se achem distribuídas em volta de um centro ou eixos e apresentem uma harmonia resultante de combinações e proporções regulares. As duas formas mais comuns de simetria são a axial e a radial.

A simetria axial apresenta um eixo vertical ou horizontal que divide a composição em duas partes iguais. A simetria radial além de dividir uma composição em duas partes iguais também indica direção. O equilíbrio assimétrico é um modo mais dinâmico de se compor, pois podemos compensar as partes de uma composição sem que os elementos sejam iguais em ambos os lados do eixo visual. Na composição, o equilíbrio depende também da distribuição do peso visual. Este se constitui na capacidade de um elemento atrair a atenção dentro da composição, pois qualquer elemento influencia e tem peso devido a sua cor, forma, tamanho e posição. Tanto a simetria quanto assimetria são utilizadas como recursos expressivos, dando a ideia de estabilidade ou instabilidade. A simetria expressa a ideia de equilíbrio, ordem e estabilidade e a assimetria, ao contrário, passa a impressão de instabilidade, desequilíbrio e desarmonia. O ritmo visual nos possibilita criar composições mais ou menos dinâmicas e pode ser classificado nas seguintes categorias: uniforme, variável, alternado, crescente, decrescente e concêntrico.

Ponto

O ponto é o elemento mais simples da linguagem visual. Este não se apresenta apenas na forma circular, mas pode ter vários outros formatos como um quadrado ou uma mancha, por exemplo. Apesar de ser o menor elemento da linguagem visual, é dele que se constituem todos os outros elementos constitutivos das Artes Visuais. Um ponto isolado em uma obra chama muito a atenção de quem observa. Quando se desenha ou se pinta uma obra usando muitos pontos, pode-se criar uma sensação de vibração.

Linha

Pode ser definida como rastro que um ponto deixa ao se deslocar no espaço ou como uma sucessão de pontos muito próximos uns aos outros. Pode ser grossa, fina, colorida, contínua, firme, fraca, interrompida, etc. Há muitos tipos de linha e cada uma sugere uma sensação diferente: reta – contínua, firme, pode dar a impressão de rigidez e dureza, curva – contínua, pode sugerir suavidade e sinuosidade, vertical – indica equilíbrio em muitas obras de arte; dá a intenção de espiritualidade e elevação, horizontal – indica repouso e quietude, inclinada – sugere instabilidade, movimento, quebrada – indica movimento; é formada combinando-se linhas retas, onduladas ou sinuosas – é um tipo de linha que sugere movimento suave e ritmo, espiral – indica movimento envolvente que vai de dentro para fora e vice-versa, também é um tipo de linha curva.

A linha pode ser utilizada para construir a forma de um objeto, neste caso, se constitui em linha de contorno.

Textura

A textura pode ser construída a partir da linha por meio da técnica do claro-escuro; criar volume. A textura é uma qualidade física da superfície dos objetos e podemos notar ao tocá-las. Por exemplo, uma rocha é áspera, o tronco de uma árvore é rugoso, o algodão é suave e macio. As texturas podem ser táteis, ou seja, podem ser observadas e sentidas por meio do toque, visuais ou gráficas, que podem ser percebidas apenas pelo olhar e não pelo toque. Por exemplo, não podemos sentir a textura do tronco da árvore estando ela representada mediante de uma foto.

Cor

A cor não é o elemento mais importante das Artes Visuais, porém é o que atrai de imediato o olhar do expectador. Existe uma grande variedade de tons dessas cores. A cor não existe sem a luz, isto porque a cor é gerada pela luz, ou seja, a composição dos objetos associada à incidência de luz determina as cores da matéria.

As cores apresentam três características básicas: matiz, tom e intensidade. O matiz é a característica que nos permite identificar uma cor (este é o vermelho e este é o amarelo), o tom é a característica que permite identificar se uma cor é mais clara e mais escura, a intensidade tem relação com a sensação de maior ou menor brilho, de maior ou menor luminosidade. Assim, podemos dizer que o vermelho-vivo é mais intenso que o amarelo-pálido.

Na arte, as cores são utilizadas para expressar sentimentos, criar atmosferas e fazer com que o observador reaja de um determinado modo ao objeto observado.

Quando se trata do elemento cor, existem duas linhas de pensamento: a cor-luz e a cor-pigmento. A cor-luz é a própria cor e a cor-pigmento é a substância corante. O que ocorre é que os raios luminosos incidem sobre o objeto fazendo com que o olho humano perceba este estímulo como cor. Sendo assim, não se pode falar em cor sem falar de luz, pois é por meio dela que percebemos a cor, seja ela cor-luz ou cor-pigmento.

As cores primárias de luz são: violeta, verde e vermelho, e as cores primárias de pigmento são magenta, cian (azul) e amarelo.

Tanto a cor branca quanto a cor preta não são consideradas cores pois não aparecem no espectro solar. Na cor pigmento afirma-se que o branco é a ausência de cor e o preto é a mistura das três cores primárias.

É denominada cor-pigmento aquela que é percebida por meio de substâncias corantes na presença de luz, como o lápis de cor, giz de cera, tinta guache.

Cores secundárias: surgem da mistura de duas cores primárias em partes iguais (laranja, verde e violeta). Cores terciárias – Obtidas pela mistura de uma cor primária com uma secundária correspondente, isto é, a mistura do vermelho com o laranja resultará no vermelho-alaranjado.

Cores Complementares

As cores complementares são vermelho/verde, laranja/azul, e amarelo/violeta. Duas cores complementares contrastam muito quando estão juntas, pois não tem nada em comum. Por exemplo, o vermelho e o verde são complementares, pois o verde resulta da mistura do azul com o amarelo e não com o vermelho. As cores complementares são muito utilizadas para chamar a atenção, pois se destacam quando estão juntas.

Cores quentes e frias

São assim denominadas pela intenção que causam ao serem observadas. As cores podem ser combinadas mediante o uso de uma mesma tonalidade de escala cromática e do uso de contrastes, ou seja, a mistura gradativa de uma cor a outra; são elas: amarelo e violeta, azul e laranja, vermelho e verde, entre outras cores complementares. Cores quentes dão a ideia de calor (amarelo, vermelho e laranja), e as cores frias dão a ideia de frescor, calma, tranquilidade (azul, verde e violeta).

Escala de cores

É possível obtê-las através do clareamento e do escurecimento, ou seja, a mistura gradativa do branco ao vermelho, por exemplo, tornará aos poucos a cor vermelha em branca, e a adição gradativa da cor preta ao vermelho o tornará aos poucos na cor preta.

Monocromia – Esta acontece quando se utiliza de uma única cor explorando suas possibilidades cromáticas;

Policromia – Uso de várias cores explorando-se também suas possibilidades cromáticas.

Plano e Profundidade

Uma imagem pode ser composta da superposição de elementos visuais que indicam a profundidade ou os planos. Os diferentes planos são percebidos a partir de duas dimensões: altura e largura. Os planos são utilizados de acordo com a intenção do artista. Por exemplo, na Idade Média as pinturas eram compostas basicamente por um único plano, já no período da Renascença, os artistas representavam o espaço com maior fidelidade, utilizando-se assim da profundidade, ou seja, de diferentes planos na construção da imagem.

Volume

As imagens representadas sobre uma superfície, como o papel, são chamadas de bidimensionais – Possuem apenas largura e altura, incluem os desenhos, pinturas e fotografias. Já as esculturas, além da largura e altura, possuem volume, isto é, são formas que podem ser representadas no espaço tridimensional – Pode-se olhar em vários ângulos.

O relevo é um tipo de escultura que só pode ser vista frontalmente, pois as formas esculpidas estão apoiadas em um plano – Placa plana de gesso, pedra, argila, etc., cria a aparência de profundidade.

Luz e sombra

Permite-nos observar o volume nas formas bidimensionais. Quanto menos sombra vemos, mais plana parece ser a representação. Por isso a luz é tão importante. Nesse contexto, a profundidade será percebida por meio da luz e da sombra, assim é possível perceber o volume. A presença de profundidade ultrapassa os limites bidimensionais, tornando o objeto tridimensional visualmente.

Composição

Os elementos da linguagem visual dispostos organizadamente e combinados de forma harmoniosa é denominada composição. Assim, quando olhamos uma pintura, não vemos nela as formas e as cores de maneira separada, o que vemos é um conjunto, uma totalidade. Os artistas utilizam recursos para criar composições. Com isso conseguem diferentes efeitos, para que suas obras sejam mais atraentes e expressivas. Em Artes Visuais, o peso é sensação que se tem ao observar uma composição. Existem zonas que atraem mais a tensão e dominam a composição, essas são as que têm mais peso.

Primeiramente, o tamanho das figuras influencia no peso. As figuras de maior tamanho têm mais peso na composição. Em segundo lugar, a cor. Cores frias parecem mais leves na composição do que as cores quentes, por exemplo. Também, as figuras colocadas em cima do desenho pesam mais do que aquelas colocadas embaixo.

O ritmo visual consiste na repetição de um elemento como uma linha que se repete regularmente, por exemplo, pode ser observado na natureza, como a repetição apresentada na pelagem das zebras e leopardos. Nas Artes Visuais, os ritmos são utilizados para dar a sensação de ordem e harmonia e para criar um efeito dinâmico.

COMPOSIÇÃO VISUAL

Bidimensional

Quando utilizamos duas dimensões, altura e largura, as composições visuais realizadas no plano podem ser apresentadas nas seguintes técnicas: desenho (carvão, giz de cera, giz pastel seco e oleoso, grafite, lápis de cor, lápis de cor aquarelável, rotuladores¹, caneta esferográfica, pena, etc.), pintura (a óleo, aquarela, tinta guache, têmpera, pastel seco e oleoso, carvão, tijolo, giz de cera, tinta acrílica, giz de quadro, etc.), gravura (papelogravura, monotipia, serigrafia, em metal, o linóleo, xilogravura, litogravura, etc.), fotografia² e técnica mista (podemos fundir diferentes técnicas, por exemplo: desenho com pintura, gravura com desenho, escultura e pintura, etc.).

Tridimensional

Quando utilizamos as três dimensões, altura, largura e profundidade, as composições visuais com volume são as esculturas das quais destacamos: as esculturas em baixo relevo, alto relevo e em relevo escavado e as esculturas volto redondo, o móbile e a escultura mole.

Gêneros

As obras de arte podem ser classificadas de acordo com os seus aspectos estilísticos, técnicos ou temáticos. Quando organizadas a partir dos seus aspectos temáticos podem ser

1. Espécie de pincel atômico

2. A fotografia na técnica conhecida como foto-realismo ou hiper-realismo; as técnicas da colagem e da fotomontagem.

divididas em natureza-morta; retrato na composição frontal, de perfil e em três quartos, auto-retrato; paisagem natural, urbana ou casário e marinha; cenas do cotidiano; cenas históricas; cenas de mitologia e cenas religiosas.

Natureza-morta: Denominação do gênero que tem como temática a representação objetos do cotidiano, inclusive aqueles da oficina do artista como pincéis, vasos, tintas, potes, pratos, bandejas, flores, animais, etc.

Retrato: Representação de uma pessoa em duas ou três dimensões; portanto, pode ser desenhada, pintada, esculpida, gravada ou fotografada. O retrato pode ainda abranger uma única figura inteira, somente a cabeça ou uma parte de um corpo, e também, duas ou mais pessoas. Outra modalidade é o auto-retrato.

Paisagem: Representação da natureza que pode ser idealizada ou não, e de pedaços urbanos podendo-se incluir, ou não, figuras humanas e de animais. Uma cena urbana também pode ser denominada de casário e a cena cuja temática é o mar é denominada marinha.

Cenas do cotidiano: Retratam o dia-a-dia das pessoas, como as festas familiares, as brincadeiras infantis, as mulheres e os homens em seus afazeres diários, momentos da vida doméstica e das famílias, atividades no campo, o trabalho em fábricas, etc.

Cenas históricas: Cenas de caráter épico e de exaltação de sentimentos nobres e cívicos, muitas vezes, tendo como fundo uma paisagem ideal cuja finalidade é enaltecer fatos históricos considerados importantes em determinada cultura e época. Mas temos também cenas históricas realistas.

Cenas de mitologia: Cenas que mostram uma visão idealizada das atividades da antiguidade Greco-Romana e outros mitos.

Movimentos ou períodos artísticos

Um movimento artístico é uma tendência ou estilo em arte com uma filosofia ou objetivo comum, seguido por um grupo de artistas durante um restrito período de tempo (normalmente por alguns meses, anos ou décadas). Os movimentos artísticos foram especialmente importantes na arte moderna em que cada movimento consecutivo era considerado como vanguarda. Os movimentos quase que desapareceram completamente na arte contemporânea em que prevalecem o individualismo e a diversidade. Os movimentos artísticos parecem ser um fenômeno quase exclusivo da Arte Ocidental. O termo refere-se a tendências em artes visuais e arquitetura e, por vezes, literatura. Na música é mais comum falar de gêneros e estilos. No mundo oriental em que a pessoalidade parece ser mais antiga e excêntrica, o artista é a pessoa humana e a arte a natureza que tudo cria e transforma.

A arte Pré-histórica foi a produção cultural dos homens da pré-história a partir dos desenhos, símbolos, riscos, e etc. Coloridos ou não nas paredes das cavernas. Também era usada como meio de comunicação. A arte Pré-histórica não está necessariamente ligada à ideia de “arte” que surgiu a partir do século XIX, como auto-expressão, mas como a produção cultural dos povos primitivos. Teve início em 25000 a.C., com as primeiras esculturas conhecidas e pinturas nas cavernas e monumentos de pedra para rituais.

A arte antiga³ refere-se à arte desenvolvida pelas civilizações antigas após a descoberta de escrita e que se estende até a queda do Império Romano do ocidente, em 476 d.C., quando ocorreram as Invasões Bárbaras.

A arte da Idade Média⁴ insere-se no período que, convencionalmente, se chama de Idade Média. A Igreja Católica assume neste período um papel de extrema importância,

3. Arte Mesopotâmica (arte suméria, arte assíria e babilônica), arte persa, arte egípcia, arte celta, arte germânica, fenícia e egéia), Arte Clássica (arte minóica e arte micênica). Antiguidade Clássica (arte etrusca, arte grega e arte romana), arte paleocristã.

4. Arte Medieval (arte bizantina, arte islâmica, Pré-românico -arte germânica, arte hibernico-saxônica, arte anglo-saxônica, arte celta, arte visigótica, arte merovíngia, carolíngia e otomiana).

filtrando todas as produções científicas e culturais, fazendo com que muitas obras artísticas tenham temática religiosa.

Arte Moderna - Durante a Idade Média europeia, as pinturas e esculturas tendiam a focalizar a religião, mais especialmente o Cristianismo. À medida que a Renascença emerge, porém, o foco dos artistas descola-se para o passado clássico, buscando influências na Grécia e Roma antigas, levando a profundas mudanças, tanto nos aspectos técnicos quanto nos motivos e temáticas da pintura e escultura. Os pintores, então, passam a aumentar o realismo de seus trabalhos usando as novas técnicas da perspectiva (recém-redescoberta e bastante desenvolvida), representando mais autenticamente as três dimensões. A manipulação da luz e sombra, como o contraste de tom evidente nos trabalhos de Ticciano foi aprimorada com as técnicas do *chiaroscuro*⁵ e do *sfumato*⁶ desenvolvidas por Leonardo da Vinci. Os escultores também redescobriram muitas técnicas antigas como o contraposto. Seguindo o espírito humanista do período, a arte tornou-se mais laica em suas temáticas buscando motivos na mitologia clássica em adição aos temas cristãos. Este gênero de arte costuma ser chamado de classicismo renascentista. Os três mais influentes artistas renascentistas são Leonardo da Vinci, Michelangelo Buonarroti e Rafael Sâncio, pertencentes à Renascença Italiana. Outra figura igualmente importante, mas menos conhecida do Renascimento (neste caso, da Renascença Flamenca) é Jan van Eyck, pintor holandês.

Arte Moderna é o termo genérico usado para designar a maior parte da produção artística do fim do século XIX até meados dos anos 1970 (embora não haja consenso sobre essas datas), enquanto que a produção mais recente da arte é chamada frequentemente de arte contemporânea (alguns preferem chamar de arte pós-moderna). A arte moderna se refere a uma nova abordagem da arte em um momento no qual não mais era importante que ela representasse literalmente um assunto ou objeto (por meio da pintura e da escultura). O advento da fotografia fez com que houvesse uma diminuição drástica na demanda por certos meios artísticos tradicionais, a pintura especialmente. Ao invés disso, e é aí que a idéia de moderno começa a tomar forma, os artistas passam a experimentar novas visões mediante a ideias inéditas sobre a natureza, os materiais e as funções da arte, e com frequência caminhando em direção à abstração. A noção de arte moderna está estreitamente relacionada com o modernismo.

Durante as primeiras décadas, a arte moderna foi um fenômeno exclusivamente Europeu. As primeiras sementes de ideias modernas na arte vieram dos artistas que trabalhavam no romântico e nos movimentos dos realistas. Em seguida, representantes do impressionismo e pós-impressionismo a experimentaram, começando com as maneiras novas de representar a luz e o espaço através da cor e da pintura. Nos anos pré - I Guerra Mundial do século XX, uma explosão criativa ocorreu com fauvismo, cubismo, expressionismo e futurismo.

A I Guerra Mundial trouxe um fim a esta fase, mas indicou o começo de um número de movimentos anti-arte, como Dadá e o trabalho de Marcel Duchamp e do surrealismo. Os grupos de artistas como De Stijl e Bauhaus eram seminal no desenvolvimento de ideias novas sobre o interrelação das artes, da arquitetura, do projeto e da instrução da arte.

Arte moderna foi introduzida na América durante a I Guerra Mundial quando um número de artistas de Montmartre e Montparnasse (bairros de Paris, França) fugiram da guerra. Em torno desse período, artistas e arquitetos começaram a rejeitar a ideia de “o moderno” e

5. Um elemento artístico, o *chiaroscuro* (palavra italiana para “luz e sombra” ou, mais literalmente, «claro-escuro») é definido como um forte contraste entre luz e sombra. Também chamado de perspectiva tonal.

6. *Sfumato* é um termo criado por Leonardo da Vinci para se referir à técnica de pintura em que sucessivas camadas de cor são misturadas em diferentes gradientes de forma a passar ao olho humano a sensação de profundidade, forma e volume. Em particular, refere-se à mistura de matizes ou tons de um matiz de forma tão sutil que não ocorre uma transição abrupta entre eles.

criou-se tipicamente trabalhos pós-modernos. Partindo do período pós-guerra, poucos artistas usaram pintura como seu meio preliminar.

A partir de meados das décadas de 60 e 70, notou-se que a arte produzida naquele período já não mais correspondia à Arte Moderna do início do século XX. Isto vale para a Arte produzida atualmente.

Em suma, a Arte Contemporânea está relacionada com a Pós-Modernidade de uma forma geral. Ela é bem diversificada e ampla em todos os aspectos. A Arte Contemporânea entra em cena a partir dos anos 80, quando as importantes mudanças no mundo e na nossa relação de tempo e espaço transformam globalmente os seres humanos. A arte acompanha essas transformações, incorporando ao seu repertório questionamentos bem diferentes das rupturas propostas pelas Arte Moderna e as Vanguardas Modernistas. Nesse período, os artistas, antenados ao seu tempo, começam a lidar com questões ligadas à memória, à afetividade, ao corpo e à identidade.

3.11.3.2 Elementos da Linguagem Musical

Todos os sons provêm de uma fonte sonora, isto é, algo que os produza. Essa fonte sonora é estimulada e vibra gerando as ondas sonoras que são levadas mediante o ar ou outro meio, atingindo nossos ouvidos e provocando uma série de reações no nosso corpo que nos permitem ouvir. Essas ondas sonoras não são sempre iguais; elas podem ser representadas graficamente e seus desenhos variam em relação a alguns elementos: os elementos formadores do som.

Durante o trabalho com estes elementos formadores não podemos perder de vista que a composição musical é justamente a articulação e estruturação dos cinco elementos. Mesmo que a análise da música seja conduzida priorizando um deles, todos estão relacionados e fazem parte de um todo.

Intensidade: a intensidade dos sons depende da força com que esse som é executado e da amplitude de uma onda sonora. Quanto mais energia for aplicada na geração do som, maior será a amplitude (tamanho da onda sonora) e mais intensidade terá esse som. A intensidade dos sons é medida por meio de decibéis (dB).

A ciência que analisa e grava as variações de intensidade na música chama-se dinâmica. Algumas músicas, do início ao fim, mantêm-se com o mesmo nível de intensidade, outras apresentam grandes alterações de dinâmica e assim por diante.

O importante é percebermos que a variação ou a continuidade da dinâmica de uma música não acontece ao acaso. Existe uma intenção do compositor em gerar, com a continuidade ou a variação dinâmica, respostas emocionais no ouvinte.

Sons fortes e fracos: de acordo com a intensidade, os sons podem ser fracos, médios e fortes, mas esta classificação só pode ser feita se levarmos em conta um determinado referencial. Um som só pode ser classificado se comparado a outro para não correremos o risco de fazer classificações estereotipadas e erradas, como o som do elefante ser forte e o do passarinho fraco, por exemplo.

Dinâmica crescente: Quando os sons vão ficando mais fortes.

Dinâmica decrescente: Quando os sons vão ficando mais suaves.

Dinâmica constante: Quando a música e os sons se mantêm praticamente na mesma intensidade.

Constante e variações: quando a intensidade sofre mudanças bruscas, de forte para fraco e de fraco para forte.

Interpretação dinâmica: quando o cantor ou instrumentista realiza variações dinâmicas da música que podem estar ou não escritas na partitura⁷.

Distância do som: de acordo com a distância que estamos da fonte geradora do som ele chegará aos nossos ouvidos com mais ou menos intensidade, portanto, essa distância influencia em nossa percepção e classificação dos sons em relação à intensidade.

Altura: ao puxarmos uma corda de violão, percebemos que a corda vai e volta, ao seu ponto de partida, inúmeras vezes. Esse movimento de ir e voltar à sua posição original denomina-se ciclo. O número de ciclos que acontece em um segundo determina a frequência dos sons e gera uma unidade de medida chamada Hertz (Hz). Portanto, de acordo com a velocidade das vibrações, o som terá uma determinada frequência por meio da qual podemos classificá-los em graves, médios ou agudos. Os de frequência mais baixa e os mais lentos são os sons mais graves. Já os sons agudos são os de frequências mais altas e, conseqüentemente, apresentam vibrações mais velozes.

As notas musicais existem porque existem variações de altura sonora. Cada nota corresponde a uma altura, mas existem alturas que são indefinidas e que não conseguimos relacionar com uma nota musical específica: são os sons de altura indeterminada.

As notas musicais: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, ré, etc. Fazem parte de uma sequência (escala) infinita; e entre as notas musicais que conhecemos também existem infinitos sons. Alguns deles recebem nomes específicos como ré sustenido⁸ ou mi bemol⁹, outros apresentam uma variação de altura tão sutil entre eles que não recebem nomes e raramente estão na música ocidental, mas muito utilizados em outras partes do mundo como no Japão, por exemplo.

O som, movimentando-se em diferentes alturas, gera a melodia da música. O compositor irá trabalhar com a sequência de alturas (melodia) de acordo com a intenção que tenha com a composição.

Notas musicais: de acordo com a altura dos sons, eles podem receber nomes específicos que são as notas musicais: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó, etc. Entre essas notas existem outras. Algumas dessas alturas entre as notas mais conhecidas recebem nomes, outras não.

Escalas: Sequência organizada de notas musicais.

Melodia descendente: Que vai do agudo para o grave.

Melodia ascendente: Que vai do grave para o agudo.

Glissando: Passagem do grave para o agudo ou do agudo para o grave, executando-se todas as alturas entre um som e o outro, como se passássemos o dedo rapidamente sobre todas as teclas de um piano, por exemplo.

Timbre: Elemento por meio do qual podemos diferenciar os sons. É por meio do timbre que distinguimos o som de um violino do som de um apito; todos os sons e vozes são diferenciados pelo seu timbre. Quando representamos graficamente uma onda sonora estamos fazendo, na realidade, um desenho simplificado do fenômeno sonoro. Na verdade, cada som constitui-se de um grupo (feixe) de ondas e não apenas de uma onda sonora. A combinação dessas ondas é que gera o timbre do som, e para cada altura sonora, existe uma onda mais forte chamada de som fundamental e uma série de ondas sobrepostas a essa fundamental que geram a série harmônica desse som ou os harmônicos da nota fundamental. É justamente essa combinação dos harmônicos e a forma das ondas sonoras que geram os diferentes timbres.

7. Uma partitura é uma representação escrita de música padronizada mundialmente, tal como qualquer outro sistema de escrita, dispõe de símbolos próprios (notas musicais) que se associam a sons.

8. O sustenido é uma alteração ascendente que sobe um som meio-tom.

9. O bemol é uma alteração que desce um som apenas meio-tom.

Cada tempo e lugar possuem um leque de opções tímbricas para fazer música. Seja no que se refere ao instrumental em si ou seja na forma de execução técnica dos instrumentos ou das vozes. Alguns períodos da história enfatizaram a música instrumental assim como em outros a voz foi priorizada. Esta é uma escolha tímbrica e contextual que não acontece por acaso, e decorre da intenção da música que está sendo composta e/ou executada.

Instrumentos musicais: Qualquer objeto pode ser utilizado para se fazer música, desde um garfo até um piano. Os instrumentos musicais podem ser classificados de muitas formas, levando-se em consideração diversos atributos, como tamanho, material, intensidade dos sons que produzem, cor, local de origem, etc.

Classificação dos instrumentos musicais: Pelo padrão da classificação dos instrumentos musicais, podemos dividi-los em quatro grandes grupos: instrumentos de percussão¹⁰ cujo som é obtido por meio de batidas ou chacoalhadas nos instrumentos; instrumentos de sopro-aerofones¹¹; instrumentos de corda-cordofones¹² e instrumentos eletrônicos-eletrofonos¹³.

Classificação dos instrumentos na orquestra: A orquestra já passou por inúmeras modificações e algumas orquestras podem conter outros instrumentos, mas, ainda hoje, a classificação mais comuns dos instrumentos da orquestra está em quatro grupos: cordas (violino, viola, violoncelo e contrabaixo), madeiras (flauta, flautim, oboé, fagote e clarinete), metais (trompa, trompete e tuba) e percussão (tímpano e pratos).

Voz: A voz é o resultado do som produzido na laringe pela saída do ar (expiração) que atravessa as cordas ou pregas vocais e as faz vibrar. A produção da voz é resultado de um processo corporal muito intenso e complexo. Algumas questões que envolvem a emissão da voz como forma de expressão musical são:

- **Respiração** - O processo pelo qual inspiramos e expiramos o ar. A respiração ideal é a diafragmática que usa o apoio do diafragma durante a emissão dos sons. Conhecer e controlar a própria respiração são atitudes importantes para um cantor;
- **Dicção** - O processo pelo qual o som é articulado na boca e lábios tomando forma. Movimentar adequadamente a língua, o palato e os lábios propiciam a emissão de sons claros e facilmente entendidos por todos;
- **Afinação** - A afinação diz respeito a emissão de sons com uma altura determinada, isso é cantar com precisão as notas musicais que pertencem a melodia da música em questão;
- **Expressividade** - Toda técnica vocal deve servir para que a voz seja expressiva e demonstre para o público a emoção e a intenção do compositor e do intérprete da obra;
- **Tessitura** - De acordo com a altura dos sons que as pessoas conseguem cantar naturalmente, sem forçar a voz, elas podem ser classificadas, normalmente, em: baixos (cantores masculinos com a voz mais grave), tenores (cantores masculinos com a voz mais aguda), contraltos (cantoras com voz mais grave) e sopranos (cantoras com voz mais aguda).

Duração: qualquer som dura algum tempo, mas o tempo de duração de um som pode variar. Os sons podem ser curtos ou longos dependendo do tempo em que ficam acontecendo. O silêncio também possui uma determinada duração, apesar de sabermos que não existe o silêncio total e sim momentos em que quase não ouvimos sons.

Ritmo: é o elemento básico da música que está diretamente relacionado com

10. Caracterizados pela ausência de escala, ou seja, produzem apenas um único som (reco-reco, cuica, chocalho, sino, triângulo, pandeiro, pratos, tambor, tamborim, surdo, castanholas, etc.).

11. Instrumentos de sopro que produzem sons pela vibração do ar dentro deles (flauta, saxofone, apitos, etc.).

12. Instrumentos que possuem cordas que produzem som dedilhando-as (violão), percutindo-as (piano), ou friccionando-as com arco (violino).

13. Instrumentos em que os sons são produzidos eletronicamente (teclado eletrônico, guitarra amplificada, etc.).

a duração dos sons e dos silêncios (pausas). É extremamente difícil definir ritmo, mas ele relaciona-se com a alternância e/ou sucessão de acontecimentos. Basta ver uma sequência de durações de sons e silêncios que um ritmo está sendo gerado. Dentro da linguagem musical, a palavra ritmo também é utilizada para representar as diversas maneiras por meio das quais um compositor ou intérprete reúne os sons baseados nas suas durações. Um ritmo corresponde ao agrupamento, organização, combinação ou junção de durações sonoras.

Muitas questões advêm do ritmo musical, mas são bastante específicas da teoria musical. Dependendo da intenção do compositor, a música terá um tratamento rítmico diferente.

- **Andamento:** Está diretamente relacionado à velocidade de execução de uma música: se ela é executada rápida ou demoradamente.
- **Pulsação:** É o elemento regulador da música e corresponde às batidas do nosso coração; é aquele momento em que instintivamente batemos o pé ou batemos palmas numa música. A pulsação marca um momento da música que, normalmente, para nós ocidentais, é mais acentuado e se repete regularmente em seu decorrer.
- **Pausa:** É um momento de silêncio na música.
- **Ostinato:** Pequena célula rítmica (sequência de durações) que se repete muitas vezes durante uma música. Contratempo: a marcação oposta à pulsação.
- **Ritmo binário:** Ritmo organizado de dois em dois tempos, como a marcha.
- **Ritmo ternário:** Ritmo organizado de três em três tempos, como a valsa.
- **Ritmo quaternário:** Ritmo organizado de quatro em quatro tempos.

Densidade: Existem algumas contradições em torno da densidade como elemento formador do som, já que ela se refere mais especificamente à quantidade de sons acontecendo simultaneamente num mesmo ambiente. Quando abordamos o timbre, vimos que um som é na realidade uma composição de diversas ondas sonoras, portanto, já possui uma determinada densidade. Mas a densidade a que nos referimos aqui diz respeito ao número de ondas sonoras acontecendo simultaneamente. A densidade na música diz respeito aos trechos musicais que são executados por toda orquestra (grande densidade) ou nos solos (apenas um instrumento ou voz sendo executada), por exemplo. É importante ressaltar que a densidade não está diretamente relacionada com a intensidade sonora – dez pessoas batendo com uma pena em uma mesa produzem uma grande densidade sonora que será, no entanto, menos intensa do que um telefone tocando, por exemplo.

O acontecimento simultâneo de sons gera a harmonia em música. Harmonia pressupõe sons acontecendo ao mesmo tempo. Existem instrumentos musicais harmônicos, como o violão em que se pode tocar várias notas ao mesmo tempo, e melódicos, nos quais só podemos executar um som de cada vez, como a flauta doce. Os conceitos de dissonância e consonância são relativos e dependem da época, local e formação musical do ouvinte.

Consonância: Quando os sons que acontecem ao mesmo tempo são agradáveis de se ouvir juntos;

Dissonância: Quando os sons que acontecem ao mesmo tempo são desagradáveis de se ouvir juntos;

Grupos de execução musical: Grupos de instrumentistas, cantores ou mistos que tocam juntos: bandas, orquestras, bandas de rock, coral e outros;

Música a mais de uma voz: Músicas em que mais de um instrumento ou voz é executado ao mesmo tempo, tocando ou cantando melodias diferentes;

Cânone: Música a várias vozes na qual a mesma melodia é executada por cada voz, mas, em tempos diferentes.

Composição musical

Uma composição musical reflete uma maneira de organização dos elementos formais. A escolha da forma de estruturação dos elementos formais não se dá ao acaso. E, dependendo do gênero da composição, do movimento ou período a que pertence seu compositor, do lugar onde vive, da sua intenção, dos materiais que usa e outros, a música terá uma forma diferente de estruturação. Cada forma musical apresenta algumas características específicas e alguns princípios básicos que regem a articulação. Dos elementos formais na composição, podemos falar de:

Música instrumental: Apenas executada por instrumentos.

Música vocal – capela: Apenas cantada.

Música mista: Cantada e tocada.

Arranjo: Maneira de organizar os instrumentos que vão ser tocados, o tipo de voz que vai ser usada, o andamento da música, as partes que serão repetidas e o número de pessoas que participarão da execução musical.

Versões: Arranjos diferentes para uma mesma música.

Técnicas de execução: Maneira própria de cada instrumentista ou cantor tocar ou cantar. Existem técnicas próprias de determinados lugares ou épocas.

Música programática ou de programa: É a música que possui a intenção de representar alguma idéia não musical, descrevendo ou narrando imagens, poemas, pessoas, histórias ou paisagens através do som.

Música pura ou absoluta: Música não programática e não descritiva, isto é, a intenção é puramente o trabalho com os sons.

Confecção de instrumentos: Fabricar os instrumentos e analisar a história dos luthiers, fabricantes profissionais de instrumentos que existem desde o Renascimento.

Acústica: Ciência que estuda a maneira como o som acontece em diversos lugares e quais os melhores materiais para isolamento ou propagação de sons e confecção de instrumentos.

Técnica vocal: Formas diferentes de se usar a voz em cantos ou declamações, dependendo do tipo de respiração, dicção, expressividade, etc.

Transposição: Técnica pela qual uma melodia é adaptada para ser tocada por determinados instrumentos musicais ou tessituras vocais;

Formas musicais: Tipos de músicas que possuem determinadas características em comum e que refletem um modo de compor específico como: concerto, sonata, fuga, sinfonia, suíte, ópera, rock, poema sinfônico, ópera de Pequim, canção, ragas indianas, rap, modinha, lundu e outros.

Técnicas de composição musical

Improvisação: Criar na hora da execução a composição musical ou trecho dela.

Grafia musical: Durante muito tempo as músicas foram transmitidas oralmente. Aprendia-se música ouvindo os que tocavam e cada geração ensinava para os mais novos as músicas que sabiam.

A tradição musical de um povo só era conhecida em outra região se algum músico viajasse e fosse mostrado o que sabia em outros lugares. Foi aproximadamente no século X que surgiram as primeiras grafias musicais semelhantes às de hoje em dia. Elas eram a escrita de músicas religiosas, como o cantochão. O mais importante no trabalho com a escrita musical é o entendimento de que se escreve música para transmitir e conservar, com maior exatidão

possível, uma ideia musical. Existiram muitas maneiras de se escrever músicas e hoje em dia também são inúmeras as formas de grafias musicais.

Uma das formas mais usadas de escrita musical é a que usa o pentagrama (cinco linhas). Nesta forma de escrita, vários elementos da obra estão sendo indicados: a nota musical que está sendo tocada (dó, ré, mi, fá, etc.), quanto tempo cada nota deve ser tocada, quais as durações dos sons e quando devem ser feitas pausas (silêncio), quais os trechos que devem ser repetidos e quais partes devem ser tocadas com maior ou menor intensidade ou rapidez.

A escrita musical é um tipo de código em que o lugar, cor e forma dos sinais têm um significado, mas existem muitas outras formas de grafia musical. Algumas têm como objetivo que sua interpretação seja precisamente igual à ideia original do compositor e outras podem ser menos rígidas, deixando que a criatividade de quem vai tocar dê novas formas a composição inicial. Todas as formas de grafia podem ser trabalhadas, as que usam onomatopéias, símbolos, cores, letras, sinais e o pentagrama tradicional.

Gêneros

Música religiosa: Qualquer música que tenha como finalidade a oração, agradecimento, pedido e contato com Deus, não importa a religião. Como exemplos, as músicas indígenas de reverência à Terra ou à lua, o cantochão medieval da igreja católica, o oratório barroco, a música Gospel, enfim, qualquer música com intensa religião.

Música profana: Toda música que não tem intenção religiosa, como músicas para relaxar, dançar, ninar, brincar, guerrear, anunciar, etc.

Música tradicional ou étnica: Música de raiz feita pelo povo, normalmente com caráter ritual. São músicas feitas há séculos da mesma forma, com grande relação com a natureza. As músicas indígenas, africanas e de povos asiáticos são os exemplos mais acessíveis desse gênero musical.

Música folclórica: Música normalmente criada e aceita coletivamente, mostrando ideias e sentimentos comuns de um grupo. A maioria das músicas folclóricas se transmite por tradição oral e tem compositor anônimo. É característica das regiões interioranas e litorâneas. Como exemplo todas as cirandas, as quadrilhas, o fandango, o frevo, a moda de viola, entre outras. Vale ressaltar que outros povos e países possuem sua própria música folclórica que deve ser abarcada no trabalho da escola.

Música erudita: Feita normalmente por pessoas que estudaram música formalmente e que seguem ou rompem padrões determinados de composição. Normalmente as músicas eruditas seguem determinados períodos ou movimentos da música, com a música medieval, a renascentista, a barroca, etc.

Música popular: É música feita por autor conhecido e que normalmente alcança todas as camadas da sociedade. É característica dos centros urbanos e recebe certo apoio de mídia. Possui origem da música folclórica, e também corresponde a determinados períodos e movimentos dentro da história da música popular de cada país. O limite entre os gêneros é tênue, sendo que algumas vezes a música popular pode influenciar a erudita e folclórica ou sofrer influências diretas de outros gêneros.

Músicas criadas pela indústria cultural: É a música feita para ser assimilada por um grande número de pessoas cuja estrutura de composição simples e cuja intenção é o consumo alienado à população. São as músicas que ficam na moda por curto tempo e recebem apoio direto de todos os meios de comunicação e logo são descartadas e trocadas por outro sucesso do momento.

Movimentos ou períodos artísticos: São os momentos da história da música que refletem algumas características em comum da época e local em que foram realizadas. É importante ressaltar que um período ou movimento não possui uma data precisa de início ou fim. As datas são apenas referências básicas, pois em cada lugar os movimentos ou períodos, além de apresentarem características diferentes, podem acontecer em tempos diferentes. Além disso, hoje em dia pode-se compor tendo como base as características de determinado período ou movimento, e esta escolha estará refletindo o estilo do compositor.

Música pré-histórica: Música essencialmente rítmica, ligada a rituais e executada principalmente de forma coletiva. Como não existem registros dessas músicas, estabelece-se uma relação direta delas com as músicas executadas atualmente pelos povos que vivem de forma mais primitiva, em contato direto com a natureza.

Música africana: Desenvolvida na África, a maioria dessas músicas tem grande relação com a natureza e os instrumentos mais utilizados são os de percussão. A música africana influenciou fortemente o folclore brasileiro através de diversos ritmos e instrumentos musicais.

Música na antiguidade: Organizada em escalas ligada à palavra e presente em todas as manifestações sociais. Na música grega, encontramos os bardos ou menestréis que eram profissionais que cantavam poemas épicos sobre deuses e heróis, acompanhados de um instrumento semelhante à cítara. Foram os gregos os primeiros a organizar a teoria musical. Os instrumentos mais característicos da música grega e na antiguidade eram lira, flauta, aulos, kitara, flauta de pân, entre outros.

Música medieval: Vai dos anos 800 a 1400 aproximadamente. Normalmente a uma só voz, curta e simples. A música religiosa deste período é o cantochão ou canto gregoriano executado nos mosteiros, tendo como letra trechos da bíblia. Na Idade Média também existiam muitas músicas de dança e canções. Entre as danças mais conhecidas temos a estampie e o saltarello. Os instrumentos mais usados durante a Idade Média eram a charamela, o corneto, o órgão, o carrilhão, a harpa, o saltério, entre outros.

Música renascentista: Compreende aproximadamente os anos entre 1450 e 1600. Nesse período, desenvolve-se bastante a música a várias vozes e a música instrumental passa a ser mais valorizada. Os instrumentos mais usados nesse período são o alaúde, as violas, os cromornes, os trompetes, entre outros.

Música barroca: Feita aproximadamente entre os anos de 1600 a 1750. Nessa época surgem várias formas musicais dramáticas como as óperas, cantatas e oratórios. Nesse período, alguns compositores se destacaram e devem ser conhecidos: Monteverdi (1567 -1643), Corelli (1653 -1713), Scarlatti (1660 -1725), Vivaldi (1678-1741), Bach (1675 -1750), Haendel (1685 -1759) e Lully (1632 -1687), entre outros.

Música clássica: Feita entre os anos de 1750 e 1810, com preocupação intensa com a forma estética e o equilíbrio. É um período de grande desenvolvimento da orquestra e de formas musicais, como a sonata, a sinfonia, o concerto e a ópera. Compositores que merecem destaque são Beethoven (1770-1827, também considerado do período romântico), Mozart (1756 -1791) e Haydn (1732-1809).

Romantismo: Período compreendido entre os anos de 1810 e 1910 aproximadamente, quando existe uma maior preocupação com a expressão das emoções e sentimentos. Os românticos buscam uma maior liberdade de forma e de concepção na música, com intensa expressão de emoções. A música para piano é bastante valorizada e a música programática tem grande desenvolvimento. Entre os compositores, destacam-se Beethoven, Weber (1786 -1826), Schubert (1797-1828), Berlioz (1803-1869), Mendelssohn (1809 -1847), Chopin (1810 - 1849), Schuman (1810 - 1856), Liszt (1811 -1886), Wagner (1813 - 1883), Verdi (1813 - 1901), Brahms (1833 - 1897), Tchaikovsky (1840 - 1893) e Strauss (1864 - 1949).

Impressionismo: Aproximadamente de 1880 a 1920. O mestre deste período foi Claude Debussy (1826 – 1918). Música com maior simplicidade e preocupação com efeitos que descrevem impressões e sugerem climas. O poema sinfônico *La mèn*, de Debussy é uma das obras mais importantes desse movimento.

Modernismo: A partir de 1910, com diversas tendências e subdivisões. Revivendo algumas formas musicais antigas ou a música folclórica, os modernistas trouxeram alguma inovação radical como o dodecafonismo. O russo Igor Stravinsky (1822 – 1971) foi um dos compositores mais importantes desse período, pois causou um impacto muito grande sobre o público e uma de suas obras principais é a *Sagração da Primavera*.

Dodecafonismo: Música feita a partir da escala cromática de doze sons. Seu expoente é Arnold Shoenberg.

Minimalismo: Feita desde os anos de 1960. Nesse movimento, os ritmos e notas musicais são repetidos incessantemente e o nome vem justamente da ideia de minimizar e deixar a música com o mínimo de elemento. La Monte Young, Terry Riley, Philip Glass são exemplo de compositores desse movimento que também tem inspiração na música africana e hindu.

Concreta: Iniciada no final dos anos de 1940 por Pierre Chaeffer que usou ruídos puros ou transformados por meio de aparelhos eletrônicos nas suas composições. Os sons que Cheffer usava eram sons como os de uma porta batendo ou um objeto caído. Esses sons eram gravados e transferidos para outra fita na qual eram misturados, gravados de trás para frente e assim por diante, criando uma montagem que era a própria música.

Música de vanguarda: É um termo genérico utilizado para agrupar as tendências da música erudita surgidas após a Segunda Guerra Mundial. Fora desse âmbito, refere-se a qualquer obra que utilize técnicas de expressão inovadoras e radicalmente diferentes do que tradicionalmente é feito.

Eletrônica: Originou-se na Alemanha, aproximadamente em 1950. Nesse movimento, utilizam-se sons produzidos por geradores de sons elétricos que são modificados e mesclados. Werner Meyer Eppler e Herbert Eimerte são os precursores do movimento. As obras *Studie I* (1953) e *Studie II* (1954) de Stockhausen são exemplos importantes.

Eletroacústica: Une conceitos de música concreta e eletrônica.

Contemporânea: Embora literalmente música contemporânea seja qualquer música contemporânea àquele que fala, tecnicamente é a música erudita dos séculos XX e XXI, feita após os movimentos impressionista e regionalista. Pode-se dizer ainda que músicas contemporâneas são aquelas cujo compositor encontra-se ainda vivo na época do locutor. Não há uma tendência uniforme na música contemporânea. Pode-se, contudo, mencionar duas escolas: a da Música de Vanguarda que compreende, sobretudo, o experimentalismo e as tendências neoclássicas e neo-românticas (chamadas “conservadoras”) representadas por compositores como Arvo Part e Krzysztof Penderecki que representam uma reação ao experimentalismo, voltando a adotar a linguagem tonal.

Música brasileira

Na história da música brasileira também encontramos alguns movimentos específicos, como por exemplo:

A Bossa Nova: movimento da música popular brasileira surgido no final da década de 1950 e início 1960. De início, o termo era apenas relativo a um novo modo de cantar e tocar samba naquela época. Anos depois, a Bossa Nova se tornaria um dos gêneros musicais brasileiros mais conhecidos em todo o mundo, especialmente associado a João Gilberto.

A palavra bossa apareceu pela primeira vez na década de 1930, em Coisas Nossas, samba do popular cantor Noel Rosa: “O samba, a prontidão/e outras bossas,/são nossas coisas(...)”. A expressão bossa nova passou a ser utilizada também na década seguinte para aqueles sambas de breque baseados no talento de improvisar paradas súbitas durante a música para encaixar falas, movimento que ficou associado ao crescimento urbano brasileiro. Impulsionado pela fase desenvolvimentista da presidência de Juscelino Klubitschek (1955 – 1960), a bossa nova iniciou-se para muitos críticos quando foi lançado, em agosto de 1958, um compacto simples do violonista baiano João Gilberto (considerado o papa do movimento), contendo as canções Chega de Saudade (Tom Jobim e Vinícius de Moraes) e Bim Bom (do próprio cantor). Outras características do movimento eram suas letras que, contrastando com os sucessos de até então, abordavam temáticas leves e descompromissadas.

Tropicalismo: A Tropicália, Tropicalismo ou Movimento Tropicalista foi um movimento cultura que surgiu sob a influência das correntes artísticas de vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira (como o pop-rock e o concretismo); mesclou manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. Tinha também objetivos sociais e políticos, mas principalmente comportamentais que encontraram eco em boa parte da sociedade, sob o regime militar, no final da década de 1960. O movimento manifestou-se principalmente na música (cujos maiores representantes foram Caetano Veloso, Torquato Neto, Gilberto Gil, Os Mutantes e Tom Zé); manifestações artísticas diversas, como as artes plásticas (destaque para a figura de Hélio Oiticica), o cinema (o movimento sofreu influências e influenciou o Cinema novo de Glauber Rocha) e o teatro brasileiro (sobretudo nas peças anárquicas de José Celso Martinez Corrêa). Um dos maiores exemplos do movimento tropicalista foi uma das músicas de Caetano, denominada exatamente de “Tropicália”.

Antropofagia: Grande parte do ideário do movimento possui algum tipo de relação com as propostas que, durante as décadas de 1920 e 1930, os artistas ligados ao Movimento Antropofágico promoviam (Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, entre outros). São especialmente coincidentes as propostas de digerir a cultura exportada pelas potências culturais (como a Europa e os EUA) e regurgitá-la após a mesma ser mesclada com a cultura popular e a identidade nacionais que em ambos os momentos não estava definida, sendo que parte das duas propostas era precisamente definir a cultura nacional como algo heterogêneo e repleto de diversidade, cuja identidade é marcada por uma não identidade, mas ainda assim bastante rica. A obra PanAmérica, de José Agrippino de Paula, foi a inspiração literária para o Tropicalismo.

Jovem Guarda: foi um programa televisivo brasileiro exibido pela Rede Record a partir de 1965. Os integrantes do programa foram influenciados pelo rock americano no final da década de 1950, no entanto, eles faziam uma variação “suave” do rock, batizada no país de “iê-iê-iê” com letras românticas e descontraídas, voltadas para os adolescentes. A maioria de seus participantes teve como inspiração, no começo de suas carreiras, o rock, nascido nos anos 50 nos Estados Unidos, comandado por Elvis Presley; anos depois tiveram influências também de Beatles e outros artistas. A expressão jovem guarda começou a ser usada com a estréia do programa de auditório que tinha esse nome, na TV Record, em 1965. Foi comandado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderlêa que apresentavam ao público os principais artistas ligados ao movimento. O nome, segundo integrantes do grupo, surgiu em oposição à velha guarda que eram os cantores anteriores à chegada do rock no Brasil. O programa tornou-se popular e impulsionou o lançamento de roupas e acessórios.

Entre os artistas do movimento destacaram-se Eduardo Araújo, Martinha, Ronnie Cord, Ronnie Von, Silvinha, Wanderley Cardoso, Jerry Adriani e as bandas Os Incríveis, Renato e seus Blue Caps, Golden Boys, The Fevers e Rita Lee. Entre os principais sucessos estão “Festa

de Arromba”, “Garota Papo Firme”, “Parei na Contramão” e “É Proibido Fumar”. Criticado por fazer músicas desligadas da rede social e política do país, o movimento perdeu popularidade no início da década de 1970. A partir dos anos de 1990, regravações da Jovem Guarda feitas por outros grupos fizeram sucesso entre os adolescentes.

Sertanejo: No Brasil, chama-se música sertaneja o estilo musical auto-proclamado herdeiro da “música caipira” e da Moda de Viola que se caracterizava pela melodia simples e melancólica. O adjetivo “sertanejo”, originalmente, se refere a tudo que é próprio dos “sertões”, ou seja, do interior antigo, quase despovoado e rural do Brasil (no interior de São Paulo e nos estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná). Era chamado de “caipira” o tipo de música composto e executado por artistas das zonas rurais: a antiga Moda de Viola. Os caipiras utilizavam instrumentos artesanais e típicos do Brasil - colônia como viola, acordeão e gaita. Foi Cornélio Pires quem primeiro conseguiu em 1928 que a música caipira entrasse para a discografia brasileira.

No entanto, a partir da década de 1980, tem início uma exploração comercial massificada do estilo “sertanejo”. Surgem inúmeros artistas, quase sempre em duplas, que são lançados por gravadoras e expostos como produto de cultura de massa. Estes artistas passam a ser chamados de “duplas sertanejas”. Começando com Chitãozinho & Xororó e Leandro e Leonardo, um grande número de duplas do mesmo gênero segue o fenômeno que alcança o seu auge entre 1988 e 1990.

Em seguida, começa uma decadência do estilo na mídia. A música sertaneja perde bastante popularidade, mas continua sendo ouvida principalmente em áreas rurais do Centro-Sul do Brasil.

No entanto, no início de 2000, inicia-se uma espécie de “revival” desse estilo, principalmente devido ao sucesso de duplas como Bruno & Marrone e Edson & Hudson, e sua ampla divulgação na mídia, sobretudo a televisiva.

Ao longo desta evolução, evitou-se cuidadosamente o termo “caipira” que era visto com preconceito nas cidades grandes. O estilo “sertanejo”, ao contrário da música caipira, tem pouca temática rural para poder agradar habitantes de cidades grandes. A temática da música sertaneja é, em geral, o amor não correspondido e o marido traído.

A música rural que mantém seus temas (feita por Cornélio Pires, João Pacífico, Tônico & Tinoco, Alvarenga & Ranchinho, Pena Branca & Xavantinho, Teixeira, Zé Fortuna & Pitangueira, entre outros), para se diferenciar da música sertaneja, passa a se denominar então de “música de raiz”, querendo dizer com isso que está ligada verdadeiramente às suas raízes rurais, à moda de viola e à terra, ao sertão, pois o termo “bens de raiz” significa as propriedades agrícolas.

Em 1961, virou sucesso mundial a música: “Coração de Luto” do cantor e compositor Teixeira. A música contribuiu para a expansão da música caipira para outros países. Recentemente, o compositor Renato Teixeira compôs a música “Rapaz Caipira” como crítica aberta à “música sertaneja” e fazendo renascer a expressão “música caipira”.

3.11.3.3 Teatro

Elementos formais

Personagem: A personagem é o papel assumido pelo autor; são seres fictícios normalmente construídos por quem escreve o texto e pelo autor/diretor, tendo como referência a própria realidade humana. A caracterização da personagem se dá através da:

- **Maquiagem** – No teatro, a maquiagem existe praticamente desde o seu surgimento; já no Teatro Grego da Antiguidade, alguns atores pintavam ritualmente seu rosto com o sangue

de animais sacrificados e cinzas. A maquiagem serve para que o personagem seja identificado pelo público, ressaltando suas características. Ela pode servir também para embelezar os atores, disfarçando pequenas imperfeições na pele. A maquiagem no teatro não se limita ao rosto, ela pode ser estendida ao corpo do ator, tanto para caracterizar mais fielmente o personagem como para funcionar como um elemento visual.

- **Figurino:** É qualquer roupa que entre em cena; é a segunda pele do ator. Normalmente, ele é coerente com as características do personagem e da peça, ambientando ainda mais a cena. Mas o figurino também pode ser neutro, isto é, não ter a intenção de reforçar a imagem da personagem e sim apenas vestir o ator que caracterizará o seu personagem apenas com o seu corpo.

- **Adereços:** São os acessórios, os objetos de uso pessoal da personagem como jóias, chapéus, leques, óculos, etc.

- **Expressão vocal ou voz:** Toda a expressão feita pela voz do autor, que algumas vezes deve ser modificada para ser coerente com a personagem.

- **Expressão gestual:** Toda a expressão feita pelo corpo do ator, desde os simples gestos até uma dança executada pela personagem.

Ação: O conceito de ação tem muitas interpretações. Podemos dizer que a ação é o movimento dos acontecimentos em uma representação, que é decorrente do comportamento das personagens. É a sequência dos atos e dos acontecimentos que compõem uma obra teatral. Existem muitos tipos de ação, entre elas:

- **Ação ascendente:** Corresponde ao trecho da representação em que o interesse do expectador vai aumentando em razão dos conflitos e dos acontecimentos até que se chega no clímax, o ponto máximo de tensão;

- **Ação descendente:** É o momento da ação que acontece depois do clímax;

- **Ação interior:** É a ação que acontece apenas no pensamento e emoção do personagem, mas que influencia sua ação exterior;

- **Ação exterior:** Ação que é exteriorizada pelo personagem por meio do seu movimento, fala ou expressão;

- **Ação oculta:** Ação que acontece; o público sabe mas não é vista;

- **Ação narrada ou narração:** Ação que não ocorre através da expressão dos personagens em cena, mas que é contada pelo narrador.

Espaço Cênico: Compreende o local onde se realiza ação, tanto no que diz respeito à estrutura física do espaço, como na transformação deste através de cenários. Entre os elementos do espaço cênico, podemos ressaltar:

- **Cenário:** É tudo aquilo que serve como ambientação para ação.

- **Cenário verbal:** Em vez de ser mostrado mediante meios visuais, é demonstrado pelo comentário de um personagem ou narrador;

- **Cenário como ilustração do texto:** Normalmente é chamado de cenário o espaço cênico que é decorado para se parecer com os ambientes em que a ação está sendo executada;

- **Cenário de construção:** Neste tipo de cenário, a intenção não é reproduzir os espaços onde se passa a ação dramática e sim fornecer aos atores plataformas, planos, escadas e objetos onde desenvolverão sua ação. O centro da ação está na expressão do ator que usa os elementos do cenário para ressaltar a sua ação no palco.

Iluminação: Técnica e arte de iluminar o espaço cênico. Além da simples visibilidade, a iluminação deve ressaltar a expressividade tanto do espaço como dos personagens em ação.

Sonoplastia: Qualquer som ou ruído relacionado à ação teatral.

Palco: termo genérico usado para designar o local onde acontece a ação. Pode ser um tablado ou um local determinado onde se desenvolve a ação.

Composição teatral

Jogo dramático: É um jogo no qual as pessoas (não necessariamente atores) improvisam coletivamente sobre determinado tema definido anteriormente.

Leitura dramática: Uma ação intermediária entre a simples leitura de um texto e sua encenação. Pressupõe a espacialização-apresentação da peça sem cenário, figurino ou maquiagem e a vocalização: processo de aprendizagem do texto e experimentação de timbres, entonações e outros.

Cena: Etapas ou partes da ação.

Ensaio: Encontros realizados pela equipe teatral durante a fase de preparação da representação.

Direção de ator: Maneira pela qual uma pessoa (ensinador ou diretor de ator) dirige e aconselha os atores.

Mímica: Em termos gerais, a mímica compreende a representação em que a ação decorre apenas da linguagem dos gestos e expressões faciais. Na época do cinema mudo, a comunicação entre os atores e o público era feita inteiramente com mímica. Um, dentre muitos talentos que fizeram sucesso nessa época, foi Charles Chaplin com o inesquecível Carlitos. Com o advento do som nos filmes, o uso de mímica em locais públicos passou a ser feito nos palcos por profissionais talentosos e nas ruas por aprendizes ou profissionais menos requisitados, estes como forma de subsistência. Mímica é o nome de uma brincadeira tradicional da qual podem participar crianças, adolescentes e adultos; possui variantes, mas, basicamente, consiste em uma pessoa ter que representar, somente utilizando-se da mímica, sem usar, portanto, quaisquer códigos, letras ou palavras. As variantes podem incluir limite de tempo para se acertar, formação de grupos, penalidades para quando ninguém acerta, e muito mais, dependendo da criatividade dos participantes.

Teatro direto ou de atores: Teatro feito diretamente com os atores.

Teatro indireto: Feito através de bonecos, fantoches, marionetes ou objetos.

Teatro de máscaras: Forma de representação de teatro indireto em que os atores utilizam-se de máscaras.

Teatro de sombras: Forma tradicional de teatro indireto praticada na Índia, em Java, em Bali, na Malásia e na China. Consiste na manipulação de bonecos entre uma tela branca e uma fonte de luz.

Monólogo: Em um monólogo a ação é estruturada em torno de um único personagem que fala sozinho para a platéia.

Destinação ambiental: De acordo com texto, ação e as características do espaço cênico, a representação pode ser concebida para ser encenada na rua, em praças, em circos, em igrejas, escola e outros. Essa destinação deve ser analisada para que se compreenda sua relação com a intenção da obra que está sendo representada.

Técnicas de representação teatral

Improvisação livre: Representação totalmente criada no momento da representação.

Improvisação dirigida: Norteada por algum critério, entre eles material, espaço, tema, tempo, personagem fixo, entre outros.

Leitura de roteiro: Um roteiro dá as indicações básicas para a ação teatral, mas não detalha, normalmente, as falas dos personagens, os cenários e outros.

Adaptação: Uso de qualquer texto (poesia, letra de música, fábula, história em quadrinho e outros) para uma representação teatral.

Texto dramático: Qualquer texto usado na representação pode ser chamado de texto dramático, mas existem textos que são escritos especificamente para a representação teatral. Esses textos específicos possuem dois tipos de subtextos: o texto principal é o da fala dos personagens e as indicações cênicas que são informações de como o personagem deve se comportar, como o cenário deve ser, indicações de sonoplastia, organização de cenários e outros, essa indicação cênica é denominada rúbrica.

Gêneros

Existem muitas divergências sobre o que é gênero teatral. Este termo, de acordo com Luiz Paulo Vasconcelos, é usado em literatura para classificar obras que possuem características semelhantes. Ainda de acordo com esse mesmo autor, os principais gêneros são a tragédia, a comédia, o drama, a farsa e o melodrama.

Outros autores costumam dividir os gêneros apenas em tragédia, comédia e drama, alegando que todos os outros estão contidos nestes. Segundo as definições de Vasconcelos:

- **Drama:** É uma forma de teatro em que a ênfase é dada ao objeto da narração e cujo elemento propulsor é o conflito. Num drama, a narrativa é intensa e a evolução do conflito acontece num sistema de causa e efeito no qual a expressividade e os climas da obra ficam mais por conta do trabalho do ator do que da caracterização em si do personagem. A arte e a ciência de escrever dramas são chamadas dramaturgia e o autor é o dramaturgo. Existem muitas subdivisões desse gênero: drama romântico, drama burguês, drama de gabinete, drama documentário, drama histórico, drama litúrgico, drama moderno, drama musical, entre outros.

- **Tragédia:** Normalmente a ação da tragédia se desenvolve num sentido descendente, indo da alegria à infelicidade. A base do sentido da tragédia pode ser simplificada: o protagonista comete erros em decorrência de suas próprias limitações, é punido, mas possui uma atitude íntegra diante da situação e reconhece o seu erro. O sentido da tragédia muda de época para época e encontramos também muitas subdivisões deste gênero:

- **Tragédia clássica:** Termo aplicado para as obras trágicas do teatro grego e romano antigos ou para qualquer obra trágica influenciada diretamente por essa época;

- **Tragédia de vingança:** Tipo de tragédia na qual a vingança é a mola mestra. Inicialmente, no período do teatro Elisabetano, a ação era permeada por situações de loucura, com fantasmas, tortura e mutilações. Depois, foi se transformando e até Shakespeare (1564 -1616) incorporou elementos desse tipo de tragédia em obras como Ricardo III e em Hamlet.

Comédia: A comédia enfatiza a crítica através da deformação e ridicularização. A intenção é provocar o riso. Os principais tipos de comédia são:

- **Comédia antiga:** A mais antiga forma de comédia da antiguidade clássica, derivada dos ritos de fertilidade, encenadas a partir de procissões cheias de improvisações, cantos, folias, danças e ataques aos pedestres;

- **Comédia de costumes:** De forma geral qualquer comédia que ridicularize os modos e os costumes de algum grupo social. Foi amplamente utilizada na França e Inglaterra do século XVIII, tendo como expoente o dramaturgo Molière (1622 – 1673) e sua obra “As preciosas ridículas”;

- **Comédia lacrimejante:** No original Comédie larmoyante, tipo de comédia surgida na França do Século XVIII, cujo objetivo não era o riso e sim o choro pelas injustiças sofridas por um herói apaixonado;

- **Comédia musical:** Comédia musicada que surge na Inglaterra no fim do século XIX, mas que se desenvolve amplamente nos Estados Unidos no início do século XX. Nesse tipo de comédia, a ação falada e a música estão entrelaçadas e normalmente possuem grandes produções. Como exemplos significativos temos *My fair lady* (1956), *Oklahoma!* (1953) *Hello Dolly* (1964), entre outras.

- **Farsa:** Neste gênero, a intenção também é o riso, porém sem apelo intelectual ou sutilezas. A ação na farsa se desenvolve rapidamente, de forma cômica exagerada por equívocos e confusões dos personagens, os quais aparentam grande naturalidade diante de situações inacreditáveis.

- **Melodrama:** Este termo normalmente é aplicado a um tipo de drama com forte apelo emocional em que encontramos sentimentalismo, mistério, suspense, sofrimento e acusações injustas.

Movimentos ou períodos artísticos

Teatro Pré-histórico e primitivo: muitas tribos primitivas fazem representações, principalmente durante rituais religiosos. O uso de máscaras, canto e dança e a representação ao redor de fogueiras são características marcantes desse período.

Teatro Grego e Romano: o teatro grego é considerado o berço do teatro como concebido atualmente. O teatro surgiu de rituais de adoração a deuses que eram inicialmente declamados e passaram a ser também representados. A tragédia e a comédia foram os gêneros que nasceram e se desenvolveram nesse período. A evolução da cenografia no teatro ocidental tem como base os princípios estabelecidos pelo teatro grego e romano. A partir do século IV a.C. existiam elementos cênicos móveis chamados *periaktoi*. Além dos *periaktoi*¹⁴, o ator que interpretava o deus era levado à cena por meio de mecanismos cenográficos que simulavam uma aparição miraculosa.

Teatro Medieval: feito aproximadamente no século X foi desenvolvido principalmente com a intenção de divulgar e ensinar a doutrina da religião católica. O drama litúrgico foi a primeira forma teatral estruturada da Idade Média. Esses dramas com temas religiosos eram feitos dentro dos mosteiros e passaram a ser feitos nas praças a partir do século XII. No teatro medieval usava-se palcos móveis sobre carretas; os cenários eram elaborados em tecido e madeira sugerindo os ambientes onde se passavam as cenas.

Commedia dell'arte: Por *commedia dell'arte* entende-se comédia italiana de improviso que surge em Itália em meados do séc. XVI e se prolonga até o séc. XVIII. As representações teatrais levadas a cabo por atores profissionais eram feitas nas ruas e nas praças; fundaram um novo estilo e uma nova linguagem caracterizadas pela utilização do cômico. Ridicularizando militares, prelados, banqueiros, negociantes, nobres e plebeus, o seu objetivo último era o de entreter um vasto público que lhe era fiel, provocando o riso através do recurso da música, da dança, das acrobacias e dos diálogos pejados de ironia e humor.

O termo *dell'arte* traduz bem uma das suas principais características. Trata-se de uma comédia representada, não por atores amadores, mas por atores profissionais dotados de um talento particular. Outro dos seus traços distintivos eram os diálogos improvisados, pelo que este tipo de arte também é conhecido por *commédia all'improviso* (comédia de improviso) ou *commédia a soggetto* (comédia de tema). As encenações da *commedia dell'arte* baseavam-se na criação coletiva. Os atores apoiavam-se num esquema orientador e improvisavam os diálogos e a ação, deixando-se levar ao sabor da inspiração do momento, criando o tão desejado

14. Os *periaktoi* eram prismas de três faces que giravam ao redor de um eixo, sendo que cada uma de suas faces eram pintadas diferentes ambientes. O prisma era posicionado de acordo a deixar aparecer a face que tinha as imagens coerentes com a parte da história que estava sendo representada.

efeito humorístico. Eventualmente, as soluções para determinadas situações foram sendo interiorizadas e memorizadas pelo que os atores se limitavam a acrescentar pormenores que o acaso suscitava ornamentados com jogos acrobáticos. O elevado número de dialetos que se falavam na Itália pós-renascentista determinou a importância que a mímica assumia neste tipo de comédia. O seu uso exagerado servia, não só para o efeito do riso, mas para a comunicação em si. O mais provável era que a companhia não mudava o dialeto em que a peça era representada; mesmo em companhias locais, raras eram as vezes em que os diálogos eram entendidos na sua totalidade. Então a atenção centrava-se na mímica e nas acrobacias, a única forma de se ultrapassar a barreira da ausência de unidade linguística. As companhias, formadas por dez ou doze atores, apresentavam personagens tipificados. Cada ator desenvolvia e especializava-se numa personagem fixa cujas características físicas e habilidades cômicas eram exploradas até o limite. Variavam apenas as situações em que as personagens se encontravam.

Também denominada *commedia delle maschere* (comédia das máscaras), este elemento era extremamente relevante na composição das personagens, servindo para melhor os ridicularizar e caracterizar. O mesmo acontecia com o recurso a indumentárias coloridas. As máscaras utilizadas deixavam a parte inferior do rosto descoberto, permitindo uma dicção perfeita e uma respiração fácil, ao mesmo tempo em que proporcionavam o reconhecimento imediato da personagem pelo público. O comportamento destas personagens e enquadrava-se num padrão: o amoroso, o velho ingênuo, o soldado, o fanfarrão, o pedante o criado astuto. Scaramouche, Briguella, Isabela, Columbina, Polichinelo, Arlequim, o capitão Metamoros e Pantaleone são personagens que esta arte celebrizou e eternizou.

As peças giravam em torno de encontros e desencontros amorosos com um inesperado final feliz. As personagens representadas inseriam-se em três categorias: a dos enamorados, a dos velhos e a dos criados, também conhecidos por *zannis* (pelo que este tipo de comédia também é conhecido por *comedia dei zanni*). Estes últimos constituem os tipos mais variados e populares. Havia o *zanni* esperto que movimentava as ações e a intriga, o *zanni* rude e simplório que animava a ação com as suas brincadeiras atrapalhadas. O mais popular é, sem dúvida, Arlequim, o empregado trapalhão, ágil e malandro, capaz de colocar o patrão ou a si mesmo em situações confusas que desencadeavam a comichidade. No quadro de personagens, merecem ainda destaque Briguella, um empregado correto e fiel mas cínico e astuto e rival de Arlequim; Pantaleone ou Pantaleão, um velho fidalgo, avarento e eternamente enganado. Papel relevante era ainda o do Capitano (capitão), um covarde que contava as suas proezas de amor em batalhas, mas que acabava sempre por ser desmentido. Com ele procurava-se satirizar os soldados espanhóis. As representações tinham lugar em palcos temporários, na maior parte das vezes nas ruas e praças das cidades e, ocasionalmente, na corte. A precariedade dos meios de transporte e vias e as consequentes dificuldades de locomoção determinava a simplicidade e minimalismo dos adereços e cenários. Muitas vezes, estes últimos resumiam-se a uma enorme tela pintada com a perspectiva de uma rua, de uma casa ou de um palácio. O ator surge, assim, como o elemento mais importante neste tipo de peças. Sem grandes recursos materiais, eles tornaram-se grandes intérpretes, levando a teatralidade ao seu expoente mais elevado. As origens exatas desta comédia são desconhecidas. Alguns reconhecem nela a herdeira das festas atelanas, assim chamadas porque se realizavam na cidade de Atella, na península itálica meridional, em homenagem a Baco. As fábulas e atellane, farsas populares, burlescas e grosseiras, eram uma das modalidades de comédia da antiguidade romana. Tal fato nunca foi historicamente comprovado. *Gelosi* (os ciumentos), dos irmãos Andreni, é a primeira companhia de que se tem conhecimento. Foi fundada em 1545 por oito atores de Pádua que se comprometeram a atuar juntos até a quaresma de 1546. Foram os primeiros a conseguir viver exclusivamente da sua arte. Neste âmbito, destaca-se também o nome de Ângelo Beolco (1502-42), considerado um precursor da *commedia dell'arte*.

Em meados do século XVIII, Carlo Goldoni, um escritor veneziano, revitalizou as fórmulas usadas até a exaustão através da introdução do texto escrito e elementos mais realistas que tornaram as suas peças conhecidas por todo o mundo.

Desde o seu início, este tipo de comédia fascinou e atraiu o público entre as classes sociais mais elevadas. As melhores companhias - Gelosi, Confidenti, Fedeli – conseguiram levar as suas peças da rua para o palácio, fascinando audiências mais nobres. Devido a este apoio, foi-lhes permitido extrapolar as fronteiras do seu país de origem e viajar por toda a Europa, especialmente a partir de 1570. As companhias itinerantes levaram as suas peças à cena em todas as grandes cidades da Europa renascentista, deixando a sua marca na França, Espanha, Inglaterra, entre outros. Mais tarde, dramaturgos como Ben Jonson, Molière, Maviriaux e Gozzi vão inspirar-se nas personagens estereotipadas.

Embora bastante influente e de extrema importância, nenhum texto de *commedia dell'arte* resistiu ao passar do tempo. No entanto, não restam dúvidas de que esta arte ultrapassou as barreiras literárias, pelo que as personagens nela criadas ainda povoam o nosso imaginário. Os artistas introduziram inovações de extrema importância que se incorporaram a todo o teatro posterior. Eles abriram o espaço à participação de mulheres no elenco, criaram um público fiel e uma linguagem que se sobrepôs ao poder da palavra.

Teatro Renascentista: De início, o teatro renascentista europeu mistura tradições medievais com temas da tragédia grega e da comédia romana. Os palcos são improvisados e os cenários simples. Mais tarde, no século XVII, a linguagem torna-se solene e os temas são os mitos e lendas da antiguidade. Na Itália, com a *commedia dell'arte*, os atores improvisam os textos e especializam-se em personagens fixos. Na Inglaterra, William Shakespeare (1564-1616), autor de *Hamlet* e *Romeu e Julieta* entre outros, torna-se o maior dramaturgo de todos os tempos. Na Espanha, são expoentes: Lope de Vega (1562-1635) e Calderón de la Barca (1600-1681). Na Itália, os principais nomes são Pietro Aretino (1492-1556) e Torquato Tasso (1544-1595). Em Portugal, Gil Vicente (1465-1536) faz a transição do teatro medieval para o renascentista.

Teatro Elisabetano: O Período Elisabetano (em Portugal: Período Isabelino) é o período associado ao reino da rainha Elisabeth I (1558 – 1603) e considerado frequentemente uma era dourada da história inglesa. Esta época corresponde ao ápice da renascença inglesa na qual se viu florescer a literatura e a poesia do país. Este foi também o tempo durante o qual o teatro elisabetano cresceu e Shakespeare, entre outros, escreveu peças que rompiam com o estilo a que a Inglaterra estava acostumada. Foi um período de expansão e da exploração no exterior, enquanto no interior a Reforma Protestante era estabelecida e defendida contra as forças católicas do continente. O Período Elisabetano é assim tão considerado em parte pelo contraste com os períodos anterior e posterior. Foi um breve período de paz nas batalhas entre protestantes e católicos e as batalhas entre o Parlamento e a monarquia que engolfaram o século XVII. As divisões entre o catolicismo e protestantismo foram definidas momentaneamente pelo Estabelecimento Religioso Elisabetano e o Parlamento ainda não era forte o suficiente para desafiar o absolutismo real.

A Inglaterra também estava bem se comparada às outras nações europeias. O Renascimento Italiano acabou sob o peso da dominação estrangeira na península. França estava embrulhada em suas próprias batalhas religiosas que só terminariam em 1598 com o Édito de Nantes. Em parte por causa disto (mas também porque os ingleses tinham sido expulsos de seus últimos territórios no continente), os conflitos seculares entre França e Inglaterra suspenderam-se durante o Período Elisabetano.

O único grande rival era a Espanha que os ingleses enfrentaram tanto na Europa quanto na América. A Inglaterra perdeu algumas batalhas notáveis para a Espanha, mas venceu a mais importante quando a Armada Espanhola foi derrotada.

A Grã-Bretanha nesse período teve um governo centralizado, bem organizado e eficaz,

na maior parte um resultado das reformas de Henrique VII e Henrique VIII. Economicamente, o país começou a beneficiar-se extremamente da nova era de comércio transatlântico.

Os historiadores e os biógrafos modernos da Europa Pós-imperial tendem a ter uma visão bem mais racional e imparcial do período de Tudor. A Inglaterra Elisabetana não foi particularmente bem sucedida no âmbito militar durante esse período. O bem-estar econômico do país também foi questionado. O Período Elisabetano também viu a Inglaterra começar a desempenhar um papel principal no tráfico de escravos, assim como uma série de campanhas militares inglesas sangrentas na Irlanda católica, com destaque para as Rebeliões de Desmond e a Guerra dos Nove Anos.

Apesar das conquistas obtidas durante este período, menos de 40 anos depois da morte de Elisabeth, o país imergiu na Guerra Civil Inglesa.

Teatro barroco: Significativo durante o século XVII. Chamado de “a arte da contra-reforma”, o barroco foi, ao mesmo tempo, uma reação ao materialismo renascentista e às ideias reformistas de Lutero e Calvino e um retorno à tradição cristã. O espírito da época era atormentado, cheio de tensão interna, marcado pela sensação da transitoriedade das coisas, pessimista e com gosto pelo macabro. A princípio sóbrio e depurado, tornou-se, com o tempo, rebuscado, com abundância de metáforas.

Teatro realista: O naturalismo do final do século XIX beneficiou-se da evolução arquitetônica e do aperfeiçoamento da maquinaria de palco. Nesse estilo, a ação e os personagens deveriam ser os mais naturais possíveis, como se o teatro tivesse acontecendo realmente, fosse uma cena de vida dos homens. Na representação naturalista a ideia fundamental é que o palco seja, e não represente a própria realidade. Que a representação seja o mais fiel possível e coerente com a realidade.

Século XX: No início do século XX, os cubistas e expressionistas influenciaram o teatro, numa reação contra o realismo. Cenógrafos como Adolphe Appia e Gordon Craig adotaram formas mais ousadas e simbólicas para criar a atmosfera da peça, sem se preocupar em produzir um espaço imitando a realidade. Na década de 1920, o diretor francês Jaques Copeau redescobriu as vantagens do palco nu e, a partir de 1960, Jerzy Grotowski criou na Polônia o teatro pobre. Outra tendência importante na cenografia do século XX foi o efeito de distanciamento proposto pelo teatrólogo alemão Bertold Brecht. Esse termo refere-se ao processo que mostra todo o equipamento do palco para que o expectador fique consciente e com uma postura crítica diante da ação dramática, sem ser subjugado pelo fascínio do teatro.

Teatro pobre: Expressão criada por Jerzy Grotowski (1933) para definir os espetáculos por ele realizados, na Polônia. Esses espetáculos possuíam uma linguagem cênica bastante peculiar, centrada no trabalho do ator e no encontro sensível, na comunhão de percepções que ocorria entre ele e o espectador. Tais espetáculos prescindiam dos elementos tradicionais da linguagem cênica, tais como supérfluos por Grotowski: maquiagem, indumentária especial, cenografia, iluminação e sonoplastia. Segundo Grotowski, a aceitação da pobreza no teatro revelou não apenas a espinha dorsal desta arte, mas também a riqueza escondida na verdadeira natureza de forma artística.

Teatro do absurdo: Surgido em 1950 que reflete na representação uma extrema angústia existencial. Nas obras desse movimento, surgem absurdos da condição humana, como em uma obra de Beckett, na qual os pais de um personagem vivem enterrados na areia sem as pernas, em latas de lixo, ou ainda na obra de Ionesco na qual um orador surdo-mudo é responsável por levar uma mensagem importantíssima. Foi um termo criado pelo crítico norte-americano Martin Esslin, tentando colocar sob o mesmo conceito obras de dramaturgos completamente diferentes, mas que tinham como centro de sua obra o tratamento de forma inusitada da realidade. No Brasil, destaca-se José Joaquim de Campos Leão (1829 -1883), nascido no Rio Grande do Sul, conhecido como Corpo Santo. Cronologicamente ele é o pai do

absurdo e entre suas obras estão “Certa identidade em busca de outra”, “Marido extremoso” e “Mateus e Mateusa”.

Teatro do grotesco: movimento ocorrido principalmente na Itália entre o final da Primeira Grande Guerra Mundial e 1925. Seus temas referem-se à oposição entre a aparência social e a realidade individual tratados de forma irônica e macabra.

Expressionismo: reflete uma forma específica de ver o mundo; foi um movimento teatral que ocorreu no início do século em que acontecia uma distorção da realidade objetiva (os expressionistas acreditavam que esta não representava a verdade). A mudança de identidade dos personagens e no qual as coisas e pessoas possuíam um caráter simbólico.

Surrealismo: nesta forma de teatro cuja experiência se consagrou em 1924, a expressão do pensamento se dava sem nenhuma expressão estética, moral ou racional. Sonhos, fantasias e pesadelos são os temas mais trabalhados.

Teatro brasileiro

O teatro brasileiro surgiu quando Portugal começou a fazer do Brasil sua colônia (século XVI). Os Jesuítas, com o intuito de catequizar os índios, trouxeram não só a nova religião católica, mas também uma cultura diferente em que se incluía a literatura e o teatro. Aliada aos rituais festivos e danças indígenas, a primeira forma de teatro que os brasileiros conheceram foi a dos portugueses que tinham um caráter pedagógico baseado na Bíblia. Nessa época, o maior responsável pelo ensinamento do teatro, bem como pela autoria das peças, foi Padre Anchieta. A história do teatro brasileiro dramático surgiu em 1564, coincidentemente com a data de nascimento de William Shakespeare, quando foi encenado o Auto de Santiago por missionários jesuítas, na Bahia. No Brasil, o teatro surge como instrumento pedagógico. Eram Autos utilizados para a catequização dos índios, os quais o padre Manuel da Nóbrega encomendava-os ao padre José de Anchieta. Já no século XIX (mais ou menos 1838), o teatro fica marcado pela tragédia romântica de Gonçalves Magalhães com a peça: “O Poeta e a Inquisição” e também Martins Pena com “O juiz de paz na roça”. Martins Pena com toda sua simplicidade para escrever, porém justa eficácia para descrever o painel da época, teve seguidores “clássicos” de seus trabalhos, como Joaquim Manoel de Macedo, Machado de Assis e José de Alencar. Foi em 1880, em Lagos, na Nigéria que escravos brasileiros libertados deram um enorme salto no desenvolvimento do teatro, fundando a primeira companhia dramática brasileira – a Brazilian Dramatic Company. Em 1900, o teatro deu seu grito de liberdade. Embora tenha enfrentado as mais duras crises políticas do país, conseguiu com muita luta estacar sua bandeira e marcar sua história. De 1937 a 1945 a ditadura procura silenciar o teatro, mas a ideologia populista, através do teatro de revista, mantém-se ativa. Surgem as primeiras companhias estáveis do país, com nomes como Procópio Ferreira, Jaime Costa, Dulcina de Moraes, Odilon Azevedo, Eva Tudor, entre outros. Uma nova ideologia começava a surgir, juntamente com um dos maiores patrimônios do teatro brasileiro: Oswald de Andrade que escreveu O Rei da Vela (1933), O Homem e o Cavalo (1934) e A Morta (1937), enfrentando desinibido e corajoso a sufocante ditadura de Getúlio Vargas. Em 1938, Paschoal Carlos Magno funda o Teatro do Estudante do Brasil. Começam surgir companhias experimentais de teatro, que se estendem ao longo dos anos, marcando a introdução do modelo estrangeiro de teatro entre nós, consagrando então o princípio da encenação moderna no Brasil. No ano de 1948 surge o TBC, uma companhia que produzia teatro da burguesia para a burguesia, importando técnica e repertório, com tendências para o culturalismo estético. Já em 1957, em meio a preocupações sociopolíticas, surge o Teatro de Arena de São Paulo. Relatos de jornais noticiavam que o Teatro de Arena foi a porta de entrada de muitos amadores para o teatro profissional, e que nos anos posteriores

tornar-se-iam verdadeiras personalidades do mundo artístico. Já em 1964 com o Golpe Militar, as dificuldades aumentam para diretores e atores de teatro. A censura chega avassaladora, fazendo com que muitos artistas tenham de abandonar os palcos e exilar-se em outros países. Restava às futuras gerações manterem vivas as raízes já fixadas e dar um novo rumo ao mais novo estilo de teatro que estaria por surgir. “São infindáveis as tendências do teatro contemporâneo. Há uma permanência do realismo e paralelamente uma contestação do mesmo. As tendências muitas vezes são opostas, mas frequentemente se incorporam umas as outras” (Fernando Peixoto – O que é teatro).

O teatro realmente nacional só veio se estabilizar em meados do século XIX, quando o Romantismo teve seu início. Martins Pena foi um dos responsáveis por isso, através de suas comédias de costumes. Outros nomes de destaque da época foram o dramaturgo Artur Azevedo, o ator e empresário teatral João Caetano e na literatura, o escritor Machado de Assis. Fernando Peixoto define bem a história do teatro no Brasil e no mundo em seu livro “O que é teatro” e nos traz referências de datas que ajudam entender sua trajetória no decorrer dos séculos.

Século XVI: Nos primeiros anos da colonização, os padres da chamada Companhia de Jesus (Jesuítas), que vieram para o Brasil, tinham como principal objetivo a catequese dos índios. Eles encontraram nas tribos brasileiras uma inclinação natural para a música, a dança e a oratória. Ou seja, tendências positivas para o desenvolvimento do teatro que passou a ser usado como instrumento de “civilização” e de educação religiosa, além de diversão. O teatro, pelo “fascínio” da imagem representativa, era muito mais eficaz do que um sermão, por exemplo. As primeiras peças foram, escritas pelos Jesuítas que se utilizavam de elementos da cultura indígena (a começar pelo caráter de “sagrado” que o índio já tinha absorvido em sua cultura), até porque era preciso “sensibilizar” o índio falando de coisas que ele conhecia. Misturados a esses elementos estavam os dogmas da Igreja Católica para que o objetivo da Companhia - a catequese - não se perdesse. As peças eram escritas em tupi, português ou espanhol (isso se deu até 1584, quando então “chegou” o latim). Nelas, os personagens eram santos, demônios, imperadores e, por vezes, representavam apenas simbolismos, como o Amor ou o Temor a Deus. Com a catequese, o teatro acabou se tornando matéria obrigatória para os estudantes da área de Humanas, nos colégios da Companhia de Jesus. No entanto, os personagens femininos eram proibidos (com exceção das Santas) para se evitar uma certa “empolgação” nos jovens. Os atores, nessa época, eram os índios domesticados, os futuros padres, os brancos e os mamelucos. Todos amadores, que atuavam de improviso nas peças apresentadas nas Igrejas, nas praças e nos colégios. No que diz respeito aos autores, o nome de mais destaque da época é o de Padre Anchieta. É dele a autoria de Auto de Pregação Universal, escrito entre 1567 e 1570, e representado em diversos locais do Brasil, por vários anos. Outro auto de Anchieta é “Na festa de São Lourenço”, também conhecido como Mistério de Jesus. Os autos sacramentais que continham caráter dramático eram preferidos às comédias e tragédias, porque eram neles que estavam impregnadas as características da catequese. Eles tinham sempre um fundo religioso, moral e didático, e eram repletos de personagens alegóricos. Além dos autos, outros “estilos teatrais” introduzidos pelos Jesuítas foram o presépio que passou a ser incorporado nas festas folclóricas e os pastoris.

Século XVII: No século XVII, as representações de peças escritas pelos Jesuítas - pelo menos aquelas com a clara finalidade de catequese - começaram a ficar cada vez mais escassas. Este período em que a obra missionária já estava praticamente consolidada é, inclusive, chamado de Declínio do Teatro dos Jesuítas. No entanto, outros tipos de atividades teatrais também eram escassos por conta deste século constituir um tempo de crise. As encenações existiam, fossem elas prejudicadas ou inspiradas pelas lutas da época (como por exemplo, as lutas contra os holandeses). Mas dependiam de ocasiões como festas religiosas ou cívicas

para que fossem realizadas. Das peças encenadas na época, podemos destacar as comédias apresentadas nos eventos de aclamação a D. João IV, em 1641, e as encenações promovidas pelos franciscanos do Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, com a finalidade de distrair a comunidade. Também se realizaram representações teatrais por conta das festas de instalação da província franciscana da Imaculada Conceição, em 1678, no Rio. O que podemos notar neste século é a repercussão do teatro espanhol em nosso país e a existência de um nome - ligado ao teatro - de destaque: Manuel Botelho de Oliveira (Bahia, 1636-1711). Ele foi o primeiro poeta brasileiro a ter suas obras publicadas, tendo escrito duas comédias em espanhol (*Hay amigo para amigo* e *Amor, Engaños y Celos*).

Século XVIII: Foi somente na segunda, metade do século XVIII que as peças teatrais passaram a ser apresentadas com certa frequência. Palcos (tablados) montados em praças públicas eram os locais das representações. Assim como as igrejas e por vezes o palácio de um ou outro governante. Nessa época, era forte a característica educacional do teatro. E uma atividade tão instrutiva acabou por merecer ser presenteada com locais fixos para as peças: as chamadas Casas da Ópera ou Casas da Comédia que começaram a se espalhar pelo país em seguida à fixação dos locais “de teatro” e em consequência disso surgiram as primeiras companhias teatrais. Os atores eram contratados para fazer um determinado número de apresentações nas Casas da Ópera, durante todo o ano, ou apenas por alguns meses. Sendo assim, com os locais e elencos fixos, a atividade teatral do século XVIII começou a ser mais contínua do que em épocas anteriores. No século XVIII e início do XIX, os atores eram pessoas das classes mais baixas, em sua maioria mulatos. Havia um preconceito contra a atividade, chegando inclusive a ser proibida a participação de mulheres nos elencos. Dessa forma, eram os próprios homens que representavam os papéis femininos, passando a ser chamados de “travestis”. Mesmo quando a presença de atrizes já havia sido “liberada”, a má fama da classe de artistas, bem como a reclusão das mulheres na sociedade da época, as afastava dos palcos. Quanto ao repertório, destaca-se a grande influência estrangeira no teatro brasileiro dessa época. Dentre nomes mais citados estavam os de Molière, Voltaire, Maffei, Goldoni e Metastásio. Apesar da maior influência estrangeira, alguns nomes nacionais também merecem ser lembrados. São eles: Luís Alves Pinto que escreveu a comédia em verso *Amor Mal Correspondido*, Alexandre de Gusmão que traduziu a comédia francesa *O Marido Confundido*, Cláudio Manuel da Costa que escreveu *O Parnaso Obsequioso* e outros poemas representados em todo o país, e Inácio José de Alvarenga Peixoto, autor do drama *Enéias no Lácio*.

Século XIX: A vinda da família real para o Brasil, em 1808, trouxe uma série de melhorias para o Brasil. Uma delas foi direcionada ao teatro. D. João VI, no decreto de 28 de maio de 1810, que reconhecia a necessidade da construção de “teatros decentes”. Na verdade, o decreto representou um estímulo para a inauguração de vários teatros. As companhias teatrais, por vezes de canto e/ou dança (bailado) passaram a tomar conta dos teatros, trazendo com elas um público cada vez maior. A primeira delas, realmente brasileira, estreou em 1833, em Niterói, dirigida por João Caetano, com o drama *O Príncipe Amante da Liberdade* ou *A Independência da Escócia*. Uma consequência da estabilidade que iam ganhando as companhias dramáticas foi o crescimento paralelo do amadorismo. A agitação que antecipou a Independência do Brasil foi refletida no teatro. As platéias eram muito agressivas, aproveitavam as encenações para promover manifestações com direito a gritos que exaltavam a República. No entanto, toda esta “bagunça” representou uma preparação do espírito das pessoas, e também do teatro para a existência de uma nação livre. Eram os primórdios da fundação do teatro e de uma vida realmente nacional. Até porque, em consequência do nacionalismo exacerbado do público, os atores estrangeiros começaram a ser substituídos por nacionais. Ao contrário desse quadro, o respeito tomava conta do público quando D. Pedro estava presente no teatro (fato que acontecia em épocas e lugares que viviam condições “normais”, isto é, onde e quando não havia

este tipo de manifestação). Nestas ocasiões, era mais interessante se admirar os espectadores - principalmente as senhoras ricamente vestidas - do que os atores. Além do luxo, podia-se notar o preconceito contra os negros que não compareciam aos teatros. Já os atores eram quase todos mulatos, mas cobriam os rostos com maquiagem branca e vermelha.

Século XIX - Época romântica: Desde a Independência, em 1822, um exacerbado sentimento nacionalista tomou conta das nossas manifestações culturais. Este espírito nacionalista também atingiu o teatro. No entanto, a literatura dramática brasileira ainda era incipiente e dependia de iniciativas isoladas. Muitas peças, a partir de 1838, foram influenciadas pelo Romantismo, movimento literário em voga na época. O romancista Joaquim Manuel de Macedo destacou alguns mitos do nascente sentimento de nacionalidade da época: o mito da grandeza territorial do Brasil, da opulência da natureza do país, da igualdade de todos os brasileiros, da hospitalidade do povo, entre outros. Estes mitos nortearam em grande parte os artistas românticos desse período. A tragédia Antônio José ou O poeta e a inquisição escrita por Gonçalves de Magalhães (1811-1882) e levada à cena por João Caetano (1808-1863), a 13 de março de 1838, no teatro Constitucional Fluminense, foi o primeiro passo para a implantação de um teatro considerado brasileiro. No mesmo ano, a 4 de outubro, foi representada pela primeira vez a comédia O juiz de paz da roça, de Martins Pena (1815-1848), também no teatro Constitucional Fluminense pela mesma companhia de João Caetano. A peça foi o pontapé inicial para a consolidação da comédia de costumes como gênero preferido do público. As peças de Martins Pena estavam integradas ao Romantismo, portanto, eram bem recebidas pelo público, cansado do formalismo clássico anterior. O autor é considerado o verdadeiro fundador do teatro nacional pela quantidade - Em quase dez anos, escreveu 28 peças - e qualidade de sua produção. Sua obra, pela grande popularidade que atingiu, foi muito importante para a consolidação do teatro no Brasil.

Época Realista - Metade do século XIX: Realismo na dramaturgia nacional pode ser subdividido em dois períodos: o primeiro, de 1855 - Quando o empresário Joaquim Heliodoro monta sua companhia - até 1884 com a representação de O mandarim, de Artur Azevedo que consolida o gênero revista e os dramas de casaca. O segundo período vai de 1884 aos primeiros anos do século XX, quando a opereta e a revista são os gêneros preferidos do público. Essa primeira fase não se completa em um teatro naturalista. À exceção de uma ou outra tentativa, a literatura dramática não acompanhou o naturalismo por conta da preferência do público pelo "vaudeville", a revista e a paródia. A renovação do teatro brasileiro, com a consolidação da comédia como gênero preferido do público, iniciou-se quando Joaquim Heliodoro Gomes dos Santos montou seu teatro, o Ginásio Dramático, em 1855. Esse novo espaço tinha como ensaiador e diretor de cena o francês Emílio Doux que trouxe as peças mais modernas da França na época. O realismo importado da França introduziu a temática social, ou seja, as questões sociais mais relevantes do momento eram discutidas nos dramas de casaca. Era o teatro da tese social e da análise psicológica. Nome de grande importância para o teatro dessa fase é o do dramaturgo Artur Azevedo (1855-1908). Segundo J. Galante de Souza (O Teatro no Brasil, vol.1), Artur Azevedo "Foi mais aplaudido nas suas bambochatas, nas suas revistas escritas sem preocupação artística, do que quando escreveu teatro sério. O seu talento era o da improvisação fácil, natural, mas sem fôlego para composições que exigissem amadurecimento e para empreendimentos artísticos de larga envergadura".

3.11.3.4 Dança

A dança é uma das três principais artes cênicas da Antiguidade, ao lado do teatro e da música. Caracteriza-se pelo uso do corpo seguindo movimentos previamente estabelecidos (coreografia) ou improvisados (dança livre). Na maior parte dos casos, a dança com passos

cadenciados é acompanhada ao som e compasso de música e envolve a expressão de sentimentos potenciados por ela. A dança pode existir como manifestação artística ou como forma de divertimento e/ou cerimônia. Como arte, a dança se expressa através dos signos de movimento com ou sem ligação musical, para um determinado público que ao longo do tempo foi se desvinculando das particularidades do teatro. Atualmente, a dança se manifesta nas ruas em eventos como “Dança em Trânsito”, sob a forma de vídeo no chamado “vídeodança”, e em qualquer outro ambiente em que for contextualizado o propósito artístico. A história da dança cênica representa uma mudança de significação dos propósitos artísticos através do tempo. Com o Balé Clássico, as narrativas e ambientes ilusórios é que guiavam a cena. Com as transformações sociais da época moderna, começou-se a questionar certos virtuosismos presentes no balé e começaram a aparecer diferentes movimentos de Dança Moderna. É importante notar que nesse momento o contexto social inferia muito nas realizações artísticas, fazendo com que a então Dança Moderna Americana acabasse por se tornar bem diferente da Dança Moderna Europeia, mesmo que tendo alguns elementos em comum. A dança contemporânea surgiu como nova manifestação artística, sofrendo influências tanto de todos os movimentos passados, como das novas possibilidades tecnológicas (vídeo instalações). Foi essa também muito influenciada pelas novas condições sociais, individualismo crescente, urbanidade, propagação e importâncias da mídia, fazendo surgir novas propostas de arte e provocando também fusões de outras áreas artísticas como o teatro, por exemplo.

Elementos formadores

Corpo: É o corpo que se movimenta num determinado espaço e tempo, lembrando que todo o corpo ou apenas uma parte dele pode estar realizando um movimento.

Simetria/assimetria/eixo de corpo/estabilidade/instabilidade: Um movimento simétrico é aquele em que tudo que acontece de um lado do corpo e deve acontecer também do outro, passando a ideia de equilíbrio, ordem e estabilidade. A assimetria é exatamente o contrário, e quando usada na composição do movimento passará a impressão de instabilidade, desequilíbrio e desarmonia. Na dança, tanto a simetria quanto a assimetria são utilizados como recursos expressivos, dando a ideia de instabilidade e estabilidade.

Proporcionalidade: Tem relação direta com a assimetria e a simetria. Um movimento simétrico, por exemplo, normalmente é proporcional. Trabalhar com a proporcionalidade é usar o corpo e movimentá-lo de forma equilibrada, proporcional e sem deixar de movimentar determinadas partes do corpo, por exemplo, se essa não for a intenção da dança.

Força/fluência: A fluência do movimento tem relação com a espontaneidade, naturalidade e sequência do movimento em si. Segundo Rudolf Laban (1879 – 1958), bailarino, coreógrafo e estudioso do movimento humano, nascido na Hungria, a fluência de um movimento tem reação com a ordem em que são acionadas diferentes partes do corpo - A progressão do movimento. Ainda de acordo com Laban, pode-se distinguir fluência desembaraçada ou livre e fluência embaraçada ou controlada. Não existe movimento sem força e a força também possui relação com a fluência. Um movimento que não flui não quer dizer que é isento de força, mas sim, que a força é usada de forma natural e progressiva.

Pontos e superfícies do corpo: Nosso corpo possui várias partes que podem ser movimentadas individual ou em conjunto. No cotidiano, o uso isolado das partes do corpo se dá, na maioria das vezes, de forma não intencional. Na dança essa relação não é tão simples. Cada parte do corpo, mesmo que movimentada em conjunto, irá expressar algo para quem estiver vendo a dança.

Flexibilidade: É a capacidade de flexionar e dobrar o corpo e suas partes. Estender e retrain os músculos mostra a flexibilidade do corpo e do movimento. Algumas danças por exemplo, exigem uma extrema flexibilidade do corpo, outros trabalham pouco com esta

questão. A capoeira, por exemplo, é uma dança de luta; exige flexibilidade dos dançarinos-jogadores. O tango, a lambada, a valsa e outras danças também trabalham bastante com a flexibilidade, enquanto que danças como a chula, do Rio Grande do Sul e dança sapateada, exige flexibilidade praticamente apenas das pernas, pois o resto do corpo permanece ereto durante a execução.

Espaço: É no espaço que se desenvolve o movimento. O que nos interessa neste estudo é justamente perceber como se desenvolvem os movimentos em determinado espaço, usado como elemento expressivo.

Espaço alto-médio-baixo: O espaço alto corresponde ao espaço acima da articulação que está sendo usada na execução do movimento. O espaço médio corresponde ao espaço na altura da articulação e o espaço baixo, abaixo da articulação. Portanto, esses três níveis dependem da parte do corpo que está sendo analisada no movimento. Em relação ao corpo inteiro, o espaço alto é o acima da cabeça, o médio na região do abdômen e o baixo, abaixo da cintura.

Utilização parcial ou total do espaço: Em uma dança podemos explorar todo o espaço ou restringir nosso movimento a uma área do palco, por exemplo. Dançar em um espaço circular ou grande, por exemplo, oferece possibilidades expressivas diferentes do que dançar em um espaço retangular pequeno.

Direção e sentido: É o lado para qual o movimento é direcionado, como trás, frente, frente e direita, trás e esquerda, lado esquerdo, lado direito, etc.

Equidistância: relação de distância igual do corpo com pessoas e objetos.

Alinhamento: O alinhamento pressupõe que duas ou mais pessoas estejam a uma distância de determinado espaço ou linha.

Deslocamento: Movimento que faz com que o corpo saia do seu lugar e ocupe outro espaço.

Lateralidade: Sentido de conhecimento dos lados do corpo ou de um espaço: direita e esquerda.

Movimentos paralelos e opostos: Movimentos paralelos são os que vão para mesma direção, movimentos opostos são feitos em direção contrária.

Linha reta e curva: Movimentar-se no espaço deslocando-se em linha reta provoca sensações no público diferentes do que um movimento em linha curva. Além disso, podemos movimentar partes do corpo apenas de forma reta, angular, ou de forma sinuosa e curva.

Tempo: O tempo caracteriza o ritmo do movimento, sua duração e sua velocidade.

Movimento contínuo: Movimento que não é entrecortado por pausas, movimento que se mantém acontecendo durante certo tempo sem mudanças bruscas de direção.

Movimento interrompido: Movimento entrecortado por pausas ou com mudanças bruscas de direção.

Acelerando: Movimento que vai ficando mais rápido.

Retardando: Movimento que vai ficando mais lento.

Simultaneidade: Acontecimentos de movimentos de partes do corpo ou de vários corpos ao mesmo tempo.

Sequência: Encadeamento de movimentos de partes do corpo ou de vários corpos.

Composição da Dança

Ponto de apoio: Dependendo do tipo de dança e de seu processo de composição pode-se priorizar a posição em pé, tendo como ponto de apoio principal os pés; o corpo todo, nas danças que são feitas no solo ou ainda com determinada parte do corpo quando os dançarinos são pendurados ou amarrados em cordas, por exemplo.

Salto: Na dança, o salto é qualquer movimento que separe o corpo do solo ou de qualquer superfície de apoio. Todo salto tem um clímax e pressupõe uma queda.

Queda: Depois de um salto inevitavelmente acontecerá a queda. A queda pode ser analisada segundo a posição inicial, de passagem e final em que o dançarino ou dançarina pode cair com os dois pés, ou apenas um, flexionar totalmente as pernas, girar, movimentar os braços e outros.

Rotação: As possibilidades de rotação de diferentes partes do corpo são inúmeras. A rotação pode ser feita por partes do corpo ou pelo corpo todo, criando voltas e meias voltas, levando-se em consideração a posição de início, de passagem e final, movimento da coluna e o início e fim do movimento.

Descanso: O descanso inserido em uma dança é um momento de repouso. Mas apesar de não estar acontecendo nenhum movimento aparente durante o repouso, uma série de músculos está trabalhando para manter o corpo em equilíbrio ou em determinada posição, portanto, o descanso na dança é um elemento expressivo.

Formação: Diz respeito principalmente à posição inicial da dança. Algumas danças partem da formação em roda, outras em filas, em duplas, em linhas curvas, formação irregular, etc. A formação raramente se mantém a mesma durante toda execução de qualquer tipo de dança.

Estímulo sonoro: Todo estímulo sonoro pode gerar uma resposta corporal, o movimento. A música na dança também funciona como elemento de união e integração entre os dançarinos. É ela, quase sempre, que determina o ritmo dos movimentos dos dançarinos que ao trabalharem em grupo precisam estar sincronizados. Normalmente é a música que dá a dica para os dançarinos de que movimentos devem ser feitos e sua duração; para isso, os bailarinos, além de todo o trabalho corporal, precisam ter uma sensibilidade auditiva e musical apurada para desenvolver bem seu trabalho. Podem existir danças cujo estímulo para o movimento não seja a música.

Técnicas

Improvisação livre e dirigida: Improvisar em dança significa fazer os movimentos de forma espontânea, sem planejá-los anteriormente à execução. A improvisação pode estar inserida em um espetáculo, como parte dele ou pode ser a dança em si, uma dança livre. Para os profissionais da dança a improvisação está toda baseada em uma série de passos e movimentos anteriormente estudados; seus corpos apresentam possibilidades maiores de movimento para serem usados dos que de uma pessoa que não tem formação dentro da área. A improvisação pode ser realizada livremente, sobre um tema ou com alguns materiais. Nos dois últimos casos existe um limite imposto pelo tema ou pelas possibilidades da manipulação ou de movimento que os materiais sugerem; nesse caso, a improvisação é dirigida.

Coreografia: É a arte de compor os movimentos e passos de uma dança. O termo também pode ser usado para designar a representação gráfica de movimentos e de passos das mais diversas formas de dança. Existem várias formas de se grafar os movimentos, tanto por palavras como por símbolos e desenhos. Ao coreógrafo cabe coordenar a dança com a música, os figurinos e o cenário, podendo trabalhar em conjunto com o compositor musical, figurinista, cenógrafo, roteirista e outros.

Gêneros

Rituais e étnica: A dança étnica tem normalmente um caráter ritual. Nesse caso é executada ou comandada por sacerdotes e inseridas em cerimônias religiosas e específicas. Além das danças rituais também existem danças étnicas para divertimento ou comemoração. Como exemplos mais conhecidos das danças étnicas temos as danças indígenas e de comunidades primitivas da América, África e Ásia.

Folclóricas: Acredita-se que algumas danças rituais tenham se desvinculado das cerimônias e dos sacerdotes passando a serem executadas pelo povo, de forma espontânea, gerando então as danças folclóricas. Normalmente são danças das quais toda a comunidade pode participar, e por isso têm, geralmente, um esquema de passos simples e repetitivos, fáceis de aprender. A ciranda, o frevo, o fandango, entre outras, são exemplos de danças folclóricas.

Artísticas ou teatrais: É feita para ser apreciada por expectadores e é executada em lugares específicos, como um teatro. Normalmente, os dançarinos são profissionais e os movimentos tendem a ser relativamente difíceis, podendo exigir treinamento especializado. O balé é o exemplo mais acessível desse gênero de dança.

Danças de salão: Algumas linhas do estudo da dança acreditam que a dança passou a ser executada não apenas em lugares sagrados alcançando as praças e ruas e, a partir daí, os salões e palcos. Pode-se crer que a origem da dança de salão esteja na Idade Média, quando as danças passaram a fazer parte da vida da nobreza nas cortes e festas, e eram dançadas seguindo passos específicos (coreografias), misturando o prazer dos dançarinos a uma forma de espetáculo. A dança de salão é típica de lugares fechados e normalmente é executada aos pares. O tango, a valsa, a salsa, o samba, entre outras, são exemplos característicos.

Danças criadas pela indústria cultural: São as danças da moda que normalmente acompanham as músicas que tem grande apoio da mídia e são divulgadas por todos os meios de comunicação. Atualmente, a maioria dessas danças é de apelo sexual e seus passos são aprendidos rapidamente por grande parte da população. Assim como as músicas, logo são substituídas por outras, assumindo um caráter descartável.

Movimentos ou períodos

Dança primitiva e pré-histórica: Dança normalmente ritual ou étnica. Seus movimentos são bastante repetitivos e executados pelo grupo todo, muitas vezes com a finalidade de levar os executantes ao transe.

Dança grega: As danças estavam presentes nos rituais de adoração aos deuses na Grécia antiga. O culto a Dionísio, um dos primeiros a ser organizado, recebeu o nome de ditirambo, e consistia em uma dança cheia de saltos acompanhada de movimentos gramáticos. Muitas eram as celebrações para o deus Dionísio e delas originaram-se a maioria das danças gregas que normalmente eram dramáticas e tinham relação com a história dos deuses e heróis.

Danças medievais: A Idade Média corresponde aproximadamente aos períodos entre o século V e XIV. Por ser um período muito extenso, a dança sofreu inúmeras modificações nesses séculos. Apesar da censura da Igreja Católica, muitas danças medievais eram rituais com finalidade fúnebre para pedir fertilidade, agradecer colheitas, etc. Além disso, existia a dança nos circos e nas festas do povo. São deste período as primeiras danças de galanteio e de par. O saltarello e a estampie são exemplos de danças medievais.

Danças renascentistas: Ressaltam-se as danças em grandes festas cujo objetivo era louvar o patrocinador das festas. Surgem tratados sobre as danças, explicando os passos e analisando-as. É no período Renascentista que surgem as danças dramáticas que dariam origem ao balé.

Balé: Originou-se na Itália, no século XV, e o termo ballet vem de ballo que quer dizer dança. Sua técnica baseia-se em um conjunto de passos e movimentos dançados que podem ser executados por apenas uma pessoa ou por um grupo. A maioria dos balés constitui-se na reunião de várias artes: a dança, a música, as artes visuais e o teatro. O balé conta uma história através do movimento, a dança; e desde a sua origem até os dias atuais passou por inúmeras transformações tanto no que diz respeito as roupas como nos temas das histórias e passos.

Balé romântico: o romantismo corresponde, aproximadamente, ao período entre 1830 e 1870. O espírito do romantismo, o mundo em mudança, a revolução industrial, o desejo de liberdade, enfim, todo o contexto da época leva o balé desse período a grandes transformações. A antiguidade clássica com seus deuses e heróis já não eram o tema dos balés. As histórias agora tinham ligações com a natureza, elementos exóticos, fatos sobrenaturais, magia, drama, lendas e cavaleiros apaixonados e em crise, etc. Os coreógrafos e cenógrafos começaram, em virtude dos avanços científicos, a realizar inúmeros efeitos especiais que ajudavam os bailarinos, criando um clima de magia, mistério e fantasia. Alçapões, cordas e cortinas davam até o efeito de desaparecimento das bailarinas no palco. O surgimento de iluminação a gás colaborou com todos estes efeitos especiais, criando também a ilusão do dia e da noite nas apresentações. A ideia das histórias românticas que tornava as bailarinas seres mágicos e alados, muitas delas dançavam seguras por fios que a erguiam, levou, posteriormente, à criação das sapatilhas de ponta, um símbolo da bailarina clássica. O primeiro balé considerado romântico: *La Sylphide*, com coreografia de Filippo Taglioni e a música de Jean Schneizhoeffter, estreou em 1832. Os tutus (saia das bailarinas) românticos eram mais longos com corpete ajustado e ombros nus. Essas saias eram de tule e muitas vezes tinham enfeites floridos, lembrando a vida nos campos.

Balé clássico: O balé clássico se originou das danças coral cortesã e mourisca. Grupos de figurantes (cavalheiros da corte e às vezes damas) formavam as “entradas de mouriscas”, usando trajes bizarros na caracterização dos personagens. As danças se sucediam a intervalos, cada grupo realizava seu bailado e, por fim, todos se uniam na dança geral. Os espetáculos ganharam maior dramaticidade na Itália e os temas da mitologia clássica substituíram os dos romances medievais. A dança pantomímica passou a ser executada por bailarinos profissionais e transformada em espetáculo público. O balé se estruturou na Itália antes de se desenvolver na França. Em meados do século XVI, Catarina de Médicis levou a Paris o balé “Comique de la Reine”. A primeira peça de gênero dramático “Ballet de Circé” foi composta em 1581, pelo músico italiano Baldassarino. Luís XVI foi o fundador da Academia Real de Dança, em 1661. Esse berço do balé profissional deu grande impulso à dança. O balé passou para o teatro. Os artistas eram sempre do sexo masculino. Usavam máscaras e trajes que dificultavam os movimentos. As mulheres foram incluídas como bailarinas em 1681, por Lully, em seu “O Triunfo do Amor”. Os passos eram baixos e sem saltos. Os grandes saltos foram incorporados à técnica pelo grande bailarino Ballon. As cinco posições básicas dos pés foram elaboradas por Pierre Beauchamp. Raoul Feuillet realizou a primeira tentativa de notação de dança com sua “Coreografia ou Arte de Escrever a Dança”. As mulheres passaram a se destacar e contribuíram para o aperfeiçoamento da arte. Marie Camargo criou o jeté, o pas de basque e o entrechat quatre, além de encurtar os vestidos até acima dos tornozelos e calçar sapatos sem saltos. Jean Georges Noverre foi a figura mais importante da dança no século XVIII. Além de vários bailados, foi autor de “Lettres sur la Danse et les Ballets” que trazia leis e teorias do balé. Ele afirmava que o balé é uma arte nobre destinada à expressão e ao desenvolvimento de um tema. Criou o balé dramático, em que a história é contada através de gestos. Reclamava maior expressão na dança, simplicidade e comodidade nos trajes, além de mais vastos conhecimentos para os “maitres de balé” e a necessidade de um tema para cada balé. A partir daí, Gaetan e Auguste Vestris criaram novos passos. As famosas bailarinas russas começaram a aparecer na Europa em meados do século XIX. Conquistaram de vez os teatros.

O Romantismo na dança foi inaugurado por Marie Taglioni. Assim, as bailarinas se tornaram seres quase irreais em um ideal de imaterialidade. Toda a técnica e estética da dança foram revolucionadas. Taglioni criou o sapato de ponta, dando às bailarinas a possibilidade de executar proezas técnicas e aparência de flutuar nas pontas dos pés, além do tutu - vestido semi-longo, de tule, com corpete justo, possibilitando liberdade total para os movimentos. Sua mais famosa criação foi “La Sylphide” (1832). Jean Coralli criou “Giselle” em 1841, um dos maiores bailados tradicionais de caráter dramático e emotivo. Jules Perrot produziu “Pas de Quatre”, em 1845. Em 1870, Arthur de Saint-Léon criou “Coppélia”, com música de Delibes. Marius Petipa, com Cecchetti e Ivanov criou “Quebra-Nozes”, em 1892; com Lev Ivanov criou “A Bela Adormecida”, em 1890. Todos com música de Tchaikovsky, como a maioria dos grandes balés russos. Petipa preparou vários bailarinos de grande talento. Pelas mãos de Enrico Cecchetti passaram os mais famosos nomes da dança internacional, como Anna Pavlova. O estilo e o método de Cecchetti ainda permanecem. No começo do século XX o balé teve um impulso que se deve a Sergei Diaghilev. A coreografia foi revolucionada por Fokine que pôs em prática os ideais de Noverre. A dança deveria ser interpretativa, mostrando o espírito dos atores, em harmonia com a música e a arte plástica. O mais célebre bailado de Anna Pavlova - A Morte do Cisne - foi criado por ele, além de 68 bailados, representados no mundo inteiro.

Dança Moderna: A expressão dança moderna se refere às escolas e movimentos da história da dança referentes ao período da modernidade.

A dança moderna surgiu no início do século XX e seus pioneiros procuravam maneiras modernas e pessoais de expressar como se sentiam através da dança. Entre os que começaram este movimento estão as americanas: Isadora Duncan, Loie Fuller e Ruth St Denis, o suíço Emile Jacques Dalcroze e o húngaro Rudolf von Laban.

Dança Moderna Americana: A Dança Moderna Americana apareceu com o intuito de rejeitar a Dança Acadêmica ou Clássica. A Dança Moderna, criada nos últimos anos do século XIX e primeiros do XX teve raízes e intenções bem distintas. Os bailarinos dançam descalços, trabalham contrações, torções, desencaixe etc. E seus movimentos são mais livres, embora respeitem uma técnica fechada. Sua grande iniciadora foi Isadora Duncan, mas a primeira técnica estruturada de Dança Moderna foi a de Martha Graham, criada nos anos 20 e 30 desse século. Este estilo procura dar mais ênfase aos sentimentos, aos sonhos, tentando teatralizá-los, ao máximo, através de movimentos corporais. Depois de Martha Graham, vieram outros nomes que enriqueceram ainda mais o cenário da época: Doris Humphrey Lester Horton, José Limon e outros. Suas técnicas encontram-se em alguns pontos, mas divergem muito. E suas escolas continuam a existir muito fortemente nos Estados Unidos, um dos berços da Dança Moderna.

Dança Moderna no Brasil: Com a Segunda Guerra Mundial chegaram ao Brasil diversos artistas renomados que procuraram escapar deste conflito trazendo consigo novas ideias no campo estético que contribuíram para a divulgação das propostas modernas de dança no país. A maioria se instalou no eixo Rio - São Paulo, colaborando através de seus ensinamentos para a formação de uma nova geração de dançarinos conectados às propostas da dança moderna.

Dança contemporânea: tudo o que se faz hoje em dia em relação à dança é considerado dança contemporânea.

Expressionismo: Movimento que tem como base a expressão do caos, da desordem e das emoções através do movimento.

Musical: Forma de teatro, dança e música, que inclui números cantados e dançados em meio à narrativa. Surgiu no cinema americano na época dos primeiros filmes sonoros.

Dança brasileira: No Brasil temos exemplos de todas as formas de danças, desde a étnica até a teatral, com a figura importantíssima de Ana Botafogo. Seguem algumas informações sobre as danças brasileiras:

- **Folia:** É uma festa cuja origem vem da Espanha e é dançada em muitas regiões do Brasil. Nessa festa, um grupo de rapazes vestidos de branco vai pelas ruas e casas pedindo esmolas para as Festas do Divino ou dos Reis Magos, cantando, dançando e tocando;

- **Caiapó:** Executada principalmente pelos indígenas da região litorânea paulista.

- **Maculelê:** É uma dança pertencente ao Folclore da Bahia; representa uma luta em que homens com bastões ou facões fazem com que estes se cruzem com uma batida determinada pelo ritmo do acompanhamento musical;

- **Cateretê:** É uma dança folclórica do Brasil, de origem indígena; é uma espécie de sapateado executado com batepé ao som de palmas e violas. Pode ser dançado apenas por homens ou por mulheres. O cateretê é executado no Nordeste e nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Goiás;

- **Ciranda:** É uma dança folclórica do Brasil, brincadeira infantil ou de adultos, cantada em roda, dançada em diversas regiões do Brasil. Não existem passos coreografados; em geral, todos ficam em roda, de mãos dadas, deslocando-se em círculos para os lados, para dentro e para fora e cantando ao mesmo tempo em que dançam;

- **Congada:** É uma dança folclórica do Brasil, de origem africana, uma dança mesclada ao teatro e se adapta a coroação dos reis do Congo aos moldes da monarquia portuguesa;

- **Fandango:** É uma dança folclórica introduzida no Brasil e adaptada às características de cada região, sendo mais difundida no Nordeste e nos estados do Sul, principalmente no Paraná. Nela, os pares dançam enlaçados, rodando pelo salão em sentido anti-horário, usando tamancos que são sapateados durante a dança.

- **Frevo:** É uma das danças mais vivas do folclore nacional; sua música é inspirada num misto de marcha rápida e polca. Com música contagiante, o frevo é considerado uma dança de multidão. Muitos passos do frevo, na maioria improvisados, chegam ao malabarismo.

Vejamos mais detalhadamente quais conteúdos são estes e como desencadeá-los, no entanto, vale lembrar que pode-se iniciar o trabalho a partir de qualquer uma das linguagens artísticas, qualquer período, gênero, composição, técnica ou elemento formal. É necessário apenas desprender mais atenção em relação à quantidade de informações sobre a História da Arte, ao domínio das técnicas por parte do professor para que ele possa, então, trabalhá-las em qualquer faixa etária, observando o grau de maturidade de cada criança.

3.11.4 Conteúdos

1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
ARTES VISUAIS	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL</p> <p>FORMA: Figura geométrica (bidimensional) - quadrado - retângulo - círculo - triângulo</p> <p>VOLUME: Tridimensional (presença de volume nos objetos)</p> <p>PROPORÇÃO (noção espacial) - maior - menor - perto - longe - grosso - fino</p> <p>PONTO: (enquanto elemento integrante da linguagem visual).</p> <p>LINHA: Reta - curva aberta e fechada.</p> <p>PLANO: Superfície bidimensional.</p> <p>TEXTURA: Áspero - rugoso - macio - liso.</p> <p>COR: Primária, preto e branco.</p>
TEATRO	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM CÊNICA</p> <p>REPRESENTAÇÃO: Mímica - imitação (jogos de faz de conta) - exercícios de improvisação - dramatização.</p>
MÚSICA	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM MUSICAL</p> <p>SOM: Altura (sons graves e agudos).</p> <p>MÚSICA: Ritmo - melodia.</p> <p>GÊNERO MUSICAL: Vocal - instrumental - folclórica - popular.</p> <p>CLASSIFICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS: Percussão - corda - sopro.</p>
DANÇA	<p>ELEMENTOS DA DANÇA</p> <p>CORPO: Estrutura e funcionamento.</p> <p>MOVIMENTO CORPORAL: Força - pesado - leve - forte - fraco. Espaço - Níveis de movimento corporal - alto - baixo - médio. Tempo - Ritmo corporal - Duração do movimento corporal. Fluência - Liberada (movimentos livres) - Controlada (movimentos controlados).</p> <p>APRECIACÃO: dança popular - dança folclórica.</p>

2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
ARTES VISUAIS	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL</p> <p>FORMA: Figura geométrica (bidimensional) - quadrado - retângulo - círculo - triângulo. Volume: Tridimensional (presença de volume nos objetos). Proporção (noção espacial): Maior - menor - perto - longe - grosso - fino .</p> <p>PONTO: Condensação - rarefação.</p> <p>LINHA: Mista - quebrada.</p> <p>PLANO: Superfície bidimensional. Textura - tátil - visual.</p> <p>COR: Secundária - quente - fria.</p>
TEATRO	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM CÊNICA</p> <p>REPRESENTAÇÃO: Mímica - imitação (jogos de faz de conta) - exercícios de improvisação - dramatização.</p> <p>GÊNERO: Drama - comédia.</p>
MÚSICA	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM MUSICAL</p> <p>SOM: Altura (sons graves e agudos) - intensidade (força do som).</p> <p>MÚSICA: Ritmo - melodia.</p> <p>GÊNERO MUSICAL: Vocal - instrumental - profana - folclórica - popular.</p> <p>CLASSIFICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS: Percussão - corda - sopro.</p>
DANÇA	<p>ELEMENTOS DA DANÇA</p> <p>CORPO: Estrutura e funcionamento.</p> <p>MOVIMENTO CORPORAL: Força - pesado - leve - forte - fraco. Espaço: Níveis de movimento corporal - alto - baixo - médio. Tempo: Ritmo corporal - duração do movimento corporal. Fluência: Liberada (movimentos livres) - controlada (movimentos controlados).</p> <p>APRECIÇÃO: dança popular - dança folclórica.</p>

3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
ARTES VISUAIS	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL</p> <p>FORMA: Sólidos geométricos - cone - cubo - esfera - pirâmide e paralelepípedo.</p> <p>VOLUME: Tridimensional (presença de volume nos objetos).</p> <p>PROPORÇÃO: (noção espacial).</p> <p>LUZ: Natural e artificial.</p> <p>SOMBRA: Ponto - como vibração, pontilhismo.</p> <p>LINHA: Posição - perpendicular - transversal - paralela.</p> <p>PLANO: Superfície bidimensional.</p> <p>TEXTURA: Tátil - visual.</p> <p>COR: Terciária - neutra - complementar.</p>
TEATRO	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM CÊNICA</p> <p>REPRESENTAÇÃO: Mímica - imitação (jogos de faz de conta) - exercícios de improvisação - dramatização.</p> <p>GÊNERO: Drama - comédia.</p> <p>ELEMENTOS DA PEÇA: conflito (relações entre os personagens e entre ele próprio) - espaço cênico (lugar onde atuam os personagens - circo - igreja - arena - palco - itinerante).</p> <p>TEMPO: (época em que a peça se passa).</p> <p>ESTRUTURA DA PEÇA: Organização (cenas e atos).</p> <p>PERSONAGEM: Experiência vocal - experiência corporal.</p>
MÚSICA	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM MUSICAL</p> <p>SOM: altura (sons graves e agudos) - intensidade (força do som) - duração (tempo em que o som permanece em nossos ouvidos) - timbre (propriedade do som, permite distinguir a fonte sonora).</p> <p>MÚSICA: Ritmo - melodia - dinâmica (diferentes intensidades de som acontecendo simultaneamente).</p> <p>GÊNERO MUSICAL: Indígena - africana - erudita - folclórica - popular.</p> <p>CLASSIFICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS: percussão - corda - sopro - eletrofores.</p>
DANÇA	<p>ELEMENTOS DA DANÇA</p> <p>CORPO: Estrutura e funcionamento.</p> <p>MOVIMENTO CORPORAL: força - pesado - leve - forte - fraco.</p> <p>Espaço - Níveis de movimento corporal - alto - baixo - médio.</p> <p>Tempo - Ritmo corporal - Duração do movimento corporal.</p> <p>Fluência - Liberada (movimentos livres) - Controlada (movimentos controlados).</p> <p>APRECIÇÃO: dança popular - dança erudita - dança indígena - dança africana.</p>

4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
ARTES VISUAIS	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL</p> <p>FORMA: Estudo da forma (figura, fundo, Ilusão de ótica) - bidimensional (volume, luz, sombra, proporção) - tridimensional (volume, proporção, luz, sombra e movimento).</p> <p>PONTO: Movimento - equilíbrio.</p> <p>LINHA: Movimento - equilíbrio - contorno.</p> <p>PLANO: Superfície bidimensional.</p> <p>TEXTURA: Tátil - visual (estampa).</p> <p>COR: Escala de cores - tom (claro - escuro) - monocromia - policromia.</p>
TEATRO	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM CÊNICA</p> <p>REPRESENTAÇÃO: Mímica - imitação (jogos de faz de conta) - exercícios de improvisação - dramatização.</p> <p>GÊNERO: Drama - comédia - farsa.</p> <p>ELEMENTOS DA PEÇA: Conflito (relações entre os personagens e entre ele próprio) - espaço cênico - tempo (época em que a peça se passa).</p> <p>ESTRUTURA DA PEÇA: Organização (cenas e atos).</p> <p>PERSONAGEM: Experiência vocal - experiência corporal.</p> <p>ENREDO: Texto (elemento responsável pela construção da personagem).</p> <p>CENOGRAFIA SONOPLASTIA: Elemento responsável pela contextualização dos sons característicos de determinado ambiente.</p> <p>CARACTERIZAÇÃO: Construção da personagem por meio do figurino e da maquiagem.</p>
MÚSICA	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM MUSICAL</p> <p>SOM: altura (sons graves e agudos) - intensidade (força do som) - timbre (propriedade do som, permite distinguir a fonte sonora).</p> <p>MÚSICA: Ritmo - melodia - dinâmica (diferentes intensidades de som acontecendo simultaneamente).</p> <p>GÊNERO MUSICAL: Popular - indígena - africana - erudita - folclórica.</p> <p>CLASSIFICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS: Percussão - sopro - corda - eletrofonos.</p>
DANÇA	<p>ELEMENTOS DA DANÇA</p> <p>CORPO: Estrutura e funcionamento.</p> <p>MOVIMENTO CORPORAL: força - pesado - leve - forte - fraco. Espaço - níveis de movimento corporal - alto - baixo - médio. Tempo - ritmo corporal - duração do movimento corporal. Fluência - Liberada (movimentos livres) - Controlada (movimentos controlados).</p> <p>APRECIÇÃO: Dança popular- dança erudita - dança folclórica - dança indígena - dança africana.</p>

5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
ARTES VISUAIS	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM VISUAL</p> <p>PONTO: Composição.</p> <p>LINHA: Composição.</p> <p>PLANO - Superfície bidimensional.</p> <p>TEXTURA: Tátil - Visual (composição).</p> <p>COR: Cor luz - cor pigmento.</p>
TEATRO	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM CÊNICA</p> <p>REPRESENTAÇÃO: mímica - imitação (jogos de faz de conta) - exercícios de improvisação - dramatização.</p> <p>GÊNERO: Drama - comédia - melodrama.</p> <p>ELEMENTOS DA PEÇA: Conflito (relações entre os personagens e entre ele próprio) - espaço cênico (lugar onde atuam os personagens - circo - igreja - arena - palco - itinerante).</p> <p>TEMPO: Época em que a peça se passa.</p> <p>ESTRUTURA DA PEÇA: Organização (cenas e atos).</p> <p>PERSONAGEM: Experiência vocal - experiência corporal.</p> <p>ENREDO: Texto (elemento responsável pela construção da personagem).</p> <p>CENOGRAFIA</p> <p>SONOPLASTIA: Elemento responsável pela contextualização dos sons característicos de determinado ambiente).</p> <p>CARACTERIZAÇÃO: Construção da personagem por meio do figurino e da maquiagem.</p>
MÚSICA	<p>ELEMENTOS DA LINGUAGEM MUSICAL</p> <p>SOM: altura (sons graves e agudos) - intensidade (força do som) - duração (tempo em que o som permanece em nossos ouvidos) - timbre (propriedade do som, permite distinguir a fonte sonora).</p> <p>MÚSICA: Ritmo - melodia - dinâmica (diferentes intensidades de som acontecendo simultaneamente) - timbre vocal (característica vocal de quem canta).</p> <p>GÊNERO MUSICAL: Música brasileira.</p> <p>CLASSIFICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS: Percussão - corda - sopro - eletrofonos - aerofones - cordofones.</p>
DANÇA	<p>ELEMENTOS DA DANÇA</p> <p>CORPO: Estrutura e funcionamento.</p> <p>MOVIMENTO CORPORAL: Força - pesado - leve - forte - fraco.</p> <p>Espaço - níveis de movimento corporal - alto - baixo - médio.</p> <p>Tempo - ritmo corporal - duração do movimento corporal.</p> <p>Fluência - liberada (movimentos livres) - controlada (movimentos controlados).</p> <p>APRECIÇÃO: Dança brasileira.</p>

3.11.5 Avaliação

Avaliar significa conhecer os conteúdos que foram assimilados pelos alunos reconhecendo seus limites e a flexibilidade e respeitando os diferentes níveis de aprendizagem. Ao avaliar, o professor precisa considerar o processo de cada aluno e questões pertinentes ao seu progresso pessoal. É interessante que se proporcionem momentos de auto-avaliação dirigidos, em que o aluno possa colocar-se dentro dos pontos levantados pelo professor, momentos de trabalho em grupo e discussão de diferentes temas.

A avaliação não pode remeter-se ao gosto estético do professor, mas estar fundamentada em critérios definidos e registrados para cada atividade, podendo ser eles relatos de aula, observação sobre cada aluno e sobre a dinâmica dos grupos, a organização dos trabalhos realizados pelos alunos segundo critérios específicos, as perguntas surgidas a partir das propostas, descobertas realizadas durante a aula, os tipos de documentação, propostas de avaliação trabalhadas durante as aulas e as propostas de registros sugeridas pelos alunos, tais como fichas de observação, cadernos de percurso, “diários de bordo” e instrumentos pessoais de avaliação.

PROPOSTA CURRICULAR

Ensino Fundamental I

3.12 EDUCAÇÃO FÍSICA

3.12.1 Pressuposto Teórico

O mundo vem sofrendo constantes transformações, e com isso torna-se necessário que o ser humano esteja se aperfeiçoando como indivíduo e ser social para poder se inter-relacionar em todos os aspectos de caráter social, político, econômico e cultural, buscando desta forma sua qualidade de vida; por isso, podemos considerar a Educação Física como área do conhecimento escolar, sendo elemento fundamental no processo de desenvolvimento humano.

A área de Educação Física também vem ao longo dos anos sofrendo alterações. Na década de 80 iniciou-se uma crise de identidade nos pressupostos e nos discursos desta área, pois estava voltada aos alunos de 5ª a 8ª série e passou a priorizar o segmento de 1ª a 4ª série, bem como a pré escola. O enfoque tirou da escola a função de promover o esporte e passou a enfatizar o desenvolvimento psicomotor do aluno.

Atualmente, busca-se uma Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano.

O processo de ensino-aprendizagem em Educação Física não se restringe ao simples exercício de certas habilidades mas, sim, de capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e cultural.

Sua proposta tem como objetivo primordial levar o aluno a:

- Participar de diferentes atividades corporais, procurando adotar uma atitude cooperativa e solidária;
- Conhecer as possibilidades e limitações corporais;
- Conhecer, valorizar e apreciar algumas das diferentes manifestações culturais;
- Participar de atividades rítmicas e expressivas;
- Interagir com seus colegas sem discriminação por razões físicas, sociais, culturais ou de gênero.

Baseado nestas expectativas propõe-se a articulação do trabalho docente em torno das seguintes diretrizes: ginástica, jogos e atividades rítmicas e expressivas. As diretrizes, muito mais que simples temáticas, devem significar o apoio necessário à organização de todo o trabalho docente.

A ginástica, que pode ser conceituada como “Arte de exercitar o corpo”, tem como objetivo principal proporcionar ao aluno o conhecimento de seu próprio corpo, dos movimentos e de seus limites, por meio de atividades que permitam a expressão.

A dança é uma atividade que utiliza o corpo em movimento como um meio de expressão, comunicação e criação. É uma linguagem universal do corpo pela qual se traduz toda a cultura e a história de um povo. Aprender a movimentar-se implica planejar, experimentar, avaliar, optar, coordenar ações do corpo com objeto no tempo e no espaço e interagir; enfim, uma série de procedimentos cognitivos, afetivos e sociais que devem ser favorecidos e considerados no processo ensino-aprendizagem.

Os jogos, vistos como atividades livres e lúdicas, de caráter competitivo ou não, são essenciais, pois possibilitam a expressão de vivências culturais de forma intensa. Brincando e jogando a criança produz suas vivências e transforma a realidade de forma dinâmica e criativa.

Jogos motores

As atividades motoras tem grande importância na educação, pois contribuem para o desenvolvimento global das crianças. Os jogos motores têm por finalidade o prazer em realizar determinado movimento como chutar uma bola, jogá-la e recuperá-la.

Durante a prática de jogos motores, os alunos utilizam recursos biológicos, cognitivos e afetivos para construir esquemas motores que organizam os movimentos construídos. Cada um desses movimentos: arrastar, escalar, puxar, lançar, agarrar ou despejar, dão base para criação para os esquemas motores. Não se trata aqui de valorizar um padrão motor, mas de organizar esquemas que possam auxiliar as crianças a realizarem as mais diferentes atividades. Exemplos: barra e barra manteiga.

Jogos de construção

O ser humano é por essência um criador. Em primeiro lugar, um criador de si mesmo, mas também um criador de seu meio. Por exemplo, ele constrói o lugar onde habita, numa constante interação e troca de forças com a natureza. A essência criadora do ser humano se manifesta desde a infância. Quando recebe um brinquedo pronto, as crianças sentem necessidade de desmanchá-lo, desmontá-lo e recriá-lo a partir de necessidades pessoais. Isso mostra que o principal em um brinquedo não é a sua procedência, seu grau de sofisticação ou sua beleza, mais o seu poder de envolver uma criança em atividade lúdica e criativa.

Os jogos de construção, portanto, desenvolvem capacidade para medir, imaginar e planejar ações, interpretar tarefas propostas, além de elevarem a criança a utilizar-se constantemente do imaginário para expressar representações mentais a partir da manipulação. Exemplos: lego e castelinho.

Pensando sobre a prática

Durante a realização de jogos tradicionais, de construção e motores, levar em consideração os conhecimentos de cada turma a fim de construir um planejamento próximo a cada realidade. Para jogos de construção, utilizar materiais alternativos, como tampas de garrafa, caixa de fósforos, garrafa descartável, cordas, latas vazias e outros.

O professor precisa estar atento a segurança dos objetos a serem utilizados e a sua adequação à habilidade da criança. É importante que os brinquedos construídos sejam utilizados durante a realização de danças, ginástica e jogos tradicionais.

Os esportes (pré-desportivos)

Os esportes foram apropriados pela Educação Física e sistematizados para a prática pedagógica. Na escola, quando tratados com objetivos e métodos são um bom meio para se obter uma condição física saudável e para desenvolver a autonomia e a identidade dos alunos. Entretanto, existe uma grande polêmica em torno da forma em que se devem tratar os conteúdos dos esportes na escola, de modo que os alunos sejam respeitados em suas características e especificidades.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Física sugerem que se respeite o nível de escolaridade e que não se exija mais da criança do que ela pode realizar. Segundo Anderás apud Moreira (2004, p. 23), “Os anos iniciais do ensino fundamental são o momento de se trabalhar com os pré-desportivos com regras modificadas e simplificadas, iniciando a criança no mundo de esporte de criança, vivido como criança”. Assim, os pré-desportivos não podem estar focados no desempenho e na técnica, mais na convivência social e na ampliação das vivências dos alunos.

A estrutura dos pré-desportivos é mais flexível em relação ao esporte propriamente dita, suas regras não possuem caráter oficial e embora a maioria deles tenham elementos semelhantes aos esportes, a ênfase e o ajuste da atividade proporcionam adaptação que respeita o desenvolvimento dos alunos.

Os pré-desportivos, portanto, não devem ser tratados como preparatórios para os esportes, mas por seu próprio valor e pelas possibilidades de aprendizagem que proporcionam. Exemplos: jogo de peteca e jogo de caçador.

Jogos intelectuais

São todos aqueles disputados por uma ou mais pessoas em uma base, o tabuleiro, em que as peças são movimentadas, colocadas ou retiradas do tabuleiro, obedecendo às regras pré-estabelecidas e envolvem capacidades cognitivas como memória, atenção, concentração e raciocínio lógico.

Exemplos: xadrez, dama, trilha, dominó, entre outros.

Jogos sensoriais

Os jogos sensoriais auxiliam no desenvolvimento dos sentidos, especialmente a observação, audição e o tato.

Exemplos: cobra cega e caixa surpresa.

Jogos dramáticos

Os jogos dramáticos dão às crianças uma real possibilidade de compreender e exercitar novas formas de agir e pensar dentro de atividades orientadas e com fundo conceitual.

Os jogos dramáticos ajudam as crianças a interpretar situações em que se colocam como agentes, além de compreender o papel do outro. Estas atividades auxiliam a criança na construção de seus valores pessoais e desenvolvem sua capacidade de criação e expressão gestual e verbal.

Exemplo: teatro.

Jogos de oposição

No ensino fundamental, os jogos de Oposição têm por objetivo enriquecer, diversificar, aperfeiçoar, combinar e conectar as ações motoras fundamentais à construção do repertório motor, por meio da prática de atividades físicas, desportivas e artísticas que permitem ao aluno desenvolver habilidades para execução futura de movimentos de alta complexidade.

Por meio dos jogos de oposição, o indivíduo pode conhecer a si próprio e aos outros, explorar o mundo das emoções e da imaginação e criar e descobrir novos movimentos. Sendo assim, a escola e o professor de Educação física não devem oportunizar ao aluno o conhecimento de somente uma luta ou arte marcial.

Nesta proposta de trabalho, sugere-se a inserção das lutas no planejamento curricular de Educação Física sob a designação mais genérica de jogos de oposição.

Exemplos: futebol americano sobre quatro apoios e arranca-rabo.

Pensando sobre a prática

Nas aulas de Educação Física, os jogos de oposição devem ser realizados por meio do ato de confrontação, que pode acontecer entre duplas, trios ou até mesmo grupos. O professor deve levar em consideração algumas atitudes a fim de garantir a segurança dos alunos durante as atividades, entre elas:

- Estar atento à superfície onde a atividade será realizada, dando preferência a locais que diminuam o impacto, como tatames, colchões, grama e areia;
- Ficar atento à vestimenta, aos acessórios e aos calçados, solicitando que os alunos retirem tudo que possa oferecer risco a si e aos outros;
- Agrupar os alunos de forma homogênea em relação à força;
- Destacar as partes do corpo em que os alunos não devem golpear os colegas, por razões de segurança.

Jogos populares

Jogos populares são aqueles que envolvem várias crianças ou não no espaço comum. São os jogos que se adaptam bem a uma sociedade local, tomando um gosto praticamente unânime entre as pessoas e passa a fazer parte de uma determinada cultura. Exemplos: futebol, basquete, amarelinha, pique-esconde e bolinha de gude.

A Educação Física permeando estas três diretrizes, na perspectiva Histórico-interacionista, permitirá ao educando analisar e refletir a qualidade de vida em todas suas dimensões.

Diante do exposto, destaca-se que este não é o momento para finalizar as reflexões e proposições apresentadas sobre a Educação Física no Ensino Fundamental I. Mas o momento de dar início a um processo de Interlocação entre os profissionais responsáveis pela educação escolar da criança para aprofundar e, se necessário, orientar estas reflexões e proposições por meio de ações que mobilizem um processo de reconstrução de uma concepção de educação escolar que valorize o movimento do corpo e conseqüentemente promova a disciplina na Educação Física neste nível de escolarização.

Ressalta-se que a escola tem como objetivo proporcionar à criança o conhecimento, a sistematização, a reflexão e a resignificação das práticas de movimentação do seu corpo, por meio de conteúdos na disciplina de Educação Física. Para isto, é necessário apostar em propostas de ensino e também em práticas docentes que atendam esta perspectiva educacional.

3.12.2 Encaminhamento Metodológico

Embora nas aulas de Educação Física os aspectos corporais sejam mais evidentes, o aluno precisa ser considerado como um todo no qual os aspectos cognitivo, afetivo e corporal estão interrelacionados.

A Educação Física no Ensino Fundamental I deve fazer conexão com a vida das crianças e as atividades propostas nas aulas têm que ser significativas, fazendo com que os alunos se relacionem com o mundo e compreendam essa relação. Além disso, tais atividades devem auxiliar na conexão entre os conteúdos escolares e o cotidiano.

É fundamental que as aulas de Educação Física se transformem em um ambiente crítico que possibilite a participação de todos, em que a riqueza cultural se estabeleça como um salto para o aprendizado. No entanto, cabe à escola trabalhar os conteúdos, partindo de experiências vividas de forma contextualizada e interdisciplinar. A tomada de decisões

sobre encaminhamentos individuais e coletivos deve estar ajustada às reais necessidades de aprendizagem dos alunos, levando em consideração as habilidades motoras, observando e valorizando o conhecimento anterior adquirido.

Mesmo sendo o professor aquele que conduz as propostas e o processo ensino-aprendizagem, ele deve elaborar sua intervenção de forma que os alunos tenham escolhas a fazerem e decisões a tomarem, tornando assim o aluno cada vez mais independente e responsável também por seu aprendizado.

O professor deverá organizar suas aulas procurando desenvolver nos alunos sensações e percepções que possibilitem e permeiem o domínio do seu corpo; é preciso articular o desenvolvimento de habilidades a serem adquiridas. Portanto, as aulas não devem se restringir a simples exercícios de repetições e destrezas, mas capacitar o indivíduo a refletir sobre suas possibilidades corporais e exercê-las de maneira significativa.

Neste sentido, as aulas de Educação Física devem proporcionar atividades que visem à valorização do corpo, enfrentando diferentes desafios corporais em diversos contextos: jogos, ginástica, brincadeiras e danças.

Que a Educação Física seja um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos favoreça a inserção do aluno no dia a dia, formando o cidadão que poderá transformar sua realidade.

3.12.3 Conteúdos

1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
GINÁSTICA	Coordenação dinâmica geral: andar, correr, saltar, saltitar, marchar, lançar, pegar, chutar, rolar, girar, equilibrar, engatinhar, empurrar, pendurar e apoiar. Ginástica utilitária: sentar, comer e levantar-se. Esquema corporal: - Lateralidade; - Conhecendo o corpo; - Coordenação motora; - Coordenação visomotora; - Óculo pedal (olhos e pés); - Óculo manual (olhos e mãos); Estrutura espacial; Estrutura temporal.
JOGOS	Jogos psicomotores; Jogos sensoriais; Jogos cooperativos; Jogos populares; Brincadeiras; Imitação; Dramatização.
DANÇA	Elementos básicos da dança: Expressão corporal; Brincadeiras cantadas; Cantigas de roda; Consciência rítmica motora; Dança Afro-indígena.
Movimentos básicos: andar, saltitar, valsar, correr, rolar, equilibrar, dramatizar, noções de espaço, força, tempo e deslocamento.	

2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
GINÁSTICA	Coordenação dinâmica geral: andar, correr, saltar, saltitar, marchar, lançar, pegar, chutar, rolar, girar, equilibrar, engatinhar, empurrar, pendurar e apoiar. Esquema corporal: - Lateralidade; - Conhecendo o corpo; - Coordenação motora; - Coordenação visomotora; - Ôculo pedal; - Ôculo manual; Estrutura espacial; Estrutura temporal.
JOGOS	Jogos psicomotores; Jogos motores; Jogos sensoriais; Jogos cooperativos; Brincadeiras; Jogos dramáticos; Jogos populares; Jogos de imitação.
DANÇA	Elementos básicos da dança; Expressão corporal; Brincadeiras cantadas; Cantigas de roda; Consciência rítmica motora; Dança Afro-indígena.
Movimentos básicos: andar, saltitar, valsar, correr, rolar, equilibrar, dramatizar, noções de espaço, força, tempo e deslocamento.	

3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
GINÁSTICA	Elementos da ginástica artística: rolamento, roda, vela e paradas. Esquema corporal; - Conhecendo o corpo; - Coordenação motora; - Coordenação visomotora; Estrutura espacial; Estrutura temporal.
JOGOS	Brincadeiras; Jogos de oposição; Jogos de construção; Jogos cooperativos; Jogos coletivos.
DANÇA	Brincadeiras cantadas; Cantigas de roda; Expressão corporal; Danças folclóricas; Dança afro-indígena; Consciência rítmica motora.
Movimentos básicos: andar, saltitar, correr, rolar, equilibrar, dramatizar, noções de espaço, força, tempo e deslocamento.	

4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
GINÁSTICA	Elementos da ginástica artística: rolamento, roda, vela, paradas. Elementos da ginástica desportiva: elementos corporais.
JOGOS	Brincadeiras; Jogos pré- desportivos; Jogos dramáticos; Jogos de construção; Jogos cooperativos; Jogos coletivos; Jogos intelectuais; Jogos populares; Jogos de oposição.
DANÇA	Danças urbanas (hip-hop, funk, break, pagode e dança de rua); Danças brasileiras (samba e quadrilha); Coreografias; Dança folclórica; Dança afro-indígena.
Movimentos básicos: andar, saltitar, correr, rolar, equilibrar, dramatizar, noções de espaço, força, tempo e deslocamento.	

5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO	CONTEÚDOS
GINÁSTICA	Elementos da ginástica artística e rítmica. Elementos da ginástica desportiva: elementos corporais.
JOGOS	Jogos pré- desportivos; Noções básicas de jogos esportivos; Habilidades em diferentes esportes; A importância do esporte para qualidade de vida; Jogos dramáticos; Jogos de construção; Jogos cooperativos; Jogos coletivos; Jogos intelectuais; Jogos populares; Jogos de oposição; Atletismo.
DANÇA	Danças brasileiras; Danças eruditas (clássica, moderna, contemporânea e jazz); Dança circular; Dança Afro-indígena; Coreografias.
Movimentos básicos: andar, saltitar, correr, rolar, equilibrar, dramatizar, noções de espaço, força, tempo e deslocamento.	

3.12.4 Avaliação

A avaliação faz parte da proposta pedagógica e tem por objetivo acompanhar a aprendizagem e o desenvolvimento do educando, suas habilidades e competências. A avaliação na área de Educação Física tem caráter processual, investigativo e mediador.

A princípio deve obter-se um mapeamento do ensino, investigar e diagnosticar as capacidades dos alunos; em que estágio de apropriação do conhecimento se encontram respeitando suas individualidades. Este processo cabe ao docente que, em seguida, utilizando-se destas informações irá planejar e reorganizar suas intervenções, propondo novos procedimentos.

Na reconstrução da prática avaliadora, é fundamental a postura investigativa para tornar a reflexão em ação transformadora.

Na Educação Física pretende-se avaliar o aluno:

- Participa adequadamente das atividades respeitando regras e combinados;
- Não discrimina por razões físicas, sociais, culturais e de gênero;
- Se empenha em utilizar os movimentos propostos e os materiais indicados;
- Interage com os colegas adotando postura cooperativa;
- Estabelece relações entre a prática de atividades e a melhoria da saúde/qualidade de vida;
- Reconhece e respeita as diferenças individuais auxiliando aquele que tem mais dificuldade e aceitando ajuda dos que tem mais competência.

Desta forma a prática da Educação Física na escola deverá favorecer a autonomia, conhecendo as potencialidades e limitações de cada um, possibilitando a construção e análise crítica dos valores sociais, culturais, econômicos.

PROPOSTA CURRICULAR

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

4 EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos estarem juntos, aprendendo e participando sem nenhuma forma de discriminação.

A Lei nº 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, reforça nos arts. 58 e 59 a importância do atendimento educacional a pessoas com necessidades especiais, ministrado preferencialmente em escolas regulares. Estabelece também, que sejam criados serviços de apoio especializado e assegurados currículos, métodos e técnicas, recursos educativos e organizações específicas para atender às peculiaridades dos alunos. De acordo com Thompson (2004), embora esta lei ofereça o respaldo necessário ao trabalho inclusivo, a legislação, por si só, não opera mudanças.

O exercício da igualdade deve consistir também em nos prepararmos para aceitar as diferenças do outro e conviver com elas. Isso não é tarefa fácil, requer muito além de legislações, capacitações e recursos, requer aceitarmos o desafio de confrontarmos com as diferenças, nossas e as do outro, de aceitarmos a responsabilidade de apostar e acreditar nas possibilidades do aluno diferente que recebemos em nossas escolas. Essa responsabilidade é coletiva, uma tarefa de todos nós, educadores, comunidade e governo.

Enquanto lei, retrata-se o anseio da sociedade em assegurar maior justiça e igualdade social, porém é importante refletir que não se trata de simplesmente incluir, mas também de prudência e sensatez, tanto na ação educativa quanto nos estudos e nas investigações.

Segundo Facion (2008) “Se, por um lado a declaração de Salamanca afirma o propósito da educação inclusiva, por outro, aponta para o aprimoramento dos sistemas de ensino, sem o qual o princípio primeiro de que toda criança tem direito fundamental a educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem, não se efetivará. Esse é um processo gradativo, que possui como pré-requisitos ÉTICA E RESPONSABILIDADE”.

4.1 MARCOS HISTÓRICOS E NORMATIVOS

A atenção educacional aos alunos, associados ou não a deficiência, tem se modificado ao longo dos processos históricos de transformação social, isto pode ser observado na legislação brasileira e mundial.

A Lei nº 5692/71 que estabeleceu reformas na educação básica e criou o ensino de primeiro grau introduziu a necessidade de tratamento especial aos alunos que representassem alguma condição especial de aprendizagem:

Art. 9º: Os alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto a idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação.

A Constituição Brasileira de 1988, demonstra preocupação com a Educação Especial, colocando-a como obrigação do Poder Público:

Art.208º O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de : (...)

III - Atendimento Educacional Especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na Rede Regular de Ensino;

Em 1990, a Declaração Mundial sobre Educação para Todos já recomendava medidas que garantissem “A igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo”. Porém, foi em 1994, com a Declaração de Salamanca, na Espanha que o projeto de escola inclusiva foi mais precisamente delineado. A conferência que deu origem a esse documento trouxe um novo enfoque sobre o sistema educacional, ocasionando uma atualização no ordenamento jurídico brasileiro por meio de emendas que modificaram o texto constitucional e possibilitaram inserções importantes na política educativa e que constam na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), no Plano Nacional de Educação (2001) e nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001).

Atualmente a organização de Centros de Atendimento Educacional Especializado fundamenta-se nos marcos legais, políticos e pedagógicos que orientam para a implementação de sistemas educacionais inclusivos: Decreto nº 6.949/2009, que ratifica a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência/ONU; Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que estabelece diretrizes gerais da educação especial; Decreto nº 6.571/2008, que dispõe sobre o apoio da União e a política de financiamento do Atendimento Educacional Especializado – AEE, Resolução CNE/ CEB nº 4/2009, que institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado - AEE, na Educação Básica.

A oferta do Atendimento Educacional Especializado tem como público alvo alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/ superdotação.

O Atendimento Educacional Especializado é realizado prioritariamente nas salas de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular no turno inverso da escolarização, podendo ser realizado também em centros de atendimento educacional especializado públicos e em instituições de caráter comunitário, confessional ou filantrópico sem fins lucrativos conveniadas com a Secretaria de Educação, conforme art .5º da Resolução CNE/ CEB nº 4/2009.

As instituições de educação especial, públicas ou privadas sem fins lucrativos conveniadas para o Atendimento Educacional Especializado-AEE, deverão prever a oferta desse atendimento no Projeto Político Pedagógico e submete-lo à aprovação da Secretaria de Educação ou órgãos equivalentes dos estados, do Distrito Federal ou dos municípios, conforme art. 11 da Resolução CNE/ CEB nº 4/2009.

A efetivação de convênio dependerá da análise e parecer da Secretaria de Educação de acordo com as demandas da rede de ensino, desde que atendam as proposições pedagógicas fundamentadas na concepção da educação inclusiva conforme estabelecido na Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008).

O Atendimento Educacional Especializado tem como função identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela.

O papel do professor do AEE não pode ser confundido com o papel dos profissionais do atendimento clínico. Trata-se de um atendimento educacional como o próprio nome indica,

desenvolvido por professores que atendem às necessidades específicas do público-alvo da educação especial.

O saber educacional especializado e o saber clínico devem ser valorizados de igual forma e um não deve se justapor ao outro. O professor do AEE estabelece uma interlocução com os profissionais do atendimento clínico da mesma forma que estabelece parcerias com outras áreas, tais como engenharia, assistência social, terapia ocupacional, fonoaudiologia, psicologia, entres outras, para que desenvolvam serviços e recursos adequados a estes alunos.

A avaliação pedagógica como processo dinâmico considera tanto o conhecimento prévio e o nível atual de desenvolvimento do aluno quanto às possibilidades de aprendizagem futura, configurando uma ação pedagógica processual e formativa que analisa o desempenho do aluno em relação ao seu progresso individual, prevalecendo na avaliação os aspectos qualitativos que indiquem as intervenções pedagógicas do professor. No processo de avaliação, o professor deve criar estratégias considerando que alguns alunos podem demandar ampliação do tempo para a realização dos trabalhos e o uso da língua de sinais e texto em Braille, de informática ou tecnologia assistiva, como uma prática cotidiana.

A Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva é uma ação que exige um forte compromisso de todos os que compõem os sistemas de ensino. Segundo Garcia (1994, p.64): “A ousadia do fazer é que abre o campo do possível. E é o fazer – com seus erros e acertos – que nos possibilita a construção de algo consistente”.

4.2 A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO MUNICÍPIO DE COLOMBO

A Educação Especial é a modalidade de Ensino que permeia todos os níveis, etapas e modalidades, realiza o atendimento educacional especializado, disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino-aprendizagem.

A Diretriz Estadual da Educação Especial (SEED, 2006), define que a oferta de serviços e apoios especializados em Educação Especial, destina-se a crianças, jovens e adultos com necessidades educacionais permanentes, em função de:

- Dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento, vinculados a distúrbios, limitações ou deficiências que demandem apoios intensos e contínuos no processo educacional, como é o caso de alunos com deficiência mental, múltiplas deficiências e/ou transtornos de desenvolvimento associados a graves problemas de comportamento;
- Dificuldades de comunicação e sinalização, demandando o uso de outras línguas, linguagens e códigos aplicáveis, como é o caso de alunos surdos, surdocegos, cegos, autistas ou com sequelas de paralisia cerebral;
- Superdotação ou altas habilidades que, devido às necessidades e motivações específicas, requeiram enriquecimento, aprofundamento curricular e aceleração na oferta de acesso aos conhecimentos.

Atualmente, os alunos com necessidades educacionais especiais matriculados na rede de ensino do município de Colombo contam com as seguintes modalidades de atendimento:

- Sala de Recursos;
- Classe Especial;
- Centro de Atendimento Especializado à Criança (Psicologia, Fonoaudiologia, Psicopedagogia e Avaliação Psicoeducacional);
- Centro de Atendimento Especializado às deficiências auditiva e visual (CAEDAV);
- Centro de Atendimento Especializado Emanuel Soares Tozoni (CAEEST) nas áreas surdo/cego com deficiência intelectual;

- Escola Santa Gema Galgani – Educação Infantil, Ensino Fundamental – Anos Iniciais, Educação de Jovens e Adultos – Fase I, Modalidade Educação Especial;
- Estas possibilidades têm por objetivo a oferta de educação de qualidade, compreendendo que cada um possui suas especificidades em relação à aprendizagem e, contudo, se estimulado de maneira adequada pode-se destacar em determinada área do aprendizado e da vida.

4.3 SALA DE RECURSOS

A Sala de Recursos é um serviço de Apoio Especializado, de natureza pedagógica que complementa o atendimento educacional realizado em classes comuns do ensino fundamental. É um espaço destinado a investigação e compreensão dos processos cognitivos, sociais e emocionais, visando à superação das dificuldades acentuadas de aprendizagem (Transtornos Funcionais Específicos) e o desenvolvimento das diferentes potencialidades dos sujeitos.

Para o ingresso na Sala de Recursos, o aluno deve estar devidamente matriculado no ensino regular, sendo necessária avaliação psicoeducacional com indicativos de Transtornos Funcionais Específicos (Distúrbios de Aprendizagem – dislexia, disortografia, disgrafia, discalculia e Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), complementada com parecer neurológico e / ou psiquiátrico.

Os resultados pertinentes à Avaliação Psicoeducacional são registrados em relatório, com indicação dos procedimentos de intervenção para o plano de trabalho individualizado e/ou coletivo bem como demais encaminhamentos que se fizerem necessários.

Os alunos são atendidos em contra turno, até três vezes por semana de forma individual ou em pequenos grupos. Estes grupos são organizados por faixa etária e/ou conforme as necessidades pedagógicas. Na sala de recursos, o número máximo é de 20 (vinte) alunos com atendimento por cronograma. O professor da sala de recursos organiza o controle de frequência dos alunos em Livro de Registro de Classe próprio, cabendo a escola a responsabilidade de manter a documentação do aluno atualizado. No Histórico Escolar não deve constar que o aluno frequentou a Sala de Recursos.

O trabalho pedagógico especializado na Sala de Recursos é constituído por um conjunto de procedimentos específicos de forma a desenvolver os processos cognitivo, motor e socioafetivo emocional, necessários para apropriação e produção de conhecimentos.

O professor da Sala de Recursos elabora o planejamento pedagógico individual com metodologia e estratégias diferenciadas, organizando-o de forma a atender as intervenções pedagógicas sugeridas na avaliação. O planejamento também é organizado de acordo com os interesses, necessidades e dificuldades específicas de cada aluno.

O professor registra sistematicamente todos os avanços e dificuldades do aluno, conforme planejamento pedagógico individual. Os avanços e necessidades do aluno são registrados no Relatório de Acompanhamento Pedagógico, elaborado semestralmente pelo professor da Sala de Recursos, juntamente com a equipe pedagógica e com o apoio dos professores da classe comum.

No Relatório de Acompanhamento Pedagógico são registrados, qualitativamente, os avanços e necessidades acadêmicas, aspectos relativos à promoção, bem como a necessidade de continuidade do apoio ao aluno em Sala de Recursos. A cópia deste relatório é arquivada na pasta individual do aluno.

O aluno frequenta a Sala de Recursos o tempo necessário para superar as dificuldades e obter êxito no processo de aprendizagem na classe comum. O trabalho desenvolvido não deve ser confundido com reforço escolar ou repetição de conteúdos programáticos da classe comum.

O desligamento do aluno da Sala de Recursos é formalizado por meio de Relatório Pedagógico elaborado pelo professor da Sala de Recursos, juntamente com a equipe pedagógica e, sempre que necessário, com o apoio dos professores da classe comum, sendo que este relatório também deve ser arquivado na pasta individual do aluno.

Na documentação de transferência do aluno, além dos documentos da classe comum, deve-se acrescentar cópia do Relatório da Avaliação Psicoeducacional e do último Relatório de Acompanhamento Pedagógico – Semestral.

4.4 CLASSE ESPECIAL

Historicamente, a primeira Classe Especial do município de Colombo, data de 1987, na Escola Municipal Cristóvão Colombo, tendo como professora especialista Jovana Moraes que continua atuando na mesma escola e função.

A Classe Especial atende alunos que apresentam deficiência intelectual, ou seja, que demandem ajuda e apoio intenso e/ou contínuo. Nesta clientela está incluído também alunos que necessitam de atendimento em Escola Especial.

O trabalho na Classe Especial tem como meta enfatizar o ensino e não a dificuldade do aluno buscando métodos e técnicas que favoreçam a aprendizagem cooperativa e enfrentando o desafio de ajustar-se para atender a diversidade de seus alunos com um novo olhar, voltada para o desenvolvimento global. Procura assegurar a igualdade de oportunidade de forma a promover a inserção destes nas classes comuns de Ensino Regular.

Atualmente, o município atende aproximadamente 260 alunos, distribuídos em 37 Classes Especiais, com 33 professores especializados, responsáveis pelo planejamento e desenvolvimento de atividades educacionais específicas.

As Classes Especiais estão inseridas no programa de Ensino Regular se beneficiando também de:

- Aulas de informática;
- Aulas de Educação Física, Artes e Ensino Religioso;
- Projetos oferecidos pelo município de Colombo;
- Atividades extra-classe oferecidas pela escola;
- Acompanhamento Especializado com fonoaudiólogos e psicoterapeutas no Centro de Atendimento Especializado à Criança;
- Acompanhamento pedagógico oferecido pela equipe técnico pedagógica da escola e da Secretaria Municipal de Educação.

Para ser matriculado em Classe Especial das Escolas da Rede Municipal de Ensino de Colombo é necessário que o aluno tenha indicação para essa modalidade de atendimento através de Avaliação Diagnóstica Psicoeducacional.

A equipe pedagógica, administrativa, professor regente e os demais profissionais, ao receber esse aluno, deverão tomar conhecimento dos dados e indicações sugeridas na sua Avaliação Diagnóstica Psicoeducacional, visando a programação dos encaminhamentos propostos. Esses dados serão subsídios para a elaboração de um planejamento individualizado que será desenvolvido por meio de atividades diversificadas, para que a superação dos obstáculos ocorra no menor espaço de tempo possível.

4.5 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

O encaminhamento metodológico nas Classes Especiais tem em vista o fato de que cada aluno requer diferentes estratégias pedagógicas que favoreçam o acesso à herança cultural, ao conhecimento socialmente construído e a vida produtiva: condições essenciais para a inclusão social.

Nessa modalidade de ensino, os encaminhamentos metodológicos se estruturam de maneira que o processo de ensino aprendizagem seja significativo, que contemple as diversas formas de aprendizagem (canais sensoriais) e as múltiplas inteligências GARDNER (1997), abordando os aspectos cognitivos e afetivos e considerando que cada aluno revela características distintas.

Para o professor de Classe Especial, acreditar no potencial do aluno em todos os aspectos é um princípio básico e fundamental para inserção dos mesmos nas classes comuns do ensino regular. Desta forma, utiliza um plano de ensino individualizado, porém, trabalhando no coletivo, valorizando o potencial e favorecendo o desenvolvimento da autonomia e independência de cada aluno.

4.6 CONTEÚDOS

O currículo desenvolvido na Classe Especial é o mesmo utilizado em qualquer nível escolar estabelecidos para os alunos da Classe Comum, de acordo com o art.59, Inciso I da LDB. 9394/96.

O professor da Classe Especial trabalha de forma interdisciplinar e contextualizada fazendo as adaptações curriculares de metodologias, conteúdos, objetivos, avaliação e temporalidade de acordo com as peculiaridades do aluno.

Os conteúdos trabalhados envolvem tanto as áreas do conhecimento (linguagem oral, escrita e cálculos matemáticos), como as do desenvolvimento (cognitivo, socioafetivo-emocional e motor).

4.7 AVALIAÇÃO

O acompanhamento do desempenho escolar e a avaliação dos alunos da Classe Especial seguem as determinações da Instrução nº3/04 da Secretaria de Estado da Educação.

A avaliação do aluno ocorre de forma processual e contínua, em que os resultados de análise qualitativa dão suporte e indicações sobre as possibilidades de novos encaminhamentos pedagógicos para o aluno.

O desempenho do aluno é registrado semestralmente em relatório pedagógico descrevendo os avanços nas áreas do conhecimento e desenvolvimento, bem como metodologias, estratégias, tipos de avaliação empregada, adaptações curriculares realizadas e ajustes que ainda precisam ser realizados.

O relatório é realizado pela professora da Classe Especial e em seguida analisado e assinado pela equipe técnica da escola que o encaminha para a coordenação de Educação Especial do Município.

O retorno do aluno para a Classe Comum é feito por meio de classificação, conforme Legislação Vigente.

A classificação do aluno é realizado após comunicado à família em conjunto com a professora da Classe Especial, equipe técnica pedagógica da escola e o professor(a) da Classe Comum que acompanha o processo de adaptação do aluno.

A classificação compreende: avaliações nas diversas áreas do conhecimento, parecer descritivo da professora da Classe Especial e registro em Ata de acordo com deliberação nº09/01- CEE, sendo arquivado na pasta individual do aluno, passando a fazer parte de sua documentação escolar.

Tendo em vista o caráter transitório das Classes Especiais, o professor (a) trabalha visando o desenvolvimento das potencialidades do aluno em todos os seus aspectos, pois não se pode perder de vista que qualquer aluno pode aprender independentemente de sua condição, classe social ou deficiência.

4.8 CENTRO DE ATENDIMENTO ESPECIALIZADO À CRIANÇA (CAEC)

O Centro de Atendimento Especializado à Criança possui duas unidades de atendimentos localizadas nos seguintes endereços:

Rua XV de Novembro, 82, Centro de Colombo;

Rua Dorval Ceccon, 664, na Regional Maracanã, Jardim Nossa Senhora de Fátima, Colombo- PR.

Este centro tem como objetivo atender alunos das Escolas Municipais e dos Centros Municipais de Educação Infantil (C.M.E.I.'s) que apresentam dificuldades de aprendizagem relacionadas aos aspectos orgânicos, neurológicos, mentais, psicológicos adicionados à problemática ambiental em que a criança está inserida, ou ao sistema de aprendizagem escolar. O CAEC disponibiliza aos educandos os seguintes atendimentos:

- Fonoaudiologia (atendimento e triagem fonoaudiológica);
- Psicopedagogia;
- Psicoterapia;
- Avaliação Psicoeducacional;

Através do diagnóstico, o profissional busca perceber, também, a importância do aprender para o aluno e para sua família, o que está implícito no não aprender, o significado deste sintoma e como o aluno, família e escola lidam com ele.

Havendo necessidade de tratamento, que varia em tempo e especificações, realizam-se orientações à família e à escola, além do acompanhamento ao próprio aluno, visando melhor envolvimento no processo de ensino-aprendizagem.

Os profissionais do Centro de Atendimento Especializado à Criança realizam atendimentos nas escolas quando necessário. Este serviço é viabilizado também através do estabelecimento de parcerias com a Secretaria Municipal de Saúde, a qual disponibiliza consultas com médicos especialistas: pediatras, oftalmologistas, neurologistas, psiquiatras, otorrinolaringologistas, entre outras especialidades. O trabalho desenvolvido oportuniza maior envolvimento da família, integração e troca de experiência entre os profissionais que atuam junto a estes alunos.

4.9 CENTRO DE ATENDIMENTO ESPECIALIZADO ÀS DEFICIÊNCIAS AUDITIVA E VISUAL - CAEDAV

Em 28 de outubro de 1987 foi criado o Centro de Atendimento Especializado na área de Deficiência Visual - CAEDV, localizado na Rua Angelina Cavalli, 292, Jardim Adriana, Colombo-PR na Escola Municipal Heitor Villa Lobos. Em 2005 ampliou-se os atendimentos criando-se o Centro de Atendimento Especializado às Deficiências Auditiva e Visual (CAEDAV), funcionando no mesmo endereço e local citado acima.

As atividades inicialmente foram voltadas para três crianças com deficiência visual. Com o aumento da demanda, surgiu a necessidade de implantação de um centro de atendimento

especializado voltado para crianças, adolescentes, adultos e idosos com faixa etária inicial de 4 meses através de laudo otorrinolaringológico e/ou oftalmológico. Vale ressaltar que os alunos não enfrentam fila de espera para iniciarem os atendimentos. O CAEDAV disponibiliza de uma equipe composta por 19 profissionais de nível superior especialistas e três serviços gerais.

Os alunos que frequentam o CAEDAV, fazem as refeições na instituição e utilizam o transporte escolar concedido pela Prefeitura Municipal. Os alunos participam de programas que tem como objetivo desenvolver habilidades que favoreçam o processo de aprendizagem, desenvolvimento da linguagem, processos cognitivos e perceptuais, socialização e autonomia.

Também são desenvolvidas atividades com jovens e adultos com deficiência auditiva e visual, favorecendo condições adequadas para o desenvolvimento do seu potencial, visando a integração social. Participam de campeonatos esportivos como de Atletismo e Xadrez, o que contribui para o progresso acadêmico e social dos participantes.

Os programas desenvolvidos nesta instituição abrangem:

- Estimulação precoce;
- Atendimento educacional especializado, atuando através de técnicas específicas ao ensino-aprendizagem para educandos cegos e de visão subnormal;
- Apoio educacional, pedagógico e clínico ao deficiente auditivo e visual;
- Estimulação visual;
- Sorobã/matemática;
- Confeccões de materiais adaptados (Braille);
- Aulas de artesanato;
- Atividades de vida diária;
- Orientação e mobilidade;
- Educação física;
- Aulas de informática;
- Instrutora de LIBRAS;
- Intérprete de LIBRAS;
- Terapia fonoaudiológica;
- Orientação familiar;
- Atividades culturais e de Lazer;
- Encaminhamento ao mercado de trabalho.

4.10 CENTRO DE ATENDIMENTO ESPECIALIZADO EMANUEL SOARES TOZONI (CAEEST)- NAS ÁREAS DE SURDO/CEGO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Em virtude da necessidade de atendimento a dois jovens nascidos no município de Colombo, com baixa visão e deficiência auditiva, com sequelas ocasionadas por rubéola congênita, foi oferecido, em 2008, o serviço especializado, vindo a torna-se, posteriormente, Centro de Atendimento Especializado Emanuel Soares Tozoni (CAEEST) - Surdo/cego com Deficiência Intelectual. Este serviço funciona juntamente à Escola Municipal Jardim das Graças, situada na Rua da Gabirobeira, nº 54, no município de Colombo- PR.

Atualmente, atende alunos surdo/cegos com deficiência intelectual, independente da faixa etária. Tem por objetivo proporcionar a esses alunos qualidade de vida, maior autonomia e oportunizar a convivência e a socialização com os demais alunos da escola.

O centro oferece um trabalho voltado às atividades de vida diária (AVD) e atividades de vida autônoma social (AVAS). Propõe também em seu programa, a participação em atividades de educação física, Informática Educativa, atividades extraclasse (passeios) e

atividades artísticas tais como teatro, cinema, aulas de artes e dança. Consiste também em viabilizar atividades que estimulem as seguintes áreas: cognitiva, motora, auditiva, visual, tátil, comunicação, orientação e mobilidade, inclusive o sistema braille e exercícios orofaciais.

A avaliação é contínua com registro das atividades diárias e relatórios semestrais.

4.11 ESCOLA SANTA GEMA GALGANI - EDUCAÇÃO INFANTIL, ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS, EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS - FASE I, MODALIDADE EDUCAÇÃO ESPECIAL.

Está localizada na Rua Felício Kania, 943, São Gabriel, Colombo-Pr.

A escola especializada encontra-se em transição para a Escola de Educação Básica e este processo está subsidiado pela seguinte legislação:

Constituição Federal de 1988; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/1996-LDB; Decreto Federal nº 5154/2004; Deliberação CEE nº 02/2003; Resolução CNE/CEB nº 04/2010; Parecer CEE nº 108/2010; Deliberação CEE nº 02/2010; Resolução nº 3600/2011 - GS/SEED; Declaração dos Direitos Humanos - 1948; Conferência Mundial de Educação para Todos - Jomtien - 1990; Estatuto da Criança e Adolescente - 1990; Declaração de Salamanca - 1994; Decreto nº 3298/1999; Decreto nº 5154/2004; Decreto nº 6949/ 2009; Estatuto do Idoso - 2003; A Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência - 2008.

A Escola de Educação Especial atende 208 alunos, com diagnósticos mais frequentes:

- Deficiência intelectual, associada à surdez ou deficiência visual;
- Deficiência física-neuromotora;
- Transtorno global do desenvolvimento;
- Síndromes (Down, Microcefalia, Hidrocefalia, Cornélica de Lange, Esclerose Tuberosa, Macrocefalia, outros).

4.12 ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA:

EDUCAÇÃO INFANTIL	Estimulação Essencial (0 - 3 anos e 11 meses)	Pré-escolar (4 anos - 5 anos e 11 meses)			
ENSINO FUNDAMENTAL		Escolarização (6 anos - 16 anos e 11 meses)			
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	A partir dos 17 anos				
<table border="1"> <tr> <td>ETAPAS</td><td>PROGRAMA</td><td>IDADES</td></tr> </table>	ETAPAS	PROGRAMA	IDADES		
ETAPAS	PROGRAMA	IDADES			
DATA BASE PARA A MATRÍCULA É 31 DE MARÇO A TODAS AS ETAPAS					

4.13 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola de Educação Básica na Modalidade de Educação Especial (...) é uma instituição destinada a prestar serviço especializado de natureza educacional a alunos com necessidades especiais, com graves comprometimentos, múltiplas deficiências ou condições de comunicação ou sinalização diferenciadas quando o grau desse comprometimento não lhes possibilite ter acesso ao currículo desenvolvido no ensino comum, pelo fato de requererem, também, atendimentos complementares / terapêuticos dos serviços especializados da área da saúde quando se fizerem necessários(...), (SEED/DEEIN).

4.14 CARACTERIZAÇÃO DO ALUNADO

Os alunos que apresentem necessidades educacionais e requeiram atenção individualizada nas atividades da vida autônoma e social, recursos, apoios intensos e contínuos, bem como adaptações curriculares tão significativas que a escola comum não consiga prover. Atendimento esse complementado, sempre que necessário, e de maneira articulada por serviços das áreas de Saúde, Trabalho e Assistência Social.

4.15 TEMPORALIDADE E FAIXA ETÁRIA

A oferta de serviço educacional especializado atende o educando sem limitação etária e proporciona a garantia para aqueles que necessitam de maior tempo para apropriação de conhecimentos, visto que apresentam deficiência intelectual acentuada.

4.16 CRITÉRIOS PARA O INGRESSO

O ingresso dos alunos na Instituição Escolar deve ocorrer após a conclusão do processo de avaliação, realizado por equipe multiprofissional com o objetivo de investigar as áreas do desenvolvimento cognitivo, motor afetivo e social.

4.17 CURRÍCULO

Pelo exposto, a presente proposta objetiva concretizar a oferta de escolarização e educação a crianças, jovens, adultos e idosos com deficiência intelectual e múltiplas deficiências que, independentemente das causas ou motivos, apresentam necessidades educacionais especiais intensas e contínuas, requerendo interdisciplinaridade e intersetorialidade nas práticas do contexto de ensino-aprendizagem.

Tendo a Educação Infantil, Fundamental e Profissional – Formação Inicial - articulada com a Educação Básica e considerando as peculiaridades da aprendizagem específicas dos educandos, a proposta pedagógica curricular é elaborada de modo contextualizado, com foco nas adaptações/flexibilizações curriculares significativas relacionadas à quantificação de conteúdos, detalhamento de objetivos, desenvolvimento metodológico, recursos didáticos e instrumentos de avaliação diferenciados visando a responder às necessidades educacionais de cada aluno.

A oferta efetiva-se priorizando a organização coletiva mediante ações que oportunizem o acesso, a permanência e o êxito dos alunos no espaço escolar, considerando também as necessidades educacionais especiais apresentadas individualmente pelos educandos.

O acesso ao currículo supõe um sistema de apoio que possibilite a superação de barreiras à aprendizagem dos educandos, mediante a participação ativa nas atividades

que são propostas com foco em situações motivadoras e estimulantes que favoreçam o desenvolvimento cognitivo e pessoal dos alunos.

4.18 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

O acesso ao currículo supõe um sistema de apoio que possibilite a superação de barreiras à aprendizagem dos educandos, mediante a participação ativa nas atividades que são propostas com foco em situações motivadoras e estimulantes, que favoreçam o desenvolvimento cognitivo e pessoal dos alunos;

Direito à igualdade de oportunidades, o que não significa um “modo igual” de educar a todos e sim de dar a cada um o que necessita, em função de suas características e necessidades educacionais;

Ensinar habilidades úteis que possam ser usadas pelo aluno, no momento, ao longo de sua vida, em diversos ambientes que contribuam com a sua autonomia.

Conteúdos previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais, Estaduais, Municipais com as adaptações necessárias para:

- Definir o estilo e a progressão da aprendizagem, bem como delinear os indicadores dos procedimentos de intervenção;
- Proporcionar aos alunos com deficiência intelectual e Múltiplas Deficiências e/ou Transtorno Global do Desenvolvimento, oportunidades de acesso à Educação Básica, de ampliação das habilidades acadêmicas funcionais e das suas competências, propiciando o pleno desenvolvimento de suas potencialidades e sua inclusão social;
- Estimular, de acordo com os interesses e as potencialidades de cada aluno, a aquisição de autonomia e independência nas habilidades básicas, de maneira funcional;
- Trabalhar as competências sociais e promover a inclusão no mundo do trabalho;
- Oportunizar aos alunos o desenvolvimento de habilidades nas áreas de funcionalidade acadêmica, comunicação, autocuidado, vida familiar, vida social, autonomia, saúde/segurança e lazer /trabalho;
- Proporcionar o bem estar e melhoria da qualidade de vida;
- Viabilizar apoio intersetorial nas áreas de educação, saúde e assistência social, considerando as necessidades peculiares dos alunos.

4.19 PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Conforme visão atual, o processo de avaliação busca enfatizar os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, mediante a adoção de abordagem não classificatória, mas emancipatória objetivando:

Ofertar ensino acadêmico com adaptações significativas no currículo;

Redimensionar o processo de ensino-aprendizagem, apontando mudanças, adaptações e reflexões envolvendo todos os segmentos escolares;

Formalização em relatórios descritivos bimestrais, contemplando as disciplinas e podendo no final de 3 (três anos) ser convertido em nota para promoção do aluno da EJA – Fase 1 – 1º. Ciclo.

MODALIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

ENSINO FUNDAMENTAL - FASE I

5 MODALIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – ENSINO FUNDAMENTAL - FASE I

“Não há como não repetir que ensinar não é a pura transferência mecânica do perfil do conteúdo que o professor faz ao aluno, passivo e dócil. Como não há também como não repetir que a partir do saber que os educandos tenham não significa ficar girando em torno deste saber. Partir significa pôr-se a caminho, ir-se, deslocar-se de um ponto e não ficar, permanecer.”

(Paulo Freire, 1999)

O mundo contemporâneo encontra-se submerso em profundas crises econômicas, sociais e políticas que se acentuam nos países subdesenvolvidos.

Grande parte da população atual está marcada pela miséria, fome, doenças, desemprego, desigualdades sociais e falta de oportunidades.

O ser humano, nesse contexto, perde o sentido da existência, não tem referencial histórico e não se relaciona em nível de partilha. Em decorrência, está se formando um indivíduo descomprometido, egoísta, omissa em relação ao bem comum, sem respeito a si mesmo, ao outro e a natureza, não agente de sua história, pois se deixa conduzir por outros. Em consequência, há absoluta perda de identidade, de valores e desintegração da família.

A educação é decisiva para a construção de uma economia próspera e uma democracia participativa, fundada em um pacto de cidadãos. Em nosso país, porém, a maioria dos brasileiros concluem ou abandonam a escola com uma formação que, do ponto de vista do domínio de conhecimentos, de habilidades sociais, de compreensão de ideias e valores, está um pouco longe para torná-lo cidadão crítico, consciente, defensor de seus próprios direitos e dos demais cidadãos.

A clientela escolar, que usufrui dos serviços educacionais das Escolas Municipais do nosso município, retrata de forma marcante a situação da sociedade contemporânea mencionada. Possui baixo nível econômico, político, cultural.

Há uma categoria representada por um grande número de desempregados que, para sobreviver, fazem serviços avulsos ou se entregam ao vício do alcoolismo e drogas.

Quanto ao nível cultural, uma parcela significativa não tem mais que dois anos de escolaridade. Muitos estão interessados em retornar seus estudos através dos Projetos de Escolarização de Jovens e Adultos.

Garantida pela Constituição como um direito do aluno, a Educação de Jovens e Adultos deve proporcionar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Desse modo, o curso deve ser pensado e planejado de forma a possibilitar o acesso e a permanência do aluno, o que implica, necessariamente, o desenvolvimento de práticas pedagógicas que valorizem suas

experiências e seus conhecimentos prévios e considerem o vínculo entre educação, trabalho e práticas sociais e culturais.

O objetivo, enquanto instituição educacional, é dar continuidade a este direito já adquirido, proporcionando cada vez mais, um ensino de qualidade, visando buscar alternativas para amenizar os problemas sociais e efetivar realmente o papel da educação, porque compreende-se que a educação é um processo permanente de renovação, e não é tarefa limitada a determinado tempo, mas é a própria vida.

Neste sentido, o que queremos é buscar gradativamente ações que efetivem esta construção como, por exemplo, a intensificação do trabalho da Educação de Jovens e Adultos, visando a erradicação do analfabetismo em nosso Município, acolhendo estes alunos em nossas escolas reconhecendo sua diversidade e potencialidade, sabendo respeitá-las a fim de que os mesmos possam realmente sentir-se participantes e membros da comunidade escolar, situando-os como integrantes da sociedade e construtores da cidadania e de sua identidade, porque temos certeza de que todos são capazes de aprender.

5.1 Objetivo Geral

Oportunizar ao jovem, adulto e idoso a escolarização, na EJA - Fase I do Ensino Fundamental no Município de Colombo, capacitando o educando para vivenciar e dominar os conteúdos disciplinares, tornando-se um cidadão capaz de atuar, intervir e modificar a sociedade à qual pertence, sendo, assim, sujeito e agente de sua história, com capacidade de intervenção crítica e responsabilidade, entendendo que todos os fatos e movimentos sociais são consequências dos atos individuais e que, quando tornados coletivos, podem, a qualquer momento, mudar o curso da história.

5.1.1 Objetivo Específico

Promover a formação do cidadão, considerando os eixos formadores, científicos culturais, político, econômico e tecnológico;

Proporcionar uma Educação com metodologia participativa baseada no diálogo, na interdisciplinaridade, no conhecimento, na discussão e reflexão sobre a humanidade e sua história, e permitindo ao educando ser sujeito de sua própria história;

Garantir ao jovem, adulto e idoso a elevação da escolaridade e condições para a continuidade dos estudos;

Oferecer e viabilizar o Curso de Educação de Jovens e Adultos Fase I, em conformidade com a Legislação Vigente.

5.2 Caracterização do Curso

Os estabelecimentos de ensino têm como uma das finalidades, a oferta de escolarização de jovens, adultos e idosos que buscam dar continuidade a seus estudos no Ensino Fundamental Fase I, assegurando-lhes oportunidades apropriadas, consideradas suas características, interesses, condições de vida e de trabalho, mediante ações didáticas pedagógicas coletivas e/ou individuais.

Portanto, estes Estabelecimentos ofertaram a Educação de Jovens e Adultos Presencial, que contempla o total de carga horária estabelecida na legislação vigente nos níveis do Ensino Fundamental Fase I, com avaliação no processo. Os cursos são caracterizados por estudos presenciais desenvolvidos de modo a viabilizar processos pedagógicos, tais como:

1. Pesquisa e problematização na produção do conhecimento;
2. Desenvolvimento da capacidade de ouvir, refletir e argumentar;
3. Registros, utilizando recursos variados (esquemas, anotações, fotografias, ilustrações, textos individuais e coletivos), permitindo a sistematização e socialização dos conhecimentos;
4. Vivências culturais diversificadas que expressem a cultura dos educandos, bem como a reflexão sobre outras formas de expressão cultural.

5.2.1 Ensino Fundamental – Fase I

A oferta de Ensino Fundamental – Fase I atende jovens, adultos e idosos não alfabetizados e/ou aqueles que não concluíram as séries iniciais do ensino fundamental, com o objetivo de continuidade dos estudos e conclusão da educação básica.

A mediação pedagógica ocorrerá de maneira interdisciplinar, não havendo nenhuma separação entre alfabetização e outras possibilidades de intermediação, que possam constituir barreiras ao desenvolvimento educacional do educando.

5.2.2 Ações pedagógicas descentralizadas

Os Estabelecimentos Escolares desenvolverão ações pedagógicas descentralizadas, efetivadas em situações de evidente necessidade, dirigidas a grupos sociais com perfis e necessidades próprios, onde não haja oferta de escolarização para jovens, adultos e idosos, respeitados a proposta pedagógica do estabelecimento autorizado, a análise do NRE, autorizado pela SEED/PR, segundo critérios estabelecidos pela mesma Secretaria em instrução própria.

5.3 Educação Especial

A Educação de Jovens e Adultos destina-se aos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Dentre as demais modalidades de ensino deve ser destacado o Ensino Especial, dirigido àqueles que apresentam especificidades que interferem na aprendizagem, exigindo para tanto um tipo diferenciado de atendimento que tanto pode ser em escolas especialmente dotadas ou em classes regulares. Em nossa língua, o vocabulário “necessidades” tem várias significações o que o torna polissêmico, incluindo as ideias de carência, de precisar de algo, do que inevitável imprescindível e de exigências mínimas: generalizadas ou específicas. Sob o aspecto educacional, poderemos utilizar cada uma dessas significações e traduzi-las em práticas narrativas centradas nas cenas e nos cenários em que a educação ocorre. Teremos, assim, que examinar as necessidades sob vários âmbitos de análise, incluindo-se o próprio educando, seu contexto familiar e escolar, pois os processos educacionais, bem como o de aprendizagem não ocorrem apenas na escola. Algumas necessidades são dos aprendizes e decorrem de suas diferenças. Outras são das famílias no geral que tanto precisam de melhores condições de moradias, quanto de alimentação, quanto de valorizar a construção do conhecimento. Mas as escolas também apresentam necessidades tais como recursos humanos, físicos, materiais, tecnológicos e financeiros para que possam oferecer educação de boa qualidade a todos.

5.3.1 A avaliação na Educação Especial da EJA

A avaliação, na perspectiva das diferenças de certos educandos, os portadores de deficiências, tem como objetivo conhecer compreensivamente suas necessidades para que possam oferecer educação de boa qualidade a todos. Isso não nos autoriza a submetê-los aos procedimentos excludentes de que tem sido vítimas, nem a negar as mais diferentes e significativas manifestações de suas necessidades. Deixar de reconhecê-las é uma forma mascarada de rejeição aos sujeitos. Do mesmo modo, o reconhecimento das limitações impostas pelas deficiências de que são portadores não nos autoriza a homogeneizá-los em um grupo de “iguais”, banalizando a especificidade de suas diferenças individuais ou a impedir que frequentemente escolas, em igualdade de condições dos seus pares, ditos normais.

O desafio que se apresenta é o de como registrar as observações em torno das competências curriculares dos educandos, de suas habilidades cognitivas (de linguagem e na solução de problemas, principalmente), de suas habilidades motoras e sensoriais, de suas manifestações afetivo-emocionais e de seus níveis de desenvolvimento pessoal/social. Sabemos que avaliar na perspectiva das diferenças não é tarefa fácil. Também sabemos que estamos no caminho dessa mudança, e que teremos muito trabalho pela frente.

Os problemas dos métodos avaliativos não se referem somente aos tempos modernos. Esses processos estão sempre se reciclando, assim descobrem-se novos olhares sobre esse tema. Na educação presencial, esse processo está longe de estar completo e concluído. Isso ocorre por dois principais motivos. Primeiro, não existe uma verdade absoluta em termos de observação e avaliação de ações ou pessoas. Segundo, os processos avaliativos e de aprendizagem são tão dinâmicos e adaptáveis como nós, seres humanos.

Atualmente, a discussão sobre os processos de avaliação gira principalmente em torno da seguinte questão: como podemos realizar avaliações que dêem preferência à análise de cada sujeito envolvido no processo. Sabemos que observar e avaliar individualmente e respeitando o ritmo de cada aluno, é muito mais difícil do que padronizar a avaliação por meio de provas ou testes. É mais complexo do que traçar padrões de desempenho e fazer com que todos cumpram os mesmos, ou criar escalas de pesos e notas a serem atingidas.

É preciso pensar globalmente, valorizando as experiências e a caminhada de cada indivíduo, buscando avaliações mais eficazes e reais na educação presencial. Através dos próprios, podemos descobrir novas formas de ensinar e aprender e, conseqüentemente, novos instrumentos, métodos e atitudes avaliativas.

Em qualquer processo de avaliação, devemos buscar entender o ser e suas necessidades, qualidades e limitações. Precisamos valorizar a todos, pensando sempre nas competências de nossos educandos, sem a preocupação principal de atribuir uma nota, mas com o objetivo de oferecer às pessoas uma possibilidade de entendimento, auto-conhecimento, e descoberta de suas reais habilidades e competências para a vida.

5.4 Organização Curricular

A organização curricular reflete um conjunto de ideias e valores que norteiam o trabalho docente, os quais influenciam as relações na sala de aula. Desta forma, o currículo deve ser organizado a partir das reflexões e definições constantes na Proposta Pedagógica da escola. Deve-se considerar alguns aspectos na organização curricular, tais como:

1. O currículo não é um instrumento neutro, mas passa a ideologia que a classe dominante utiliza para a manutenção de privilégios;

2. Não deve ser separado do contexto social, no qual o educando está inserido, mas sim partir desse ponto;

3. Propomos um planejamento que seja participativo e dinâmico. Que leve em conta a realidade concreta do que se vai trabalhar, sendo simples, autêntico, crítico e comprometido.

4. Finalmente, o conhecimento sistematizado deve ser integrado, com o objetivo de diminuir o isolamento que ocorre entre os componentes curriculares.

Assim, a EJA - Ensino Fundamental Fase I, será constituída de uma especificidade curricular, que considere as características próprias dos jovens e adultos, assim como seus interesses, suas condições de vida, de trabalho e suas motivações para acessar o conhecimento sistematizado e ressignificar o conhecimento já adquirido.

5.5 Matriz Curricular

É importante conceber o currículo como algo que não se restringe às paredes escolares, mas como um constitutivo dos atos humanos, envolvendo passado, presente e a perspectiva de futuro. Por isso, o currículo é uma construção social do conhecimento, onde se efetiva a produção, a transmissão e a assimilação do conhecimento historicamente produzido. Entretanto, neste momento detemo-nos na organização curricular proposta pela LDBN 9394/96, onde, obrigatoriamente, teremos uma Base Nacional Comum.

A referida modalidade de ensino apresenta uma única estrutura curricular para o Ensino Fundamental Fase I visto que o Ensino Básico regular 1º ao 5º ano, possui critérios próprios de organização, com carga horária total do curso de 1.200h.

5.6 Áreas do Conhecimento

Língua Portuguesa (Ed. Física e Ed. Artística)

Matemática

Estudos da Sociedade e da Natureza (História, Geografia e Ciências)

5.7 Encaminhamento Metodológico

O papel da modalidade de ensino fundamental, EJA Fase I, é dar continuidade ao processo de alfabetização de educandos, os quais passam a adquirir por meios formais uma base ortográfica minimamente organizada.

Com o entendimento de que cada classe de educandos tem um patamar de conhecimento já desenvolvido e respeitando todas as experiências adquiridas no decorrer da vida desses educandos, é fundamental que seja realizada uma avaliação diagnóstica inicial pelo educador já nas primeiras semanas de aula, para que se tenha uma ideia de como o educando chegou até a escola, e só então apresentar as considerações e os objetivos da escola no aprimoramento das ações didático-metodológica que deverão ser aplicadas.

A referida Modalidade de Ensino destina-se ao crescimento individual e coletivo do educando, com vistas à aprendizagem e qualificação permanente do mesmo em que se possibilite uma flexibilização na organização curricular e, primeiramente, considere a realidade desses educandos. A Proposta Pedagógica da Unidade Escolar (Escola Municipal Padre Durval Secchi) deverá registrar a oferta da Educação de Jovens e Adultos, contemplando os eixos, cultura, trabalho e tempo. Em sua organização curricular devem destacar, entre outros aspectos, a organização do tempo e do espaço escolar, a metodologia utilizada, o processo de avaliação e a relação da unidade escolar com as práticas sociais. Assim, estes elementos devem

interrelacionarem-se, no sentido de promoverem ao educando uma aprendizagem significativa, onde o referido educando - entenda-se como um agente condutor dessa aprendizagem - a metodologia utilizada pelos docentes e encaminhada pelo coordenador pedagógico deverá apresentar as seguintes características:

- Superação da cultura do repasse – o educando não é uma “tábua rasa”, ao contrário, os jovens, adultos e idosos possuem experiências e conhecimentos pessoais, assim como, são agentes sociais, ainda que sua participação social seja passiva;
- Desmistificação da linearidade do conhecimento – o conhecimento não ocorre de uma única forma ou a partir de um pré-requisito, mas na rede de relações que estabelece entre o objeto a ser apreendido e os demais objetos, e ainda, acontecimentos que o cercam. Em outras palavras, essas relações articulam-se em redes construídas social e individualmente, estabelecendo conexões entre os diferentes contextos;
- Acolhimento - o educando da EJA é parte de uma demanda peculiar, com características específicas. Por isso, deve-se reconhecer a diversidade e buscar formas de acolhimento, no intuito de evitar o fracasso escolar e a evasão. A promoção do acolhimento aos educandos da EJA revela uma árdua tarefa, pois este deve envolver tanto os aspectos de valorização do conhecimento, como as formas de expressão de cada um, o processo de socialização a realidade sociocultural e a jornada de trabalho;
- Inclusão social – o público alvo desta modalidade de ensino visa a melhoria de suas perspectivas de inserção no mercado de trabalho através da elevação de sua escolaridade expressa por uma certificação formal; entretanto, há outros aspectos que motivam esse público como dominar os saberes sistematizados, cursar o ensino superior ou ter reconhecimento social e afirmação da autoestima. Desta forma, o educando, ao retornar, deseja reconstruir uma trajetória escolar que outrora fora interrompida, na qual os conhecimentos apresentem significações relativas ao momento atual;
- Interação entre a unidade escolar e a comunidade a unidade escolar deve mostrar-se aberta e acessível, principalmente para aqueles que não tiveram acesso em idade própria, mobilizando a comunidade para possibilitar a criação de espaços culturais e promover o exercício da cidadania, uma vez que os conhecimentos adquiridos pelos educandos precisam apresentar significações na realidade extraescolar.

A mediação pedagógica ocorrerá de maneira interdisciplinar, não havendo nenhuma separação entre alfabetização e outras possibilidades de intermediação que possam constituir empecilho ao desenvolvimento educacional.

Momentos de reflexão: Sendo a aprendizagem um complexo processo de construção, modificação e reorganização dos saberes sistematizados, o educando internalizará e interpretará os novos conteúdos, considerando o momento da escolaridade em que se encontra, as experiências vividas, os conhecimentos construídos anteriormente e a forma de pensamento que dispõe. Portanto, os erros cometidos no percurso deverão servir para redimensionar e ajustar as ações pedagógicas do docente. É importante ressaltar que as pessoas deverão interagir coletivamente, proporcionando a circulação de informações, a troca de experiências, a tomada de decisões e que o objeto a ser aprendido tenha características socioculturais reais, para que ocorra uma situação de aprendizagem eficaz, na qual os conteúdos escolares apresentem uma significação e um sentido.

Reconhecimento dos saberes populares e científicos: É necessário romper a preconceituosa barreira que separa os saberes, como se o saber popular não fosse válido, verdadeiro. Os educandos não vislumbram o seu conhecimento como algo legítimo, pois acreditam que a aprendizagem só ocorre pela transmissão de informações, porém, o saber popular deve servir de ponto de partida para a aquisição de outros saberes; nessa perspectiva os conhecimentos se complementam.

Formação do educando em cidadão reflexivo: A educação não é neutra, por isso, deve assumir um caráter formador, isto é, ao optar pela transformação da realidade, esta deverá ser problematizadora, criativa e reflexiva e que contribua para que o educando passe da consciência ingênua à crítica, desvelando os instrumentos de controle social, e, ainda, oportunizando ao cidadão assumir o compromisso de atuar sobre a transformação social.

Avaliação: Como elemento integrante da proposta, direcionando a tomada de decisões, o planejamento e demais ações pedagógicas, com o objetivo de aprimorar e redimensionar o processo ensino-aprendizagem. Deve-se pensar na avaliação como um fator regulador da aprendizagem que esteja integrada ao processo de aprendizagem, evitando a aplicabilidade da mesma em momentos estanques ou pontuais e até mesmo como instrumento de aferição. Por isso, a reestruturação da organização curricular é imprescindível, considerando que na Educação de Jovens e Adultos são outras as especificidades dessa faixa etária, outros interesses, expectativas e necessidades. Ao adotar tal postura, não significa que haverá desvalorização dos componentes curriculares e conteúdos, mas significa que passarão a ser considerados como recursos que subsidiarão os educandos na sua formação básica e no exercício da cidadania. Faz-se necessário, ainda, comentar o papel dos conteúdos na Educação de Jovens e Adultos, tendo em vista que o jovem o adulto e o idoso são sujeitos que já põem em ação conhecimentos construídos e experiências de vida. Deste modo, o processo de aquisição do conhecimento não deve ser definido em função dos componentes curriculares ou dos conteúdos, mas em função das necessidades individuais e coletivas detectadas como importantes para esta modalidade de ensino. Portanto, é preciso considerar numa perspectiva mais ampla, as diferentes dimensões dos conteúdos; assim, não só os de natureza conceitual, aqueles que envolvem a abordagem de conceitos, fatos e princípios, mas também devem ser estudados os de natureza procedimental que expressam um saber fazer de forma ordenada, não-aleatória, visando a uma meta e ainda os conteúdos atitudinais, nos quais se incluem as normas, valores e atitudes. Incluir, explicitamente, o desenvolvimento de atitudes e trabalhar os valores não caracteriza controlar o comportamento dos educandos, mas intervir, quando necessário, e, ainda, a organização das diferentes naturezas dos conteúdos deverá ser contemplada em sua totalidade.

Quanto ao tempo didático: Referimo-nos ao tempo educativo de trabalho realizado com o educando. Nesta perspectiva existem diferentes formas de administrar e de organizá-lo. Considerando que a aprendizagem dos educandos necessita de sucessivas reorganizações, pode-se propor diferentes modalidades organizativas, como projetos, atividades permanentes, entre outras, as quais se articulam e coexistem no fazer pedagógico do docente.

5.8 Conteúdos

5.8.1 LÍNGUA PORTUGUESA

LEITURA E INTERPRETAÇÃO	PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS	ANÁLISE LINGUÍSTICA
<ul style="list-style-type: none">- Comunicação oral e escrita.- Linguagem verbal e não verbal.- Tipologias textuais diversificadas: textos informativos, narrativos, dissertativos, de correspondência, lúdica e didática.- Variações linguísticas: linguagem formal e informal.- Introdução ao texto literário – verso e/ou prosa.- Leitura de pura fruição.	<ul style="list-style-type: none">- Escrita do próprio nome e outros- Escrita de listas: nomes de animais, brincadeiras, ingredientes, receitas.- Escrita de textos previamente conhecidos pelos alunos: textos populares, letras de música, cantigas de roda, parlendas, trava-língua.- Escrita de histórias: relatos de casos ouvidos ou vivenciados; histórias em quadrinho, contos e lendas.- Escrita de outras tipologias textuais: textos conversacionais, apelativos, informativos, publicitários.- Variações linguísticas: língua formal/informal, escrita/ falada; fala regional; transposição da linguagem não verbal para verbal.- Conceituação e classificação das palavras- Construção frasal: conceituação de parágrafos, uso de pontuação, ordem das palavras; elementos coesivos; argumentação e coerência textual.	<ul style="list-style-type: none">- Revisão de textos produzidos pelos alunos: o texto como objeto de reflexão, sistematização ortográfica e gramatical; aspectos discursivos da linguagem na escrita; análise dos elementos da textualidade: coerência e coesão. DOMÍNIO DO CÓDIGO <ul style="list-style-type: none">- Frases e expressões.- Período simples.- Registro formal culto – definição e conceituação de aspectos gramaticais.- Fonética e fonologia.
GÊNEROS TEXTUAIS: Músicas, adivinhas, trava-língua, parlendas, poemas, crônicas, biografias, imagens, contos, mitos, lendas populares, relatos, receitas, listas, encartes, classificados, histórias em quadrinho, provérbios, cantigas, textos de instrução, narrativos, textos informativos, rótulos.		

5.8.2 MATEMÁTICA

NÚMEROS NATURAIS E SISTEMA DE NUMERAÇÃO DECIMAL	OPERAÇÕES COM NÚMEROS NATURAIS	FORMA E ESPAÇO	GRANDEZAS E MEDIDAS
<ul style="list-style-type: none"> - Conhecimento lógico-matemático. - Números naturais: problemas e operações. - Número racional: parte e todo. - Sistema de numeração decimal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilização de sinais convencionais (+, -, x, : e =) na escrita das 4 operações. - Cálculo mental: estimativa e probabilidade. - Noção e cálculo de porcentagem. - Expressões numéricas. - Mínimo múltiplo comum. - Máximo divisor comum. 	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço: tridimensional, bidimensional. - Figuras planas e não planas: corpos redondos e poliedros. 	<ul style="list-style-type: none"> - Medidas de superfícies, comprimento, tempo, capacidade de volume. - Sistema monetário brasileiro: cédulas e moedas. - Leitura, interpretação e produção de gráficos, tabelas e listas.
<p>Situações - problema: Análise, interpretação, formulação e resolução de situações-problema envolvendo os conteúdos da disciplina (com o auxílio do professor).</p>			
Coletar e organizar informações.			

5.8.3 HISTÓRIA

ESTUDO DA SOCIEDADE E DA NATUREZA	
EIXOS	CONTEÚDOS
Memória e identidade cultural Tempo: presente, passado e perspectiva para o futuro:	<ul style="list-style-type: none"> - As relações sociais - o ser humano e sua influência na sociedade. - A cultura como produção social. - A diversidade - as características do ser humano. - História de vida. - A história de família: núcleo familiar; a formação da família e sua estrutura nos diferentes momentos históricos.
Sociedade e convívio social.	<ul style="list-style-type: none"> - O bairro: organização e estruturas sociais, diferentes instituições religiosas e suas manifestações. <p>História do Paraná História local e do cotidiano. O Paraná Ambiental e Turístico. Troperismo do Paraná e no Brasil (o ciclo do troperismo) - Como eram esses povos? - O Paraná do garimpo; - A formação de nossas cidades (Paraná); - Os caminhos do Paraná - início e ocupação. O Paraná ervateiro, madeireiro e cafeeiro. O Paraná atual - modernizado. O Paraná sendo parte do Brasil. A indústria Paranaense. Espaço rural e urbano. Datas, fatos, e coisas do Paraná.</p>

	<p>Histórias das Organizações populacionais Pessoas que vivem de maneiras diferentes nas diversas regiões do Paraná: - Localização influenciando o modo de vida; - Vivendo na grande cidade X vivendo na pequena cidade; - Início da ocupação do 1º, 2º, 3º planalto; O século XIX e os imigrantes (formação do povo Paranaense - estrutura fundiária do Paraná). Migrações internas. População do Paraná (conhecendo nossa gente): tradições, usos e costumes.</p> <p>O Paraná – Indígena - A influência indígena no Paraná. - A demarcação de terras pelos índios Guaranis. - A população indígena atual do estado. - As atividades que a população indígena tem hoje, costumes e tradições.</p>
--	---

5.8.4 Cultura Afro- Brasileira e Africana

Na perspectiva de reconhecer e valorizar a participação do povo negro, na construção da cultura nacional, se faz necessário no decorrer do ano letivo, um diálogo com a questão racial, que envolva:

- A identidade racial em relação à origem étnica da família do educando;
- O termo afro-brasileiro, buscando a ancestralidade africana da família;
- As identificações de tradições familiares e semelhantes àquelas que se relacionam às tradições africanas reinventadas no Brasil, valorizando-as;
- As relações e cuidados com o corpo em diferentes famílias e culturas;
- O resgate de jogos e brincadeiras em tempos e espaços diferenciados;
- Formas de comunicação de diferentes culturas ao longo dos tempos;
- Uma proposta de trabalho que possa ser desenvolvida em todos os eixos, projetos e unidades de estudo ao longo do ano letivo;
- O reconhecimento e a valorização das contribuições do povo negro;
- Momentos para abordar as situações de diversidade étnico-racial e a vida cotidiana na sala de aula;
- Uma reflexão crítica às posturas etnocêntricas para a desconstrução de estereótipos e preconceitos atribuídos ao grupo negro;
- A incorporação da cultura do povo negro em todos os eixos e em seus respectivos conteúdos;
- O reconhecimento do continente africano, dentro do contexto histórico, do início da escravidão no Brasil, permitindo, assim, que os alunos negros conheçam suas origens, contribuindo positivamente para a construção de sua identidade, reforçando a autoestima com o objetivo primordial de desconstruir o mito da democracia racial que é a condição necessária para se alterar a produção e o ensino da história do negro. Para isso, o docente necessita ter conhecimento de temas como:
 - Os grandes reinos africanos, as organizações culturais, políticas e sociais de Mali, do Congo, do Zimbábue, do Egito, entre outros.
 - Os povos escravizados trazidos para o Brasil pelo tráfico negreiro e as consequências da Diáspora Africana;
 - As resistências do povo negro (Quilombos, Revolta do Malês, Canudos, Revolta da Chibata e todas as formas de negociação e conflito);

- A promulgação da Lei de Terras e do fim do tráfico negreiro (1850) e o impacto das ideologias de branqueamento/embranqueamento sobre o processo de imigração europeia;
- Os remanescentes de quilombos, sua cultura material e imaterial;
- A Frente Negra Brasileira, no início dos anos 1930, criada em São Paulo;
- O significado da data 20 de novembro, repensando o 13 de maio.

5.8.5 Ensino Religioso

O Ensino Religioso, precisa ser trabalhado de forma dinâmica, permitindo a interação, o diálogo e uma postura reflexiva perante a vida e o fenômeno religioso.

Para favorecer este dinamismo, é necessário conhecer a realidade na qual o educando está inserido. Por tanto, antes de iniciar as atividades em sala de aula, será realizada uma pesquisa de campo, para que se possa conhecer a religião das famílias que fazem parte da comunidade escolar da EJA.

5.8.5.1 Objetivos:

- Educar para a paz, superando e desfazendo toda a forma de preconceitos;
- Formar para o exercício consciente da cidadania e convívio social, com base no respeito às diferenças.

5.8.6 GEOGRAFIA

RELAÇÕES ESPACIAIS	RELAÇÕES DE TRABALHO	ORGANIZAÇÃO SOCIO-ESPACIAL BRASILEIRA	CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> - Noções de espaço. - Relações topológicas: conhecimentos de escala; - Relação projetiva. - Coordenadas geográficas. - Percepção do espaço. - Observação e descrição do lugar. - Comparação de lugares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho escravo no passado e na atualidade. - Relações de trabalho no campo e na cidade. - Desemprego. - Trabalho informal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Formação do estado nacional. - O território brasileiro. - Organização político-administrativa. - Os três poderes. - Ocupação e formação do espaço paranaense. - Movimentos migratórios. - Desigualdade no Brasil. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cidadania e trabalho. - Direitos civis, políticos e sociais. - Legislação trabalhista (CLT). - Estatuto da Criança e do Adolescente Lei 8.068/90. - Lei 9.503/07 que trata do Trânsito. - Estatuto do Idoso Lei 10.741/03 - dos direitos fundamentais, do acesso a justiça, das medidas de proteção, dos crimes. - Movimentos e organizações populares (Conselhos, Associações de Moradores, Sindicatos e outros).

5.8.7 CIÊNCIAS

EIXOS	CONTEÚDOS
ASTRONOMIA	NOÇÕES DE ASTRONOMIA: <ul style="list-style-type: none">- Movimentos da terra, estações do ano/dia e noite.- Posição da terra em relação aos demais planetas.- Fases da lua/influência sobre a biosfera.- Corpos celestes iluminados / luminosos – (sol).- Interferências dos fatores abióticos sobre os bióticos (fases da lua, estações do ano, posição da terra).
AMBIENTE	SERES VIVOS: <ul style="list-style-type: none">- Animais domésticos.- Plantas ornamentais, nativas e cultivadas. ECOSSISTEMAS: <ul style="list-style-type: none">- Elementos do meio: solo, água, ar, ciclo da água.- Energia: tipos de energia e transformações.
SAÚDE E MELHORIA DA QUALIDADE DE VIDA	<ul style="list-style-type: none">- Cuidados com o corpo: hábitos saudáveis; estudo dos sentidos.

5.8.8 Educação Ambiental

Aborda o tratamento transversal das questões que envolvem a integração sujeito e meio natural. Trata do paradigma que articula a cidadania, a qualidade de vida, a responsabilidade socioambiental e planetária. Nele, a escola exerce seu papel de agente transformador de representações positivas e implicativas sobre a atuação humana responsável, sustentada e previdente sobre as relações sociais e suas consequências para o respeito e à preservação das fontes naturais de energia, assim como a todas as formas de vida que integram a ecologia do planeta.

5.8.9 Artes

Sugerimos que para a EJA, fase I, o professor regente propicie a aprendizagem dos conhecimentos artísticos, enfatizando a ampliação da expressividade do processo criador e estético e das habilidades artísticas dos jovens adultos e idosos, de forma integrada aos outros conhecimentos da Base Nacional Comum, para que possam conhecer e usufruir a arte de qualidade, produzida pela humanidade nas relações sociais de diferentes contextos históricos. Para não transformarmos a Arte em reforço ou recurso dos outros conteúdos, enumeramos a seguir alguns conhecimentos básicos a serem trabalhados, introduzindo-os nas práticas artísticas.

A PRODUÇÃO (o fazer prático em Arte) Exercício prático de expressão e criatividade artística, explorando os diferentes conhecimentos em Arte, nas diferentes linguagens artísticas (Artes Visuais, Teatro, música).

- Explorar através de atividades práticas os elementos das Artes (as cores, formas, linhas, os ritmos e sons musicais, os jogos de socialização e expressão corporal e teatral e outros).

- Experimentar diferentes materiais plásticos como, lápis de cor, giz de cera, anilina, guaches, papel sulfite, papelão, canson, (e outros).

Trabalhar pequenas encenações teatrais e interpretar músicas coletivamente ou individualmente, conforme as necessidades, objetivos e especificidades da turma.

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA: Ler e interpretar diferentes imagens como histórias em quadrinho, publicidades, obra de arte nacional (regional e outras) e internacional.

- Ler e interpretar o texto verbal e visual dos textos cênicos, das estórias, das músicas, das poesias, enfatizando produções regionais e nacionais de qualidade estética, promovendo a pluralidade cultural.

CONTEXTUALIZAÇÃO: Promover a discussão sobre a Arte, a Estética e a História da Arte, permeada pelos eixos da produção e leitura e interpretação.

5.8.10 EDUCAÇÃO FÍSICA

1ª ETAPA EDUCAÇÃO FÍSICA E SAÚDE	2ª ETAPA CONHECIMENTO SOBRE O CORPO	3ª ETAPA ATIVIDADES RÍTMICAS	4ª ETAPA JOGOS, ESPORTES E GINÁSTICA
<ul style="list-style-type: none"> - Atividades físicas relacionadas à saúde corporal. - Jogos de representação. - Exercícios com dinâmicas de grupo. - Exercícios de alongamento e relaxamento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades orientadas de caminhadas, com controle de frequência cardíaca. - Desenvolvimento da autoestima com atividades físicas, buscando uma boa qualidade de vida. - Consciência de hábitos saudáveis. - Técnicas de alongamento e de prevenção de doenças ocupacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aspectos técnicos e culturais da dança de salão. - Aspectos culturais das músicas e influências regionais. - Manifestações folclóricas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aspectos da prática de jogos e ginástica. - Modalidade de ginástica. - Esporte competitivo.
Os conteúdos citados em Educação Física devem ser apresentados sempre respeitando a individualidade e aspectos físicos de cada educando.			

5.9 Avaliação

A avaliação da aprendizagem é um processo constante. O desempenho nas atividades propostas, a prática oral ou escrita, enfim, toda a produção do educando deve ser avaliada. Na sua essência, a avaliação escolar é um processo de análise de desenvolvimento das relações pedagógicas em geral e da dinâmica de ensino/aprendizagem em particular, portanto, deve ser contínua, considerando-se os vários momentos do educando.

A avaliação da aprendizagem deve ser elemento integrante da ação pedagógica, uma vez que tem por finalidade direcionar as tomadas de decisões no aprimoramento do processo ensino-aprendizagem. Deste modo, faz-se necessário apresentar algumas características que devem compor o processo avaliativo:

- Ser contínuo – o processo avaliativo deverá ocorrer rotineiramente e não em um único momento, com vistas a uma ação reflexiva crítica onde redimensione as ações pedagógicas, os objetivos propostos e os conteúdos abordados.
- Ser democrático – são imprescindíveis que o educando seja informado sobre os critérios estabelecidos, os objetivos que deverão ser alcançados, os instrumentos a serem utilizados; assim como, quais ações serão desencadeadas após os resultados obtidos.

- Ser diagnóstico - deve promover a aprendizagem, pois é através deste elemento que será identificado quais conhecimentos deverão ser retomados e, ainda, quais práticas pedagógicas deverão ser redimensionadas.
- Ser formativo - a aprendizagem ocorrerá a partir dos progressos obtidos pelos educandos, ou seja, o educando reestruturará seu conhecimento, considerando as atividades propostas, as estratégias utilizadas e a interpretação que se tem sobre o erro, uma vez que este deverá ser compreendido como manifestação de um processo em construção.
- Ser regulador da aprendizagem - este elemento deverá proporcionar ações de intervenções didáticas pertinentes às necessidades dos educandos, e, ainda, compartilhar a responsabilidade sobre a aprendizagem, uma vez que docente e educando são agentes desse processo. Portanto, a prática pedagógica e a avaliação são atividades que convergem na mesma direção, isto é, tem o mesmo objetivo: assegurar momentos de efetiva aprendizagem. Vedada a avaliação em que os educandos sejam submetidos a uma única oportunidade de aferição. O resultado das atividades avaliativas será analisado pelo educando e pelo professor, em conjunto, observando quais são os seus avanços e necessidades pedagógicas.

Assim, implementar práticas em que os educandos participem ativamente do processo avaliativo promoverá uma educação democrática e participativa. Entretanto, a avaliação deverá ter, também, um caráter abrangente no qual todos os envolvidos, docente, educando, direção e coordenação pedagógica deverão ser igualmente avaliados.

A recuperação é parte integrante do processo educativo e visa a:

I - oferecer oportunidades ao educando de identificar suas necessidades e de assumir responsabilidade pessoal referente à sua própria aprendizagem;

II - propiciar ao educando o alcance dos requisitos solicitados considerados indispensáveis para sua aprovação;

III - diminuir o índice de evasão e repetência.

A recuperação processual será realizada na medida em que forem detectadas deficiências no processo de aprendizagem e no rendimento do educando. Essa recuperação consistirá na revisão do conteúdo ministrado, na reavaliação dos resultados obtidos, como estímulo ao compromisso com o processo de permanente crescimento do educando.

Considerando as limitações que cada instrumento pode apresentar, não se deve jamais limitar a avaliação de um período, por exemplo, a uma prova escrita.

A avaliação deve considerar a estreita relação que existe entre o conteúdo e a metodologia, tendo em vista a sua finalidade e as relações que se deseja que o educando estabeleça.

O “eixo” da avaliação passa a considerar o processo ensino-aprendizagem para identificar a medida da interferência necessária na produção do educando. Considera-se que o mesmo já sabe para prosseguir aprendendo.

É fundamental o acompanhamento diário dos educandos e o registro frequente do resultado das suas produções, e por meio de atividades (técnicas-instrumentos) diversificados como produção textual, socialização, portfólios, produções artísticas (cartazes, apresentações: culturais, teatrais entre outras), assiduidade, cuidado com o material escolar, trabalhos coletivos, autoavaliação para as quais os educandos devam estar motivados e mobilizados a participar, que o professor tem maiores possibilidades de acompanhar a evolução dos mesmos, pois segundo Pedro Demo (1991) “a avaliação está centrada no desabrochar da competência construtiva e participativa”.

É importante ressaltar que consideramos como desempenho o ato de aprender a aprender, saber pensar.

- Para fins de promoção ou certificação, serão registradas notas que corresponderão às provas individuais escritas e também a outros instrumentos avaliativos adotados durante o processo de ensino a que, obrigatoriamente, o educando se submeterá na presença do professor conforme descrito no regimento escolar.
- A avaliação será realizada no processo de ensino e aprendizagem, sendo os resultados expressos em uma escala de 0 (zero) a 10,0 (dez), de forma somatória em que o professor terá autonomia de escolher quais as técnicas utilizará conforme o nível da sua turma, pois como estamos nos referindo a pessoas, a avaliação deve ser uma ação política ética; é práxis transformadora. A sua base é o conhecimento emancipação-solidariedade. Ela se faz no e para o coletivo pedagógico; é prática comunitária. O respeito à autonomia e à dignidade de cada ser humano não são concessões, mas uma exigência ética deste trabalho.
- Para fins de promoção ou certificação, a nota mínima exigida é 6,0 (seis vírgula zero) de acordo com Resolução nº 3794/04 - SEED.

PROJETOS SOCIOEDUCATIVOS E TEMAS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS

6 Projetos Socioeducativos e Temas Sociais Contemporâneos

A relação educativa é uma relação política, por isso, a questão da democracia se apresenta para a escola da mesma forma que se apresenta para a sociedade. Esta relação se define na vivência da escolaridade em sua forma mais ampla, desde a estrutura escolar, em como a escola se insere e se relaciona com a comunidade, nas relações entre os profissionais da educação, na distribuição de responsabilidades e poder decisório, nas relações entre professor e aluno até na relação com o conhecimento. A educação para a cidadania requer, portanto, que questões sociais sejam apresentadas para a aprendizagem e a reflexão dos alunos.

Neste contexto, o trabalho com os Temas Sociais Contemporâneos favorece a compreensão da realidade e a participação social, pois apontam a necessidade de que os alunos se tornem capazes de eleger critérios de ação pautados na justiça, detectando e rejeitando a injustiça quando ela se fizer presente, assim como criar formas não-violentas de atuação nas diferentes situações da vida.

Ao se realizar um trabalho que abranja temas como sexualidade, violência, relações étnico-raciais, diversidade cultural e religiosa, meio ambiente entre outros, propõe-se à escola uma reflexão e uma atuação consciente na educação de valores e atitudes. Tais aspectos comportam uma dimensão social e uma dimensão pessoal, pois as atitudes são bastante complexas, afinal, envolvem tanto a cognição (conhecimento e crenças) quanto os afetos (sentimentos e preferências), derivando em condutas (ações e declarações de intenção).

Incluir, explicitamente, o ensino de valores e o desenvolvimento de atitudes no trabalho escolar não significa, portanto, tomar como alvo, como instrumento e como medida da ação pedagógica o controle de comportamento dos alunos, mas sim, intervir de forma permanente e sistemática no desenvolvimento das atitudes. Apesar de ser um trabalho complexo, é necessário acompanhar de forma cuidadosa o processo dos alunos para compreender seus comportamentos no contexto mais amplo do desenvolvimento moral e social.

Este acompanhamento é realizado por meio de Projetos Socioeducativos e temas sociais contemporâneos que são desenvolvidos pelas escolas, com a finalidade de propor uma educação comprometida com a cidadania e que se fundamente nos princípios da dignidade da pessoa humana, da igualdade de direitos, da participação e da corresponsabilidade pela vida social.

Os projetos socioeducativos são tidos como ações eminentemente inclusivas, naturalizando o fenômeno da exclusão/inclusão social. Eles trazem atividades que contribuem para o desenvolvimento integral do educando, levando-os para o convívio em sociedade e para o exercício da cidadania.

Os projetos socioeducativos não se resumem à transmissão de meros conteúdos isolados, mas sim, na apresentação de um currículo escolar permanentemente “construtor social”, aberto para as necessidades sociais, tendo a finalidade de propor uma educação comprometida com a cidadania e que se fundamente nos princípios da dignidade da pessoa humana, da igualdade de direitos, da participação e da corresponsabilidade pela vida social.

Entre esses projetos estão:

- Informática Educativa;
- Ensino da Língua Estrangeira Moderna: Inglês;
- Ensino Religioso;
- Educação Ambiental;
- Turismo.

Os Temas Sociais Contemporâneos são trabalhados de maneira contextualizada enfatizando certos temas que se fazem necessários à realidade da escola em momentos específicos e agregam outros temas durante todo o ano letivo.

São eles:

- Cinema para Todos;
- Feira do Conhecimento;
- Encontro de Pais;
- PROERD;
- Mais Educação;
- Educação Financeira;
- Idoso, histórias e encantos;
- Educação para o Trânsito.

Como no Brasil convivem diferentes raízes culturais, visões de mundo, valores e princípios diversificados com origens indígenas, europeias, africanas e asiáticas, a educação para as relações étnico-raciais precisa ser discutida e trabalhada durante o desenvolvimento de todos os projetos, facilitando assim, a compreensão de que a sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnicos distintos, que possuem cultura e história próprias e igualmente valiosas. Este é o caminho para desconstruir estereótipos e construir outro, baseado no respeito à diversidade.

Arelado ao tema acima citado está a questão da igualdade de direitos que precisa fazer parte de todo o contexto escolar, pois exercer direitos e deveres é parte da cidadania, assim como respeitar os contratos sociais. Em relação a este tema, PINSKY (1999), no seu livro *Cidadania e Educação*, faz a seguinte colocação:

Talvez, por não fazermos a nossa parte ou não termos a consciência de pertencer a um coletivo é que somos tão condescendentes com irregularidades que acabam prejudicando todos. E o fato de mantermos a maioria da população sem os direitos básicos de cidadania nos impede de construir a Nação-cidadã que declaramos desejar.

Por meio da igualdade de direitos, busca-se a proteção de valores fundamentais para a sociedade humana, não só do ponto de vista individual, mas principalmente sob o aspecto de agrupamentos de pessoas. Dentre estes direitos pode-se elencar o direito a um ambiente equilibrado, a uma saudável qualidade de vida, ao progresso, à paz, à autodeterminação dos povos e à preservação cultural e histórica.

Ao contemplar, nos projetos que são desenvolvidos neste município, os vários temas que são, ao mesmo tempo, sociais e contemporâneos, acredita-se na fala de Paulo Freire: “A gente tem que lutar para tornar possível o que ainda não é possível. Isto faz parte da tarefa histórica de redesenhar e construir um mundo”.

PROJETOS: INFORMÁTICA EDUCATIVA

6.1 Projeto de Informática Educativa

O ser humano tem como característica fundamental a capacidade de criar. Essa inventividade é despertada por sua interação com o mundo, na construção de novos conhecimentos e na ação transformadora. O homem, dos primórdios à atualidade, produz tecnologias motivado por suas necessidades e desejos e inventa artefatos que modificam o mundo e a sua forma de relacionar-se com ele.

As dimensões históricas mostram uma nova sociedade com novos paradigmas socioculturais (tecnologias, consumismo e globalização). Vivemos imersos em um mundo tecnológico; essa tecnologia é ao mesmo tempo útil e fascinante. Ela invade nossas vidas, amplia a nossa memória, garante novas possibilidades de bem estar e fragiliza as capacidades do ser humano. Somos muito diferentes dos nossos antepassados e nos acostumamos com alguns confortos tecnológicos. Não podemos pensar na vida moderna hoje sem energia elétrica, por exemplo, sem geladeira para conservarmos os alimentos, sem televisão, aparelho de DVD, telefone, aparelho celular, computador, notebook, internet, aparelhos hospitalares, medicamentos essenciais para salvar vidas humanas, entre outros. Essas tecnologias estão incorporadas na vida cotidiana e muitas vezes deixamos de percebê-las.

As tecnologias em geral, desde as mais simples às mais elaboradas, favorecem o crescimento do potencial humano, físico ou intelectual. Empregadas com fim educacional, colaboram certamente nesse sentido, pois ampliam as possibilidades do professor ensinar e do aluno aprender.

É reconhecido pela sociedade o papel fundamental das instituições escolares no desenvolvimento intelectual, social e afetivo do indivíduo. Desta forma, é impossível ignorar as alterações que as tecnologias provocam na forma como as pessoas vêem e apreendem o mundo, nem desprezar o potencial pedagógico que as mesmas apresentam quando incorporadas à educação. Como o ensino em sua expressão máxima consiste em estimular e dirigir a aprendizagem, cada vez mais se torna necessário o uso de recursos didáticos e pedagógicos que dêem ênfase aos materiais audiovisuais. Assim, ouvir, ver, olhar e perceber tornam-se formas básicas de aprendizagem.

As crescentes transformações no mundo exigem respostas rápidas às mudanças e adaptações às novas tecnologias. A educação não escapa desse contexto e vem sofrendo uma revisão não só dos conteúdos curriculares, mas também do próprio processo de aprendizagem. Nessa perspectiva surge a Informática Educativa como instrumento enriquecedor do processo ensino-aprendizagem.

O computador figura-se como meio (ou ferramenta) capaz de auxiliar nesse processo. Ele invade a escola e se transforma num poderoso auxiliar do professor e essa combinação professor e tecnologia costuma dar muito certo, facilitando o ensino de disciplinas variadas, através de softwares e programas cada vez mais criativos e atraentes, fazendo com que os alunos tornem-se mais interessados e participativos nas aulas.

As aulas das mais variadas áreas do conhecimento podem ser altamente entediantes para o aluno, levando-se em consideração as formas convencionais de transmiti-las. O

computador poderá ser um elemento profundamente motivador, uma vez que esse aluno está inserido em um mundo informatizado. Os vídeo games, os aparelhos de DVD, as máquinas calculadoras, as câmeras digitais, o próprio computador, etc., já fazem parte do imaginário de qualquer criança, seja ela oriunda das camadas médias ou populares. O principal é, na realidade, o único motivo pelo qual os recursos tecnológicos são imprescindíveis em uma escola é que eles já fazem parte da vida fora dela. A tecnologia já alterou “As maneiras de viver, de se divertir, de se informar, de trabalhar e de pensar” (Perrenoud, 2000, p. 139). Dessa maneira, a escola não pode se dar ao luxo de excluir as tecnologias do seu ambiente, sob o risco do seu aluno não conseguir ver a relação do que aprende ali, o seu modo de vida e o seu eventual trabalho no futuro.

O computador torna-se, sem dúvida, nessa perspectiva, uma “máquina” com um potencial quase inesgotável de aplicação. Porém, é preciso que se tenha em mente que o papel do professor jamais será representado ou substituído por ela, por mais potente e completa que esta venha a ser. A relação afetiva entre professor e aluno é o passo fundamental para que o processo ensino-aprendizagem aconteça, na verdade os recursos tecnológicos precisam dos professores para ganharem mais significado.

O momento atual exige que a escola pública incorpore o novo saber ao antigo saber e prepare-se para a era tecnológica. É equivocado considerar que os alunos das escolas públicas podem competir no mundo profissional com os alunos oriundos do ensino privado. Principalmente, se considerarmos o acesso à informática dos alunos do ensino privado, seja pela informatização desenvolvida pelas instituições privadas, ou seja, pela aquisição de computadores pela família.

Essa realidade é muito preocupante, pois coloca as camadas populares cada vez mais à margem do saber e compromete o papel do estado que é “prover uma educação de boa qualidade”.

A educação pública discrimina, rotula e nega a cidadania às camadas populares, na medida em que não consegue oferecer igualdade de condições para participarem da vida econômica, social e política do país. É na base da educação que se situa o caráter democrático do desenvolvimento social. Considerando os problemas da educação brasileira, a Informática Educativa constitui um passo a caminho da emancipação social e educacional em busca de um modelo de sistema democrático e desenvolvido socialmente. É papel da escola pública socializar o conhecimento universal, democratizar a informação e abrir espaço para a discussão das relações de poder na sociedade, e a informática é um instrumento poderoso para a construção desta utopia. Apropriar-se da linguagem computacional é imperativo se quisermos que as camadas populares participem como sujeitos da história do terceiro milênio.

Finalizando, Perrenoud afirma que a inserção de tecnologia nas escolas tem um significado muito mais amplo do que saber usar o computador. Ele diz:

“Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa, a imaginação, a capacidade de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação”. (2000, p. 128).

Sem dúvida, uma das formas de fazer tudo isso de maneira significativa é possibilitar aos alunos o acesso a recursos tecnológicos.

6.1.1 Objetivos

O Projeto de Informática Educativa nas Escolas Municipais tem como objetivo geral propiciar ações de modernização das unidades escolares, oferecendo aos alunos e docentes o acesso às “novas linguagens” que consolidem uma escola interativa, processual e emancipatória, à semelhança das melhores e mais modernas escolas do país.

Esse projeto aplicará metodologias diferenciadas e adequadas ao ritmo individual de aprendizagem e às “inteligências múltiplas”: conceito que dá conta da diversidade de ideias geralmente não consideradas durante um processo educacional com recursos tradicionais.

Entre os objetivos específicos do projeto, destacam-se:

- Integrar estratégias pedagógicas e tecnológicas nas quais alunos e professores criem condições para uma construção coletiva do saber, o que conseqüentemente criará uma cultura tecnológica de base, propiciando ao sujeito uma fluência tecnológica;
- Proporcionar a alunos e professores a utilização de novas tecnologias, referindo-se às ligadas à informática;
- Qualificar a aprendizagem, através de recursos multimídia, de simulação, de acesso à informação e de oportunidades de colaboração e criação, os quais promoverão o ensino e auxiliarão na construção do conhecimento;
- Preparar os futuros cidadãos, oportunizando um melhor atendimento às necessidades de aprendizagem dos mesmos;
- Integrar a tecnologia ao currículo de formação dos professores, destacando sua importância como ferramenta de auxílio em seu trabalho educacional;
- Utilizar recursos de pesquisa propiciados pela INTERNET (atualmente na maioria das escolas o uso da INTRANET), que permitem alcançar inúmeras fontes de informação;
- Produzir materiais em Informática Educacional, consolidando o aprendizado através da interdisciplinaridade;
- Desenvolver o raciocínio lógico por meio das interações;
- Revisar e complementar os conteúdos trabalhados em sala de aula, de forma instigante e inovadora.

Os objetivos de aprendizagem terão como ponto principal a integração do currículo às áreas do conhecimento e aos anos em que os alunos estiverem inseridos. Dessa forma, o planejamento das aulas em sala e no laboratório de Informática Educativa, deverá estar em consonância para que ocorra maior aproveitamento por parte dos alunos.

6.1.2 Pressuposto Teórico

Os novos paradigmas educacionais contemplam a inserção de novas tecnologias de comunicação em ambientes de ensino-aprendizagem para privilegiar a construção do conhecimento, possibilitar ao indivíduo uma visão global do mundo e valorizar a inovação e a descoberta como etapas fundamentais do processo de aprendizagem. Transformar a escola num espaço de “aprender a aprender” passou a ser tão importante quanto os fatos ou conceitos adquiridos pelo aluno. Assim como o surgimento da imprensa revolucionou as bases do ensino, a era da informática exige da educação um redimensionamento em seus métodos.

Não se pode mais limitar a educação a um único veículo de comunicação: a linguagem escrita, em uma sociedade que se caracteriza cada vez mais pelo uso de diversos meios (multimídia). As sociedades evoluem e geram novas necessidades e a escola, a partir dessa realidade, ganha novos papéis e novas estruturas, continuando, porém, com sua função principal

de ser um meio eficiente de transmissão da cultura acumulada, necessária à sobrevivência da humanidade.

Hoje, esta realidade da escola aprofunda o abismo entre o que a escola oferece e o que a sociedade, em constante e profunda transformação, exige. Para superar este abismo, a escola deve passar por modificações nas quais sua atuação não pode mais se resumir à simples transmissão do conhecimento produzido pela humanidade. A escola deve assumir a didática do “aprender a aprender”, do “saber a aprender” e do “saber pensar”, englobando num só toda a necessidade de apropriação do conhecimento disponível e o seu manejo crítico e criativo.

A competência da escola é democratizar e socializar o conhecimento para que este se transforme em um instrumento eficaz da emancipação das pessoas e da sociedade. A transmissão do conhecimento deve ter como objetivo a formação dos cidadãos que, conscientes de suas ações, possam contribuir para a construção de uma sociedade cada vez mais justa, fraterna e democrática.

O mundo está vivendo uma série de transformações profundas e aceleradas, particularmente nas áreas de informação e comunicação que caracterizam uma Revolução Científico Tecnológica. As consequências dessa revolução nos planos político, econômico e social são impactantes, impondo novos desafios que afetam o cotidiano dos indivíduos e das sociedades, transformando comportamentos sociais, crenças religiosas e aspirações políticas.

Essa revolução pressiona o sistema educacional, visando modificá-lo para atender às novas exigências impostas pela informatização da sociedade. Já não basta saber ler, escrever e se expressar adequadamente sem a visão de que o diferencial do terceiro milênio será o controle da informação.

Todas essas transformações trazem um novo desafio para a escola: preparar os alunos para viverem num mundo em constante mudança e repleto de incertezas e instabilidades. A escola representa na sociedade moderna o espaço de formação não apenas das gerações jovens, mas de todas as pessoas. Em um momento caracterizado por mudanças velozes, as pessoas procuram na educação escolar a garantia de formação que lhes possibilite o domínio de conhecimentos e melhor qualidade de vida. Por isso, o processo educativo não deve ignorar a presença cada vez mais marcante da informática no dia a dia das sociedades contemporâneas. A educação nunca mais será a mesma. É preciso que as escolas acordem para a incorporação das tecnologias no seu cotidiano, caso contrário, como diz Umberto Eco, ficarão estagnadas e condenadas à obsolescência.

6.1.3 Encaminhamento Metodológico

O apelo visual dos novos meios de comunicação e, em particular do computador, é uma realidade que a escola terá de refletir. A educação deve entender estas inovações como meios que trabalham e atuam com o homem e não contra ele.

A escola não pode continuar a ignorar a interferência decisiva da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem, pois excluir-se digitalmente significa privar-se de conhecimentos. Assim, a Informática Educativa deve ser vista como um instrumento que ajuda a ampliar, a aprofundar e a intensificar o conhecimento do real.

As questões apresentadas pela Informática Educativa não se restringem apenas às proposições técnicas e às metodologias, mas, sobretudo na mudança do modo de pensar e de construir o conhecimento, propiciando um repensar dos processos cognitivos e de organização das estruturas psicológicas, principalmente em função da relação homem - máquina.

A escola deve estar preparada para pensar e compreender as implicações teórico-práticas dos fundamentos científico-técnicos e socioeconômicos das tecnologias emergentes na sociedade.

A pedagogia requerida pelos meios modernos em educação deverá preparar alunos, professores e os demais envolvidos no processo ensino-aprendizagem para transformar dados em informações e, estas em conhecimentos, para questionar e depurar o conhecimento e para criar novos horizontes da informação, aperfeiçoando-se continuamente.

Estamos falando de uma educação permanente e internalizada para toda a vida, que permitirá a compreensão de cada situação e a construção de soluções para cada problema, para que a sociedade atual não seja uma cópia de uma sociedade ultrapassada. A utilização do computador como uma ferramenta pode, portanto, ser um ponto de partida para a formação do ser humano holístico que a sociedade almeja.

O professor, na medida em que representa o elo instrução - educação, deve estar consciente dos contrastes entre o tipo de sociedade e cultura representada pelo aluno, a fim de não permitir pela omissão que o “certo” de uma determinada cultura torne-se o “verdadeiro” para a diferente cultura do outro.

A escola deve ser o espaço capaz de conduzir o aluno ao pensamento crítico e à reflexão. A participação ativa da mesma só pode existir se ela for ligada à vida. O computador pode agir, neste sentido, como um elemento motivador, dinamizando o processo ensino-aprendizagem que na maioria das vezes é bastante penoso, tanto para os professores quanto para os alunos. Por meio do computador as atividades escolares deixam de ser algo maçante e tornam-se prazerosas, interessantes e dinâmicas. O “poder” do professor tradicional, reprodutor de conhecimento e detentor único do saber, fica abalado diante desse tipo de utilização dessa ferramenta cognitiva. Seu papel deverá ser definido segundo o novo espaço que se abre: o da construção democrática e coletiva do conhecimento. Assim, o professor deixa de assumir o papel de depositário do saber para ser o coordenador das atividades, responsável por criar motivações para que os alunos possam fazer suas próprias descobertas. O ensino, com o auxílio da Informática Educativa, dá um enfoque heurístico, privilegiando no aluno a atividade criativa, a exploração e a construção do conhecimento.

“Pensar, refletir, analisar e discutir é o grande desafio que se apresentam aos educadores do século XXI sobre as possibilidades e resultados da utilização das novas tecnologias da informação e da comunicação no processo educacional, pois a educação do futuro é aquela que deve proporcionar a formação de indivíduos para a cooperação, para a relação harmoniosa entre os seres que habitam nosso planeta e, ainda, é aquela que prepara para a vida, para tomar decisões, para integrar conhecimento. Trata-se de uma educação que prepara o ser humano para agir, não apenas reagir; planejar e não apenas executar, e diríamos ainda: criar e desenvolver a intuição e a sensibilidade” (BRITO e PURIFICAÇÃO, 2006).

6.1.4 Capacitação dos Profissionais

O Projeto de Informática Educativa nas Escolas Municipais de Colombo surgiu do desejo da Secretaria Municipal da Educação e da Prefeitura Municipal de Colombo de modernizar suas unidades escolares, oferecendo novas linguagens e “ferramentas” aos seus alunos e corpo docente, objetivando privilegiar a interdisciplinaridade e a construção global e sólida do conhecimento.

Para que a implantação do projeto acontecesse de forma satisfatória, fez-se necessário formar, primeiramente, um novo quadro de profissionais da educação, considerando neste ponto de vista que a Informática Educativa emerge de uma relação entre tecnologia e a vivência educacional. Este profissional está apto a trabalhar com esta ferramenta e ao mesmo tempo, preserva a visão crítica e libertadora que a educação deve representar.

A implementação do Projeto nas escolas do município aconteceu de forma gradativa. Cada novo grupo inserido foi sensibilizado quanto à implantação do mesmo em suas unidades escolares, posteriormente foram capacitados em duas etapas:

1ª - Capacitação Tecnológica (oportunizada para todos os professores, coordenadores e diretores): compreendeu 40 (quarenta) horas de curso, no qual o profissional teve noções de informática (Hardware e Ambiente Operacional), Processador de Textos, Planilha de Cálculo, Software de Apresentação, entre outros.

2ª - Capacitação Metodológica (oportunizada para os professores e coordenadores selecionados na 1ª etapa): compreendeu 32 (trinta e duas) horas; os professores tiveram contato com Técnicas Pedagógicas Aplicadas ao Ensino de Informática para crianças e adolescentes, Softwares Educativos e Metodologias da Informática Educativa por Projetos. Aprenderam a integrar a informática no processo ensino-aprendizagem, a fim de utilizar o computador didaticamente. Esta etapa foi fundamental para o sucesso do trabalho integrado entre laboratório de Informática Educativa e sala de aula. Este módulo integrou os conhecimentos adquiridos no anterior.

A capacitação dos professores teve um total de 72 (setenta e duas) horas/aula e foram ministradas em turnos de 04 (quatro) horas por dia, no horário de trabalho do professor. As datas, horários e local foram acordados entre a Secretaria Municipal da Educação e as escolas envolvidas.

Para cada escola é disponibilizado um professor capacitado nas duas etapas mencionadas anteriormente, que assume as aulas no Laboratório de Informática Educativa. Cada turma da escola tem uma aula semanal que acontece fora do dia de permanência da mesma; a duração desta deve ser, no mínimo, de 50 (cinquenta) minutos e de, no máximo, 1 (uma) hora e 20 (vinte) minutos; a turma deve ser acompanhada pelo regente da classe.

A partir do ano de 2010 o Projeto de Informática Educativa foi estendido aos alunos e professores da Educação de Jovens e Adultos – Fase I. Nesse caso quem direciona o trabalho com os alunos é o professor regente.

Mensalmente acontecem assessoramentos com os professores facilitadores, os professores da Educação de Jovens e Adultos-Fase I, pedagogas da empresa que presta consultoria e com a coordenadora do projeto da Secretaria Municipal da Educação.

6.1.5 Conteúdos

Os conteúdos são trabalhados através dos projetos interdisciplinares, buscando integração dos currículos às disciplinas acadêmicas e aos anos dos alunos. Isto significa que os planos de aula deverão estar definidos de acordo com os objetivos de aprendizagem da Informática Educativa e os objetivos acadêmicos a serem tratados em cada aula.

Todos os projetos sugeridos têm o objetivo de proporcionar aos alunos e professores uma nova perspectiva e uma abordagem diferenciada sobre os temas propostos, instigando-os e estimulando-os a se relacionarem com o ambiente em que vivem, sendo capazes de observar, analisar, experimentar e conhecer o mundo, resgatando e trabalhando valores por meio das diferentes atividades e encaminhamentos das aulas.

A organização do projeto de Informática Educativa nos laboratórios é anual. É escolhido um tema geral, o qual denomina-se como tema do projeto; o mesmo é dividido em 6 (seis) módulos que têm duração de 5 (cinco) semanas cada um. Ao final deles é realizada uma reunião com as professoras facilitadoras e coordenadoras para avaliação do módulo que acabou e apresentação do que será trabalhado posteriormente. Durante a execução dos módulos a coordenadora do projeto acompanha o trabalho nos laboratórios através de visitas pedagógicas.

Em todos os projetos serão contemplados:

- Conteúdos das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Artes, Educação Física e Ensino Religioso;
- Conteúdos Complementares: Saúde, Meio Ambiente, Ética, Trabalho e Consumo, Cidadania, Pluralidade Cultural, Sexualidade, Educação para o Trânsito, Respeito ao Idoso e Educação Financeira;
- Conteúdos de Língua Estrangeira Moderna Inglês (para alunos dos 3ºs, 4ºs e 5ºs anos, de acordo com a proposta da Coleção adotada no Projeto de Língua Estrangeira Moderna - Inglês).
- Competências e habilidades: capacidade de memorização, atenção e concentração, coordenação motora, percepção visual e auditiva, capacidade de análise e síntese, percepção visual, capacidade de expressar-se facial e corporalmente, acuidade auditiva, desenvolvimento da linguagem oral, capacidade de ler e interpretar imagens, raciocínio lógico, agilidade de raciocínio, seleção e classificação, construção de gráficos, criatividade, sequência lógica, capacidade de ler, analisar e interpretar dados, textos e informações, capacidade de interpretar e sintetizar ideias de material pesquisado, percepção de detalhes, entre outras;
- Valores e atitudes: respeito a si e ao próximo, amizade, solidariedade, autoestima, sensibilidade, individualidade, cooperação, divisão de tarefas, trabalho em grupo, preservação do meio ambiente, valorização e cuidados com o próprio corpo, saber ouvir, atitudes de cidadania, respeito ao portador de necessidades especiais, perceber a importância de melhorar as atitudes próprias em benefício da sociedade e o valor do diálogo, conceito de justiça;
- Conteúdos específicos de informática educacional a serem trabalhados como meio para realização dos projetos interdisciplinares;
- Introdução à informática sem pré-requisitos técnicos, os quais serão abordados desde a estrutura física dos microcomputadores e alguns aplicativos, abrangendo introdução à informática: noções de Hardware e Ambiente Operacional (conceitos Windows e LINUX), introdução aos aplicativos em ambientes Windows e LINUX, processador de texto (Writer), planilha de cálculo (Calc) e software de apresentação (Impress).

6.1.6 Avaliação

A avaliação da aprendizagem é um processo constante. O desempenho nas atividades propostas, a participação, a prática oral ou escrita, enfim, toda a produção do aluno, no ambiente do Laboratório de Informática Educativa e em sala de aula deve ser avaliada.

No projeto de Informática Educativa não se faz necessário um momento específico de avaliação escrita ou oral. O professor (regente e do laboratório - facilitador) poderá criar mecanismos para aferir a produção de seus alunos durante a execução das atividades semanalmente, ou a cada módulo do projeto anual, sendo relevante notar o desempenho, o interesse, a participação, os avanços e dificuldades de cada um em todos os momentos. Portanto, a avaliação será contínua, envolvendo os critérios que o professor considerar relevantes. Como o ritmo de aprendizagem varia de indivíduo para indivíduo, os profissionais envolvidos avaliarão o progresso de seus alunos a cada módulo em relação ao anterior. Com esse diagnóstico nas mãos, o professor facilitador e o professor regente poderão planejar mais adequadamente os próximos módulos, tendo um cuidado especial na seleção das atividades

que serão utilizadas, visando um aproveitamento melhor dos alunos.

No ensino, através da informática, não existe uma hierarquização de saber dentro do contexto. Todos os participantes do processo de ensino-aprendizagem devem ser incentivados a trocar suas experiências com os outros, de maneira a enriquecer o conteúdo do trabalho e a integração entre os demais. A utilização de determinado tipo de tecnologia altera profundamente a natureza do processo educacional e a comunicação entre os participantes desse processo.

A escola tem a sua frente um novo desafio e vasto campo de pesquisa no que diz respeito à utilização das tecnologias no processo ensino-aprendizagem. Esse novo campo, necessariamente interdisciplinar, deve considerar dois componentes: a utilização cada vez maior das tecnologias em nossa sociedade e o redimensionamento do papel do professor. Portanto, a situação professor versus computador não tem mais lugar em nossas escolas. É hora de pensarmos em professor + computador / tecnologias + recursos pedagógicos + livros = professor que age, planeja e integra conhecimentos.

“Como ninguém pode ao mesmo tempo deter um grande renome e uma grande quietude, que cada um tire vantagens do seu tempo onde lhe é dado viver sem precisar denegrir o tempo dos outros”.

(Tácito – Diálogo dos Oradores, séc. I d. C.)

ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA: INGLÊS

6.2 ENSINO DA LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA - INGLÊS

O aprendizado da Língua Inglesa é imprescindível devido à sua importância como instrumento de comunicação universal e meio de integração no mundo atual caracterizado pelo avanço tecnológico, pelo grande intercâmbio entre os povos e conhecimento da cultura dos países que a adotam. Além disso, é indispensável desenvolver capacidades multilinguísticas e multiculturais para que o aluno possa interagir no mundo de hoje, preparando-se para o futuro.

O ensino da Língua Inglesa nas escolas públicas (1º ao 5º ano), justifica-se em grande parte pela dificuldade de que nossos alunos apresentam a partir da (6º ano) do Ensino Fundamental no ensino público, quando geralmente iniciam as aulas de Língua Estrangeira. Segundo neurocientistas, como o renomado Prof. Dr. Harry Chugani, as crianças antes dos 10 anos (em média) têm mais facilidade para aprender línguas estrangeiras, já que têm suporte neuronal para identificar fonemas de todas as línguas. Porém, aos poucos, estas fibras nervosas se não estimuladas se desconectam, sofrendo uma poda neuronal, deixando assim o aprendizado de um idioma estrangeiro mais penoso, apresentando dificuldades crescentes. Daí a necessidade das crianças iniciarem seus estudos de língua estrangeira nesta faixa etária. Pesquisas indicam que na primeira infância a facilidade de aquisição de línguas estrangeiras é até quatro vezes maior do que entre os adultos.

As fibras nervosas capazes de ativar o cérebro têm de ser construídas, e o são, pelos desafios e estímulos a que uma criança é submetida. O cérebro é plástico: quanto mais estimulado, mais ligações neuronais estabelecem-se. Ao aprender outro idioma além de sua língua materna, o indivíduo realiza diversas operações mentais como: associação, pareamento, classificação, memorização, seriação, simbolização, entre outros. Devido aos estímulos que o cérebro recebe, mais neurônios se conectam deixando o indivíduo com o pensamento mais ágil.

Aprender uma segunda língua cria uma alteração no processamento de informações no cérebro do indivíduo deixando o raciocínio mais rápido e preciso. Logo o estudo de um segundo idioma, tem papel importantíssimo na construção do cérebro da criança e não interfere na aprendizagem da língua materna. Além disso, o conhecimento de outro idioma oportuniza ao aluno conhecer outras culturas, o que abre seus horizontes. O contato cultural que a Língua Inglesa pode oferecer, leva o aluno a posicionar-se, reconhecendo a situação geográfica, econômica e cultural de seu próprio país e ainda enxergar as diferenças, aprendendo a respeitar as características de cada cultura, bem como, observar o uso de algumas expressões já usadas no próprio idioma que são de origem estrangeiras.

Hoje, as crianças manipulam com uma incrível habilidade com vídeo games, computadores e CD-ROMS, assistem à TV por assinatura e comunicam-se com pessoas de outros países via Internet, adoram músicas e tentam entender o que seus ídolos falam em inglês. Percebem que este mundo globalizado é na realidade muito vasto e povoado por pessoas diferentes, com culturas diversificadas, e compreendem que existem inúmeras formas de viver e de ver o mundo. Percebem também que na medida, que o mundo se globaliza e as informações difundem-se cada vez mais rapidamente, o poder de comunicação das pessoas torna-se mais necessário e mais abrangente.

Lembramos também que o Inglês, por se tratar de uma língua universal, vem sendo requisitada em todas as áreas: turismo, lazer, economia, trabalho, entre outros. E o nosso aluno, profissional do futuro, deverá estar preparado para ingressar num mercado de trabalho em que poderá competir de igual para igual em uma sociedade e mercado de trabalho que exige indivíduos mais preparados e qualificados.

Por fim, o Projeto de Ensino de Língua Inglesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental propicia um desenvolvimento pleno das competências comunicativas de compreensão e produção oral e escrita bem como o uso da linguagem e capacidade de expressão, visando propiciar ao aluno uma visão interpretativa do mundo mais ampla e desenvolvimento da consciência de seu papel como cidadão.

6.2.1 Objetivos

6.2.1.1 Objetivos Gerais

O trabalho com a Língua Inglesa em escolas públicas tem como objetivo principal propiciar aos alunos fundamentos e oportunidades de buscar o conhecimento da Língua Inglesa de forma significativa.

A proposta sociointeracionista de ensino de Língua Inglesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental está integrada ao currículo, pois esta formação torna-se essencial no contexto atual da era tecnológica e promove o desenvolvimento pleno das potencialidades dos alunos e de sua capacidade de expressão, estimulando atitudes ativas e motivadas por parte do aluno frente a esta oportunidade de aprendizagem.

O objetivo geral do ensino de Língua Estrangeira Moderna-Inglês nesta faixa etária é desenvolver o gosto em aprender a língua e o interesse por conhecer outras culturas e pelo próprio processo de aprendizagem, visando a formação de indivíduos críticos e conscientes de seu papel social.

6.2.1.2 Objetivos específicos

- Fomentar o conhecimento sobre a língua materna, no caso a Língua Portuguesa, por meio de comparações com a Língua Estrangeira;
- Construir significados em outro idioma, habilitando o aluno a usar a língua materna com mais facilidade;
- Conhecer valores de outras culturas desenvolvendo a percepção da própria e promovendo a aceitação das diferenças nos modos de expressão e de comportamento;
- Estimular a identificação de línguas estrangeiras, fazendo o aluno perceber que vive num mundo plurilíngue,
- Proporcionar experiências que levem o aluno a expressar sua maneira de ver o mundo, ampliando a compreensão do seu papel como cidadão global;
- Reconhecer que a aquisição de uma ou mais línguas permite acessar bens culturais da humanidade;
- Valorizar a leitura como fonte de informação e prazer;
- Utilizar habilidades comunicativas a fim de atuar em situações diversas;
- Ser capaz de identificar e analisar criticamente os usos da língua, enquanto instrumento de divulgação de valores;
- Conhecer e respeitar as variedades linguísticas;
- Proporcionar ao aluno a aquisição de um vocabulário básico, entrosado nas estruturas essenciais da Língua Inglesa, através da indução, compreensão e prática;

- Estimular a produção escrita e oral, dando atenção especial à pronúncia;
- Contribuir para o desenvolvimento global das potencialidades do aluno;
- Subsidiar o ingresso dos alunos no 6º ano do Ensino Fundamental, com relação à Língua Inglesa;
- Proporcionar ao aluno a aquisição de um vocabulário básico, articulado às estruturas essenciais da Língua Inglesa, a partir de palavras relacionadas à sua realidade imediata;
- Promover a prática da Língua Inglesa, de forma contextualizada, próxima à realidade e à faixa etária do aluno;
- Estimular a produção oral através de exercícios de listening and oral practice, jogos e dramatizações, dando-se atenção especial à pronúncia;
- Contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências do aluno, por meio de jogos e atividades que estimulem a memória, o raciocínio, a agilidade mental, a observação e a ação, tornando a aprendizagem significativa;
- Praticar funções comunicativas básicas com temas de interesse de sua faixa etária e refletir sobre os temas transversais, relacionados ao conteúdo das unidades;
- Propiciar atividades interativas entre aluno e professor de forma cooperativa;
- Estabelecer uma base para os estudos subsequentes, dando ao aluno mais segurança nas próximas etapas do aprendizado da Língua Inglesa.

6.2.3 Pressuposto Teórico

De acordo com a psicolinguista Emilia Ferreiro “construção implica em reconstrução”, ou seja, tudo o que um indivíduo aprende não ficará estacionado, esse conhecimento virá a tona em qualquer oportunidade para ser aperfeiçoado e transformado, e essa mudança só é possível a partir de atividades interpessoais que levam à reflexão e à internalização.

Para que isso ocorra, a aprendizagem deverá acontecer de forma prazerosa, pelas experiências e projetos e principalmente por atividades interessantes e significativas; entendendo que para ser significativa precisa gerar conhecimento útil para a vida do aluno, de forma que ele possa vir a utilizá-la nas diferentes situações de sua vida.

O mundo futuro será das pessoas que melhor puderem organizar seus conhecimentos adquiridos para serem felizes e terem sucesso na vida. Dessa maneira, o projeto de ensino da Língua Inglesa está organizado a partir da Teoria dos Círculos Concêntricos, que está fundamentado no contato da criança com o mundo social, definido por áreas dos círculos: a família, a escola, a comunidade, natureza, etc. Assim, o referido projeto oferece temas em sequência que possibilitam ao aluno assimilar o conteúdo de forma representativa e ordenada, favorecendo sua aprendizagem.

Princípios Vigotskyanos afirmam que o educando aprende pela interação social. O aluno aprende o idioma através de funções comunicativas. As aulas de inglês oportunizam muito o diálogo e a conversação, pois é assim que aprendemos a nos comunicar: perguntando, respondendo, conversando e interagindo com os colegas. Devemos trabalhar o conceito que estamos ensinando uma língua que hoje é tida como o idioma da globalização e elo de comunicação universal. Entretanto, tem-se como foco principal, estimular o gosto pela língua através de vocabulário e estruturas de língua básicas.

6.2.4 Encaminhamento Metodológico

O trabalho com a Língua Inglesa tem como princípio básico a abordagem comunicativa. Sendo a língua um meio de comunicação entre as pessoas, nessa abordagem trabalha-se com concepções que incluem a gramática apresentada através de funções comunicativas o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem e uma série de objetivos educacionais. Não são apenas as técnicas e procedimentos que devem ser considerados, mas a natureza da aprendizagem e a importância de conteúdos significativos. Pretende-se que esses conteúdos tenham relação com a vida dos estudantes e façam sentido para eles. O aluno deverá estar no processo de ensino-aprendizagem, em contato com assuntos da sua convivência, de seus colegas e do mundo, refletindo e desenvolvendo opiniões e senso crítico. Nesse contexto redefinem-se as funções de discente e docente bem como os objetivos, os conteúdos e as atividades propostas. A sala de aula precisa ser povoada de ideias e descobertas, alunos e professores precisam ter espaço para levantar hipóteses, experimentá-las e torná-las úteis. O reconhecimento será resultado de um processo dinâmico de interação entre o indivíduo e o meio social. Crianças, jovens e adultos aprendem por meio do contato com outras pessoas. Na abordagem comunicativa o material lúdico enriquece as aulas e estimula a participação dos alunos. Nessa perspectiva o ensino dá-se de várias maneiras e com o uso de materiais diversificados. Com o objetivo de enriquecê-lo, a Prefeitura Municipal de Colombo adota materiais que preencham os requisitos básicos necessários ao trabalho com o ensino da Língua Inglesa, de acordo com a metodologia aplicada no município, fundamentada nos pressupostos teóricos citados anteriormente.

As unidades dos livros adotados devem estar organizadas em seções que conduzam o aluno a uma aprendizagem dinâmica e motivadora, são elas:

- Warm Up – Aquecimento que visa motivar o aluno para o tema a ser explorado na unidade;
- Dialog – O diálogo apresenta situações reais de comunicação instrumentando o aluno a comunicar-se através de perguntas e respostas exploradas no texto do diálogo;
- Finding Out – É o momento de apresentar e treinar as estruturas das funções comunicativas fixadas na unidade;
- Word work – São apresentadas palavras comuns às vivências dos alunos, alusivas ao tema da unidade;
- Language Points - Explora-se os aspectos linguísticos e gramaticais da Língua Inglesa;
- Listening and Oral Practice – Exercícios de prática oral, com diferentes abordagens com roteiro gravado em CD;
- Written Practice – Exercícios escritos variados que exploram diferentes habilidades e competências;
- Play and Learn – Exercícios de fixação com abordagem lúdica;
- Reading - Inicia-se o trabalho para o desenvolvimento da habilidade de leitura;
- Extra Activities - Atividades extras preparadas para fixação através de atividades lúdicas;
- Let's Sing and Chant – Música é som e ritmo, com ela trabalha-se a entonação oral, desinibição e memória;
- Cooperative Project – Pensando no aspecto sociointeracional da aprendizagem, além das atividades em dupla ou em pequenos grupos, é proposto ao final de cada unidade, um projeto cooperativo visando desenvolver a habilidade de se trabalhar em grupo e explorar na prática o tema estudado, tornando assim a aprendizagem mais significativa;

- Checking your performance – No final de cada unidade é proposto aos alunos uma autoavaliação: uma reflexão sobre o desempenho nos estudos, participação e atitudes em sala de aula.

A coleção adotada deve conter os seguintes materiais complementares para o aluno (já encartados no livro do aluno):

- Workbook – Atividades extras para fixação da aprendizagem que podem ser utilizadas como lições de casa;
- Glossary – Relação do vocabulário contido no volume;
- Mini cards – Um conjunto de cartões com ilustrações e outro conjunto com palavras escritas que possibilitam ao aluno realizar uma grande quantidade de jogos;
- Stickers – Adesivos para serem utilizados nos exercícios de vocabulário;
- Trilha – Prancha com um jogo de trilha para os alunos jogarem em grupo, explorando vocabulário específico do jogo;
- Reader – Um livro paradidático interativo, com histórias sobre alguns dos temas estudados dentro de cada estágio para desenvolver o gosto da leitura.

O material adotado deve possibilitar objetos digitais de apoio na internet através do site. Para professores (planos, avaliações, projetos, links, textos de apoio, entre outros) e para alunos (lições com animação e áudio, cards eletrônicos, jogos, canções, entre outros).

Todo esse trabalho é desenvolvido em aulas semanais de 50 minutos no mínimo e o máximo 1h e 10 min, quando o professor (que é itinerante) vai até a escola para ministrar as aulas de Língua Inglesa nas turmas dos 3ºs, 4ºs e 5ºs anos do Ensino Fundamental I, no próprio turno do aluno. Também a cada seis semanas os alunos utilizam o espaço do laboratório de informática educativa das escolas para realizar atividades de Língua Inglesa incorporadas no Projeto de Informática Educativa, as quais reforçam os conteúdos trabalhados em sala de aula. É válido ressaltar que, bimestralmente, os professores recebem capacitação específica com as autoras da coleção adotada, bem como têm acompanhamento pedagógico contínuo da coordenadora do Projeto de Língua Estrangeira Moderna - Inglês, designada pela Secretaria Municipal da Educação.

6.2.5 Avaliação

A avaliação da aprendizagem é um processo constante; o desempenho nas atividades propostas, a prática oral ou escrita, enfim, toda a produção do aluno deve ser avaliada.

Nessa fase inicial do aprendizado da Língua Inglesa não se faz necessário um momento específico de avaliação escrita ou oral. O professor poderá criar mecanismos para aferir a produção de seus alunos durante a execução das atividades, sendo relevante notar o desempenho, o interesse e a participação de cada um em todos os momentos.

A avaliação deve ser contínua, envolvendo múltiplos critérios devidamente explicados nos planos de curso. É notório que a aprendizagem varia de indivíduo para indivíduo, sendo assim, os profissionais envolvidos avaliarão o progresso de seus alunos a cada bimestre em relação ao anterior. Com esse diagnóstico em mãos, poderão planejar mais e adequadamente as próximas atividades, objetivando o melhor desempenho por parte dos educandos.

O ensino de Língua Inglesa não é reprovatório e não se exigirá do aluno desempenho mínimo para aprovação. Será emitido boletim especial, sob a forma de conceito, que corresponda ao seu desempenho e progresso nas aulas.

PROJETO: ENSINO RELIGIOSO

6.3 ENSINO RELIGIOSO: CONHECER, RESPEITAR E DESPERTAR O AMOR POR TODAS A CULTURAS

Pensamos demais e sentimos muito pouco. Mais do que máquinas precisamos é de humanidade. Mais do que inteligência, precisamos de bondade e compreensão.

(Charles Chaplin)

O Ensino Religioso nas escolas públicas brasileiras, ao longo dos anos, desenvolveu-se em três fases:

Confessional – Até meados do século XX predominou um Ensino Religioso Católico. Ensinavam-se os dogmas e a doutrina da Igreja Católica e rezava-se em sala de aula as mesmas orações que se aprendiam na catequese. Os conteúdos eram Católicos e os professores eram indicados pela Igreja Católica. Esta fase também foi conhecida no âmbito escolar como “aulas de Religião”.

Ecumênico – No final da década de 60, motivados pelo espírito ecumênico presente em várias Igrejas Cristãs, surge um novo estilo de Ensino Religioso: o ecumênico. Ele deixava de ser uma catequese da Igreja Católica para ser o conteúdo do Cristianismo. Jesus Cristo passava a ser a referência para as aulas. O Ensino Religioso não acentuava as verdades da fé de uma Igreja Cristã, mas os valores e a fé comuns às várias Igrejas Cristãs.

Inter-religião – Nos anos 90, inicia-se um novo jeito de lecionar o Ensino Religioso que deixa de ser um ensino orientado por Igrejas Cristãs para ser assumido por todas as religiões, tradições e organizações religiosas.

Nas escolas, o Ensino Religioso tem sido, nos últimos anos, motivo de acirrado debate, principalmente nas escolas públicas.

Se entenderem religiosidade como uma das dimensões humanas é evidente a necessidade de inserir, também, este aspecto na proposta educacional. Pois a educação pode ser definida das mais diferentes formas, mas em se tratando de seu objetivo final, todas as definições convergem para o desenvolvimento pleno do ser humano na sociedade. É aqui que o Ensino Religioso fundamenta a sua natureza, pois o ser humano para adquirir seu estado de realização integral, necessita da dimensão religiosa.

Conhecer as situações assumidas pelo homem em sua religiosidade, compreender seu universo espiritual é, em suma, fazer avançar o conhecimento geral do ser humano.

O Ensino Religioso, desta forma, busca valorizar o ser humano e ajuda-o a compreender à sua existência a partir da experiência e dos textos sagrados, das diversas religiões e expressões religiosas que estão presentes em todas as culturas e entre todos os povos de todos os tempos. Assumindo diversas formas de devoção, doutrinas e princípios éticos, ele busca o sentido da vida, a ética e a transcendência. Estas têm suas especificidades, mas tem também um patamar comum de moralidade e busca humana, na qual é possível estabelecer um diálogo respeitoso e solidário, aceitando a diversidade, o respeito à cultura, à religiosidade e o jeito de ser de cada pessoa, que são, afinal, a beleza do nosso país.

A Lei nº 9475, de 22/07/1997, que deu nova redação ao artigo 33 da Lei 9394, de 23/12/1996 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional diz que *“O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de Ensino Fundamental assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo”*. Neste contexto, o Ensino Religioso tem como fundamento a **“fenomenologia religiosa”** e instrumentaliza o aluno com o conhecimento do fenômeno religioso, tendo como ponto de partida a realidade sociocultural do mesmo, com enfoque centrado no conhecimento religioso, historicamente produzido e acumulado pela humanidade, sem perder de vista as questões que se relacionam ao aprendizado da convivência baseada em valores éticos.

Entendendo a educação escolar como um processo de desenvolvimento global da consciência e da comunicação entre educador e educando, à escola compete integrar dentro de uma visão de totalidade, os vários níveis de conhecimento: o sensorial, o intuitivo, o afetivo, o racional e o religioso.

Ao buscar um ensino que contemple a formação integral do cidadão não se pode desconsiderar a dimensão de abertura do ser humano à transcendência, nem a importância fundamental do fenômeno religioso na história da humanidade. Portanto, o Ensino Religioso se caracteriza como espaço curricular para reler o fenômeno religioso inerente à pessoa e presente em todas as culturas de todos os tempos e lugares. Um exemplo disto é a religião dos negros africanos em terras brasileiras: através deste ímpeto criativo de sobrevivência, pode-se dizer que a população negra promoveu um processo de africanização de religiões cristãs (LUZ, 2000) e de recriação das religiões de matriz africana. Cabe, portanto, ligar estas experiências ao cotidiano escolar e torná-las conhecidas por todos os envolvidos com o processo de educação.

É neste espaço curricular que se dá a prática da humanidade, do respeito, da bondade, da compreensão e da ternura: elementos essenciais ao convívio social.

A compreensão do Ensino Religioso como área do conhecimento valoriza o pluralismo cultural e religioso presente na sociedade brasileira e, em decorrência, no conjunto da escola e da sala de aula. Esta área do conhecimento não tem como objetivo levar os alunos a se tornarem adeptos de uma ou outra religião, mas sim, despertar o potencial existente em cada um e motivá-los à respeitar as múltiplas maneiras do ser humano relacionar-se com o transcendente. É importante observar que a questão da transcendência sempre esteve e está presente nas mais diferentes comunidades, pois muitas questões existenciais são bastante gerais e surgem em todas as culturas. Embora nem sempre sejam expressas de maneira tão sucinta, elas formam a base de todas as religiões (HELLERN, NOTAKER, GAARDER).

O Ensino Religioso, como uma das áreas do conhecimento, será mais um importante espaço de reflexão e formação, onde o educando fomentará interações de diversas áreas do conhecimento, possibilitando assim uma formação integral. Esta visão de mundo, de pessoa e de forma integrada proporciona a educação em valores e a educação quando feita em valores produz mudança. Quando esta mudança ocorre, experimenta-se o educar para a paz, em que o preconceito e a discriminação são superados para dar lugar à tolerância e ao respeito, valorizando todas as etnias e crenças religiosas.

6.3.1 Objetivos

- Educar para a paz, superando toda a forma de preconceito;
- Formar para o exercício consciente da cidadania e convívio social, com base no respeito às diferenças;
- Conhecer os elementos básicos que compõe o fenômeno religioso, a partir das experiências religiosas percebidas no próprio contexto social.

6.3.2 Metodologia

O Ensino Religioso precisa ser trabalhado de forma dinâmica, permitindo a interação, o diálogo e uma postura reflexiva perante a vida e o fenômeno religioso.

Para favorecer este dinamismo é necessário conhecer a realidade na qual o indivíduo está inserido. Portanto, antes de iniciar o presente projeto em sala de aula, será realizada uma pesquisa de campo para que se possa conhecer a religião das famílias que fazem parte da comunidade escolar.

Após este processo, serão ofertados aos docentes assessoramentos que favorecerão a harmonização, a observação, a reflexão, a informação e o compromisso de vida. São estes elementos que auxiliarão os docentes a oportunizarem aos alunos momentos de aplicação do conhecimento, a fim de estabelecer formas de convivência solidária de atitudes éticas.

Durante os assessoramentos, os docentes participarão de momentos de reflexão sobre questões existenciais que envolvem diferentes culturas e tradições religiosas, além de refletirem sobre a importância das mudanças que precisam ocorrer nos cidadãos por meio da educação para a paz.

Ao favorecer aos docentes um conhecimento sistemático sobre diversas religiões, procura-se desenvolver o respeito à pluralidade cultural, entendendo os costumes, as tradições e os ritos dos diferentes povos.

Estudar as manifestações culturais e religiosas no nosso contexto social e no mundo possibilita a compreensão do que é cultura, o que é fenômeno religioso, a importância e a influência da religião no cotidiano das pessoas e como se estabelecem as relações na convivência de diferentes grupos religiosos, fazendo com que se viva “A mais elevada das religiões: a religião do coração, cujos princípios de vida são: respeito, paz, amor e compaixão por todos os seres.” (BORRES GUIÇOWSKI)

6.3.3 Público-alvo

- Educandos do Ensino Fundamental e da Educação Infantil.

6.3.4 Considerações Finais

É preciso remir as distorções históricas do Ensino Religioso no Brasil, e este processo só acontecerá com a mudança de paradigma em relação à metodologia utilizada nas aulas. É necessário que o educador busque constantemente conhecimento, que compreenda o fenômeno religioso contextualizando-o com acontecimentos do dia a dia do educando. Desta forma educandos e educadores estarão envolvidos em um diálogo de formação para a paz.

PROJETO: EDUCAÇÃO AMBIENTAL

6.4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, na prática e na reflexão da prática.

(Freire, 1991)

A Educação Ambiental (EA) tem sido importante mediadora entre a esfera educacional e o campo ambiental, dialogando com os problemas gerados pela crise ecológica e produzindo reflexões que visam à construção de novas bases de conhecimentos e de valores socioambientais. No campo educacional deve-se considerar uma ação pedagógica que seja eficiente e bem estruturada em consonância com as particularidades físicas, psicológicas e sociais da criança, compreendendo os seus diferentes níveis, do desenvolvimento e no campo ambiental, o meio em que a criança vive.

Tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental, as atividades pedagógicas devem levar o educando a perceber e assumir a responsabilidade em relação à preservação e cuidado com o mundo que o cerca, consolidando esse conhecimento e utilizando-o em toda a sua vida.

Freire (1993), em sua proposta pedagógica, enfatizou a importância de uma educação problematizadora que contribui para o surgimento no indivíduo, de uma visão crítica da totalidade do ambiente onde se insere. Nesta perspectiva, a EA deve ser compreendida como um processo de aprendizagem que valoriza as diferentes formas de conhecimento e forma cidadãos com consciência local e planetária (Jacobi, 2003). Esta educação para a cidadania relaciona-se a um conjunto de condições que possibilitam que as pessoas atuem efetivamente em defesa da qualidade de vida, comprometendo-se pela conquista de direitos e responsabilizando-se pelos deveres em relação a um ambiente sadio e sustentável.

Segundo Barcelos (2009), é papel da escola contribuir para que as crianças, a partir do conhecimento, cresçam na vivência de valores, para que se criem possibilidades de uma vida adulta baseada na solidariedade, na cooperação, na responsabilidade e na honestidade. Esta visão de educação escolar é reafirmada pelos PCN (1997):

[...] A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente na escola é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso é necessário que [...] a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e a aprendizagem de habilidades e procedimentos.”

A Lei nº. 9.795, de 27/04/99, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, define-a como processos por meio dos quais as pessoas constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, enquanto bem de uso comum das populações, que possibilite condições essenciais à sadia qualidade de vida e de sua sustentabilidade. A referida lei incumbe o Poder Público de definir políticas que incorporem a dimensão ambiental nos vários segmentos sociais, promovendo a EA em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente; atribui ainda, às instituições educativas, a promoção da EA

de maneira integrada aos programas educacionais. Dentre os objetivos fundamentais da EA contidos na referida lei, destaca-se:

- O desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos; [...] a garantia de democratização das informações ambientais; [...] o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social; [...] o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania; [...] o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.

São considerados princípios básicos da Educação Ambiental:

I - O enfoque humanista, holístico, democrático e participativo; II - A concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade; III - O pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade; IV - A vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais; V - A garantia de continuidade e permanência do processo educativo; VI - A permanente avaliação crítica do processo educativo; VII - A abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais; VIII - O reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural (Lei 9795/99, artigo 4º).

A aquisição de valores, habilidades, conhecimentos e comportamentos em prol do meio, que proporcionem uma nova forma de relação e atuação do ser humano enquanto parte integrante da natureza, é fator fundamental na busca de ações adequadas à prevenção e resolução dos problemas ambientais. De acordo com Carneiro (2002), a EA como concepção sociopedagógica e prática educativa, “[...] compreende a dinâmica dos direitos humanos relativos às condições de vida, sempre ambientais e implicando problemas concretos, desde os âmbitos locais aos mais amplos”. Nessa perspectiva, a autora destaca a importância da vertente socioambiental, que visa a orientar os currículos escolares e práticas culturais para a sustentabilidade ambiental, sob o foco da “interação sociedade-natureza”.

Segundo Tozoni-Reis (2007), para que a EA possa ser considerada uma educação crítica, transformadora e emancipatória, tem que ser “[...] um processo coletivo, dinâmico e complexo de conscientização e participação para a sustentabilidade, que articule a dimensão teoria e prática, além de ser um processo necessariamente interdisciplinar”. Também para Loureiro (2006), a produção de conhecimentos na área da EA deve ter como compromisso contribuir para que esses processos se tornem ambiental e socialmente significativos; segundo o autor, precisamos compreender que um processo educativo vai além da aquisição de informações e mudança de comportamentos, configurando-se em práxis, problematização e atuação transformadora da realidade, englobando todas as esferas relativas à formação da cultura.

De acordo com a proposta de Diretrizes Nacionais para a EA, elaborado pela Coordenação-Geral de Educação Ambiental do MEC (CGEA/SECAD/MEC- 2007), a EA envolve o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica e participativa, em que cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento do saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras, a partir do meio ambiente natural ou construído, no qual as pessoas se inserem. Para a construção de um presente e um futuro sustentável, sadio e socialmente justo, é necessário que a EA avance na construção de uma

cidadania responsável, estimulando interações mais justas entre os seres humanos e os demais seres que habitam o planeta. Neste documento estão contidas as propostas para a inserção da EA na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental:

- O emprego de recursos pedagógicos que promovam a percepção da interação humana a natureza e cultura, evidenciando aspectos estéticos, éticos, sensoriais e cognitivos em suas múltiplas relações;
- O desenvolvimento de projetos multidisciplinares e interdisciplinares que valorizem a dimensão positiva da relação dos seres humanos com a natureza, valorizando ainda a diversidade dos seres vivos das diferentes culturas locais, da tradição oral, entre outras;
- A promoção do cuidado para com as diversas formas de vida, do respeito às pessoas e sociedades, e do desenvolvimento da cidadania ambiental.

Para a Educação Básica não se pretende a inclusão desta temática transversal como “disciplina curricular” (até mesmo porque o artigo 10, §1º, da Lei 9.795/99 não autoriza este tipo de inserção); o que se pretende é fortalecer a sua característica interdisciplinar, para que a EA possa continuar perpassando e avançando nas modalidades educativas, respeitando-se sempre a liberdade da comunidade escolar para construir o conteúdo pedagógico a ser desenvolvido.

Na linha de uma Educação Ambiental para a sustentabilidade, Carneiro (1999) destaca alguns aspectos básicos na reorientação do currículo escolar para a inserção da dimensão ambiental nas séries/anos iniciais do Ensino Fundamental:

- Quanto a objetivos da própria instituição escolar e objetivos orientadores do processo de realização da dimensão ambiental, compreendendo os âmbitos cognitivo (habilidades de pensamento), ético-axiológico (formação de atitudes) e de atividades (capacitação prática);
- Quanto a um enfoque de conteúdos, envolvendo a contribuição de todas as áreas curriculares e na perspectiva de interações ambientais, desde as dinâmicas da natureza, passando pelas relações sociedade-natureza e chegando às dinâmicas de sustentabilidade;
- Quanto ao tratamento didático dos conteúdos programáticos, configurando orientações de progressão gradual e articulada da compreensão de meio ambiente, no contexto das experiências de vida dos alunos;
- Quanto a procedimentos de ensino e recursos, com acento sobre o princípio da pluralidade da orientação metodológica, mas valorizando alternativas mais apropriadas a uma capacitação inicial dos alunos em termos de gestão do meio (trabalhos de campo, simulações, jogos, dramatização e projetos-tarefa);
- Quanto à avaliação posta numa orientação pela qualidade do processo educativo escolar global, em perspectiva diagnóstica e integrada aos objetivos, conteúdos, procedimentos e meios e aos resultados (mudanças de condutas e modificações verificáveis nos meios escolar e familiar-comunitário).

A EA no ensino formal deverá considerar estratégias de ensino, como pesquisas e diagnósticos ambientais, que enfoquem a realidade em que a escola está inserida e sua articulação com as questões ambientais globais. Nessa perspectiva, os diversos conteúdos devem ser trabalhados de forma integrada, coerentes com a percepção dos alunos, em atividades intra e extra-classe, envolvendo a comunidade escolar e as comunidades do seu entorno. Observam-se ainda, como referência, os Parâmetros Curriculares Nacionais, com conteúdos comuns a todos os blocos:

- Estar atento e crítico com relação ao consumismo;
- Valorizar e proteger as diferentes formas de vida;

- Valorizar e cultivar atitudes de proteção e conservação dos ambientes e da diversidade biológica e sociocultural;
- Zelar pelos direitos próprios e alheios a um ambiente cuidado, limpo e saudável na escola, em casa e na comunidade;
- Cumprir as responsabilidades de cidadão com relação ao meio ambiente;
- Repudiar o desperdício em suas diferentes formas;
- Apreciar os aspectos estéticos da natureza, incluindo os produtos da cultura humana;
- Participar em atividades relacionadas à melhoria das condições ambientais da escola e da comunidade local.

Diante do exposto, observa-se a necessidade de assegurar que a EA seja parte integrante do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, enquanto projeto coletivo de toda a comunidade escolar, garantindo a participação dos conselhos, colegiados, associações de pais e comunidade em geral, pois além de ser um processo educativo, a EA tem como filosofia a participação democrática, o diálogo e o respeito com o indivíduo e com a coletividade. As escolas deverão introduzir o tema Meio Ambiente em suas propostas curriculares, com conteúdos voltados para sua realidade local, e a introdução deste tema transversal no currículo deverá explorar os conteúdos das disciplinas, estimulando o aluno a perceber a realidade como cenário de aprendizagem e construção de conhecimento.

Nesta perspectiva, reafirma-se a importância de reforçar as parcerias existentes no município de Colombo: Secretaria de Meio Ambiente, SENAR, SANEPAR, entre outras, como empresas públicas e privadas, universidades e organizações não governamentais, com a finalidade de apoiar e fortalecer os projetos encaminhados pelas escolas colombenses (públicas ou particulares) bem como as iniciativas e experiências locais e regionais, incluindo a produção de material educativo. Por meio destas parcerias acontecem os programas ambientais: Programa Agrinho, Programa Óleo Ecológico, Programa Energia Positiva, Programa Cidadão Ambiental Mirim e as campanhas para a coleta de resíduos eletrônicos.

O Agrinho é um programa de responsabilidade social do sistema FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná, em parceria com o SENAR-PR, secretarias estaduais e outras instituições públicas e privadas. É desenvolvido em todos os municípios paranaenses que aderem ao programa e tem uma proposta pedagógica baseada na interdisciplinaridade e na pedagogia da pesquisa. Trabalha as temáticas de relevância social da contemporaneidade dentro dos currículos escolares, com material didático para professores e alunos do 1ª ao 9ª ano do Ensino Fundamental. O material do professor, composto de 02 livros: livro 1 – Alguns Fios para Entretecer o Pensar e o Agir, com as temáticas propostas; livro 2 – Algumas Vias para Entretecer o Pensar e o Agir, com sugestões de metodologias e técnicas foi distribuído numa única edição, em 2006 (disponível no site do Senar-PR); o material do aluno, distribuído anualmente, é composto de uma publicação com conteúdos sobre meio ambiente, cidadania, saúde, cultura e história, específica para cada um dos anos trabalhados. O Concurso Agrinho, com edição anual, premia alunos, professores e municípios que trabalharam com o material do programa, nas categorias redação, desenho, experiências pedagógicas e Município Agrinho.

O programa Energia Positiva se encarrega do recolhimento e destinação adequada às pilhas e baterias usadas; este material é coletado pelas escolas e CMEIs e recolhido pela Secretaria de Meio Ambiente para a destinação final, por meio da logística reversa: as pilhas separadas por marca são devolvidas à indústria e as que não possuem identificação são enviadas para a reciclagem.

O programa Óleo Ecológico, em parceria com a empresa Ambiental Santos, faz a reciclagem do óleo de cozinha usado; as escolas e Cmeis cadastrados no programa recolhem o

material e encaminham para a empresa, recebendo como bonificação materiais de limpeza; na fábrica, o material passa por um processo de purificação, sendo reutilizado na indústria agro-química;

O programa Cidadão Ambiental Mirim, de responsabilidade da equipe de Educação Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente de Colombo, foi iniciado em 2010 (projeto piloto) em 03 escolas municipais. Tem por objetivos: conscientizar professores e alunos para o exercício da cidadania ambiental, por meio de dinâmicas de sensibilização e práticas educativas e instrumentar as crianças para o entendimento das questões ambientais e formação de atitudes de cooperação, responsabilidade e solidariedade em relação às formas de vida existentes no planeta.

Além destes programas, a Secretaria de Meio Ambiente é responsável pela Coleta Seletiva (materiais recicláveis) ampliada para todos os bairros de Colombo e mantém no Viveiro Municipal de Colombo a produção de mudas nativas de árvores e de flores perenes, bem como a equipe técnica, constituída por professores, biólogos e engenheiro florestal, que orientam e colaboram com as escolas e CMEIs em diferentes atividades, por meio de materiais informativos, palestras, visitas e outras ações organizadas em conjunto.

Desta maneira, os projetos pedagógicos elaborados coletivamente entre as escolas e outras instituições da comunidade se constituem estratégias importantes na busca por uma educação que prepare para uma nova relação sociedade-natureza; são elos de ligação da escola com políticas públicas de educação e com os anseios da comunidade, contribuindo para a formação de um aluno cidadão, capaz de refletir e agir sobre a sua realidade de vida. Sob este foco, Demo (2007) afirma que “[...] saber pensar e intervir juntos é o grande desafio da hora e do futuro, já que, quer queiramos ou não, o planeta é a nossa morada coletiva e o bem comum precisa prevalecer”.

INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS CURRÍCULOS ESCOLARES: O QUE DIZ A LEI
Fonte: Educação Ambiental / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Coordenação de Desafios Educacionais Contemporâneos. – Curitiba: SEED – PR., 2008. - 112 p. (Cadernos Temáticos da Diversidade, 1).
Código Florestal (1965) - A EA surge implicitamente em textos legais, mesmo anteriores à Conferência das Nações Unidas pelo Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo em 1972. Como exemplo, pode-se citar o Código Florestal instituído pela Lei 4771 de 1965, que estabelece no artigo 43 a semana florestal a ser comemorada obrigatoriamente nas escolas e outros estabelecimentos públicos. Acredita-se que a EA desenvolvida dessa maneira gera poucos resultados, quando não nulos, ficando restrita aos estabelecimentos de ensino básico, sem envolvimento da comunidade e ou participação das instituições de ensino superior. Além disso, há uma grande abordagem do meio ambiente natural e os seus aspectos biológicos, ficando muito distante do tratamento socioambiental preconizada pelas conferências ocorridas na segunda metade do século XX e acatada pela atual legislação brasileira.
Política Nacional de Meio Ambiente (1981) - Explicitamente, a EA surge pela primeira vez na legislação de modo integrado no Art. 2º, inciso X, da Lei 6938 de 1981 que instituiu a Política Nacional de Meio Ambiente.

Constituição Federal (1988) O Capítulo VI, dedicado ao meio ambiente, incorporou, quase na íntegra, o texto da Política Nacional de Meio Ambiente. Assim, de acordo com a Constituição atual, todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

(Art. 225, caput). Para assegurar a efetividade desse direito incumbe ao Poder Público promover a EA em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente (§ 1º, inciso VI). A EA tornou-se assim um dever do Estado.

Constituição do Estado do Paraná (1989) – Para atender a Constituição Federal, estabeleceu disposições específicas sobre o meio ambiente, contemplando a EA no Capítulo V, Artigo 207, Parágrafo 1º, item X. Nesse documento, o Poder Público é responsabilizado em “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”.

Agenda 21 (1992) – Foi criada na Rio 92, como um programa de ações recomendado para todos os países nas suas diversas instâncias e setores para colocarem em prática na última década do século 20 e ao longo de todo século 21. Este documento trata, no capítulo 36, especificamente da educação e propõe um esforço global para “conferir consciência ambiental e ética, valores e atitudes, técnicas e comportamentos em consonância com o desenvolvimento sustentável e que favoreçam a participação pública efetiva nas tomadas de decisão” (BRASIL, 2002).

Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997) – Trazem a Educação Ambiental como um dos Temas Transversais, dando indicações de como incorporar a dimensão ambiental nos currículos do ensino fundamental. Tais orientações, no entanto, ofereceram diferentes entendimentos e a EA acabou sendo desenvolvida, em sua maioria, na forma de projetos pontuais.

Lei 9795/99 e Decreto 4281/02 – Como um avanço dessas discussões, quase 11 anos após a Constituição de 1988, foi promulgada a Lei Federal 9795/99, para instituir a Política Nacional de EA. No entanto, a regulamentação da mesma ocorreu somente em 2002, por meio do Decreto 4281/02. Esta legislação acolheu muitas ideias apontadas nas diversas conferências internacionais, outorgando à EA um caráter social decorrente das propostas de desenvolvimento sustentável. Assim, tornar efetiva a EA em todos os níveis e modalidades se constitui um imperativo não só diante da atual legislação, mas diante da necessidade de dar soluções adequadas aos graves problemas que afetam o planeta.

Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental – Encontra-se no Conselho Nacional de Educação, em análise, esta proposta conjunta dos gestores federais da Educação Ambiental (Ministério da Educação e Ministério do Meio Ambiente). Esses documentos apresentam indicativos para que as questões ambientais sejam inseridas no currículo escolar. É importante que você, professor, tome conhecimento dos mesmos e busque trazê-los, de acordo com as possibilidades, para sua prática cotidiana. Propõe-se que as questões ambientais sejam inseridas, na medida do possível, nas disciplinas curriculares, permeando os conteúdos específicos.

PROJETO: TURISMO

6.5 EDUCAÇÃO PARA O TURISMO

Há 10 anos, no dia 5 de Fevereiro de 1999, foi implantado no município de Colombo o Circuito Italiano de Turismo Rural, colocando o município entre os roteiros turísticos do Paraná.

O projeto é pioneiro no estado. Nasceu com 13 empreendimentos e hoje conta com 54, gerando mais de 500 empregos diretos.

Em 2005, lançamos e executamos a primeira edição do projeto “Educação para o Turismo”.

Este tem como objetivo principal desenvolver e despertar a prática do turismo no município, através de conscientização dos alunos da rede municipal de ensino, mostrando o potencial e atrativos turísticos de nossa cidade, importância da atividade turística na geração de empregos e renda, preservação do meio ambiente, cultura local e valorização do cidadão.

O Projeto “Educação para o Turismo” tem sido importante instrumento para auxiliar na consolidação da atividade turística no município e também um agente consciente da população local sendo executado pela Secretaria Municipal de Turismo (SETUR) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes (SEDEC).

O Projeto atende alunos de 3º ou 4º anos, a critério da escola. Foi observado melhor aproveitamento em alunos que estão estudando a história do município.

6.5.1 Objetivo Geral

Este projeto tem como objetivo geral conscientizar as crianças do município sobre a importância do turismo enquanto uma atividade de fomento, envolver as atividades locais e principalmente valorizar a cidade onde vive, conhecendo seus atrativos e sua história.

6.5.1.1 Objetivos Específicos

- Difundir o conhecimento sobre o conceito de turismo;
- Conscientizar sobre a importância socioeconômica e cultural do turismo, enfatizando os benefícios para a comunidade, empresários e poder público;
- Mostrar que turismo é uma atividade de grande diversidade de trabalho, geradora de emprego e renda;
- Atenuar para o papel da comunidade no desenvolvimento da atividade.

6.5.2 Público-alvo

Alunos das escolas municipais de Colombo (3º e 4º anos), conforme determinação da escola. Estas escolas participarão do projeto por adesão, conforme a quantidade de dias para possíveis atendimentos. Será estipulado um número de escolas que deverão realizar suas inscrições na Secretaria Municipal de Turismo. Um ofício com o prazo para inscrição e detalhes do decorrente projeto será enviado a todas as escolas.

6.5.3 Periodicidade

Um encontro anual nas escolas para trabalhos teóricos com os alunos e uma saída técnica para trabalhos práticos, além de atividades complementares de educação voltadas ao turismo.

6.5.4 Período de Funcionamento

Março a outubro do ano vigente.

6.5.5 Pessoas Envolvidas

Professores, Secretaria Municipal de Turismo (SETUR) e Equipe pedagógica (SEDEC).

6.5.6 Parcerias

Para a implantação do projeto será firmada uma parceria entre Secretaria Municipal de Turismo e Secretaria de Educação, Cultura e Esporte e empreendedores do Circuito Italiano de Turismo Rural.

6.5.7 Definição de Atividades

Para melhor aproveitamento do trabalho, ele será dividido em quatro etapas, atividades teóricas, atividades práticas, concurso de redação, exposição e premiação .

6.5.7.1 Atividades teóricas

Inicialmente serão desenvolvidas palestras sobre o turismo com assuntos que abordam o conceito básico e os benefícios do turismo para a região, com duração aproximadamente de 60 minutos, sendo organizado da seguinte forma:

O que é Turismo?

Em um primeiro momento será trabalhado o conceito básico do turismo, evidenciando o município, a sua vocação e o seu potencial turístico. Neste momento abre-se espaço para trabalhar questões ambientais, socioeconômicas e culturais.

Os Benefícios do Turismo

O turismo rural por ocorrer em áreas naturais e as questões ambientais serão profundamente abordadas.

As questões de geração de renda serão sucintas, voltadas para a arrecadação de impostos, geração de empregos, melhoria na infraestrutura do município e a oportunidade de negócios.

Outro ponto a ser abordado é a relação e a integração dos povos e suas culturas, em que a valorização da cultura local e o respeito as outras culturas serão trabalhadas e estarão em evidência durante todo o processo.

6.5.7.2 Atividades práticas

Além da atividade teórica, os alunos farão um tour pelo Circuito Italiano, para que eles possam contemplar as belezas e vivenciar o turismo no município, com duração de aproximadamente 3 horas sendo organizado da seguinte forma:

6.5.7.3 Atividades recreativas

No decorrer das palestras serão realizadas atividades de integração com os alunos, para que estes possam voltar suas atenções ao que se está apresentando, de modo que esta apresentação torne-se dinâmica.

6.5.8 A valorização e respeito ao turista

A questão da boa recepção do turista: fornecer corretamente informação e zelar pela sinalização.

6.5.9 Sinalização

Mostrará aos alunos a importância da sinalização para orientação dos turistas, educando-os para a preservação da sinalização implantadas na região.

6.5.10 Concurso de Redação

Nesta etapa, as turmas irão elaborar uma redação com relação ao que se foi dito durante as palestras a respeito do turismo e do Circuito Italiano de Turismo Rural de Colombo. Em seguida, será feita uma nova visita as escolas para o recolhimento das redações.

6.5.10.1 Premiação e exposição

Prevista para o mês de outubro a premiação, podendo ocorrer alterações. A turma que elaborar a melhor redação ganhará um prêmio a definir.

6.5.11 Material de Apoio

O projeto visa atingir as escolas do município, em que os alunos beneficiados serão os de ensino fundamental (3ª e 4ª série). Para melhor desenvolvimento e atenção das ideias que serão apresentadas, um material gráfico será elaborado, para que os alunos vivenciem os assuntos abordados nos tópicos anteriores, e assim aprenderão da forma mais gostosa: brincando!

6.5.12 Considerações Finais

Consolidado como destino no roteiro turístico do Paraná, O Circuito Italiano de Turismo Rural, bem como a atividade turística deve envolver a comunidade. Sob a ótica que a comunidade autóctone (local) pode ser a principal beneficiada com a atividade, já que esta (a atividade) é uma fonte geradora de divisas.

A comunidade local tem um papel importante no desenvolvimento do turismo, isto significa ir além de tratar bem o turista ou preservar equipamentos. Na realidade é vislumbrar o turismo como uma oportunidade, fomentando a cadeia produtiva, gerando negócios e consequentemente, renda para o município.

Como salientado anteriormente, o Projeto “Educação para o Turismo” traz todos esses ingredientes, pois o projeto tem a proposta de ser um instrumento para auxiliar nessa consolidação do turismo e também ser um agente de conscientização para as diversas questões que envolvem a atividade.

Portanto, com este projeto, espera-se aproximar e envolver a comunidade nas questões ligada à atividade e consequentemente que a mesma de sua importante contribuição, no sentido de desenvolver a atividade gerando riqueza para o município.

PROJETO: CINEMA PARA TODOS

6.6 CINEMA PARA TODOS

“O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonhos.”

(Oscar Levant)

Almejando um ensino que contemple a formação integral do cidadão, não se pode deixar de lado a cultura, a arte e a ludicidade como forma de sistematizar o conhecimento, bem como aproximar a linguagem artística específica do cinema aos alunos da educação infantil e ensino fundamental.

O cinema, como mídia educativa, pode ser compreendido a partir de diversas dimensões como estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas, podendo ser aplicados como suportes de ensino através da utilização de ferramenta encantadora e com objetivo temático de educar com o cinema e sobre o cinema.

O Projeto Cinema para Todos viabiliza uma aprendizagem de forma lúdica e disponibiliza um recurso pedagógico a mais no auxílio a alunos e professores, de forma mágica e surpreendente.

6.6.1 Objetivos

- Exercer um efeito mágico e encantado sobre as pessoas, devido seu alto poder de sedução;
- Possibilitar a visualização do que se quer estudar, envolvendo olhos e ouvidos (aprende-se ouvindo, mais ainda vendo) e canais de aprendizagem;
- Auxiliar a criança da Educação Infantil e Ensino Fundamental a desenvolver seu senso crítico;
- Possibilitar um novo relacionamento entre educadores e educandos, colocando-os como aprendizes e leitores da mesma realidade ao mesmo tempo;
- Favorece a interdisciplinaridade: com o mesmo filme há possibilidade de aprofundar conhecimento de história, geografia, ciências, matemática, língua portuguesa, educação artística, religiosa, entre outras;
- Oportunizar aos educandos e educadores de comentar, comparar, discordar e interpretar o filme (na escola, o professor estuda com os alunos o conteúdo do filme retomando-o em suas aulas).

6.6.2 Público-alvo

Educadores e Educandos da Educação Infantil e Ensino Fundamental das Escolas e CMEIs Municipais.

6.6.3 Encaminhamento Metodológico

Exploração Interdisciplinar - Vários professores da mesma série vêem o filme e nas permanências elaboram um plano de trabalho explorando os conteúdos das diferentes disciplinas.

Análise do filme através da oralidade e/ou escrita:

Qual é o gênero do filme (comédia, drama, romance, etc.)? Por quê? Quais cenas caracterizam esse gênero?

Que relação tem o nome do filme com o enredo? Que outro nome você daria a esse mesmo filme? Por quê?

Qual é a ideia central, ou seja, que mensagem o filme pretende transmitir? E que relação tem essa mensagem com a nossa realidade? Dê exemplos.

Quem são os personagens principais e secundários? Fale ou escreva sobre as características pessoais de cada um.

Análise as mudanças de comportamento dos personagens no decorrer do filme e as possíveis causas dessas mudanças. (Levantar as situações de conflito observadas e as estratégias utilizadas para resolvê-las, relacioná-las, na medida do possível, com a vida real).

O cenário onde se passa a história e a relação deste com o contexto do filme.

Época em que acontecem os fatos, destacando os valores presentes na mesma e a relação destes com os valores atuais.

Análise os diferentes momentos transmitidos: tristes, alegres, engraçados, polêmicos, comoventes, dramáticos. Escreva o momento que mais lhe chamou atenção e o porquê.

- Proporcionar um debate (mesa redonda) sobre as ideias principais do filme;
- Montar painel com gravuras que representem o filme assistido (recorte e colagem), individual ou coletivo;
- Produzir um texto com o final diferente (alterar o desfecho da história, segundo a vontade da criança);
- Produzir um texto retomando o proposto – individual ou coletivo;
- Pesquisar na vida real as situações semelhantes ao filme através de relatos, reportagens de jornais, revistas e outros (leitura e discussão);
- Reproduzir por escrito, dramatizando, cantando ou ainda em forma de dança, pequenos diálogos apresentados no filme (produção escrita: discurso direto ou indireto);
- Criar história em quadrinhos, utilizando desenhos e escrita;
- Reproduzir texto em duplas, em que cada participante escreve um pedaço da história com ajuda do colega (cena, parágrafo);
- Ponto Culminante: exposição dos trabalhos realizados a partir do filme assistido, para que a comunidade como um todo possa ver parte do que é produzido nas escolas.

6.6.4 Considerações finais

Desenvolver propostas pedagógicas envolvendo a linguagem cinematográfica é proporcionar aos educadores e educandos novas possibilidades de conhecimento, ampliando as habilidades para trabalhar com as demandas colocadas pela sociedade.

PROJETO: FEIRA DO CONHECIMENTO

6.7 FEIRA DO CONHECIMENTO

A Feira do Conhecimento é o momento de culminância dos projetos desenvolvidos durante um determinado período. Neste momento, os educandos e educadores irão desencadeando conhecimento que advém das curiosidades que surgirão tanto espontaneamente, como por indução, provocando a pesquisa e a resolução de problemas.

A feira tem como objetivo unir todos os trabalhos até então realizados, os quais foram produzidos a partir de temas escolhidos pelos educadores de cada unidade escolar. Esses trabalhos ficam expostos, oportunizando a visita não somente pelas crianças, mas também de toda a comunidade local que participa de forma intensa e colaborativa.

Nesta feira, o principal destaque é a criança e suas produções, pois é neste momento que se vê concretizado parte de seu aprendizado e, é ela mesma, quem explica e reproduz o conhecimento adquirido.

A feira abre espaço também para apresentações como:

- Teatros;
- Danças;
- Declamações;
- Oficinas;
- Cantos;
- Mostra de trabalhos.

PROJETO: ENCONTRO DE PAIS

6.8 ENCONTRO DE PAIS

A família é a célula da sociedade. É nela que a criança aprende a viver em sociedade, percebendo-se como interdependente em suas relações iniciais que marcarão profundamente sua vida biopsicossocial.

Na família aprendem-se verdades eternas, vivem-se os valores mais elevados e ganha-se identidade como herança. Se os filhos têm sua identidade alicerçada em uma relação em que valores humanos são fundamentais, buscarão conviver com aqueles que cultivam valores semelhantes aos deles.

Sendo a família lugar de desenvolvimento humano, torna-se essencial que nela ocorra o exercício de valores. Para que esse exercício aconteça de forma efetiva, os pais ou adultos responsáveis pela educação das crianças e jovens devem ter a clareza de que os valores servem como orientação para a maneira como conduzimos nossas vidas e fazemos nossas escolhas. Esses valores são caracterizados como qualidades que identificam o homem, pois se revelam diariamente em suas ações.

Exercitar na família valores como dignidade, liberdade, responsabilidade, solidariedade, justiça, criatividade, entre tantos outros, vai modelando atitudes que refletem amizade, bondade, compreensão, cortesia, fortaleza, fidelidade, confiança, generosidade, lealdade, paciência, perseverança, reconhecimento, respeito, simplicidade, sinceridade, esperança e sociabilidade, na história dos filhos.

“Favorecer a formação dos pais para que desenvolvam estratégias positivas com seus filhos é de um enorme valor pedagógico. Se a comunicação dos pais com os filhos, a organização do tempo em casa, o acompanhamento das tarefas escolares e o estabelecimento de normas claras contribuem na aprendizagem escolar, estas não devem esquecer a possível influência que podem ter neste âmbito. Para consegui-lo deveria existir um planejamento cuidadoso sobre como informar, compartilhar e colaborar com os pais em sua relação educadora.”

(MARCHESI, 2006)

A finalidade dessa iniciativa não é informar os pais sobre como vão os filhos na escola ou que problemas podem ter, o que também é importante, mas, orientar os pais para que tenham um papel mais ativo, assumam suas responsabilidades e tenham o conhecimento para atuar com eficiência.

A escola, ainda que não possa mudar objetivamente a realidade dos lares, pode influenciar sobre eles e não deve eximir-se desse papel de auxiliar os pais a gerenciar mudanças positivas na relação pais e filhos.

6.8.1 Objetivos

- Fornecer formação para os pais para que desenvolvam estratégias positivas com seus filhos;
- Orientar os pais na tarefa de educar os filhos, incentivando laços familiares e fortalecendo-os para que todos possam melhor enfrentar os desafios de hoje;
- Conscientizar os pais da importância de se envolverem no desenvolvimento acadêmico e na formação do caráter de seus filhos;
- Refletir sobre sua responsabilidade dentro do núcleo familiar.

6.8.2 Encaminhamento Metodológico

A programação desenvolvida neste projeto “Encontro de Pais” conta com capacitação de multiplicadores, que são ofertadas em quatro momentos, totalizando 32 horas de formação. A formação dos multiplicadores tem como propósito oferecer palestras, vídeos educativos, estudos dirigidos, trocas de experiências e dinâmicas de grupo, para instrumentalizar o multiplicador visando um trabalho de qualidade.

PROJETO: PROERD

6.9 PROERD: PREVENÇÃO AO USO DE DROGAS

“Se a escola não tomar nenhuma atitude, todos perdem: a família, a escola, o aluno, e a sociedade. Vence a droga, que assim ultrapassa a terceira barreira, aquela que poderia conter a destruição da pessoa pelo vício. A segunda foi a família, e a primeira, o usuário. Por isso, a escola tem de ser clara e honestamente firme.”

(Tiba, 1994, p. 59)

A escola não apenas trabalha com os conhecimentos acumulados pela humanidade inserindo a todos num mundo letrado, ela também responde pelas necessidades emergentes de uma sociedade globalizada em constante transformação. O contexto atual onde nossos alunos vivem, é bem diferente ao de seus pais, com família estruturada, a mãe com tempo de cuidar, educar os filhos, valores e limites que asseguravam a criança segurança.

Hoje a família tem outras necessidades e a presença dos pais e/ou familiares é cada vez menor pela própria necessidade do trabalho. Sendo assim, a escola precisou abrir espaço colaborando na formação das crianças. Não diminuindo e nem substituindo o papel dos pais. As crianças passam muito tempo sozinhas assistindo a tudo o que os meios de comunicação transmitem ou na rua em companhia de pessoas que não conhecem, a margem de pessoas que não tem estrutura e desequilíbrio ou, apenas pensam em ganhos fáceis independente de estar induzindo na mais tenra idade ao vício da droga.

O Sistema Educacional preocupado com a proporção e dimensão que as drogas envolvem nossos jovens, busca um programa de prevenção. Conforme recomendação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, do MEC, que além de garantir aos alunos recebam informações corretas e não preconceituosas, deve contemplar a vertente emocional da questão. Para tanto, é essencial a abertura de diferentes canais de participação dos alunos em múltiplas atividades desenvolvidas pela escola.

Sendo assim, a Secretaria de Educação, em parceria com a Polícia Militar, desenvolvem no município de Colombo um programa de prevenção ao uso das drogas, o PROERD (Programa Educacional de Resistência as Drogas e a Violência). Esse programa é a versão brasileira do programa estadunidense Drug Abuse Resistensce Education – D.A.R.E. surgido em 1983. no Brasil, o programa foi implantado em 1992 e hoje conta com 03 cursos. Proerd 5º e 6º ano do Ensino Fundamental e Curso Proerd para Pais. O programa consiste em uma ação conjunta entre o Policial Militar devidamente capacitado, chamado policial Proerd, professores, especialistas,, estudantes, pais e comunidade.

Visando atitudes e um posicionamento claro diante deste grande problema, voltados para a busca de um indivíduo e de uma sociedade com saúde e tocando numa questão fundamental, que é a conscientização crítica dos riscos da dependência, contribuindo assim para o fortalecimento da cultura da paz e a construção de uma sociedade mais saudável e feliz.

O programa PROERD é uma ação preventiva que visa a resistência do jovem ao uso das drogas colaborando com a família e a escola e possibilitando aos jovens atuar de maneira consciente aos desafios que encontram. O PROERD aposta no diálogo e estimula a ação de liderança positiva para um futuro longe das drogas e da violência.

6.9.1 Objetivos

- Desenvolver o senso crítico quanto ao uso de droga;
- Motivar os alunos a tomarem decisões responsáveis, contribuindo para a construção de um mundo melhor;
- Prevenir e reduzir o uso indevido de drogas;
- Reconhecer e resistir às pressões que podem influenciar a experimentar as drogas.

6.9.2 Encaminhamento Metodológico

O Programa PROERD tem a duração de um semestre, sendo o Policial Proerd quem ministra as aulas. Durante os encontros são abordados de maneira dinâmica e lúdica temas que enfatizam valores, escolhas, atuações e análises de propostas para colaborar com o jovem na sua tomada de decisão.

As lições tem como temas:

Lição 1 - Propósitos e visão geral do Proerd - Modelo de tomada de decisões tomando decisões saudáveis- Treinado o modelo de tomadas de decisões Proerd;

Lição 2 - O cigarro e você - O que você acha? - Fatos sobre o cigarro - Exercícios sobre o cigarro - Rótulos de advertência sobre o cigarro.

PROJETO: MAIS EDUCAÇÃO

6.10 MAIS EDUCAÇÃO

O Programa Mais Educação foi instituído pela Portaria Interministerial n.º 17/2007 e integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia do Governo Federal para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular, na perspectiva da Educação Integral.

Trata-se da construção de uma ação intersetorial entre as políticas públicas educacionais e sociais, contribuindo, desse modo, tanto para a diminuição das desigualdades educacionais, quanto para a valorização da diversidade cultural brasileira. Por isso, coloca em diálogo as ações empreendidas pelos Ministérios da Educação – MEC, da Cultura – MINC, do Esporte – ME, do Meio Ambiente – MMA, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, da Ciência e da Tecnologia – MCT e, também, da Secretaria Nacional de Juventude e da Assessoria Especial da Presidência da República, essa última por meio do Programa Escolas-Irmãs, passando a contar com o apoio do Ministério da Defesa na possibilidade de expansão dos fundamentos de educação pública.

Essa estratégia promove a ampliação de tempos, espaços, oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas, as famílias e diferentes atores sociais, sob a coordenação da escola e dos professores. Isso porque a Educação Integral, associada ao processo de escolarização, pressupõe a aprendizagem conectada à vida e ao universo de interesse e de possibilidades das crianças, adolescentes e jovens.

O ideal da Educação Integral traduz a compreensão do direito de aprender como inerente ao direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária e como condição para o próprio desenvolvimento de uma sociedade republicana e democrática. Por meio da Educação Integral, se reconhece as múltiplas dimensões do ser humano e a peculiaridade do desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens.

Esse ideal está presente na legislação educacional brasileira e pode ser apreendido em nossa Constituição Federal, nos artigos 205, 206 e 227; no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei n.º 9089/1990); em nossa Lei de Diretrizes e Bases (Lei n.º 9394/1996), nos artigos 34 e 87; no Plano Nacional de Educação (Lei n.º 10.179/2001), no Fundo Nacional de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Lei n.º 11.494/2007) e no Plano de Desenvolvimento da Educação.

O Programa Mais Educação atende, prioritariamente, escolas de baixo IDEB, situadas em capitais, regiões metropolitanas e grandes cidades em territórios marcados por situações de vulnerabilidade social que requerem a convergência prioritária de políticas públicas e educacional. (Programa Mais Educação- Passo a Passo – 2009)

O programa Mais Educação foi inspirado primeiramente pelas experiências do educador Anísio Teixeira que, na década de 30, desenvolveu a Educação Integral na Bahia e, na década de 60 criou o modelo de Escola-Classe (para aulas regulares) e Escola-Parque (para atividades extraclasse). Concomitantemente embasou-se nas ideias do antropólogo Darcy Ribeiro que foi responsável pela fundação dos CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública), no Rio de Janeiro, na década de 80, quando era Secretário da Educação do Estado.

Quando se pensa em uma escola de tempo integral, pensa-se em uma qualidade de vida aos educandos ampliando a visão de mundo, possibilitando a compreensão do homem como ser multidimensional, proporcionando uma formação holística associada à Educação Integral.

GUARÁ relata que: *Na perspectiva de compreensão do homem como ser multidimensional, a educação deve responder a uma multiplicidade de exigências do próprio indivíduo e do contexto em que vive. Assim, a educação integral deve ter objetivos que construam relações na direção do aperfeiçoamento humano. (...). A educação, como constituinte do processo de humanização, que se expressa por meio de mediações, assume papel central na organização da convivência do humano em suas relações e interações, matéria-prima da constituição da vida pessoal e social. (GUARÁ, 2006, p.16 apud Salto para o Futuro – 2008, p. 05).*

Portanto, ao pensar em uma educação de qualidade, deve-se levar em consideração as relações além dos muros da escola. Neste sentido, deve-se estar disponível ao diálogo no mesmo sentido colocado por Paulo Freire (1996, p.153), de “abertura respeitosa aos outros”, em que toda a comunidade escolar se envolve no processo educacional. Sendo assim, o trabalho de parcerias entre escola, poder público, comunidade escolar, entidades civis e sistemas produtivos local são de relevante importância.

O município de Colombo, através da SEDEC (Secretaria Municipal da Educação), aderiu ao Programa Mais Educação no ano de 2010 e iniciou, propriamente dito, em 2011. Um grande desafio assumido pelas escolas que participam do programa, para garantir maior qualidade na educação uma vez que os educandos são atendidos em período integral com atividades extracurriculares.

Quando a escola proporciona atividades que vão além das funções pedagógicas, abre-se um leque de possibilidades de conhecimentos e isto inclui o envolvimento da comunidade ao entorno da escola e da cidade como um todo. Posto a educação em tempo integral, possibilita-se aos atores envolvidos no Programa uma gama de experiências que irão adquirir na formação de sua vida adulta.

Vygotsky (1994, apud Guará, 2009) faz com que se perceba que a aprendizagem se dá na interação entre as atividades do dia a dia, realizadas em um contexto mais amplo de intervenção social e cultural. Neste contexto, a criança efetua a compreensão do seu entorno e aprende a interpretar e a comunicar sua experiência, isto faz com que se reflita na educação de tempo integral proposto pelo Programa Mais Educação.

6.10.1 Objetivos

- Possibilitar a melhora do IDEB das escolas participantes do Programa Mais Educação.
- Promover ganhos de aprendizagem e cidadania aos atores envolvidos neste processo.

6.10.2 Metodologia

Considerando a criança em sua totalidade, suas necessidades, aspectos possíveis de seu desenvolvimento, a conquista de sua autonomia a metodologia de trabalho que deve nortear este programa é uma ação pedagógica que busque levar o educando a conquistar todos estes aspectos.

Proporcionar aos educandos e educadores uma forma diferente de aprender, através dos conteúdos formais e informais desenvolvidos ao longo do Programa Mais Educação, trarão experiências significativas em todas as esferas e temas da vida (MOLL, Salto para o Futuro – 2008, p.14).

A partir da adesão realizada pela SEDEC, cada unidade de ensino faz sua adesão, pensando na realidade ao seu entorno e de acordo com o seu Projeto Político Pedagógico. Ao aderir optarão entre cinco e seis oficinas a serem desenvolvidas em um prazo de dez meses, também escolherão os espaços, parcerias e voluntários para atuarem no Programa. A adesão é feita através do preenchimento do formulário de adesão encontrado na página do SIMEC - Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle do Ministério da Educação, que é um portal operacional e de gestão do MEC (Portal MEC), este é enviado à SEDEC para aprovação, aprovado é remetido ao MEC para corroboração do Ministério da Educação, sendo validado o MEC através do FNDE envia uma verba diretamente para a escola que administrará a realização do Programa.

Durante a efetivação do programa, serão promovidos através da SEDEC, assessoramentos e capacitações aos envolvidos com a realização do programa.

Ao pensar em avaliação durante o desenvolvimento do Programa deve-se refletir a partir da colocação de Rabello.

“Enquanto objeto com possibilidades diagnósticas, vinculada ao processo de ensino e de aprendizagem precisamos elaborar um projeto de avaliação que em primeira instância, e através dos instrumentos nele instituído, possa servir a todo instante como feedback para avaliar não só o aluno, seu conhecimento, mas também toda uma proposta da escola, possibilitando, assim, validar e/ou rever o trabalho pedagógico a cada momento em que isto se fizer necessário.”

(RABELLO, 1999, p.12).

Nesta ótica, o Programa Mais Educação, bem como as atividades desenvolvidas através dele, poderão ser diagnosticadas e aperfeiçoadas na medida do necessário.

6.10.3 Considerações Finais

Mais do que atingir objetivos, acreditar em uma educação de tempo integral é investir na possibilidade de ampliar as oportunidades educativas para os educandos com propostas e locais que vão além do universo do ensino formal, propiciando o aumento de conhecimentos, talentos e sonhos.

PROJETO: EDUCAÇÃO FINANCEIRA

6.11 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

“Quem compra o que não precisa, um dia precisará vender o que precisa”.

(Provérbio Árabe)

O desenvolvimento do Brasil não depende só das decisões econômicas do governo, mas também da forma como a população administra as próprias finanças. Quando o “ter” ganha proporções maiores que o “ser” tem-se um problema, pois há uma degradação nos valores éticos da sociedade. Outro problema é o “analfabetismo financeiro”, uma variante do analfabetismo funcional, que se caracteriza pela falta de habilidade em avaliar promoções ou taxas de juros, agravando ainda mais a situação econômica de milhares de famílias. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o Brasil possui hoje cerca de 42 milhões de famílias endividadas cronicamente (dados de 2004), ou seja, aproximadamente 20% da população e esse número vem crescendo de forma acelerada.

O consumismo e a falta de planejamento financeiro se tornaram comuns na realidade de grande parte da população. Com o advento da globalização e a estabilização da inflação, criou-se a possibilidade de pessoas de quaisquer classes sociais terem acesso a bens de consumo, bem como obtenção de créditos com mais facilidade que outrora o teriam. Esta facilidade está criando um ciclo consumista, podendo proporcionar, às pessoas despreparadas, experiências muito desagradáveis no campo das finanças pessoais.

A Educação Financeira é requisito fundamental para os indivíduos que estão inseridos dentro do sistema capitalista, onde o acúmulo das riquezas acontece de forma individual é necessária à conscientização das pessoas para que saibam dosar seus gastos, minimizando, assim, a possibilidade de passar por dificuldades financeiras em alguma parte da sua vida. Esta conscientização deve começar durante a infância, quando as crianças estão absorvendo inúmeros conhecimentos que contribuirão para a formação da personalidade e das atitudes tornando-as cidadãos conscientes, pois o futuro do país se faz presente na educação que as crianças recebem hoje.

Com a criação da ENEF (Estratégia Nacional de Educação Financeira), criada no final de dezembro de 2010, pelo Governo Federal, essa ação vem confirmar a necessidade da inserção imediata desta temática nas grades curriculares no país, combatendo um grande mal que prejudica a vida das pessoas, que é o analfabetismo financeiro. Neste primeiro momento, a ENEF prevê a implantação de aulas de educação financeira no ensino básico e inclui também, mais adiante, a criação de cursos voltados para os adultos de forma que aprendam a administrar seus conhecimentos para uma vida saudável, contribuam para a melhoria do meio ambiente, tornando-se cidadãos conscientes.

Educação Financeira é um conjunto amplo de orientações e esclarecimentos sobre posturas e atitudes adequadas no planejamento e uso dos recursos financeiros pessoais. Desenvolve atividades para auxiliar os consumidores a orçar e gerir a sua renda, a poupar e a investir. São informações e formações significativas para que um cidadão exerça uma atividade, trabalho, profissão e lazer, evitando tornarem-se vulneráveis as armadilhas impostas pelo capitalismo.

6.11.1 Objetivos

- Aprender a utilizar o dinheiro de maneira saudável, empregando-o em benefício próprio, e também em favor da prosperidade geral, da paz e da preservação do meio ambiente.
- Conhecer e valorizar mais suas reais necessidades em relação aos impulsos consumistas.

6.11.2 Encaminhamento Metodológico

Com a facilidade do acesso ao crédito e o desenvolvimento de novos produtos financeiros, a Educação Financeira passa a ser essencial na formação de indivíduos mais preparados para fazer escolhas mais conscientes, em prol de uma melhor qualidade de vida hoje e amanhã.

É responsabilidade dos pais transmitir aos filhos o valor das coisas, mas quando eles têm dificuldades para lidar com as finanças, passar este conhecimento para as crianças acaba sendo bastante complicado.

Neste contexto, a escola passa a ter um papel fundamental na transmissão destes conhecimentos.

O MINHAS ECONOMIAS – O MUNDO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA, criado pelo SEFE – Sistema Educacional Família e Escola, objetiva contribuir com a construção da autonomia do aluno através de conceitos de Educação Financeira. A coleção foi desenvolvida para propiciar a prática interdisciplinar e permitir a integração dos conteúdos entre as áreas do conhecimento.

Cada unidade trata de um tema que é apresentado através do enredo a história de uma família comum, tipicamente brasileira, promovendo uma ponte entre a ficção e a realidade. Este enredo serve de base para a explicação e detalhamento dos conceitos apresentados, discussões e atividades práticas.

Ao todo, são oito unidades, além de uma introdução, que conta a história do dinheiro e explica para que serve o banco.

Unidade 1: Controle Financeiro, os tópicos tratados são:

O Controle e os gastos – ou seja, a capacidade da criança aprender quanto se pode gastar;
Impulsos e desejos de compra e consumo;
E saúde Financeira.

Unidade 2: Dívidas e Empréstimo, o aluno aprende sobre Empréstimos e créditos, além de dicas sobre como evitar gastar mais do que tem, para controlar as dívidas.

Unidade 3: Estabelecendo prioridades, o professor trabalha com o conceito de juros, de priorização de gastos e controle de compras por impulso.

Unidade 4: Aprendendo a dar valor ao dinheiro, as questões norteadoras são:

Como economizar?
O que é consumo consciente?
O dinheiro compra tudo? Compra a amizade?

Unidade 5: Livrando-se das dívidas, trabalha com o Planejamento do pagamento das dívidas, e com a Importância de não se entrar em débitos.

Unidade 6: Pesquisando e comparando preços, o aluno compreende a importância de sempre pesquisar preços, a importância dos estudos e fica por dentro do que são os impostos.

Unidade 7: Guardando dinheiro para o futuro, é baseada nos seguintes questionamentos:

Para que ter uma poupança?

O que são os juros e como eles ajudam na construção de poupança?

O que você quer ser quando crescer?

Unidade 8: Educação Financeira além da sala de aula são analisadas as lições aprendidas, e propostas as seguintes reflexões para o aluno:

O que mudou na sua vida?

O que pode mudar na vida de sua família?

Além da história e dos exercícios, dentro de cada unidade são apresentados também outros subtópicos que remetem os alunos às atividades de compreensão e discussão dos conceitos.

A ideia é que a educação financeira perpassasse todas as matérias já existentes na grade de ensino. O conteúdo será um tema transversal nas diferentes disciplinas e não algo específico do conteúdo de matemática, tampouco uma disciplina a mais.

A abordagem de conteúdos ligados à educação financeira pode capacitar os alunos a entenderem melhor o mundo em que vivem, torná-los cidadãos críticos que conseguem entender as notícias veiculadas através dos meios de comunicação, prepará-los para ingressar no mundo do trabalho, consumir, questionar, indagar sobre seus direitos e analisar quais os seus deveres. O objetivo é ensinar os alunos a enfrentarem os desafios cotidianos pelo uso de ferramentas financeiras e o conteúdo pode ser aplicado de forma transversal em disciplinas como Matemática, História, Geografia, Língua Portuguesa, entre outras. Os estudantes aprendem a tomar decisões financeiras autônomas e socioambientalmente responsáveis, além de contribuir para a multiplicação desses conhecimentos junto a seus familiares, amigos e comunidade.

PROJETO: IDOSO, HISTÓRIAS E ENCANTOS

6.12 IDOSO, HISTÓRIAS E ENCANTOS

“Educa a Criança no caminho que deve andar e ainda quando for velho não se desviará dele.”

(Provérbio 22:6)

Quem de nós já não ouviu essa afirmação? O Brasil é um país jovem. A realidade é que em pleno o século XXI, não podemos ter certeza se o país continuará assim daqui a alguns anos. Pelo contrário, a população brasileira está realmente envelhecendo cada vez mais.

Atualmente, o Brasil já conta com cerca de 21 milhões de pessoas com mais de 60 anos.

Sem dúvida podemos considerar uma vitória dos avanços e melhorias da tecnologia da medicina e, conseqüentemente, da qualidade de vida ao longo da história da humanidade. Na Idade Média, a expectativa de vida do homem era de 25 a 30 anos. Atualmente, é de 80 anos.

Em outras épocas e civilizações, ter mais idade significava ser o mais experiente e, por isso mesmo, o mais respeitado em seu meio. Em diversas sociedades (principalmente as orientais), os mais velhos é que detinham as maiores distinções e eram líderes das famílias e de comunidades: sábios, feiticeiros, curandeiros, conselheiros e educadores.

Em Israel dos tempos bíblicos, por exemplo, um conselho de anciãos, cujas funções eram sempre as mais respeitadas.

No entanto, no mundo de hoje, ainda há sociedades onde o respeito ao idoso faz parte de suas culturas, que não precisa ser imposto por leis ou imposições do politicamente correto. Um exemplo disso está bem perto de nós: na maior parte das etnias indígenas brasileira existentes, a figura do ancião tem papel importante na preservação dos conhecimentos sobre costumes, rituais e mitos, pois todo esse legado sempre foi transmitido oralmente.

O envelhecimento é inevitável, mas as suas piores consequências podem ser evitadas e suavizadas por atitudes positivas e estilos de vida que podemos adotar.

Uma delas é exercitar a mente através da leitura, pois evoca os mais variados tipos de memória.

Outras atividades como jogos, palavras cruzadas, etc. ou uma simples mudança de rotina (andar pelo bairro, contar histórias) auxiliam na preservação da memória e do raciocínio.

Os maiores guardiões da memória são aqueles que vivenciaram presencialmente o passado, ou seja, os mais velhos.

No livro da professora Edéia Bosi - “Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos”, Sr. Ariosto disse: “Veja, hoje a minha voz está mais forte que ontem, já não me canso a todo instante parece que estou rejuvenescendo enquanto recordo”.

Na iminência de um mundo habitado por esta população, há muito o que se fazer no que diz respeito a direitos e políticas públicas.

Os idosos não devem ser vistos com condescendência, como focos de ações assistencialistas, mas sim como a contribuir na sociedade e conhecimento para transmitir às futuras gerações.

Uma sociedade democrática se caracteriza pela igualdade de direitos de seus cidadãos e pela valorização das identidades culturais e individuais, em um ambiente de pluralidade e de convívio com a diversidade.

Estamos no século XXI, a expansão da globalização cultural e econômica e o avanço da tecnologia, a missão da educação é a do respeito no sentido mais amplo, considerando as diferenças individuais e coletivas, as especificidades dos seres humanos no interior das diferentes situações vividas na realidade social e no cotidiano escolar.

Não é fingir que as diferenças não existem, mas compreendê-las e aceitá-las, desenvolvendo o respeito mútuo.

Podemos ter avançado, mas a célula-mater é a família.

É ela que faz uma sociedade constituída sobre valores morais. Sem dúvida, a maioria de seus valores é adquirida no lar.

Segundo Daniel Golleman, “A vida familiar é a nossa primeira escola de aprendizagem emocional (...). E esta escola é composta por pai, mãe, avós, tios, tias, etc.”

6.12.1 Objetivo Geral

Desenvolver no aluno o senso crítico, a observação da realidade que o cerca e sua atuação na transformação da sociedade, buscando entender o verdadeiro sentido da vida e a refletir sobre idade, valores do ser humano.

6.12.1.1 Objetivos Específicos

- Ensinar os alunos a serem solidários;
- Mostrar que ser solidário é contribuir para o crescimento das pessoas no seu dia a dia;
- Resgatar os valores como respeito às pessoas em geral, independente da idade, raça, cor;
- Ser consciente da necessidade de participar das ações que envolvam a comunidade;
- Ações que envolvam a família e a escola, oportunizando e compartilhando o conhecimento do idoso através de suas experiências e histórias vividas.

6.12.2 Encaminhamento Metodológico

Este projeto visa empregar recursos que favoreçam o resgate de potenciais latentes do público idoso e, conseqüentemente, contribuam para a conquista da autonomia dessa população.

Adoção de novas estratégias de relacionamento que atendam as especificidades dos idosos. A busca pela integração ainda maior entre as pessoas idosas na comunidade e, principalmente, na escola, onde o passado e o presente se darão as mãos, reconhecendo seus valores, configurando-se como uma construção sólida.

É no espaço da escola, comunidade que se dá a prática da humanização, da bondade, da compreensão e da ternura, elementos essenciais ao convívio social.

Essa escola emocional não só se opera por meio das coisas que se dizem e fazem, mas pela forma que eles lidam com seus sentimentos.

Este projeto é parte integrante da formação do educando, onde se valoriza uma sociedade plural, respeitando o passado feito de valores e um presente, onde o preconceito e a discriminação são superadas para dar lugar a tolerância.

Será trabalhado de forma dinâmica e interdisciplinar, com voluntários (idosos), permitindo a integração e o diálogo.

Serviços voluntários: jardinagem, trabalhos manuais, ervas medicinais, contações de histórias e outros.

6.12.3 Público-alvo

Alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I das Escolas Municipais de Colombo.

6.12.4 Considerações Finais

O papel dos idosos na comunidade é decisivo para que eles se sintam respeitados, valorizados e amados, pois muitos deles mantêm uma liderança local ativa e têm influência sobre as decisões públicas.

A participação dos idosos em eventos sociais contribui positivamente para a sua autoestima dentro da comunidade e da sociedade.

Um país só é grande se respeitar sua história.

PROJETO: EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO

6.13 EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO

Desde o início dos tempos, o homem busca interagir com o meio e criar facilitadores para melhorar seu modo de vida, colocando a natureza a seu serviço. Com o passar dos tempos, o viver em sociedade era regra fundamental para sua sobrevivência e do grupo. Para um bom convívio com o outro, criou normas gerais para garantir a convivência entre os grupos. Assim cresceram as necessidades e criaram-se meios que facilitaram a vida do homem.

A tecnologia contribuiu, tornando o contato humano mais próximo e com ela novas necessidades surgiram. O momento em que vivemos retrata em todos os sentidos a busca do ser humano por algo que preencha o vazio resultante deste mundo globalizado, que incentiva o consumo excessivo e desfaz valores. No trânsito, ele não é diferente, competitivo e cada vez mais egoísta e agressivo.

O uso do automóvel nos grandes centros urbanos brasileiros popularizou realmente nestes últimos anos. Embora muitos países possuam mais veículos do que o Brasil, a evolução do automóvel seguiu todos os estágios de crescimento, permitindo uma integração automóvel-pessoa. Para compensar de um modo geral a discordância entre trânsito e população, tornando-se necessário campanhas nesse sentido.

Em junho de 1975, o Programa Prática Educativa de Trânsito, do Departamento de Estradas e Rodagens do Paraná (DER/PR), começou a atender crianças da 4ª série de escolas municipais, estaduais e particulares, com o intuito de educar para o trânsito através de vivências do cotidiano. Em 15 de maio de 1991, o Diário Oficial da União publicou a portaria nº 678, de 14 de maio do Ministério da Educação, onde todos os sistemas de ensino, níveis e modalidades contemplem os conteúdos da educação do trânsito e no artigo 76 do Código de Trânsito Brasileiro (CTB) a determinação de adoção, em todos os níveis de ensino de um currículo interdisciplinar com conteúdos programático sobre segurança no trânsito.

O Código de Trânsito Brasileiro (CTB), Lei n. 9.503, de 23 de setembro de 1997, que passou a vigorar a partir de 22 de janeiro de 1998, é considerado como um dos códigos mais avançados do mundo, pois trouxe consigo muitas inovações. Uma das mais significativas é que, pela primeira vez, o código traz um capítulo exclusivo à educação, determinando, entre outros aspectos, a implementação da educação para o trânsito em todos os níveis de ensino.

Para atender ao disposto no CTB, o Departamento Nacional de Trânsito (Denatran) elaborou estas Diretrizes Nacionais da Educação para o Trânsito no Ensino Fundamental, cuja finalidade é trazer um conjunto de orientações capaz de nortear a prática pedagógica voltada ao tema trânsito.

Logo cabe à escola o papel da prevenção, pois, segundo o Portal do Trânsito, o número de jovens mortos em acidentes de trânsito cresceu mais de 30% em 10 anos. Outros dados relevantes deste portal, confirmam que o acidente de trânsito é o segundo maior problema de saúde no Brasil e que o trânsito é a terceira causa morte do país.

A ação educativa destinada à escola não tem como objetivo formar futuros motoristas, a função da escola é analisar, refletir e debater sobre o respeito as leis de trânsito e ao espaço público, sobre a convivência entre pessoas pelas ruas da cidade, baseada na cooperação, sobre tolerância, igualdade de direitos, responsabilidade, solidariedade e tantos outros valores imprescindíveis para um trânsito mais humano.

6.13.1 Objetivo Geral

Desenvolver os valores essenciais à plena convivência social justa por meio do Ensino para o Trânsito.

6.13.1.1 Objetivos específicos

- Promover e incentivar ações educativas dentro da escola e da comunidade através das construções dos alunos em relação ao trânsito para que possa haver resultados efetivos, criando consciência crítica e, conseqüentemente, mudanças de atitudes;
- Transformar novos conhecimentos em novas atitudes e ações concretas para que, despertando consciência crítica, cada aluno possa ser um multiplicador da educação no trânsito dentro de suas famílias e comunidade;
- Provocar na comunidade, através de ações dos alunos, a reflexões sobre os diferentes fatores que interferem no trânsito, levando-a a sistematizar informações relevantes para a compreensão e soluções de problemas.

6.13.2 Metodologia

A Secretaria da Educação, em parceria com o DER, capacitará os professores que irão trabalhar com as turmas de 5º ano do Ensino fundamental e irá fomentar projetos que poderão ser desenvolvidos na comunidade escolar, visando a conscientização e o trabalho cooperativos entre os indivíduos.

O trabalho da Educação para o Trânsito será realizado de maneira interdisciplinar. O professor poderá utilizar, além do material fornecido pelo DER, as seguintes práticas:

- Promover debates e discussões, enfocando desobediência a sinalização;
- Debater sobre comportamentos do pedestre, ciclista, motoqueiros e motorista;
- Análises de textos (jornal, revistas, outdoor);
- Análises de problemas de situações e acontecimentos;
- Compor músicas, paródias, dramatizações, teatro;
- Conhecimento das leis;
- Primeiros socorros;
- Aquecimento global;
- Combustíveis fósseis e biocombustíveis;
- Panfletagens;
- Visita à escola de Trânsito;

6.13.3 Conteúdos a serem abordados na escola

Em sala de aula, o tema trânsito pode ser trabalhado em todas as disciplinas, tanto como tema principal como, também, para ilustrar os demais conteúdos sem anular a importância do currículo escolar. O objetivo é ampliar o entendimento dos alunos para o exercício da cidadania nas vias públicas e fazer com que eles levem os conhecimentos adquiridos na escola, para dentro de suas casas de forma que esta ação ganhe significado na medida que a qualidade de suas vidas e da comunidade mude para melhor.

a) Valores

Respeito, cortesia, cooperação, tolerância e compromisso;
A importância de se ter disciplina e cumprir regras e normas;
A importância de cada um no grupo social;
O respeito as limitações;
Como ser útil nos diferentes grupos;
A importância de ajudar e ser solidário;
As emoções: raiva, felicidade, tristeza, alegria, etc.;
Família, escola e comunidade.

b) Orientação no espaço urbano e rural:

Esquemas referenciais: direita e esquerda, perto, longe, direção e distância;
Noção de velocidade;
Percepções visuais, auditivas, olfativas, etc.;
Localização da residência em relação a escola;
Localização do bairro;
Meios utilizados para deslocar-se até a escola: a pé, de ônibus, bicicleta, veículos de tração animal ou carro, outros meios de locomoção;
Meios de transporte de produtos.

c) O trânsito

Componentes da via pública: calçada ou espaço para pedestre não pavimentado, meio-fio, acostamento ou a falta de acostamento, faixa de pedestre ou a inexistência dela, semáforo ou a inexistência dele, placas, praças, pontes, viadutos, passarelas e calçadas para pedestres, ciclovias, pista de rolamento, etc.;
A importância do conhecimento da realidade do trânsito que cerca o aluno;
Trânsito e comunicação;
As placas regulam, avisam e fornecem informações;
O trânsito e o meio ambiente;
A formação do senso crítico por meio da interpretação da conjuntura em que se insere o trânsito.

d) Segurança

Atitudes seguras;
Pressa x Atenção;
A importância de conhecer as placas de sinalização;
A importância de conhecer as mensagens do semáforo para condutores e pedestres;
A importância de conhecer e respeitar as normas de trânsito;
As consequências dos comportamentos inadequados no trânsito: excesso de velocidade, desrespeito as leis de trânsito, etc.;
A brincadeira e onde é perigoso brincar;
Equipamentos de segurança – qual a importância de usá-los corretamente.

e) Regras de circulação para pedestre;**f) Regras de circulação para o ciclista;****g) Regras de circulação para o carroceiro;**

h) Regras de circulação para o condutor do veículo de mão, que é coletor de material reciclável ou vendedor ambulante;

i) Regras de circulação para motorista;

j) Regras de circulação para motociclista;

l) Os efeitos do álcool e outras drogas;

6.13.5 Valores, normas e atitudes a serem cultivadas na escola:

- Respeito ao espaço público e ao patrimônio cultural;
- Cumprimento dos deveres como cidadão, com relação ao trânsito e aos usuários das vias e animais;
- Reconhecimento e respeito à sinalização;
- Valorização do trabalho do policial de trânsito;
- Valorização da liberdade;
- Reconhecimento da importância do cumprimento de regras e de normas;
- Importância da aquisição de limites;
- Conscientização dos deveres e dos direitos no trânsito;
- Valorização da vida humana e dos outros animais;
- Respeito ao outro e exigência de respeito para si;
- “Cobrança” de comportamento adequado por parte do adulto no trânsito;
- Reconhecimento da necessidade do uso correto dos acessórios para a segurança no trânsito;
- Defesa de medidas de segurança pessoal e coletiva no trânsito;
- Apoio a política de preservação ambiental como promotora da qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **Novas maneiras de ensinar**. São Paulo. Artemed, 2002.
- ANTUNES, Celso. **Trabalhando habilidades: construindo ideias**. São Paulo, Scipione, 2001.
- ANTUNES, C. **Um método para o Ensino Fundamental: o Projeto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- BENJAMIN, R. **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira**. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2006.
- BARCELOS, Valdo. **Educação Ambiental: Sobre princípios, metodologias e atitudes**. 2ª. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente, Saúde**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- BRASIL. **Lei 9795 de 27/04/1999**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 5692/71**.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 9394, Dezembro, 1.996**.
- BRASIL: **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988. Rio de Janeiro: Degrau Cultural, 1988.
- BRASIL: **Decreto Federal nº 5154/2004**.
- BRASIL: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB nº 5692/71**.
- BRASIL: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394, Dezembro, 1996**.
- BRASIL: **Marcos Político-Legais da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**/Secretaria de Educação Especial - MEC, 2010.
- BRASIL: **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Secretaria de Educação Especial – MEC/ SEESP, 2008.
- BRASIL: **Resolução CNE/CEB nº 04/2009**.
- BRASIL: **Resolução CNE/CEB nº 04/2010**.
- BRASIL: **Estatuto da Criança e Adolescente** Lei nº 8.069- 1990.
- BRASIL: **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: UNESCO- 1994.
- BRASIL: **Decreto nº 5154/2004**.

BRASIL: **Decreto nº6571/2008.**

BRASIL: **Decreto nº 6949/ 2009.**

BRASIL: **Estatuto do Idoso** - Lei nº10. 741-200.

BRITO , G. S. ; PURIFICAÇÃO, I. **Educação e Novas Tecnologias.** Curitiba, Ed. IBEPEX: 2006.

BUORO, A. B. **O Olhar em Construção.** São Paulo: Cortez, 2003.

CALLAI, H. C. **Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** Cadernos Cedes, Campinas V. 25, nº 66, 2005.

CAMPBELL, L. **Ensino e Aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas/** [et al.] Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CANDAU, V. M. F. **Informática na Educação: um desafio. Tecnologia Educacional.** Rio de Janeiro, 1991.

CARVALHO, I.M. **O processo didático.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1974.

CIÊNCIAS Secretaria de Estado – Dep. De Ensino Fundamental. 2005.

COLEÇÃO Caminhos, **1º ano -Ensino Fundamental de 9 anos.** 1ª edição. Curitiba, 2007. Base Editora.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedo, Desafio e Descoberta: Subsídios para utilização e confecção de brinquedos** – Rio de Janeiro: FAE, 1988.

CURITIBA. Secretaria Municipal Da Educação. **Proposta Pedagógica para Classe Especial,** 2003.

CELANI, M. A. A. **Ensino de segunda língua: redescobrimdo as origens.** São Paulo, Educ, 1997.

COLEMAN, H. **Society and the Language Classroom.** Cambridge, Cambridge University Press, 1996.

DUDENEY, G. **The Internet and the Language Classroom: a Practical Guide for Teachers.** Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

DEMO P. **Pesquisa Participante: usos e abusos** – in Tozoni Reis, M.F.C -A pesquisa ação-participativa em Educação Ambiental: Reflexões Teóricas – Organização de Marília Freitas de Campos Tozoni Reis – São Paulo: Annablume; Fapesp; Botucatu: Fundibio,2007.

DEMO, P. **Avaliação Qualitativa.** Campinas: Autores Associados, 1991

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos: Proclamada pela Assembléia Geral da Onu, 1948.

DIAS, D.S.S; CARNEIRO, S.M.M – **Materiais Didáticos no Processo de Educação Ambiental na Rede Escolar Municipal de Colombo- PR.**

DI LEO, J. H. **A interpretação do desenho infantil** – Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

DIVERSIDADE Religiosa e Direitos Humanos, URI – Iniciativa das Religiões Unidas.

DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. 2 ed. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

EDUCAR PARA CRESCER, **Por dentro do Mais Educação** – disponível no site <http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/mais-educacao-educar-para-crescer-504011.shtml> com acesso em 09/12/2011.

EDUCAÇÃO Inclusiva: a Fundamentação Filosófica / Coordenação geral SEESP / MEC; organização Maria Salete Fábio Aranha. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2.004.

EDUCAÇÃO Religiosa, subsídios para os educadores, Assintec, 2002.

ENSINO Religioso na Escola Pública, IESDE.

ENSINO Religioso – sugestões pedagógicas, Assintec, 2002.

Elementos para introdução da dimensão ambiental na educação escolar – 1º grau, in: Amazônia: uma proposta interdisciplinar de Educação Ambiental. Brasília: IBAMA1994.

FACION, J.R. **Inclusão Escolar e suas Implicações**. Curitiba, 2008.

FARIA, A. M. **O jornal na sala de aula**, 11ª edição, Contexto, 2001.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. ed. Cortez, São Paulo, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia e Saberes Necessários**. São Paulo: Prática Educativa, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra. 1993.

FREIRE, **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra. 1996.

FERREIRO, Emília – TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**, Porto Alegre, RS. Ed. Artes Médicas, 1999.

FULGHUM, Robert L. **All I Ever Really Needed to know I learned in Kindergarten**. The Ballentine Publishing Group. New York: Random House, 1986.

GARCIA, P.B. **Paradigma em crise e a educação**. in BRANDÃO, Z.A. A crise dos paradigmas e a educação. São Paulo: Cortez, 1994.

GARDNER, H. **As Artes e o Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

GARDNER, H. **As Artes e o Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GARDNER, H. **Estrutura de Mente – Inteligências Múltiplas: A teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GUARÁ, Isa Maria F. R.; **Educação e desenvolvimento integral: articulando saberes na escola e além da escola**; disponível no site <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1471/1220> com acesso em 11 de dezembro de 2011.

GUELLI, N.S.; ORENSZTEJN, M. **Guia de Recursos Didáticos – Geografia**. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GREIG, P. **A Criança e seu Desenho: O Nascimento da Arte e da Escrita**. Porto Alegre: Artemed, 2004.

GERNGROSS, G. & PUTCHTA, H. **Creative Grammar Practice: Getting Learners to Use Both Sides of the Brain**. Essex, Longman, 1994.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. Rio de Janeiro, Objetiva, 1995.

HAETINGER, M.G. **Avaliação – um desafio à mudança**, Temas do 2º Congresso Internacional sobre Avaliação na Educação, 2004.

HAETINGER, M. G. **Informática na Educação – Um olhar criativo**; Coleção Criar – Volume 2. Odisséia: 2003.

HISTÓRIA e Geografia, Sistema Educacional Unibrasil.

INCLUSÃO: **Revista de Educação Especial/ Secretaria de educação Especial**. v.5, n.1 (jan/ jul)- Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2010.

INTEGRANDO Caminhos, Ed. Scipione.

JACOBI, Pedro. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade**. In: Cadernos de Pesquisa- vol. 118- março 2003. Fundação Carlos Chagas.

KAMPFF, A. J. C. **Tecnologia da Informática e Comunicação na Educação**. Ctba. IESDE Brasil S.A: 2006.

KENSKI, V.; M. **Educação e Tecnologias: O novo Ritmo da Informação**. Campinas, Ed.Papirus: S.P., 2007.

LABAN, R. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo, Ícone, 1991.

LÍNGUA Portuguesa, **1º ano, Projeto Presente**, Editora Moderna.

LOUREIRO, C.F.B. **Educação Ambiental Transformadora. Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília, 2004.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO **Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

MACIEL, F.I.P; BAPTISTA, M.C.; MONTEIRO, S.M. **A Criança de 6 anos, a linguagem escrita e o ensino fundamental de nove anos: orientações para o trabalho com a linguagem escrita em turmas de crianças de seis anos de idade**. Belo Horizonte: UFMG/FaE/CEALE, 2009.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: Secretaria da Educação Básica. **Ensino Fundamental de Nove Anos – Orientações Para a Criança de Seis Anos de Idade**. Brasília, 2007.

NUNAN, D. **Language Teaching Methodology**. New York, Prentice Hall, 1991.

Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

ONU: **A Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência** - 2008.

ORIENTAÇÕES para reelaboração, implementação e avaliação de proposta pedagógica na Educação Infantil. Curitiba, 2006.

PARANÁ: **Deliberação 02/03 – CEE**. Paraná.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. Departamento de Educação Especial. **Instrução N° 03/04**.

PARANÁ: **Deliberação CEE n° 02/2003**.

PARANÁ: **Deliberação CEE n° 02/2010**.

PARANÁ: **Diretrizes Curriculares da Educação Especial para a Construção de Currículos Inclusivos** - 2006.

PARANÁ: **Instrução- n° 03/2004- SUED/SEED**

PARANÁ: **Instrução- n° 015/2008- SUED/SEED**

PARANÁ: **Parecer CEE n° 108/2010**.

PARANÁ: **Deliberação CEE n° 02/2010**

PARANÁ: **Resolução n° 3600/2011 - GS/SEED**

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. **Geografia – Ensino Médio**. Curitiba, 2006

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. Departamento de Educação de Jovens e Adultos. **Resolução n° 3794/04**

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. **Ensino Fundamental de Nove Anos. Orientações Pedagógicas para os Anos Iniciais**. Curitiba, 2010.

PARDO, D. A. **A educação ambiental como Projeto**; trad. Fátima Murad – 2ª edição Porto Alegre, Artmed 2002.

PERRENOUD, P. **As competências para ensinar no século XXI**. Porto Alegre, Artmed, 2002.

PIMENTA, S.G. **O Pedagogo na Escola Pública**, Edições Loyola: São Paulo, 1991.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**, São Paulo, Ática, 1996.

PORTUGUÊS, **1º ano, Projeto Pitangui**, Ed. Moderna.

PRINCÍPIOS Norteadores do Trabalho Pedagógico, Base Editora.

PROENÇA, G. **História da Arte**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1991.

PROJETO Escola Viva: Garantindo o acesso e permanência de todos os alunos na escola – Alunos com necessidades educacionais especiais; Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2000.

QUEIROZ, T. GODOY, C. **Avaliação nossa de cada dia – guia prático de avaliação.** São Paulo: Rideel, 2006.

RABELO, Edmar Henrique. **Avaliação Novos Tempos Novas Práticas.** 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

REFERENCIAL Curricular Nacional para a Educação Infantil - Introdução, volume 1 - 1998.

REVISTA **Páginas Abertas**, Ano 31, nº 27, Paulus, 2006.

RICCI, R. **O direito de aprender.** Revista Ibéro-americana de Educación, Madri, 25 nov. 2002.

SALTO PARA O FUTURO – **Educação Integral – Ano XVIII Boletim 13** – Agosto de 2008 – disponível no site http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/173859Edu_int.pdf com acesso em novembro de 2011.

SANTOS, B. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergência.** São Paulo: Cortez, 2004.

SAVIANI, D. **Educação e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política.** São Paulo: Cortez, 1995 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 5).

SAVIANI, D. **Educação Brasileira: estrutura e sistema.** Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

STAREPRAVO, A. R. ET AL **Ih! Errei! – Contribuições para uma prática mais competente.** Pinhais: Editora Melo, 2007

STAA, B. V.; **Tecnologia na Educação: Reflexões sobre a Docência, Aprendizagem e Interação entre Jovens e Adultos.** Pinhais, Ed. Melo, 2011.

SEM FRONTEIRAS. **Proposta Comercial – Projeto de Informática Educativa Consultoria e Informática** Ltda. Ctba, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, O.A.; LOCH, V.V. **Relações Familiares.** Curitiba: Base Sistema Educacional, 2008.

THOMPSON, R. **A legislação educacional e a inclusão.** Jornal do Professor on line, in UNESCO, **Conferência Mundial de Educação para Todos-** Jomtien- 1990.

- TOZONI-REIS, M.F.C. **A pesquisa ação-participativa em Educação Ambiental: Reflexões Teóricas** – Organização de Marília Freitas de Campos Tozoni Reis – São Paulo: Annablume; Fapesp; Botucatu: Fundibio, 2007.
- VASCONCELLOS, C.S. **Planejamento – Projeto de Ensino-aprendizagem e Projeto Político-pedagógico**, 6ª edição, Libertad – Centro de Pesquisa, Formação e assessoria Pedagógica: São Paulo, 1999.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- VISCA, J. **Psicopedagogia: Novas contribuições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- Ensino Fundamental de nove anos: orientações para inclusão da criança de seis anos de idade**/organização: Jeanete Beauchamp, [et al.] Brasília 2007.
- WEISS, A. M. L.; CRUZ, M. L. R. **A Informática e os Problemas Escolares de Aprendizagem**. Ed. DP&A: Rio de Janeiro, 1999.
- _____. **Lei N.º 9.795 de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, n. 79, 28 abr. 1999.
- _____. **Propostas de Diretrizes da Educação Ambiental para o ensino formal** – 2007;
- CARNEIRO, Sônia M. M. A dimensão ambiental da educação escolar de 1.ª-4.ª séries do ensino fundamental na rede escolar pública da cidade de Paranaguá – Artigo publicado em: Educar em Revista (15), Curitiba: Editora da UFPR, 1999, p. 165-178.
- _____. **A dimensão ambiental da educação geográfica**. In: Educar em Revista, Curitiba, n. 19, p. 39- 51, 2002. Editora da UFPR